



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO:  
UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SALVADOR BAHIA**

**LUANA LEÃO AFRO**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO:  
UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SALVADOR BAHIA**

**LUANA LEÃO AFRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora D.<sup>a</sup> Ana Maria Freitas Teixeira

**SÃO CRISTÓVÃO  
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LUANA LEÃO AFRO**

**JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO:  
UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SALVADOR BAHIA**

**APROVADA EM :** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada  
pela Banca Examinadora.

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Freitas Teixeira (Orientadora)**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veleida Anahí da Silva**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS**

---

**Prof. ° Dr.° Alain Lucien Louis Coulon**  
**Professeur de Sciences de l' Education, Université de Paris VIII**

**SÃO CRISTÓVÃO**  
**2016**

## AGRADECIMENTOS

Diante deste momento de alegria, celebrando o final de uma etapa, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por ter me dado forças e sabedoria durante o caminhar deste curso e para a realização deste trabalho. Deus é tudo na minha vida!

Ao meu pai, Joe Luiz Dias Afro, meu grande herói! Pelo apoio que sempre me deu nos momentos mais difíceis e pelo exemplo de vida, amor e confiança.

À minha mãe, Joana Leão Afro, por ter permanecido noites e noites acordada ao meu lado, dando-me forças para que pudesse cumprir as responsabilidades acadêmicas.

Ao meu irmão, Bruno Leonard Leão Afro, pelas palavras de esperança que me motivaram a vencer, carinho e apoio em momentos de tensão.

À minha tia, Ana Maria Dias Afro, pelo amor, exemplo, compreensão e palavras de incentivo que me atribuiu durante este período.

Aos meus irmãos, Luiz Cláudio Afro e Jaiuson Afro, pela harmonia contínua que me possibilitou forças nesta laboriosa luta, além da torcida pelo meu sucesso.

À minha dinda maravilhosa, Eulinda da Silva Fraga, pelo afeto, incentivo e pelo exemplo de professora que tanto me inspira.

Ao meu dindo, Orlando Fraga, por acreditar que alcançaria essa dádiva tão sonhada.

Aos meus tios, Janari Afro e Marize Afro, por terem apostado em mim e por me incentivarem desde a minha puerícia.

Aos meus tios, Roberto Andrade, Jailta Andrade, juntamente com os meus primos: Monique Andrade, Danilo Andrade e Philippe Andrade pelo carinho, exemplo de garra, pelas palavras de força neste percurso complexo.

Aos meus tios, Conceição Borges Andrade e Reinaldo Andrade, pelo carinho e pelo auxílio em minhas dificuldades no decorrer deste curso.

À minha tia, Lígia Borges, pela confiança, carinho, acreditar em mim e incentivo nessa caminhada.

À minha tia, Heliane Leão, pelo carinho, exemplo e auxílio diante da complexidade de alguns conteúdos do curso.

Aos meus tios, Calixto Leão, Luzia Leão, Albertino Leão pelas alegrias e estímulos contagiantes que me fizeram superar barreiras e adversidades.

À minha avó, Maria Braulina, pelo amor, carinho, exemplo de mulher vitoriosa e por nessa caminhada ter torcido constantemente por mim.

A todos os meus familiares pelo estímulo e por crerem nessa conquista.

À minha ilustríssima professora Doutora Ana Maria Freitas Teixeira, pelo privilégio de ser orientada, com atenção e dedicação ao objeto de estudo desta pesquisa, pela flexibilidade, simpatia, dedicação, compromisso, exemplo de vida e profissionalismo, compreensão das minhas dificuldades, e paciência que reservou para a construção deste trabalho.

À professora Doutora Veleida Anahi da Silva, pelas contribuições, paciência, afetividade e pela admirável dedicação à causa, bem como estímulo pelo árduo trabalho. Ao seu esposo, professor Doutor Bernard Charlot, por ser um fenômeno de inspiração e pelo incentivo à essa conquista.

Ao professor Doutor Alain Lucien Louis Coulon, pela honra de se dispor para me avaliar e por ser um exemplo de profissional de competência tamanha que me traz inspirações.

Ao professor Doutor César Aparecido Nunes pelo exemplo de fenômeno de educação que representa como professor e que muito me inspira. Além do carinho e atenção durante essa trajetória intensiva de estudos.

Ao meu querido professor Mestre Edson Carvalho, pelo carinho, exemplo de professor, no qual me inspiro, pela confiabilidade no meu empenho e incentivo constante a essa conquista.

À professora Doutora Silvana Bretas, pelas contribuições e incentivo que me ajudaram no decorrer da pesquisa.

Às professoras Doutoras Marizete Lucini e Ana Maria Bueno de Freitas, pela simpatia, apreço e dedicação em ensinar, o que me possibilitou aprender sobre vários conteúdos que foram imprescindíveis nesta pesquisa.

Ao professor Doutor Jorge Carvalho, pelos ensinamentos e pelo constante incentivo.

Aos professores que lecionaram no mestrado e que contribuíram para a minha formação.

À professora Doutora Maria Bethânia, pelo carinho, motivação e profissionalismo.

Aos professores Doutores Jorge Bulgari, José White e Sidelmar Castro, Mabel Freitas, Cristiane Sanches e Lucivalda pelo carinho, amizade, acolhimento para a realização da pesquisa na escola e apoio incondicional durante a construção deste trabalho.

Aos professores Ronaldo e Graciete, do CENEB Maria Quitéria, por terem me concedido a honra de entrevista-los contribuindo significativamente para o meu trabalho.

Aos discentes da EJA do CENEB Maria Quitéria, pela prontidão e paciência ao responderem os questionários, pela disponibilidade para a realização das entrevistas e por construir comigo este trabalho.

À professora Doutora Rita Oliveira, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia pelo carinho, confiança e por ter me dado a oportunidade de realizar a pesquisa no CENEB Maria Quitéria.

A minha ex-supervisora Daise Dantas de Lima Batista, pelo carinho, compreensão e por ter me dado apoio em momentos difíceis.

Aos meus queridos amigos, que tenho bastante apreço e devo-lhes todo o carinho, Natanael Carvalho, Renato Carvalho e Eliezer Francisco de Santana Junior, por terem me ajudado e por sempre torcerem pelo meu sucesso.

À minha amiga Aline Rabelo pelo exemplo de serva de Deus, amizade, orações e incentivo nesta caminhada.

À minha amiga Érika Coimbra pela doçura, amizade, companheirismo, irmandade e estímulo nesta empreitada.

À minha amiga Queina Lima pela amizade inenarrável e pela força e incentivo para eu traçar esta meta.

À minha amiga Thaynara Ivanka e seu esposo e amigo Jadson pela amizade indizível, carinho, cumplicidade, pela grande força em momentos difíceis e instigação para o meu sucesso.

Às minhas amigas Sheila Freitas e Keila Freitas pela amizade, pelo entusiasmo em demasia diante deste objetivo, pelo carinho, pelas palavras de força em momentos de tristeza e pela alegria contagiante.

À minha amiga Izabel Freitas pelas palavras de carinho, força, pela paciência de ouvir minhas consternações e incentivo neste trajeto.

À minha grande amiga Lorena Alves pelo incitamento na minha vida profissional, parceria e lealdade, pelo carinho, força, exemplo de mulher inteligente e guerreira. Agradeço também à sua mãe Amélia pelo carinho, por ter cuidado de mim no período que morei em Barreiras como se fosse sua filha. Sou muito grata.

À minha amiga fofa Amanda Vieira e sua mãe maravilhosa Lizete Vieira pela amizade, ternura e por acreditarem no âmbito da realização das minhas idealizações.

À minha amiga Luciana Alves de Andrade e meu amigo Fabio Pereira de Souza, pelo companheirismo no setor de trabalho e pelas palavras de incentivo quando pensava em parar diante das constantes de trabalho, tempo e problemas de saúde na minha família.

À minha amiga do mestrado e companheira de orientação, Érica Fernanda Reis de Matos, pelo carinho e apoio atribuído neste momento complexo e tão sonhado. As palavras de incentivo e a determinação da mesma serviram para mim de inspiração. Amo você amiga!

Às minhas amigas do mestrado, minhas pérolas que amo muito! Francileide Alves, Jéssica Fernanda França Silva, Jéssica Vitorino Terra Nova e Danielle Lima pelo incentivo, carinho, apoio e pela amizade maravilhosa que com certeza seguirá para além do mestrado.

À minha amiga do peito, Jaqueline Sales pelo carinho, por ser uma pessoa indizível de tão doce que é, de tão encantadora, de tão fofa, por sua amizade maravilhosa.

Ao meu amigo Marlon Bruno de Jesus Santos, pelo carinho e incentivo neste laborioso percurso acadêmico.

Ao meu amigo Maximiano Martins de Meireles, pela amizade, compreensão, paciência e força na revisão ortográfica e de ABNT do trabalho, que é uma atribuição fundamental.

Ao meu amigo Fabrício Roberto Alves dos Santos, de Aracaju, pela am incentivo e pelo grande apoio atribuído na entrega desta dissertação.

Aos meus colegas de curso, em geral pelo companheirismo e convivência no decorrer desses anos.

Ao professor Mestre Rodrighy Costa e à Professora Psicanalista Nancy Linhares pelo carinho e incentivo na minha caminhada de estudos.

Aos pastores Wanderly Rebouças, pastor Júnior, pastora Rosane e Missionária Denise, pelo incentivo e por terem me apoiado em orações em momentos difíceis.

Aos meus queridos vizinhos, Ícaro Afonso Borges e sua mãe Rosângela Maria Gomes dos Santos, pelo carinho, palavras de amor e por terem me ajudado em momentos difíceis, compartilhando a internet nas madrugadas quando chovia e tinha dificuldades no acesso.

Ao colega Marcos R. Santos, pelo apoio e incentivo na entrega deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), por todo o apoio prestado. E a todos os amigos não citados que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação.

“Tudo Eu Posso em Deus que me Fortalece” (Filipenses 4:13).

“Sei que o meu Trabalho é uma Gota no Oceano, mas sem ele, o Oceano Seria Menor” ( Madre Teresa de Calcutá).



## RESUMO

Progressivamente tem-se observado a multiplicação da presença de jovens entre 15 e 24 anos matriculados na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e este crescimento contínuo tem caracterizado o fenômeno de Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio (EM). Compreender esse processo é o objetivo central deste trabalho. Este estudo busca entender o que tem interferido para que os jovens saiam do ensino regular para ingressarem na modalidade EJA. Nesta perspectiva, isto tem sido um desafio para os docentes, tendo em vista a diversidade não apenas etária, mas, sobretudo, por conta dos diversos níveis de letramento e realidades do público desta modalidade. Assim, para analisar o fenômeno em questão, esta pesquisa buscou delinear o perfil desses jovens, suas experiências e trajetórias de vida, identificando as motivações que levaram os jovens a desistirem do ensino regular e ingressarem na Educação de Jovens e Adultos EM. Além disso, o trabalho também teve o intuito de identificar, junto aos docentes desta modalidade de ensino, quais as principais dificuldades enfrentadas devido à juvenilização experienciada na EJA EM. O campo empírico da investigação foi um Centro Noturno da rede pública estadual localizado em Salvador (Bahia), precisamente no bairro do Dendezeiros (Cidade Baixa). O percurso teórico-metodológico adotado foi a opção estudo de caso de abordagem quali-quantitativa. Como instrumentos metodológicos, fiz o uso do questionário, entrevista Semi-Estruturada e análise documental.

**Palavras chave:** Educação. Ensino Médio. Jovens. Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos e Juventude.

## ABSTRACT

Progressively we have seen the multiplication of the presence of young people between 15 and 24 years enrolled in the form of Youth and Adult Education (EJA) and this continued growth has characterized the juvenilisation phenomenon of Youth and Adult Education in High School. Understanding this process is the central objective of the work. This study seeks to understand what has interfered so that young people leave the regular education entering the EJA modality. In this perspective, it has been a challenge for teachers, in view of the diversity not just age, above all, about the literacy levels and realities of the public this sport. So to analyze the research phenomenon sought to define the profile of these young people, their experiences and life trajectories, identifying the motivations that led young people to drop out of mainstream education and join the Youth and Adult Education MS. In addition the study also aims to identify together with the teachers of this type of education which the main difficulties faced due to juvenilisation experienced in EJA MS. The empirical field research was a Night Centre public schools located in Salvador (Bahia), more precisely in the neighborhood of Oil Palm (Lesser Town). The theoretical-methodological approach adopted was the case study of quantitative quality approach option. As methodological instruments, made use of the questionnaire, Semi-structured interview and document analysis.

**Keywords:** Education, School, Young, younger players in the Youth and Adult Education and Youth.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos e Instrumentos _____	41
Quadro 2 - Trajetórias Pessoais dos Discentes _____	91
Quadro 3 - Trajetórias Laborais dos Discentes _____	95
Quadro 4- Fatores que Impulsionaram a Desistência do Ensino Regular _____	97
Quadro 5 - Fatores que influenciaram o Ingresso na EJA _____	99
Quadro 6 - Importância da Educação de Jovens e Adultos _____	101
Quadro 7 Mudanças de Vida Após o Ingresso na EJA e o Significado da Experiência de Estudo nesta Modalidade _____	103
Quadro 8 - Significado do Ensino Regular para Discentes _____	104
Quadro 9 - Diferenças Principais Entre a Escola de Ensino Regular e a EJA _____	106
Quadro 10 - Avaliação dos Conteúdos Ministrados na EJA _____	108
Quadro 11 - Sugestões de Melhorias Quanto à Qualidade de Educação na EJA _____	109
Quadro 12 - Conceito de Ser Jovem para os Discentes _____	112
Quadro 13- O que há de Negativo em Ser Jovem _____	113
Quadro 14- O que há de Positivo em ser Jovem _____	115
Quadro 15 As Preocupações Atuais dos Jovens Pesquisados _____	116
Quadro 16- Problemas quem em Geral os Jovens Enfrentam na Atualidade _____	118
Quadro 17 – Interesse da Escola na Resolução dos Problemas dos Jovens _____	119
Quadro 18 – O que os Jovens Pensam Sobre Juvenilização _____	120
Quadro 19- Perspectivas Futuras dos Jovens _____	122
Quadro 20- Fatores que Impulsionaram a Desistência do Aluno Jovem do Ensino Regular e o Ingresso na EJA na Visão dos Professores _____	124
Quadro 21- Maiores Dificuldades Enfrentadas pelos Professores na EJA _____	125
Quadro 22 – Organização da Prática Pedagógica _____	126
Quadro 23 – Desenvolvimento dos Conteúdos e Escolha das Metodologias e Recursos para a EJA _____	127
Quadro 24- Caracterização do Jovem da EJA na Visão dos Professores _____	129
Quadro 25- Atividades e Projetos Desenvolvidos Pelos Docentes com a Turma de EJA ____	130
Quadro 26 – Preparação da Escola quanto ao desenvolvimento da EJA e do PPP _____	131
Quadro 27 – Avaliação do Ensino Atual e do Currículo da EJA.....	133
Quadro 28 – Problemas Enfrentados pelos Jovens e Adultos e Interesse da Escola na Resolução destes Problemas _____	134

Quadro 29- Visão acerca da Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos _____	136
Quadro 30- Concepções dos Professores acerca do Conceito de Ser Jovem _____	138
Quadro 31- Fatores que Impulsionam a Desistência do Jovem do Ensino Regular e Ingresso na EJA na Visão do Vice-Diretor _____	139
Quadro 32 – Dificuldades Encontradas enquanto Gestor da JÁ _____	140
Quadro 33 – Caracterização do Aluno Jovem na Visão do Vice-Diretor Pedagógico _____	142
Quadro 34 – Atividade ou Projeto que a Escola desenvolveu na EJA _____	143
Quadro 35 – O PPP e o Preparo da Escola para o Desenvolvimento da EJA diante da Juvenilização _____	144
Quadro 36 – Avaliação do Currículo e da Prática Pedagógica da EJA _____	145
Quadro 37- Sujeitos que podem cursar a EJA e o tempo do CENEB Maria Quitéria _____	146
Quadro 38 – Recursos Especiais que a Escola recebe para a EJA _____	147
Quadro 39 – Importância da EJA para o CENEB Maria Quitéria _____	148
Quadro 40- Visão do Gestor sobre a Evasão Escolar na EJA _____	149
Quadro 41 – Visão do Gestor acerca da Juvenilização nas Classes de EJA _____	150
Quadro 42 – Conceito de Jovem na Visão do Gestor _____	151
Quadro 43 – Preocupação da Escola em Resolver os Problemas dos Alunos da EJA na Visão do Gestor _____	152

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Analfabetismo em Salvador em 2000 ( Por Tipo) _____	53
Gráfico 2 – Analfabetismo Entre as Mulheres de Salvador em 2005 _____	54
Gráfico 3 – Analfabetismo Entre os Homens de Salvador em 2005 _____	54
Gráfico 4 – Matrículas EJA em Salvador (Fonte: INEP) _____	55
Gráfico 5 - Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador Ba ( Ensino Fundamental, Modalidade Presencial).....	56
Gráfico 6: Censo escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador ( Ensino Médio, Modalidade Presencial).....	56
Gráfico 7 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador ( Ensino Fundamental, Modalidade Semi- Presencial) _____	57
Gráfico 8 - Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador Bahia ( Ensino Médio, Modalidade Semi- Presencial) _____	58
Gráfico 9 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador (Fundamental 1 e 2, Modalidade Especial) _____	58
Gráfico 10 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador (Ensino Médio 1 e 2, Modalidade Especial) _____	59
Gráfico 11 Sexo dos Sujeitos da Pesquisa _____	69
Gráfico 12 Idade dos Sujeitos da Pesquisa _____	70
Gráfico 13 Inserção no mercado de trabalho _____	71
Gráfico 14 Carga-Horária de Trabalho dos Sujeitos da Pesquisa _____	73
Gráfico 15 Estado Civil dos Sujeitos da Pesquisa _____	74
Gráfico 16 Investigação sobre questão relacionada a filhos _____	75
Gráfico 17 Qual é sua Cor/Raça dos sujeitos investigados _____	76
Gráfico 18 Nível de Escolaridade do Pai _____	77
Gráfico 19 Nível de Escolaridade da Mãe _____	78
Gráfico 20 Reprovação na escola _____	80
Gráfico 21 Interrupção nos Estudos _____	81
Gráfico 22 Tempo fora da Escola _____	82

Gráfico 23 Fatores que Impulsionaram o Reingresso à Escola _____	83
Gráfico 24 Importância da Escola para os Jovens Pesquisados _____	85
Gráfico 25 Julgamento da qualidade do ensino na escola _____	86
Gráfico 26 Avaliação da Relação ProfessorX Aluno _____	88
Gráfico 27 Auto-Avaliação dos Jovens sobre o seu empenho nos Estudos _____	89

## LISTA DE SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEB – Câmara de Educação Básica  
CEDES – Centro de Estudos de Educação e Sociedade  
CENEB – Centro Noturno de Educação Básica da Bahia  
CENEBMQ - Centro Noturno de Educação Básica da Bahia Maria Quitéria  
CFE – Conselho Federal de Educação  
CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo  
CNE- Conselho Nacional de Educação  
CONFINTEA – Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos  
CRUZADA ABC – Cruzada Ação Básica Cristã  
DRE – Diretoria Regional de Educação  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
EPJA – Educação de Pessoas Jovens e Adultas  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MEB - Movimento de Educação de Base  
MEC – Ministério da Educação  
NRE – Núcleo Regional de Educação  
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
PNAD – Pesquisa Nacional por amostra de domicílios  
PRONERA - SECULT (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia SECULT (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia  
REVEJA – Revista de educação de Jovens e Adultos  
SCIELO – Scientific Electronic Library Online  
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFS – Universidade Federal de Sergipe  
UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
Balanço das Produções Acadêmicas sobre a Temática	23
Aspectos Metodológicos	32
Campo de Pesquisa	33
Sujeitos	38
Instrumentos e Procedimentos de Investigação	40
Como os Dados foram Organizados	43
Estrutura do Trabalho	44
<b>CAPITULO 1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE RETROSPECTIVA</b>	<b>45</b>
1.1 Juventude e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil	50
1.2 A Questão da EJA em Salvador Bahia	52
1.3 Fenômeno da Juvenilização na EJA	60
1.4 A importância da Escolarização dos Jovens e Adultos	67
<b>CAPITULO 2 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>68</b>
2.1 Sexo dos sujeitos da pesquisa	69
2.2 Faixa Etária dos Jovens Investigados	69
2.3 Inserção no Mercado de Trabalho	70
2.4 Função Ocupada no Mercado de Trabalho	71
2.5 Jornada de Trabalho	72
2.6 Estado Civil dos Jovens Pesquisados	73
2.7 Existência de Filhos dos Jovens Pesquisados	74
2.8 Cor/Raça dos Jovens Pesquisados	75
2.9 Nível de Escolaridade dos Pais	76
2.10 Nível de Escolaridade das Mães dos Investigados	78
2.11 Reprovação na Escola	78
2.12 Interrupção dos Estudos	80
2.13 Tempo Fora da Escola	81
2.14 Fatores que Impulsionaram a Retomada dos Estudos	82
2.15 Importância da Escola para os Jovens Pesquisados	83
2.16 Qualidade do Ensino nesta escola	85



2.17 Avaliação da Relação Professor X Aluno _____	86
2.18 A Avaliação de Empenho nos Estudos por parte dos Jovens Pesquisados _____	89
2.19 Bairro onde Reside _____	89
2.20 Escola onde Estudou antes de Ingressar no EJA _____	90
2.21 Dados Resultantes das Entrevistas dos Alunos _____	90
2.22 Trajetórias de Vida _____	90
2.23 Sobre o EJA e Sobre o Ensino Regular _____	96
2.24 Questões sobre Juventude _____	112
2.25 Questões Atribuídas aos Docentes _____	123
2.26 Questões Realizadas ao Vice-Diretor _____	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS _____</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS _____</b>	<b>158</b>
<b>APÊNDICES _____</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, vinculado à linha de pesquisa: Formação de Educadores: Saberes e Competências, deste Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, foi instituído a partir da necessidade de análise sobre a temática Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio, tendo em vista que há poucos estudos sobre o tema, inclusive devido ao caráter relativamente recente do fenômeno.

O fenômeno de juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio (EJA/EM) vem ocupando, de forma contínua, a atenção dos educadores no contexto atual, alterando o cotidiano escolar e as relações na sala de aula.

Ao ingressarem nessa modalidade, os jovens, muitas vezes, encontram-se desacreditados de perspectivas futuras ligadas às suas trajetórias escolares ou às questões relacionadas ao mercado de trabalho. Muitos deles apresentam um perfil caracterizado por constantes repetências e esse problema social ligado ao contexto educacional, conseqüentemente, traz dificuldades para a conquista de um bom emprego, uma vez que o mercado de trabalho é exigente no tocante à questão da escolaridade.

Neste sentido, o perfil do professor da EJA pode contribuir para o desenvolvimento educativo e mudanças nessa realidade. É interessante que este busque a qualificação a partir de uma formação continuada para lidar com a realidade de cada discente desta modalidade de ensino. O perfil dos alunos da EJA da rede pública é, em grande parte, caracterizado por trabalhadores, desempregados, donas de casa, jovens, idosos e pessoas com necessidades educacionais específicas. São discentes com diversidades e especificidades no contexto da idade, religiosidade, etnia, entre outras particularidades. Por isso, é necessário que as práticas docentes tenham, inclusive nesta modalidade, um dinamismo escolar, uma maior interação e o comprometimento com a pluralidade, de forma a contemplar as necessidades e a realidades destes alunos.

Hoje, é perceptível uma mudança no perfil dos sujeitos integrantes da EJA, onde outrora a população desta modalidade se restringia apenas aos adultos. Nos últimos anos, esta modalidade tem apresentado um número crescente de jovens. Alguns deles sentem-se até mesmo envergonhados por terem um histórico de contínuas repetências que acarretou um choque entre a idade e série e, conseqüentemente, múltiplos constrangimentos frente a outros colegas. Neste sentido, muitos justificam a saída do ensino regular por conta deste aspecto.

Partindo deste pressuposto, esta temática envolve múltiplos aspectos educacionais e

nosso interesse na realização desta pesquisa se deu a partir do exercício docente na rede estadual de ensino; proximidade teórica a partir de várias disciplinas que trataram deste tema de pesquisa na Universidade; relevância social no que se refere à contribuição para a sociedade na busca de transformações positivas no contexto educacional; importância acadêmica em virtude da contribuição para a minha formação enquanto pedagoga; crescimento pessoal, uma vez que este estudo possibilita um aprofundamento dos saberes sobre essa temática de relevância na contemporaneidade.

Minha primeira experiência docente na EJA foi na cidade de Salvador-BA, quando surgiu a oportunidade de atuar no projeto chamado “Salvador Cidade das Letras”. Esse Programa de alfabetização de jovens e adultos foi promovido pela prefeitura de Salvador, através da SECULT (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia). Para tanto, foi necessário participar de um curso de aperfeiçoamento profissional com carga horária de 60h. A turma de jovens e adultos em que lecionei tinha aproximadamente 18 alunos, todos interessados em aprender a ler e escrever.

Nesse contexto, o bairro do São Gonçalo do Retiro, com um histórico de lutas, foi escolhido para a formação da turma de Jovens e Adultos. Outrora, o bairro São Gonçalo do Retiro serviu de esconderijo para os negros escravizados, formando vários Quilombos. Essa região foi habitada por negros, principalmente de origem Congo e Angola, que tocavam e bailavam ritmos religiosos. Até o século XIX, o bairro do São Gonçalo era formado por fazendas e chácaras. Com a decadência dos Quilombos antes da metade do século XIX e até o começo do século XX, formou-se o bairro com a população que nele se refugiou.

Diante disso, o programa de alfabetização exigia, no mínimo, a quantidade de 15 alunos, por turma. O espaço para realização das aulas era uma sala cedida pela Igreja Assembléia de Deus. As aulas aconteciam das 19h às 21h. Essa experiência durou apenas dois meses, pois fui substituída por outro educador, uma vez que tinha sido aprovada no vestibular da UNEB na cidade de Barreiras, ocasião em que para lá me desloquei para a realização do curso de Pedagogia.

Embora tenha sido necessário encerrar minhas funções no programa “Salvador Cidade das Letras”, posso afirmar que aprendi muito e pude vivenciar uma experiência rica com os Jovens e Adultos. Essa experiência foi ampliada quando trabalhei na cidade de Barreiras-BA, lecionando em duas turmas de EJA, uma composta por estudantes da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental (Eixo V) e outra formada por estudantes do 1º e 2º ano (Eixo VI) e 3º ano (Eixo VII) do Ensino Médio. Nessa nova vivência, tive o privilégio de lecionar nas três turmas de EJA. A experiência durou cerca de três meses, as aulas eram realizadas das 19h às 22h30min.

Lá, pude desfrutar de experiências de vida trazidas pelos alunos, além de perceber o esforço de cada um para estar ali aprendendo, embora cansados e sobrecarregados pela rotina de tarefas laborais. Essas duas experiências foram marcantes para a minha vida, pois contribuíram muito para a minha formação docente.

Além disso, a “Educação de Jovens e Adultos” também se constituiu em uma temática abordada no curso de graduação em Pedagogia, especificamente no componente curricular sobre EJA, cuja ementa propõe que estudemos o histórico da Educação de Jovens e Adultos - Estudo das políticas de Educação de Jovens e Adultos na América Latina e no Brasil, especialmente no Nordeste, com ênfase para o Estado da Bahia, no âmbito formal e nos movimentos sociais / terceiro setor.

Nesses estudos, pude aprender muito, exemplos: compreender a constituição histórica da EJA, os programas oferecidos pelo governo, as suas diretrizes; seu singular significado enquanto modalidade de ensino. Nesse sentido, aprendi a reconhecer que o jovem e o adulto na sua trajetória de vida constroem um conjunto de experiências de mundo e no mundo, aprendi também a valorizar os saberes trazidos pelos alunos e aproveitá-los na sala de aula.

Foi uma experiência em que aprendi que o diálogo se torna o mais importante instrumento de interação em sala. Diante desses aspectos, percebi, ainda, que essa disciplina foi fundamental, pois ela me trouxe fundamentação teórica para subsidiar a minha prática docente. Ademais, proporcionou um razoável embasamento conceitual advindo da produção científica relacionada à temática.

Desse modo, minhas relações com o campo de investigação estão caracterizadas pela monitoria que desenvolvia no Projeto de Extensão – UNEB/PRONERA – Movimento dos Trabalhadores Assentados, Acampados, Pioneiros e Quilombolas – Curso Técnico em Agropecuária Sustentável, intermediado pelo IFBA, antigo CEFET em Barreiras, Bahia. As aulas deste projeto eram realizadas em um povoado chamado Baraúna, na zona rural do município de São Desidério (Bahia). Lá, pude ver a realidade de jovens pertencentes aos assentamentos da reforma agrária. Foi uma experiência bastante significativa para a minha vida.

Diante dessas vivências que me aproximaram da EJA, pude perceber o perfil de alunos dessa modalidade. Diante dessas percepções, senti a necessidade de aprofundar este estudo através da pesquisa do fenômeno juvenilização. Bourdieu (1984) argumentava que existem jovens e juventudes desiguais segundo as classes sociais e na sua relação com a escola, a definição de juventude no singular, não passa de um instrumento de luta entre jovens e adultos pelo poder simbólico.

Nesta perspectiva, a juvenilização é um fenômeno recente com o ingresso de jovens na modalidade EJA que outrora era constituída apenas por adultos. No entanto, a sociedade criou uma visão discriminatória com relação ao perfil dos alunos da EJA. Estes são vistos por muitos como alunos problema, frutos da evasão ou repetência.

É preciso enxergar o aluno em sua essência, enquanto possuidor de direitos, pois se não acreditarmos na emancipação deste aluno, atribuindo-lhe a oportunidade de emancipação, e transformação. Do mesmo modo, a realidade da EJA não será reconfigurada.

Nesse sentido, os jovens e adultos precisam também reconhecer a EJA como um direito e não como uma ajuda do governo. Esta precisa ser atribuída de forma digna, contemplando professores com formações adequadas e com ricas metodologias, currículos inovadores, interdisciplinares e flexíveis de maneira que contemple a realidade, sobretudo do público jovem.

Dessa forma, a situação da EJA é complexa, pois diante da heterogeneidade do público, considerando a questão de uma grande parte ser jovem, esta modalidade de ensino tornou-se um desafio constante para os professores.

Diante disso, supõe-se que a inserção do público jovem na Educação de Jovens e Adultos que outrora era voltada apenas para adultos, trouxe diversos conflitos de interesses entre os Jovens e Adultos na sala de aula, pois, até mesmo diante da disparidade de idades, imagina-se que os interesses dos dois públicos, em sua grande maioria, não são concomitantes. O professor, por sua vez, sente-se, constantemente, desafiado em ter que atender as expectativas dos dois públicos com realidades e necessidades distintas. Por isso, a necessidade de uma formação continuada específica para trabalhar com o público da EJA, principalmente com o perfil juvenilizado.

Existem fatores que corroboram para este despreparo e que muitas vezes não é uma questão de falta de interesse por parte do professor, sobretudo, não há um investimento constante por parte do Estado em formações contínuas específicas para a modalidade EJA, acarretando em metodologias infantilizadas. Outro fator é o uso de alguns materiais didáticos impróprios para a faixa etária, muitos desses conteúdos não apresentam significado e são descontextualizados. Além disso, alguns professores não têm flexibilidade quanto às circunstâncias de alunos que vivenciam uma rotina de trabalho e estudo. Nessa conjuntura, uma grande parte dos alunos jovens perdeu o interesse pelos estudos e muitos jovens frequentam a escola com outros fins que distanciam do foco imprescindível: aprendizagem e educação.

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos - EJA - foi marcada pelo fenômeno

do rejuvenescimento. Isso se deve pelo fato dos dados do Instituto Nacional de Ciências e Pesquisas - INEP apresentarem atualmente um aumento de matrículas na EJA de pessoas mais jovens do que de adultos.

De acordo com a Lei nº 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), em seu art. 2º, esta avalia a pessoa até 12 (doze) anos incompletos como criança e aquela entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos como adolescente. Esta lei de proteção absoluta a crianças e adolescentes tem um princípio que assegura o valor inerente da infância e adolescência que é essencial que a família e o estado respeitem. Nesta perspectiva, o conceito de jovem, nesta mesma lei, é a partir de 18 (dezoito) anos a fim de se respeitar a maioridade.

Partindo deste pressuposto, considera-se adulta a pessoa a partir de 18 anos, por ser uma idade em que os jovens passam a exercer suas competências para pensar diferente e fazer escolhas sobre o que lhes serve e interessa, além de decidir sobre suas formações.

Já o Estatuto do Idoso (2003) salienta que a pessoa idosa é a que tem a partir de 60 anos ou mais. Este parâmetro relacionado à faixa etária correspondente ao jovem e ao adulto, apesar de insuficiente para enfrentar o debate sobre a questão da juvenilização da EJA no Brasil, será utilizado como recurso para estabelecer uma distinção formal desses dois públicos. Diante disso, foi elaborada a seguinte problemática: Qual o perfil atual dos jovens que desistem do ensino regular e ingressam na Educação de Pessoas Jovens e Adultos-EPJA cada vez mais cedo?

Partindo deste pressuposto, entendo que todo o trabalho científico nasce da análise de fatos, pensamentos ou teorias de autores. Ressalto que o conhecimento é fruto da síntese de experiências precedentes. É eficaz que o ser humano busque o respaldo em saberes, para que a partir desta base ele possa construir outros conhecimentos.

Nessa perspectiva, contribuindo para a discussão sobre Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio, foi levantado alguns estudos anteriores. Sobre isso, é válido salientar a carência de mais estudos na área:

A maioria dos estudos sobre Educação de Adultos tem colocado, dentre suas prioridades, a necessidade de formação de professores para educação tão peculiar. A inexistência de estudos sobre jovens e adultos nos cursos de formação de professores, seja em nível de 2º ou 3º graus, tem sido colocada com frequência. As próprias Faculdades de Educação começam a se dar conta nos últimos anos de que seus currículos não contemplam estudos sobre a problemática do analfabetismo ou da educação de jovens e adultos, tratada muitas vezes, como matéria espúria, com seu desenvolvimento caracterizado por descontinuidades ou como tarefa de perspectiva assistencialista e filantrópica, e não na perspectiva de um direito de cidadania (HADDAD, 2000, p. 23).

Desse modo, saliento a importância do debate das produções acadêmicas anteriores sobre a temática de Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no E. M., tendo em vista a necessidade face à contribuição científica para a produção de novos conhecimentos.

## **BALANÇO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A TEMÁTICA**

Para melhor enfrentarmos a análise do fenômeno estudado, procedemos a um levantamento de estudos temáticos na forma de artigos, livros, dissertações e teses produzidas entre 2000 e 2014, localizando a temática num contexto mais amplo, a partir de dados do banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e outros sites como Domínio Público, Google Acadêmico, banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo – USP, Scientific Electronic Library Online (projeto consolidado de publicação eletrônica de periódicos científicos) - SCIELO, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED e no banco de teses e dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É válido salientar que os trabalhos foram selecionados a partir da leitura dos seus resumos e identificação das palavras-chave, tendo em vista a aproximação do foco dos objetivos da pesquisa.

Considerando o critério descrito anteriormente, foi feito um mapeamento, utilizando palavras combinadas entre si e palavras vistas separadamente. A busca foi realizada com as seguintes palavras chave: Juvenilização, Juvenilização na EJA/Educação de Jovens e Adultos; O perfil dos alunos jovens da EJA; Evasão do ensino regular e ingresso do jovem na EJA; motivos que ocasionam a saída do ensino regular e ingresso na Educação de Jovens e Adultos e sentidos que os alunos atribuem à EJA.

Os resultados desse levantamento realizado revelaram a existência de poucos trabalhos acadêmicos sobre a temática juvenilização na EJA. Partindo deste pressuposto, a partir da busca da palavra Juvenilização, na Plataforma CAPES, foram localizados nove trabalhos, dos quais apenas um se aproximava da temática da pesquisa: uma tese de doutorado em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/Araraquara. Os demais tratavam de Relações Raciais, Gênero, Educação Prisional, Identidades Juvenis e Práticas Culturais, Representações Midiáticas e Idealizações sobre Juventude e Consumo, A transição para a vida adulta na atualidade, A implementação da política de EJA, Os jornalistas e o Sindicato no estado de São Paulo e Escolarização de alunos com deficiência na EJA.

Nesta perspectiva, a partir das palavras associadas “Juvenilização na EJA/ Educação de Jovens e Adultos”, na mesma plataforma, foram localizados quatro trabalhos, dos quais

apenas um deles tem relação com a proposta da pesquisa e este estava incluso entre os nove trabalhos da busca anterior, na mesma plataforma a partir da palavra “Juvenilização”. Os demais foram descartados por não tratarem especificamente da temática que está sendo discutida.

Diante disso, a partir da busca dessa mesma palavra chave no banco da UFRGS, foi verificada uma tese que tratava da discussão. Além desta tese, foi constatada uma monografia em nível de especialização no mesmo repositório.

Posteriormente, houve a busca pelas mesmas palavras associadas no banco de teses e dissertações da USP e também no Domínio Público, onde ambos não trouxeram nenhum resultado com relação à busca. Desse modo, foi selecionado um artigo que também discutia a temática.

Em seguida, fez-se a busca pela plataforma *SCIELO*, onde foram constatados sessenta trabalhos, dos quais apenas dois deles foram considerados, por abordarem questões acerca da juvenilização na EJA, com alguns aspectos que discutiam a evasão do ensino regular.

No banco de teses e dissertações da UFMG, a partir da busca pré-definida da palavra Juvenilização na EJA, foram encontrados centenas de trabalhos que abordavam a temática, todavia com enfoques diferentes dos adotados para a pesquisa. Por isso, na busca com este título, nenhuma produção foi selecionada, pois além de não se aproximar do objeto, estas não compreendiam nenhum dos objetivos específicos da pesquisa.

Em seguida, buscou-se a mesma palavra chave na Plataforma da ANPED – GT18, e, a partir deste levantamento três artigos se aproximaram do objeto discutido.

Posteriormente foi realizada a busca na Revista de Educação de Jovens e Adultos – REVEJA e a partir do levantamento nesta, um artigo teve bastante aproximação. Neste mesmo âmbito de eleger trabalhos que se aproximassem, foi selecionado um artigo no Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos – CEREJA.

Partindo da premissa desta mesma palavra, foi selecionada uma dissertação no site do Google Acadêmico.

Subsequentemente, foi feita a exploração por meio da palavra “O perfil dos estudantes jovens da EJA” na Plataforma CAPES. A partir dessa perquisição foram levantados dezesseis trabalhos, dos quais apenas um foi selecionado.

Diante disso, a investigação da mesma palavra chave deu seguimento na Plataforma *SCIELO* onde diante de 1520 trabalhos foi feita uma nova triagem e dois destes se aproximavam do objeto de estudo, os demais foram descartados.

Nesta perspectiva, a partir da pesquisa desta mesma categoria, retornei à Plataforma da



ANPED GT 18, onde foi detectado um artigo que se aproximava do tema.

Desse modo, foi feita a pesquisa sobre o perfil dos alunos da EJA e foi detectado um artigo com o foco no perfil dos alunos da EJA na Revista Brasileira de Política e Administração da Educação – REVEJA.

Neste sentido, foi feito o levantamento por meio da palavra evasão do ensino regular e ingresso do jovem na EJA a partir dos dados do banco da CAPES, e, partindo deste pressuposto, sete trabalhos foram detectados. Apenas duas dissertações foram selecionadas, pois havia mais relação com o foco desta pesquisa.

A partir da pesquisa através do *Google Acadêmico* foi selecionada uma dissertação. Novamente busquei a mesma palavra chave na Plataforma *SCIELO* e selecionei duas monografias, em nível de especialização que discutiam a evasão do ensino regular.

Posteriormente, foi realizada uma busca pela palavra chave: “os Sentidos atribuídos pelos educandos à escola” no banco de teses e dissertações da UFMG e diante de uma multiplicidade de trabalhos, apenas duas dissertações foram selecionadas.

A busca por produções com esta mesma palavra chave se repetiu, sobretudo, no banco da Universidade Fluminense, onde foram selecionados dois artigos.

Partindo do pressuposto desta mesma palavra chave foram escolhidos dois artigos na Plataforma *SCIELO*.

Diante disso, na plataforma do GT 18 da ANPED, a partir desta mesma palavra foram selecionados dois artigos. Já no portal dos fóruns de EJA- FORUMEJA um artigo se aproximou deste objetivo específico.

Buscando ampliar a pesquisa, houve o acesso ao Grupo de Trabalho – GT 18 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. A partir da leitura dos resumos, houve a seleção de seis produções que tratam da especificidade do objeto, dentre dezesseis trabalhos verificados.

Desse modo, a partir do levantamento por meio do *Google Acadêmico*, selecionei duas dissertações de mestrado, sendo que uma faz parte do mestrado em educação da Universidade Estadual de Feira de Santana Bahia e a outra do mestrado em Educação da Universidade Fluminense e uma Tese do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Considerando os resultados da pesquisa, foram selecionados no total de trinta e duas produções, sendo sete dissertações de mestrado, duas teses de doutorado, doze artigos científicos e dois trabalhos de conclusão de curso a nível de especialização.

Para melhor identificar, estas produções foram separadas em quatro categorias de

análise:

- Juvenilização na EJA;
- Perfil dos Discentes da EJA;
- Saída dos Jovens do Ensino Regular e Ingresso na EJA;
- Sentidos Atribuídos à Escola pelos Educandos da EJA.

Dentre estas produções, nove investigam a juvenilização na Educação de Jovens e Adultos e Distorções idade/série (sendo uma dissertação, duas teses, três monografias de especialização e vinte artigos). Cinco destas produções evidenciam o perfil dos alunos da EJA (sendo que são cinco artigos, dos quais tratam das características dos estudantes da EJA). Seis trabalhos discutem a Saída do Ensino Regular/ Evasão e Ingresso na EJA (sendo três dissertações e duas monografias em nível de especialização). As demais produções acadêmicas tratam especificamente dos Sentidos atribuídos pelos educandos à escola; O olhar do jovem da EJA frente à escola (sendo sete artigos e duas dissertações).

Na categoria 1 - Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos, Haddad; Di Pierro (2000) mencionam em “Escolarização de Jovens e Adultos” o perfil crescentemente juvenil da modalidade EJA, grande parte de excluídos do ensino regular e com trajetórias mal sucedidas. A Juvenilização é decorrente de fracasso escolar anterior. Os autores afirmam que alguns os jovens carregam a marca de alunos-problema e buscam, a partir da modalidade EJA, superar as dificuldades. Gomes (et. al. 2003) em “Expansão do Ensino Médio: Temores Sobre a Educação de Jovens e Adultos” enfatiza, em suas discussões, a expansão do ensino médio pela EJA e as distorções de idade/série que caracterizam esta modalidade. Abramo et. al. (2005) em “Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional” fazem um levantamento com dados quantitativos originários da pesquisa nacional sobre o perfil da juventude brasileira. Neste contexto, especialistas de diversas áreas buscam discutir a temática Juventude em diferentes perspectivas atreladas à temática cultura, educação, ao trabalho, religião, saúde, relações sociorraciais e política.

Em O aluno de EJA: jovem ou adolescente? Amaral et. al. (2005) apresenta as queixas manifestadas sobre os jovens da EJA, como a falta de comprometimento, a dificuldade de lidar com a disciplina, a não aceitação do jovem pelo adulto, o comportamento do jovem durante as aulas, entre outros aspectos. As autoras ainda enfatizam as dificuldades do professor em lidar com esta diversidade sociocultural, tendo em vista as disparidades de idade e os tempos de aprendizagens distintos. Carrano (2007) em Educação de Jovens e Adultos e

Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance" problematiza as múltiplas maneiras de ser jovem na atualidade, revelando uma expressiva presença dos jovens na Educação de Jovens e Adultos e os desafios enfrentados pelos educadores. Já Andrade (2008), em “Juventudes e Processos de Escolarização: Uma abordagem Cultural”, estabelece o seu foco de pesquisa aos múltiplos processos de ex/inclusão que acarretam na exclusão de uma multiplicidade de jovens do ensino regular formal e o retorno destes ou migração para a EJA. A análise deste estudo é de inspiração foucaultiana e discute também aspectos de gênero, raça, classe social e cor como processos de ex/inclusão do ensino. Como resultado, a autora apontou um importante processo de juvenilização em função das crescentes migrações do ensino regular para a EJA, e também diante da diminuição da idade legal de acesso de 18 para 15 anos. O estudo aponta a necessidade de uma reconfiguração da modalidade de ensino. Rachele (2009) em “Adolescentização da EJA: Reflexões Educacionais em torno da Presença de Novos Sujeitos”, a autora retrata o fenômeno da juvenilização na EJA, trazendo reflexões diante dos desafios e impactos causados pela presença dos jovens e apontando os motivos pelos quais os jovens buscam cada vez mais cedo esta modalidade.

Ainda na categoria 1 temos o trabalho de Carvalho (2009) em “A juventude na educação de jovens e adultos: uma categoria provisória ou permanente?”, embora trate da juvenilização na EJA, ela tem como foco investigar as práticas pedagógicas nesta mesma modalidade, tendo em vista os impactos da juvenilização, considerando não apenas as disparidades de idades, os ritmos de aprendizagem, condutas e interesses distintos. O foco do trabalho está nas práticas pedagógicas, traz um distanciamento do objeto da pesquisa, uma vez que os sujeitos principais são os discentes. Embora a autora tenha realizado a pesquisa com alunos, verificando o perfil destes, os sujeitos centrais foram os professores, partindo do pressuposto da observação participante das práticas pedagógicas.

Já Barreto (2012), em “A Política Nacional de Juventude: Assistencialismo ou Inovação”, tem como foco de discussão a política nacional de juventude, o assistencialismo e a inovação. A autora fez uma abordagem acerca da juvenilização na educação de Jovens e adultos, tendo como problema de sua pesquisa o entendimento do motivo do jovem migrar para a educação de jovens e adultos. A autora enfatiza o investimento de uma política própria para a juventude diante das reivindicações e conflitos.

Aqui destaco o trabalho de Silva (2012), “Juventudes e Pessoas Adultas no Ensino Médio Noturno em Maceió: Desvelando Expectativas e Desilusões”, que faz uma relação dos jovens e adultos do ensino médio noturno em Maceió com a escola e com os estudos,

destacando a escola como um importante espaço para estes sujeitos, o que não significa a satisfação destes quanto às aprendizagens. Silva (2012) traz, em sua pesquisa, aspectos interessantes do estudante da EJA como sentimentos de incapacidade, inferioridade, o preconceito de gestores e professores e suas insensibilidades quanto ao fato de não se colocarem como ouvintes de suas práticas educativas.

Nakayama et. al. (2013), em “A EJA Frente ao Enigma das Idades: Decifrá-lo ou Ser Por Ele Devorado?”, traz a problemática questionando como solucionar o enigma entre as idades. O trabalho analisa o processo de juvenilização, fundamentando a partir do conceito de genealogia de Foucault. Destaca-se o fato da universalização do ensino ter trazido como personagens sociais jovens cada vez mais jovens na EJA. Soares (2013) em “A Relação Juventude e Educação em Diferentes Gerações: A Perspectiva de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Municipal de Feira de Santana – BA” traz como foco a relação da juventude e da educação na perspectiva de estudantes de diferentes gerações. A defasagem idade/série foi um problema destacado na pesquisa, principalmente nas trajetórias de jovens das classes populares. A autora fundamentou sua produção a partir das teorias de sociólogos como Bourdieu (1983, 1998), Eisenstadt (1976), Mannheim (1982) e Pais (1990), assim como pesquisadores a exemplo de Abramo (1997, 2005), Camacho (2004), Carrano (2000, 2003), Dayrell (2003), Groppo (2000, 2009), Peregrino (2011), Sposito (1994, 1997, 2000, 2005, 2009), entre outros.

Na categoria 2 - o perfil dos alunos da EJA, Cunha et. al. (2010) em “Perfil dos Alunos de Educação de Jovens e Adultos de Teresina” faz um debate do contexto da educação de jovens e adultos de uma instituição de ensino em Teresina Piauí. Os autores expõem, além do perfil dos sujeitos da EJA, as intenções pelas quais eles procuraram esta modalidade, suas perspectivas. A partir dos seus depoimentos, identificam os sentimentos dos estudantes por estudarem nesta modalidade e o significado da educação para os sujeitos da EJA. Saliento a produção de Angelo et. al. (2007) em “O Perfil Do Aluno Do Proeja No Cefet-Rn e na Eem/Ufrn, a produção de Moura et. al. (2012) em “Entre o real e o oficial: conhecendo os estudantes do PROEJA” e a produção de Bregonci et. al. (2011) em “As Marcas Sócio-Culturais e Suas Inúmeras Identidades: O Perfil dos Alunos do PROEJA” que focalizam o estudo do perfil dos estudantes do PROEJA, sendo que, nas duas primeiras produções, a pesquisa é especificamente em duas instituições de ensino que ofertam cursos neste âmbito, nas turmas do ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN) e da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EEN/UFRN), destacando também

a juvenilização. Ambas utilizaram o método comparativo e a abordagem quali-quantitativa. Em relação à terceira produção, embora o foco da pesquisa seja o estudo do perfil dos discentes do PROEJA, esta foi realizada no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Vitória.

Santos (2012) em “Educação de Jovens e Adultos: Um Estudo Sobre Trajetórias Escolares Interrompidas” investiga as causas do abandono da escola e as motivações que fizeram este aluno retornar, inserindo-se na modalidade EJA, além do perfil dos alunos da EJA.

Destaco a produção de Soares (2013) em “O Diurno na Educação de Jovens e Adultos: Quem São esses Sujeitos” que realiza a investigação em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, de oferta diurna, na mesma região geográfica e administrativa, tendo como foco a identificação e caracterização dos sujeitos jovens que, em sua grande maioria, estavam matriculados no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA).

Na categoria 3 - Saída do Ensino Regular/ Evasão e Ingresso na EJA, três dissertações e duas produções em nível de especialização discutem a evasão do ensino regular, os motivos que ocasionam a saída e abandono e perspectivas do estudante da EJA que são: Rocha (2011) em “Educação de Jovens E Adultos e a Evasão Escolar: O Caso Do Instituto Federal Do Ceará Campus de Fortaleza”; Ajala (2011) em “Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR”; Costa (2011) em “Começar de novo: um estudo sobre percursos biográficos de jovens na EJA”, Silva (2012) em “A Problemática da Evasão de Estudantes Vinculados ao Proeja No If Baiano - Campus Guanambi”, Tavella( 2012) em “As identidades juvenis presente na EJA: como as tecnologias digitais podem trabalhar as dificuldades de aprendizagem”. Destaco a metodologia da pesquisa de Costa (2011), através da abordagem biográfica como um dos instrumentos, onde oito jovens foram entrevistados com idades entre 15 e 29 anos, levando em consideração suas histórias de vida e principalmente suas trajetórias escolares. A autora buscou realizar um estudo dos percursos biográficos dos jovens da EJA, buscando identificar as disparidades dos sujeitos nela inseridos e compreendendo as trajetórias de escolarização. Esta investigou as motivações que ocasionaram o abandono da escola pelos jovens e o retorno na modalidade EJA. A partir das narrativas dos jovens acerca do significado da EJA, a autora identificou a que a EJA é um caminho de aproximações de projetos, sonhos e expectativas futuras.

Ou seja, os jovens veem, a partir da EJA, uma possibilidade de esperança de uma vida satisfatória. O enfoque adotado nessa pesquisa dialoga diretamente com nosso trabalho de investigação.

Na categoria 4 - Sentidos atribuídos à escola pelos educandos da EJA, destaco a dissertação de Vale (2007) intitulada “Encontros e desencontros entre jovens e a escola: sentidos da experiência escolar na educação de jovens e adultos – EJA” que investiga a relação que os jovens têm com a escola e os sentidos que eles atribuem à sua experiência escolar. A autora investigou jovens entre 15 e 27 anos matriculados na EJA e destacou o fato de jovens das camadas populares serem obrigados a procurarem alternativas educacionais na EJA ou abandonarem seus estudos, gerando um ciclo vicioso entre o fracasso escolar e o abandono do ensino regular.

Ainda como parte da categoria 4, selecionei o trabalho de Canezin et. al. (2008) “Jovens da Educação de Jovens e Adultos (EJA): Escola e o Trabalho na Mediação entre o Presente e o Futuro”, que teve como objetivo investigar jovens oriundos das camadas populares de uma escola municipal da cidade de Goiânia do período noturno EJA, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos jovens à escola e ao trabalho, além de suas perspectivas futuras. Este trabalho muito se aproxima desta temática. Silva (2009) em “Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA” trouxe como foco a compreensão dos significados e sentidos atribuídos pelos jovens aos processos de escolarização vivenciados na EJA.

Barreto et. al. (2010) em “Vantagens e desvantagens do/no ensino médio noturno sob o olhar do jovem do regular e da EJA” possibilitam reflexões acerca de estar na escola sob o ponto de vista do jovem do ensino regular e da EJA. Os jovens pesquisados são entre 17 e 24 anos. As autoras questionam vantagens e desvantagens das escolhas entre as modalidades.

Araujo et. al. (2011), em “Os jovens do ensino médio regular e da educação de jovens e adultos: suas vozes e experiências em meio ao ensino noturno em análise”, acompanham a ocupação da modalidade EJA e do ensino regular pelos jovens inquiridos sobre o sentido de ser aluno do noturno, a expectativa numa educação de formação geral básica, além das (des) vantagens contidas numa e outra modalidade.

Destaco o trabalho de Fernandes (2013) em “Por Entre Trilhas... Lembranças de Jovens e Adultos e os Sentidos Atribuídos à Escola” que realiza uma interface entre memórias e representações sociais de estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos. A autora questiona os sentidos atribuídos pelos alunos à escola pública, significados e representações de suas memórias, na perspectiva de outrora e de hoje, compreendendo o contexto das trajetórias dos indivíduos pesquisados. Já Scopel (et.al. 2014) em “Os Sujeitos da EJA no IFES Campus Vitória: Uma Escuta Sensível de Suas Experiências de Formação”

analisam os desafios que prevalecem no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA do IFES, Campus Vitória, a partir da escuta sensível dos seus diversos sujeitos entre discentes, docentes e gestores. As autoras discutiram a experiência do programa e a política pública que rege.

Nesta perspectiva, é válido ressaltar também três obras que trazem contribuições valiosas para a temática, a exemplo de Brunel (2014) em *Jovens Cada vez mais jovens na Educação de Jovens e adultos*, na qual a autora traz uma rica discussão sobre o fenômeno da juvenilização na EJA, fundamentando seu estudo nas teorias de Bernard Charlot. A partir dos depoimentos dos jovens, a autora investiga além das motivações que ocasionaram a escolha pela modalidade EJA em detrimento do ensino regular, questões familiares, escolares e pedagógicas. Soares et. al. (2007) também traz uma contribuição interessante através da sua obra *“Diálogos na Educação de Jovens e Adultos”*, que retrata os constantes abandonos do ensino regular e as trajetórias dos estudantes da EJA a partir das teorias de Miguel Arroyo.

Nesta obra, Arroyo, citado por Soares et. al. (2007, p. 46), salienta: “Os índices de abandono na EJA, que tenta se escolarizar ainda que com tímidas flexibilizações, refletem que nem com um estilo escolar mais flexível eles e elas conseguem articular suas trajetórias de vida e as trajetórias escolares”. Neste sentido, as trajetórias de vida dos educandos da EJA são marcadas pelas complexidades cotidianas, onde estes assumem inúmeras responsabilidades fora do ambiente escolar e são obrigados a conciliarem outras responsabilidades com os estudos.

É válido, igualmente, ressaltar as teorias de Sposito (2005) em *“Algumas reflexões e indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil”*. Este é outro livro que trouxe bastantes contribuições à pesquisa. A autora argumenta que juventude é a etapa da vida em que se busca a independência e pelo desenvolvimento das identidades pessoais e coletivas.

Outra produção que não faz parte das categorias descritas acima, mas que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa é a de Rummert (2007) em *“A educação de jovens e adultos: trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos”*. A autora trata de ações propostas pelo governo, com o foco na Educação de Jovens e adultos, especificamente este público de trabalhadores brasileiros, nos períodos de 2003 a 2006. Entre alguns temas discutidos, estão o Projeto Escola de Fábrica, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária — PROJOVEM, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos — PROEJA e o Exame Nacional de

Certificações de Competências em Educação de Jovens e Adultos — ENCCEJA.

Diante desse levantamento, foi possível elaborar o estado da arte para essa temática e constatou-se que há poucos estudos sobre o tema juvenilização nas classes de EJA, especificamente relacionando à categoria do ensino médio, pois essa discussão ainda é considerada recente.

Partindo destes pressupostos de estudos anteriores, percebe-se a necessidade de discussão da temática Juvenilização na Educação de Jovens e adultos, sobretudo, no ensino médio, pois diante do levantamento prevaleceu a escassez de pesquisas neste âmbito, embora tenha diversos artigos na área. Neste sentido, desenvolveu-se a seguinte Problemática: Qual perfil dos jovens que desistem do ensino regular e ingressam na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada vez mais cedo?

Diante destas considerações, foi proposto o seguinte objetivo geral: Analisar o processo de Juvenilização no Ensino Médio nas classes de Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede pública estadual do município de Salvador Bahia, buscando investigar o perfil dos jovens que desistiram do ensino regular e ingressaram na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada vez mais cedo.

Nesta perspectiva, o objetivo geral foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: a) Traçar o perfil dos jovens que ingressam na EPJA cada dia mais cedo; b) Identificar as motivações que levam os jovens a desistirem do ensino regular e ingressarem na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada vez mais precocemente; c) Identificar o sentido que os estudantes atribuem à Juvenilização na EPJA; d) Identificar, junto aos docentes desta modalidade de ensino, quais as principais dificuldades enfrentadas devido à juvenilização vivenciada na EPJA.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa tem como perspectiva colher e avaliar dados quantitativos e qualitativos no âmbito de compreender o perfil dos estudantes da EJA e o que motiva os jovens à desistência do ensino regular e o ingresso na EPJA. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem quali-quantitativa. Sobre isso, Gamboa (2005) afirma que:

Em relação às categorias quantidade-qualidade, as pesquisas com enfoque dialético, no que se refere às técnicas, geralmente utilizam as historiográficas, tratando as dimensões quantitativas e qualitativas dentro do princípio do movimento. Essas categorias modificam-se, complementam-se e transformam-se uma na outra e vice-



versa, quando aplicadas a um mesmo fenômeno. De fato, as duas dimensões não se opõem, mas se inter-relacionam como duas fases do real num movimento cumulativo e transformador. De tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra nem uma separada da outra. (GAMBOA, 2005, p.105).

Dessa forma, percebe-se que as categorias quali-quantitativas são interdependentes, ou seja, intercaladas, contribuindo, assim, para o enriquecimento da pesquisa através da aproximação maior com o objeto de estudo.

A pesquisa de campo está voltada para o estudo dos indivíduos, instituições, grupos, entre outros. Ela possibilita a compreensão de diversos aspectos sociais e a descoberta de novos fenômenos. Minayo (1994, p. 53) salienta a respeito da pesquisa de campo que esta é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Ou seja, a pesquisa de campo permite o recolhimento de uma multiplicidade de dados através das experiências vivenciadas pelo objeto de análise. Segundo Ruiz (1976, p. 50), “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos, tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”.

Diante disso, a pesquisa de campo possibilita várias estratégias de coleta de dados. Assim, para a realização deste trabalho busquei fundamentação teórico-metodológica na pesquisa de campo, fundamentando-a na abordagem quali-quantitativa, pois “adotar a prática de combinar técnicas de análise quantitativa com técnicas de análise qualitativa proporciona maior nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa evitando-se, assim, o reducionismo por uma só opção de análise” (OLIVEIRA, 2007, p. 39).

Neste sentido, a pesquisa quali-quantitativa possibilita uma aproximação maior com o objeto de estudo, permitindo uma investigação de forma ampla e significativa. Além de trazer o entendimento das particularidades de forma profunda e precisa, tornando os dados mais ricos e completos. Sobre essa questão, Gil (2006, p. 17) ressalta: “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Desta forma, pode-se dizer que a pesquisa é o desenvolvimento do raciocínio que tem com o foco buscar soluções em meio aos problemas que surgem no cotidiano.

## **CAMPO DE PESQUISA**

Neste sentido, o campo de investigação da pesquisa foi um Centro Noturno que funciona no interior de uma escola da rede pública estadual de ensino da Bahia, situada na capital Salvador, que oferece a modalidade EJA no Ensino Médio, denominado de CENEB

Maria Quitéria. Este Centro Noturno Funciona no Colégio Estadual Alípio Franca - CEAF. Ele foi escolhido a partir do critério de maior quantidade de alunos matriculados na modalidade EJA E.M. – Eixo VI e Eixo VII.

Os Centros Noturnos foram criados desde 2013 e passaram a ser oferecidos no município de Salvador Bahia neste mesmo ano, especificamente para lidar com o aluno trabalhador e da EJA, considerando as políticas para esta modalidade. Diante da criação dos Centros Noturnos de Educação voltados especificamente para a Educação de Jovens e Adultos, pude ver que entre os Centros Noturnos de Educação do município de Salvador Bahia, o que houve um maior número de matriculados foi o Centro Noturno de Educação da Bahia Maria Quitéria, que funciona no turno noturno, no espaço do Colégio Estadual Alípio Franca.

Este Centro possuía, no ano de 2015, o número de 748 alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos. Por isso, partindo do critério de maior quantidade de discentes matriculados, o Centro Noturno Maria Quitéria foi o escolhido.

Optei por um centro noturno, em virtude de seguir a proposta curricular da EJA e de ter a possibilidade de maior aproximação com o objeto de estudo, permitindo uma amplitude na investigação de forma global, contemplando não apenas o contato com os participantes, mas, também, com o universo da sala de aula.

Partindo do levantamento de dados e pesquisas, percebe-se que a educação de jovens e adultos no ensino médio tem se tornado uma modalidade para jovens. A partir deste pressuposto, interessei-me em explorar a categoria do ensino médio da modalidade EJA neste mesmo campo de pesquisa em Salvador, com o fim de averiguar a incidência de juvenilização e buscando compreender os fatores deste fenômeno.

O Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB - Maria Quitéria fica localizado na Av Dendezeiros do Bonfim nº 200, Bonfim, Salvador, BA - CEP: 40415-006. Foi criado em 24 de Fevereiro de 2015, pelo Governo do Estado da Bahia, com o intuito de atender aos trabalhadores da região que não podiam frequentar a escola no turno diurno, na tentativa de oportunizá-los a continuidade dos estudos.

A proposta pedagógica do CENEB está pautada em três dimensões que formam um tripé, interagindo com os diversos componentes curriculares da educação básica, são elas: a) Mundo do Trabalho; b) Ciência e Tecnologia e c) Arte e Cultura.

Hoje, funcionam três centros noturnos em Salvador Bahia: O Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB – JUNOT, localizado no interior do Colégio Estadual da Bahia Central – Tempo Integral, que fica na Praça Carneiro Ribeiro S/N, no bairro Nazaré. O outro é

o Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB Maria Felipa de Oliveira que fica situado à Avenida Saldanha Marinho, S/Nº, Caixa d'Água. E o terceiro é o que se refere ao locus desta pesquisa: o Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB Maria Quitéria.

Na perspectiva da educação ser direito de todos, assegurado pela Constituição Federal Brasileira de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia está implementando políticas públicas para atender as necessidades de alunos trabalhadores (jovens, adultos e idosos) que, na maioria das vezes, frequentam o ensino noturno, tendo em vista as atividades laborais que exercem durante o período diurno.

Diante desta preocupação surgiram os Centros Noturnos de Educação da Bahia – CENEB, cujo propósito foi acolher estes estudantes trabalhadores/trabalhadoras, atribuindo-lhes oportunidade de continuarem seus estudos e formação, aprimorando seus conhecimentos, na vida e no ambiente de trabalho.

A proposta de construção dos Centros Noturnos partiu do pressuposto de discussões e escuta dos coletivos de professores/professoras e estudantes sobre os desafios de ensinar e estudar no turno noturno. Além disso, após o levantamento de um resultado crucial do Sistema de Gestão – SGE, tornou-se urgente a necessidade de repensar a escola do Centro Noturno, objetivando a qualidade quanto ao acesso, a melhoria no que tange à permanência e à excelência no percurso escolar dos estudantes da EJA.

Houve um estudo preliminar no Nordeste e viu-se que no estado da Bahia havia um grande número de alunos matriculados na EJA. A Bahia é o estado pioneiro da implantação do Centro Noturno. A criação do CENEB partiu de um princípio filosófico metodológico. Posteriormente, houve a criação dos eixos e em seguida, o acompanhamento diário, onde havia a avaliação de cada discente. A escola faz uma retroalimentação avaliativa no sistema constantemente, verificando a questão das dificuldades dos alunos, se foi de um discente apenas, ou da maioria/todos.

Há também um encontro contínuo a cada três meses de gestores, professores e pedagogos dos Centros Noturnos, para a realização de formação continuada e troca de experiências.

Nesta perspectiva, desde 2008, a Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica – SUDEB vem reorganizando e criando propostas pedagógicas específicas para estes estudantes. Entre elas, destacam-se:

I. A reformulação do Ensino Médio Noturno

II. O Ensino Médio com Intermediação Tecnológica

### III. A Educação de Jovens e Adultos/Tempos Formativos

### IV. Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio e ao Ensino Fundamental para Jovens e Adultos.

Outra motivação para a criação dos Centros Noturnos relaciona-se ao fato de as escolas públicas estaduais noturnas ao longo do tempo enfrentarem um problema sério: a evasão escolar.

Um dos desafios dos Centros Noturnos é realizar a Educação de Jovens e Adultos com as mais diferentes culturas institucionais. A diversidade atinge não apenas jovens e adultos, bem como docentes e Gestores. O CENEB tem uma proposta diferenciada, pois além de ter uma gestão com diversos profissionais da educação, tem uma forma de ensino distinta que contempla a necessidade da EJA com aulas dinâmicas, motivadoras e diferenciadas. A preocupação maior do CENEB é o currículo.

Para a criação do Centro Noturno de Educação da Bahia Maria Quitéria, houve o fechamento do turno noturno de algumas unidades escolares para a abertura de um Centro Especializado na EJA. São o total de onze escolas lançadas no estado para a criação dos Centros Noturnos. A Escola Estadual Alípio Franca é a penúltima criada. O Centro Noturno Maria Quitéria funciona num prédio emprestado. Os discentes integrantes do CENEB Maria Quitéria vieram oriundos de seis escolas: Escola Estadual Castro Alves, Colégio Estadual Paulo Américo de Oliveira, Colégio Estadual Ocridalina Madureira, Colégio Estadual Solange Hortélio Franco, Colégio Estadual Abílio Cesar Borges e Colégio Estadual Alípio Franca.

Estas escolas estaduais noturnas citadas acima fecharam porque havia uma evasão muito grande e o público que frequentava não se sentia acolhido com a estrutura. Diante da junção de uma demasiada quantidade de alunos evadidos dessas seis escolas, formou-se o Centro Noturno de Educação da Bahia Maria Quitéria.

No que diz respeito às modalidades de ensino, o Centro Maria Quitéria oferece: Tempo Formativo II — Eixos IV e V; Tempo Formativo III — Eixos VI e VII; Médio Regular, por ser um centro noturno, as aulas só são ministradas no turno noturno.

A equipe gestora é composta pelo Diretor, Vice Diretor Pedagógico (antigo secretário de educação do município de Maragogipe-BA), o Vice Diretor Administrativo, a Coordenadora Pedagógica e quatro articuladores: Articuladora Pedagógica, Articuladora de Arte e Cultura, Articuladora de Ciências e Tecnologia e Articuladora do Mundo do trabalho.

O quadro de professores é formado por trinta e oito docentes para atender a 748 estudantes da EJA. Deste número, 78 alunos evadiram. A instituição também é composta por funcionários da secretaria, três funcionários de apoio, três de limpeza, dois porteiros e cinco

recepcionistas.

A unidade de ensino dispõe de dezenove salas de aula, dois banheiros no térreo e dois banheiros no primeiro andar, diretoria com banheiro, uma sala de informática, uma biblioteca, um laboratório de ciências, um refeitório, uma secretaria, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de professores, com banheiros internos, uma sala de reprodução de provas e matrículas, duas dispensas, um depósito, uma quadra poliesportiva, uma sala de inservíveis. O prédio do Colégio Estadual Alípio Franca é emprestado e a partir de 2016 o CENEB Maria Quitéria funcionará no interior do Colégio Estadual Paulo Américo de Oliveira.

O Centro Noturno Maria Quitéria hoje está com 748 alunos matriculados, atendendo na faixa etária de dezoito a sessenta anos de idade. Recentemente, a instituição desenvolveu vários projetos, dentre os quais, destacam-se: o projeto macro: Direitos Humanos - Humanos Direitos? Tudo elencado com a cidadania. Este foi realizado através de aulas multidisciplinares, caracterizadas com leituras filmicas, documentários, espetáculos, e que contou com o apoio de toda a comunidade escolar. Este projeto teve a mediação da articuladora de Arte e Cultura, onde houve também atividades voltadas para as questões afrodescendentes – Consciência Negra.

Outro Projeto foi o Outubro Rosa e Novembro Azul, em que houve o reconhecimento das doenças, oficinas de sexualidade, fizeram a confecção de perfumes, palestras com médicos e relatos de pessoas que foram vítimas do câncer.

Um trabalho que também merece destaque em que os alunos da EJA adoraram foi a confecção de um jornal em que houve a descrição da península Itapagipana, onde foi relatado o direito dos pescadores, houve recorte de entrevistas, personalidades importantes e a criação dos classificados.

O CENEB Maria Quitéria também possui trabalhos culturais como Bandas, Teatros, Feira de Ciências, Saídas Pedagógicas, sendo que os professores acompanham os alunos nas referidas atividades.

Houve também um passeio cultural em que os discentes visitaram apresentações teatrais, foram ao cinema e viram a estreia do filme: “Oh pai Óh”, no antigo Glauber Rocha. Além disso, os discentes da EJA do CENEB Maria Quitéria participaram de um café com o ex presidente Luís Inácio Lula da Silva no Hotel da Bahia. Houve também um encontro deles com o governador Rui Costa e o lançamento do livro da professora responsável pelo eixo de arte e cultura na escola, da Universidade Federal da Bahia – UFBA – “Africanidade - Uma Política Social em Cena” que teve como culminância a presença da banda de teatro Olodum.

Outro evento cultural foi a participação da Semana de Ciência e Tecnologia do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI.

O CENEB também dispõe de três encontros quinzenais para os últimos eixos da EJA, com o intuito de preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio. Esses aulões são divididos por área de conhecimento.

O espaço onde funciona o CENEB M.Q. já teve alguns problemas no que tange à estrutura física como curtos circuitos, alagamentos, entre outros. No que se refere aos recursos tecnológicos, logo no início, havia a inexistência de recursos, como pincel atômico, por exemplo. Os professores e gestores/ articuladores tiveram que fazer uso de velhas tecnologias, uma vez que as novas não estavam disponíveis. Hoje, o CENEB M. Q. já dispõe de Data Show, Caixa de Som e Microfone.

A estrutura física não contribui para o trabalho, diante do espaço que é pequeno, comparado à quantidade de alunos, o que dificulta muito o processo pedagógico.

## **SUJEITOS**

Os sujeitos centrais da investigação foram jovens, entre 18 a 24 anos, integrantes da modalidade educativa EJA do Ensino Médio, correspondente aos dois últimos eixos da EJA.

Assim, foram envolvidos na pesquisa os jovens matriculados no Tempo Formativo III do ensino médio, que corresponde aos últimos eixos para concluir a EJA no Ensino Médio: Eixo VI e Eixo VII. O Eixo VI contemplava três turmas A, B e C e o Eixo VII correspondia a cinco turmas: A, B, C, D e E.

Escolhi trabalhar com alunos dos dois eixos porque não existe uma regra de matrícula para ingressar em ambos, principalmente porque eles são intercalados, ou seja, interdependentes. O Eixo VI constitui as disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês, Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Artes Laborais. Já o eixo VII contempla as disciplinas de matemática, química, física, biologia e artes.

O critério pelo qual fiz a escolha destes sujeitos como participantes centrais foi o fato de que diante da diversidade na EJA, suas participações possibilitaram o enriquecimento à pesquisa por meio da investigação acerca dos fatores da juvenilização, tendo em vista os discursos dos jovens acerca do contexto educacional em que se encontram. Vale salientar a importância das histórias de vida destes jovens que em suas maiorias são marcadas por desafios de ordem social e econômica.

Além disso, diante de um universo de várias turmas de EJA no ensino médio, escolhi o eixo VI e o eixo VII (ambos pertencentes ao ensino médio, correspondentes aos últimos anos)

porque os discentes estão saindo da escola, e pelo fato de serem os últimos anos, já vivenciaram todo o processo de ensino. Isso sugere a possibilidade de terem mais condições de estabelecerem um parecer de avaliação do ensino da EJA, além do fato de terem construído mais experiências no processo de escolarização. Pelo fato de corresponderem aos últimos anos, busquei investigar suas perspectivas futuras após saírem da escola (se pretendiam cursar uma faculdade, etc.).

Todos os alunos do eixo VI e o eixo VII responderam ao questionário, totalizando 125 respondentes. Esse instrumento foi aplicado com o intuito da identificação do perfil geral dos sujeitos.

A escolha dos alunos para as entrevistas se deu a partir do critério da idade entre 15 e 24 anos, em situações múltiplas, considerando o histórico de escolaridade: alunos com repetências contínuas, com queixas de problemas familiares, alunos que tem o perfil escolar considerado satisfatório, ou seja que apresentam um bom desempenho escolar, ou ainda alunos que faltam constantemente e vice-versa, dentre outros aspectos. Essa multiplicidade de fatores contribuiu para investigar o objeto de estudo a partir de variados contextos, possibilitando olhar os conflitos que emergiam. Vale ressaltar que estes critérios buscam uma inter-relação com os objetivos específicos da pesquisa.

Nesse sentido, os participantes da pesquisa foram:

- 125 discentes dos mais variados perfis do Tempo Formativo III (Eixo VI e Eixo VII) - respondentes do questionário.
- Oito estudantes da EJA, correspondentes seguintes eixos e as respectivas turmas, ou seja, 1 estudante de cada turma (Eixo VI – Turmas A, B e C) e Eixo VII (Turmas A, B, C, D, E) (Entrevista Semi- Estruturada). Esses oito estudantes também fazem parte do total dos respondentes dos questionários.
- O Vice-Diretor Pedagógico (Gestor) (Entrevista Semi- Estruturada e Questionário).
- Dois docentes efetivos da modalidade EJA representantes do Eixo VI e Eixo VII. (Entrevista Semi- Estruturada e Questionário).

O critério para a escolha dos professores para a realização da entrevista foi o seu contato direto com a modalidade EJA e o tempo de experiência na educação de jovens e adultos. O fornecimento de maiores informações a respeito do contexto educacional da EJA justifica a escolha desse critério.

## **INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO.**

Num primeiro momento foram aplicados cento e vinte e cinco questionários com todos os integrantes das turmas do último período que é o Tempo formativo III, correspondendo ao eixo VI eixo VII - dois últimos períodos - da modalidade EJA do ensino médio. A finalidade da aplicação deste questionário foi identificar e descrever os perfis dos discentes, incluindo questões familiares, socioeconômicas, de faixa etária e trajetórias escolares.

Posterior a aplicação do questionário, houve uma seleção constituída por oito estudantes que foram escolhidos a partir do critério de idade, entre 18 e 24 anos, com um histórico de vida diversificado, ou seja, alguns com o perfil de uma vida sofrida diante de problemas de família, drogas, condições sócio-econômicas precárias, e outros com o perfil inverso, ou seja, sem apresentar sequer tais tipos de infortúnios para haver a compreensão do fenômeno da juvenilização sob diferentes vieses e contextos.

Diante disso, a seleção contemplou não apenas estudantes com situações de repetências contínuas, condições sociais precárias, modelos diversos de famílias, sobretudo também participaram estudantes com uma trajetória considerada adequada aos padrões da sociedade. Estes sete estudantes participaram de uma entrevista Semi-Estruturada, no intuito de expor seus anseios, relatarem suas experiências, descreverem seus conceitos e ressignificarem suas histórias.

Foram observados aspectos importantes a partir de entrevistas Semi-Estruturadas, no que tange à trajetórias pessoais, laborais e perspectivas dos alunos jovens, incluindo as trajetórias escolares e motivações que os levaram a ingressar na EJA, além da discussão acerca do significado do que é ser jovem, incluindo os discursos construídos por eles acerca da presença da educação para as suas vidas. Os jovens também foram inquiridos acerca de como estes avaliam os conhecimentos ministrados na EJA diante de suas realidades, além de serem questionados a respeito das suas perspectivas futuras, no que tange à educação e ao mercado de trabalho.

Buscando responder aos objetivos propostos, para a realização da pesquisa e coleta de dados, utilizei os seguintes instrumentos e estratégias: Entrevista Semi-Estruturada, Questionário, Análise documental e visitação conforme quadro abaixo:



### Quadro 1 – Objetivos e instrumentos

Objetivos específicos	Instrumentos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Traçar o perfil dos jovens que ingressam na EPJA cada vez mais cedo.</li> </ul>	Análise documental e questionário.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as motivações que levam os jovens a desistirem do ensino regular e ingressarem na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada vez mais precocemente.</li> </ul>	Entrevista Semi-Estruturada e Questionário
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o sentido que os estudantes dão à Juvenilização na EPJA;</li> </ul>	Entrevista Semi-Estruturada e Questionário
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar, junto aos docentes desta modalidade de ensino, quais as principais dificuldades enfrentadas devido à juvenilização vivenciada na EPJA.</li> </ul>	Entrevista Semi-Estruturada

#### a) Análise Documental

A análise documental é um instrumento imprescindível, pois permite que o pesquisador analise detalhadamente o tema pesquisado. Nessa perspectiva, Oliveira (2007, p. 70) salienta que: “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico”.

Desse modo, Oliveira (2007, p. 90) relata: “O acesso a documentos escritos, seja em forma de relatórios, artigos, jornais, revistas ou mesmo em livros e documentos eletrônicos – em muito contribui para um conhecimento mais aprofundado da realidade”. Ou seja, a análise documental é de suma importância, pois ela permite a análise das propostas de diversos documentos da escola, a exemplo do Projeto Político Pedagógico.

A partir desta estratégia, houve o colhimento de informações através do site do INEP, acerca dos impactos da juvenilização em Salvador Bahia, incluindo as diretrizes operacionais da EJA a partir da pesquisa de documentos nacionais.

#### b) Questionário

Foi utilizado um questionário com o fim de identificar, a partir de dados quantitativos,

o perfil dos sujeitos da pesquisa. Todos os integrantes do Tempo Formativo III do ensino médio da EJA correspondente ao eixo VI e eixo VII participaram do questionário, totalizando 125 sujeitos.

Posteriormente, foi selecionada uma amostra com alguns jovens (entre 18 e 24 anos) deste mesmo período do ensino médio da EJA para darem prosseguimento à pesquisa, através da participação de entrevistas Semi-Estruturadas. O questionário foi organizado em blocos temáticos, contemplando o perfil sócio-econômico, familiar, escolaridade e outros dados.

A partir do questionário houve a coleta de dados fundamentais para a pesquisa. De acordo com Gil (2008):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Diante disso, percebe-se a importância do questionário e o cuidado no que tange à elaboração de questões específicas, de forma que contemplem os objetivos e as características dos pesquisados de forma satisfatória.

### **c) Entrevista Semi-Estruturada**

A entrevista semi-estruturada é um dos principais instrumentos utilizados na pesquisa qualitativa, ou seja, trata-se de um encontro de interações interpessoais por meio de uma conversa intencional. Ela envolve perguntas básicas acerca da pesquisa e traz um conjunto de questionamentos que vão surgindo de acordo com as respostas do entrevistado.

Este instrumento é muito importante, pois ele possibilita uma liberdade de expressão aos participantes, de modo que permite que estes exponham o que sentem, apresentem suas sugestões, mudanças, perspectivas e expectativas. Segundo Marconi e Lakatos (1986, p. 70):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Estas autoras defendem a entrevista como uma confluência entre dois indivíduos, objetivando a coleta de dados significativos além de inteirar-se acerca de algum fato em virtude de uma interação social, através de uma conversa.

Nesta perspectiva, Oliveira (2005, p. 32) ressalta em seu referencial: “A entrevista diferencia-se do questionário por estabelecer uma relação direta entre pesquisador (a) e

entrevistado (a) e pela utilização do registro das respostas em gravadores ou anotações manuais”.

Mediante o que a autora mencionou não se pode confundir a entrevista com o questionário, pois embora ambos sejam instrumentos de pesquisa, a entrevista é mais ampla, abrange mais conteúdos e envolve uma relação direta entre o pesquisador e o entrevistado.

No que se refere à Entrevista Semi- Estruturada, Triviños (1987) salienta que esta “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Desse modo, este instrumento possibilitou uma maior aproximação com os sujeitos centrais que terão maior autonomia para relatar suas experiências. A partir deste instrumento, houve a possibilidade de conhecer profundamente os alunos jovens da EJA através dos relatos das suas trajetórias acadêmicas, laborais, suas perspectivas e suas inquietudes, identificando, através da descrição da fala dos pesquisados, qual o sentido que os jovens atribuem à juvenilização, o que eles consideram ser jovem, e o que os impulsionam a desistirem do ensino regular e ingressarem na EJA. Além disso, conforme já foi mencionado, dois professores da modalidade EJA, um representando o Eixo VI e o outro representando o Eixo VII serão entrevistados. Além do Vice-Diretor Pedagógico representando a Gestão. Estes discutiram a temática Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos em Salvador Bahia.

### **Como os dados foram organizados:**

A análise de dados foi realizada com base no referencial teórico construído, levando-se em consideração as trajetórias escolares dos sujeitos. Os dados foram organizados em três itens, nomeados pelos objetivos específicos, cujas informações foram retiradas das fichas de protocolo e dos dados obtidos durante as entrevistas e questionários.

Esse processo de organização, ainda contou com a construção de categorias de análise a partir da codificação dos dados e sua relação com o texto do capítulo 1.

As informações foram organizadas seguindo uma sequência lógica de acordo com os objetivos da pesquisa. A análise interpretativa se evidenciou à luz das teorias estudadas no primeiro capítulo.

Os resultados da pesquisa foram apresentados em forma de texto e subdivididos em capítulos. O capítulo da análise de dados apresenta uma discussão que contempla cada objetivo específico e posteriormente seus resultados. As entrevistas foram descritas na íntegra,

contendo citações, objetivando fundamentar a análise.

### **Estrutura do Trabalho**

A estrutura do trabalho está dividida em dois capítulos. Na primeira parte - Introdução fiz um parecer do que será discutido em todo o corpo do trabalho, apresentando os aspectos metodológicos da pesquisa e tratando da contextualização, da caracterização do campo de investigação e dos sujeitos, os instrumentos utilizados para responder aos objetivos propostos, além do detalhamento de como os dados foram organizados.

No capítulo I faço uma breve revisão teórica onde discuto o histórico, o conceito da EJA e juvenilização, além dos impactos que este fenômeno pode causar; o fracasso escolar e a evasão do ensino regular e o ingresso na EJA.

No capítulo II apresento a análise dos dados coletados, relacionando os relatos dos participantes com vários autores: Freire (1967), Freire (1996), Freire (1987); Soares et al. (2007), Gonçalves (2002), Di Rocco (1979), Souza (2007) Souza (2008), Carvalho (2008), Brunel (2014), entre outros.

Nas considerações finais, apresento uma síntese dos resultados da pesquisa, sugestões e contribuições.

## CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - BREVE RETROSPECTIVA

No Brasil, um dos assuntos mais preocupantes é a Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com Di Rocco (1979, p. 5), a “Educação de adultos implica um amplo processo de transformação, voltado para indivíduos de 15 anos ou mais”. Já Gadotti e Romão (2006) ressaltam:

A educação básica de jovens e adultos é aquela que possibilita ao educando ler, escrever, compreender a língua nacional, o domínio dos símbolos e as operações matemáticas básicas dos conhecimentos essenciais das ciências sociais e naturais, e o acesso aos meios de produção cultural, entre os quais o lazer, a arte, a comunicação e o esporte. (GADOTTI e ROMÃO, p. 119).

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos trata-se de uma modalidade de ensino diferenciada, pois entende o aluno como um cidadão cheio de experiências e possuidor de cultura, todavia, carente de outros saberes. A esse respeito, Azevedo (apud TOLEDO, 1995, p.116) define esta como: “uma das ‘pontas’ que determina a evolução social, que dá significado e unidade ao organismo social, em cuja base está a economia, a outra ponta da evolução social”. Portanto, todo o homem é um ser social e cultural, possuindo saberes diversos, e essa diversidade torna-se um desafio para o professor da EJA que necessita aproveitar esses saberes distintos e a partir destes construir conhecimentos juntamente com os discentes. É importante que a partir deste aproveitamento de saberes priorize-se o respeito à autonomia dos discentes e a dignidade, pois a educação é concebida como conhecimento básico necessário a todos e é um direito humano fundamental.

Em 1932, a escola nova ganhou referência no Brasil, formada por um grupo de intelectuais. Este foi um movimento renovador que teve como objetivo a democratização diante da realidade histórica educacional da época.

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que seguiu alguns preceitos apresentados pelo manifesto e acrescentou o ensino primário de maneira integral, gratuita e obrigatória, possibilitando aos adultos o ingresso na escolarização.

Nesta perspectiva, a Constituição de 1934 reafirmou que a educação é um direito de todos e dever do estado. E isso desencadeou na garantia do ensino primário gratuito também aos adultos, consubstanciando, desse modo, um olhar diferenciado para a Educação de Adultos. Brandão (1999) ainda apresenta a discussão de Vanilda Paiva sobre a atuação de um dos integrantes do movimento da Escola Nova “*Paschoal Lemme*” na Educação de Adultos na década de trinta:

Paschoal Lemme organizou de 1934 a 1936 os “cursos de continuação e aperfeiçoamento” para adultos. Eram cursos voltados para os interesses da clientela, procurando atender não só as “oportunidades de emprego” como o aprendizado de certas atividades próprias da economia informal da época, como flores de pano, chapéus... Noturnos e livre, tais cursos, procuravam favorecer o acesso dos interessados, pela simplificação das matrículas que eram feitas sem nenhuma exigência burocrática; de 1934 a 1935 as matrículas quase quadruplicaram; apesar disso, ao final de 1935, quando o processo repressivo crescia no país, foi anunciada a impossibilidade de ampliar a oferta de vagas, por falta de verbas (BRANDÃO, 1999, p. 36).

Em 1938, houve a criação do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos). O INEP foi conseqüentemente um pressuposto para a implementação do Fundo Nacional do Ensino Primário em 1942. O objetivo desse fundo era ampliar a educação, contemplando inclusive a educação de adultos através do ensino supletivo.

A nível internacional, em 1946, houve a criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) na França, tal organização que tem como principal objetivo reduzir o analfabetismo no mundo, cooperou e vem cooperado ao combate dos altos índices de analfabetismo. Nesse mesmo ano surgiu a lei orgânica do ensino primário que prognosticava o ensino supletivo.

Apenas por volta de 1946-1947 é oficializada uma primeira campanha nacional de alfabetização de jovens e adultos, organizada e coordenada pelo educador e integrante do movimento dos pioneiros da Escola Nova, Lourenço Filho. E essa mesma campanha durou até meados dos anos 1950. Ou seja, os indivíduos que não tiveram acesso à educação na faixa etária entre 07 aos 14 anos, passavam a se integrar à Educação de Adultos. A única vicissitude dessa campanha era que ela restringiu a abrangência de conteúdos apenas para a alfabetização e, apesar desse infortúnio, ela trouxe percepções imprescindíveis como o fato de que a alfabetização apenas não resolve os problemas da sociedade. A ação escolar sozinha não resolve, é preciso que seja um trabalho conjunto com a comunidade e com a família. Muitas vezes percebe-se a ausência da parceria desse tripé: escola, comunidade e família. Nesta perspectiva, Vidal (2001) elucida a importância da prática laboratorial:

Porque o ensino é exatamente uma prática, uma técnica, uma arte. Porque, no ensino, há que saber fazer não simplesmente que saber dizer como já se fez, ou seja se poderá ou deverá fazer. Aprende-se a fazer, fazendo. Se quisermos, pois, formar professores, teremos que pô-los em situações reais de ensino, em face de classes, vivendo experiências reais (VIDAL, 2001, p.118).

Nesta perspectiva, a partir da visão de Lourenço Filho, a formação de professores estava atrelada à práxis, ou seja, através da prática e da experiência, o professor criava requisitos para a sua formação enquanto educador. Existem inúmeras circunstâncias que causaram o aumento do analfabetismo no Brasil. De acordo com Jorge Nagle (apud Carvalho,

1998, p. 32), os motivos foram: a educação da sociedade no Brasil de 1920 a 1929; o otimismo pedagógico que perdurou de 1920 a 1960; o entusiasmo pela educação; o realismo pedagógico; a educação popular e a educação de adultos.

Sobre o otimismo pedagógico, Carvalho (1998, p. 32) salienta, a partir do trabalho de Jorge Nagle, que o “Otimismo Pedagógico” manteria o “entusiasmo”, a crença no poder da educação, mas não de qualquer tipo de educação, enfatizando a importância da “nova” pedagogia na formação do homem novo. Ou seja, foram basicamente os ideais de esperança de que através da educação se chegasse à emancipação social e a formação do homem enquanto ser constituído de saberes.

Jorge Nagle chama de otimismo pedagógico a tendência que se desenvolveu no campo educacional durante a primeira república. Este enfatiza o otimismo pedagógico no contexto social e teórico deste campo.

Carvalho (1998, p. 32) ainda salienta acerca do entusiasmo pela educação: O “entusiasmo pela educação” caracterizar-se-ia pela importância atribuída à educação, constituída como o maior dos problemas nacionais, problema de cuja solução adviria o equacionamento de todos os outros.

Ou seja, diante da afirmação de Carvalho, percebe-se que através do entusiasmo pela educação, a escola foi vista como um instrumento de participação política, a visão que se tinha da escola era explicitamente política. A educação tinha uma relevância atribuída pela população e esta era um problema político.

Brandão (1999) ainda salienta acerca da obra de Vanilda Paiva que elucida sobre a Educação de Adultos:

Educação Popular e Educação de Adultos, de Vanilda Paiva foi a primeira obra, de importância no trato do tema da democratização do ensino, a retomar as categorias de Nagle. Ao fazê-lo, a autora acrescentou ao entusiasmo e ao otimismo uma terceira – o realismo em educação – no objetivo de ampliar o esquema de Nagle, para a análise dos movimentos educativos que lutavam por uma educação mais democrática (BRANDÃO, 1999, p.35).

Nesta perspectiva, Paiva enfatizou o caráter quantitativo do entusiasmo pela educação, analisando suas relações, destacando também o caráter qualitativo do otimismo pedagógico. A EJA não se tratava apenas de uma restituição do ensino primário. Era uma ação educativa, intitulada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), como: “educação de base” que se caracterizava pela retroalimentação dos conteúdos do ensino primário. O grande fruto dessa campanha era estender a escolaridade obrigatória como ensino supletivo. Houve um esforço exacerbado do desenvolvimento da EJA para aqueles que não tiveram escolarização.

Outro grande resultado dessa campanha foi a percepção de que a alfabetização apenas não solucionaria as vicissitudes na Educação de Jovens e Adultos. Por isso, foi necessária uma ação mais ampla, capaz de transformar o indivíduo em suas ações.

Os anos de 1940 tiveram papel relevante no que tange à Educação de Adultos, fato que está atrelado ao desenvolvimento econômico em que o país passava nesse período. A educação passa a ser questão de segurança nacional, uma vez que o atraso do país era relacionado à falta de instrução do seu povo. Nesse sentido, em 1947, ocorreu o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, com o slogan: “ser brasileiro é ser alfabetizado”. E em 1949 foi realizada a I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA), na Dinamarca.

Os meios de comunicação também foram muito importantes, pois estes contribuíram para o processo de alfabetização dos jovens e adultos do meio rural. Em 1957, surgiu uma experiência intitulada SIRENA, que foi o Sistema Rádio Educativo Nacional voltado para educação de adultos, coordenada pelo Ministério da Educação, sob a orientação de Lourenço Filho.

Entre 1958 a 1961, dois importantes marcos foram realizados: houve a Campanha Nacional de Adultos (CNEA) e o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, onde Paulo Freire foi a maior expressão do cenário progressista da educação neste acontecimento. Diante disso, o Estado, através do Ministério da Educação, propôs uma reestrutura do ensino elementar, considerando a capacitação de professores voltados apenas para o ensino da Educação de Adultos.

Desse modo, subdividiram o ensino por turnos, onde os adultos estudavam no período noturno e as crianças do ensino regular num turno diurno. Freire criou uma metodologia que valorizou o excluído. Ele despertou a valorização do sujeito pertencente à Educação de Adultos como um ser histórico e cultural que constrói o mundo, valorizando seus saberes, além de conseguir sistematizar o método de alfabetização para jovens e adultos, partindo de suas realidades, fazendo um levantamento do universo vocabular expressado pelos jovens e adultos, conhecendo o seu mundo. Assim, a partir do contexto e dos saberes trazidos para a sala de aula são reconstruídos novos conhecimentos.

A partir de 1961, após a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que reconhecia legalmente a educação como um direito de todos, inclusive o adulto, houve a criação e atuação do Movimento de Educação de Base (MEB), voltado para a Educação de Adultos. Ele foi fruto da aliança do Estado com a Igreja Católica, onde assumiu um pacto com os indivíduos do campo sobre a educação e a cultura. Era uma educação



voltada para a realidade do povo que a frequentava, foi a partir desta circulação que o movimento de cultura popular se desencadeou. Tal movimento teve como um dos principais precursores Paulo Freire.

O Brasil passou por intensas transformações políticas e econômicas, período da ditadura militar, as ações e campanhas foram interrompidas e muitos dos educadores, principalmente Paulo Freire e participantes dos movimentos sociais da época, que lutavam a favor de uma educação crítica, visando à transformação social e não meramente à adaptação da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas foram suprimidos, sendo estes calados e Paulo Freire foi exilado (DI PIERRO, et al, 2001).

Entre 1965 e 1967, foi criada a cruzada ABC (Ação Básica Cristã) que tinha o intuito de contestar política e pedagogicamente os programas anteriores de alfabetização de adultos, em especial o Sistema Paulo Freire.

O principal programa criado pela ditadura militar foi o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), em 1967, e que durou até 1985, período de redemocratização do país. O objetivo do MOBRAL era erradicar o analfabetismo num curto espaço de tempo. O MOBRAL foi substituído pela Fundação Educar que durou de 1985 até 1990 e tinha como principal objetivo promover a execução de programas de alfabetização e de educação básica não-formais destinados àqueles que não tiveram acesso à escola ou dela foram “excluídos”.

A educação de Jovens e adultos permaneceu como questão secundária até a Constituição cidadã, de 1988, que foi fundamental para a redemocratização do país pós-ditadura militar. Somente a partir do capítulo II, artigo VI, a educação passou a ser um direito social e uma obrigação do Estado, de forma gratuita e qualificada, contemplando as idades dos quatro aos dezessete anos, excluindo, consequentemente, a EJA.

Segundo a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996), a Educação de Jovens e Adultos é mais do que um direito, é a porta para a construção de uma política de inclusão social mais justa, fazendo com que o indivíduo exerça seu papel na construção e transformação da cidadania, participando de forma ativa da vida em sociedade.

Em 2000, foi instituída as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos que se configurou como um marco relevante, uma vez que nesta há o reconhecimento da especificidade do público da EJA, com os seguintes aspectos: concepção dessa modalidade, formação de professores, idade mínima de ingresso nos cursos de EJA (15 anos para o ensino fundamental e 18 para o médio), etc. O Estado passou a atuar mais diretamente na EJA destinando verbas aos municípios, com a finalidade de cooperar para o Programa Brasil Alfabetizado, criado em 2003, fato que foi possível mediante intensas e

constantes lutas travadas por movimentos organizados, principalmente por educadores de EJA, atuantes nos fóruns estaduais e regionais.

Outro avanço ocorreu através do Decreto 5.478/2005 que instituiu o PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos). Tal decreto sofreu alterações promovidas pelo Decreto Nº 5.840, de 2006, principalmente no que concerne à ampliação da abrangência transformando o PROEJA em um Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade EJA, não mais limitando a abrangência dos cursos ao ensino médio com educação profissional técnica de nível médio. Também em 2005 foi criado o PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens), com a aprovação da Lei 11.129, tal programa foi reestruturado em 2008 quando passou a se chamar PROJOVEM Integrado que tem como principal objetivo capacitar jovens para o mercado de trabalho.

Posteriormente, o parecer CNE/CEB n. 23/2008 que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos foi aprovado em 2010 tendo como foco reexaminar três aspectos que já constava nas Diretrizes de 2000: duração e idade mínima para os cursos de EJA; idade mínima e certificação para os exames; a relação Educação a Distância e Educação de Jovens e Adultos.

Em 2009, o Brasil sediou a VI CONFINTEA (Conferência Internacional de Educação de Adultos), tendo como um dos principais pontos discutir sobre a necessidade de instrumentos de advocacia para Educação de Adultos, bem como a reafirmação dos compromissos que não foram plenamente assumidos desde a conferência anterior (SOARES, 2004).

## **1.1 JUVENTUDE E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

O desenvolvimento da escolaridade no Brasil é algo recente. Nos últimos 50 anos, uma grande parte da juventude brasileira ficou fora da escola ou teve acessibilidade apenas aos níveis iniciais de ensino.

No Brasil, em meio a crise social, os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” reafirmam um expressivo desenvolvimento do acesso à escola por parte da população juvenil. Essa demanda de oportunidades escolares vigorou na década de 1990 e ocorreu no período de uma forte crise econômica que travou o crescimento, repercutiu em desigualdades, além de trazer outras consequências como o elevado índice de desemprego. De acordo com Sposito (2005), “Em 2001, cerca de 60% dos 34 milhões de jovens ainda não

estavam frequentando a escola, apesar de um crescimento significativo, observado a partir de comparações com anos anteriores [...]”.

A análise de Hadad (2007) sobre a alfabetização de adultos no Brasil em relação aos dados do IBGE de 2003 destaca:

Os maiores de 15 anos que não tinham os quatro últimos anos do ensino fundamental totalizavam 39 milhões de pessoas, entre as quais somente 4,2 milhões estavam frequentando a escola. Ora, isso significa que, em 2003, 61 milhões de pessoas com mais de 15 anos não haviam conseguido concluir o ensino fundamental no Brasil – que é direito de todos, independente da idade. Desse montante, apenas 6,6 milhões, pouco mais de 10%, estavam buscando completar a sua escolarização (HADAD, 2007, p. 190).

A problemática correlacionada à Educação de Jovens e Adultos não é uma situação recente no país. A partir do relato de Haddad (2007), percebeu-se que, em 2003, o número de concluintes da EJA do Ensino Fundamental - E.F. foi bem reduzido, comparando-se à totalidade de pessoas que não possuíam os quatro últimos anos do E.F.

O processo de alfabetização de adultos, por exemplo, desde outrora, tem caminhado de forma lenta. Diante disso, reforça-se a necessidade de um debate do contexto educacional das políticas públicas voltadas para esta modalidade educativa.

O Censo Escolar de 2014 apontou que o Brasil chegou a 3,5 milhões de pessoas matriculadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), voltada para os alunos que não puderam completar seus estudos durante o período de idade regular, ao longo da infância e da adolescência. Diante disso, foi diagnosticado que 30% dessas matrículas eram de jovens na faixa etária entre 15 e 19 anos, ou seja, percebe-se a incidência da juvenilização na EJA.

O elevado número de matrículas de jovens na EJA tem representado um enorme desafio aos professores que buscam adequar o ensino de acordo com as realidades distintas, como por exemplo, a questão da heterogeneidade de idades e diferentes ritmos.

A EJA, no Brasil, acaba assumindo a incumbência de reincorporar na educação toda a diversidade considerada rejeitada pelo sistema regular, incluindo jovens com deficiência intelectual.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, feita em 2013, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE revelou que, em 2013, 83,3% dos jovens brasileiros entre 15 e 17 anos estavam na escola. A mesma pesquisa aponta que 71,7% dos adolescentes de 16 anos concluíram o ensino fundamental e apenas 54,3% dos jovens de 19 anos concluíram o ensino médio. O Plano Nacional de Educação tem como meta 3 a universalização do Ensino Médio. Esse documento aponta que o Brasil nessa etapa necessita aumentar 85% a taxa líquida de matrícula até 2016. Embora haja um número demasiado de

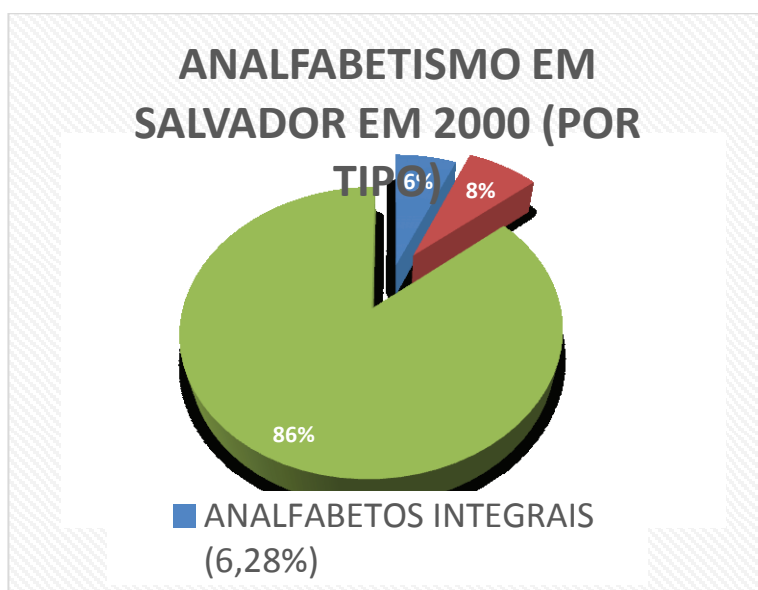
matrículas na EJA, o índice de evasão também é significativo, principalmente entre jovens de 15 a 19 anos, por motivos diversos. Nesta perspectiva, o Plano Nacional de Educação (PNE) – meta 10 indica que o Brasil oferecerá 25% das matrículas de EJA atreladas à educação profissional até 2020.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de matriculados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil no ano de 2015, modalidade presencial foi de 462.549 no Ensino Fundamental e 879.244 modalidade Ensino Médio. Embora haja uma grande incidência de matrículas de jovens na modalidade EJA, estes também são muitas vezes excluídos por motivos diversos: a falta de identificação com a escola; os conteúdos ministrados são discrepantes diante da realidade deles, a distinção de comportamentos e ritmos de aprendizagem entre eles e o público mais velho. Porém, olhando por outro ângulo, a diversidade em sala de aula pode possibilitar resultados favoráveis não só para os docentes, sobretudo para os discentes, uma vez que o desafio do convívio com a heterogeneidade permite uma relação de experiências diversas, trocas de saberes e construção de novos conhecimentos.

## **1.2 A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SALVADOR (BA)**

Em Salvador, o contexto educacional é marcado pelo analfabetismo no ensino público, entre pessoas jovens e adultas, fruto das desigualdades existentes em nosso país que crescem gradativamente, de acordo com os desequilíbrios regionais. O resultado desta problematização está explicitado no Gráfico 1:

**Gráfico 1: Analfabetismo em Salvador em 2000 ( Por Tipo)<sup>1</sup>**

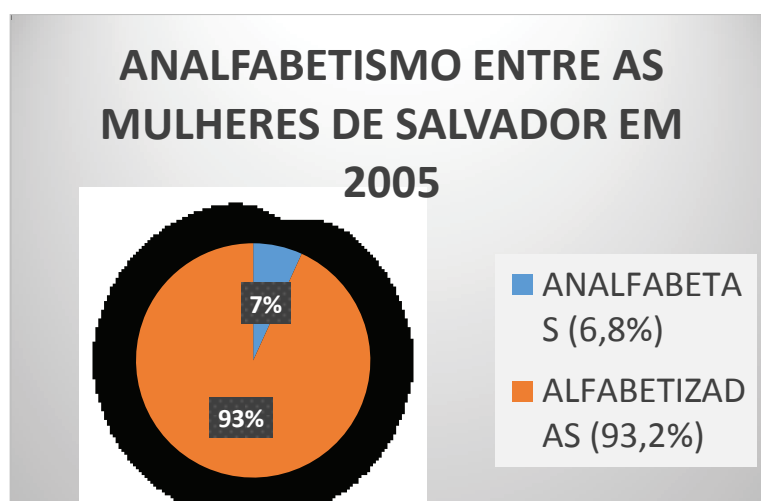


O Censo de 2000 apontou que Salvador possui 113.366 analfabetos integrais, o que significa 6,28% de 1.804.631 pessoas com 15 anos ou mais. É claro que ainda são muitas pessoas, no entanto, do ponto de vista de políticas públicas, no que tange a um investimento por parte do estado, torna-se um problema solucionável. Outro fator significativo é o número elevado de pessoas analfabetas funcionais. No ano de 2006, 6,5% da população com 15 anos ou mais estava nessa situação, representando 135 mil pessoas.

De acordo com os dados do IBGE/PNAD- 2005 a maior incidência de analfabetismo em Salvador (Bahia) é entre pessoas do sexo feminino. O gráfico abaixo retrata essa questão:

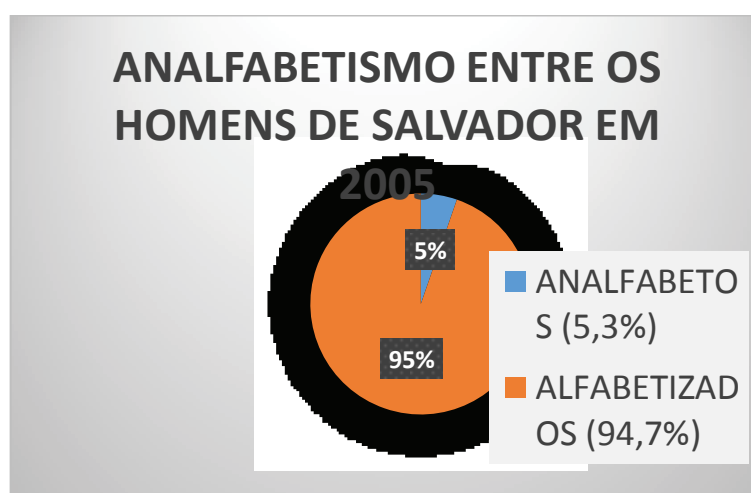
<sup>1</sup> Fonte: Plano Municipal de Educação (PME) de Salvador Bahia – 2009. Disponível em: [http://www.cms.ba.gov.br/updiv/mexe-4/files/m\\_05\\_09.pdf](http://www.cms.ba.gov.br/updiv/mexe-4/files/m_05_09.pdf). (Gráfico elaborado pela autora).

**Gráfico 2 – Analfabetismo Entre as Mulheres de Salvador em 2005<sup>2</sup>**



O gráfico, a seguir, representa o índice de analfabetismo entre os homens no município de Salvador Bahia:

**Gráfico 3 – Analfabetismo Entre os Homens de Salvador em 2005<sup>3</sup>**

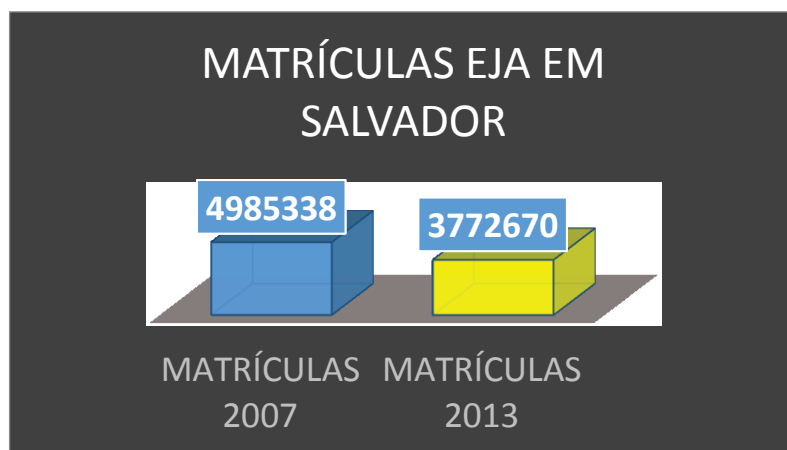


Quanto maior a pobreza, maior a incidência de analfabetismo. Entre os homens, uma minoria ainda não alcançou o êxito de ser alfabetizado. Diante disso, de acordo com o Censo escolar de 2013, as matrículas na modalidade EJA diminuíram em relação à 2012. O gráfico abaixo explicita esta situação:

**Gráfico 4 – Matrículas EJA em Salvador (Fonte: INEP)<sup>4</sup>**

<sup>2</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>.

<sup>3</sup> Fonte: Análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005. Disponível em: [http://www.cgee.org.br/arquivos/Livro2\\_Educacao.pdf](http://www.cgee.org.br/arquivos/Livro2_Educacao.pdf). (Gráfico elaborado pela autora).



Neste sentido, em 2007, haviam 4.985.338 matriculados na EJA. Já em 2013 a quantidade foi de 3.772.670 discentes.

Nesta perspectiva, em seis anos, houve uma queda de 25% nas matrículas da EJA. A Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer – SECULT, juntamente com a Prefeitura Municipal de Salvador definiu como objetivo, em 2010, alfabetizar 60.000 homens e mulheres por meio do Programa Brasil Alfabetizado, no âmbito da inclusão social e da erradicação do analfabetismo.

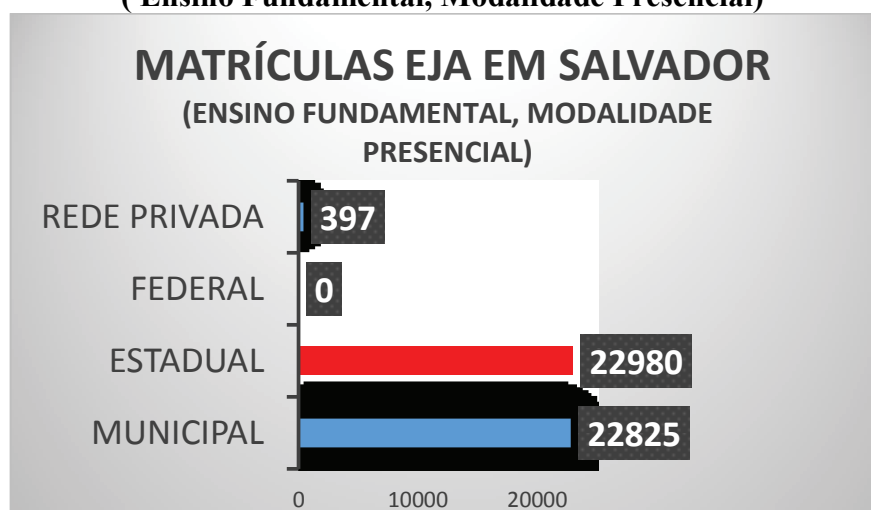
Os dados referentes aos resultados finais do Censo Escolar 2014 apontam que no município de Salvador, no ano de 2014, o número de matriculados na EJA presencial no período do ensino fundamental na rede estadual foi de 22.980, na rede municipal foram 22.825, na dependência privada foram 397 alunos, totalizando 46.202 alunos matriculados na EJA Ensino Fundamental.

No ano de 2015, em Salvador Bahia, dos 20 mil alunos matriculados na rede municipal de ensino, 30% não frequentam as aulas. Durante o ano letivo, cerca de seis mil alunos desistem das aulas. E, em virtude da evasão, o município perde anualmente cerca de 20 milhões de reais. O gráfico, a seguir, salienta isto.

**Gráfico - 5 - Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador**

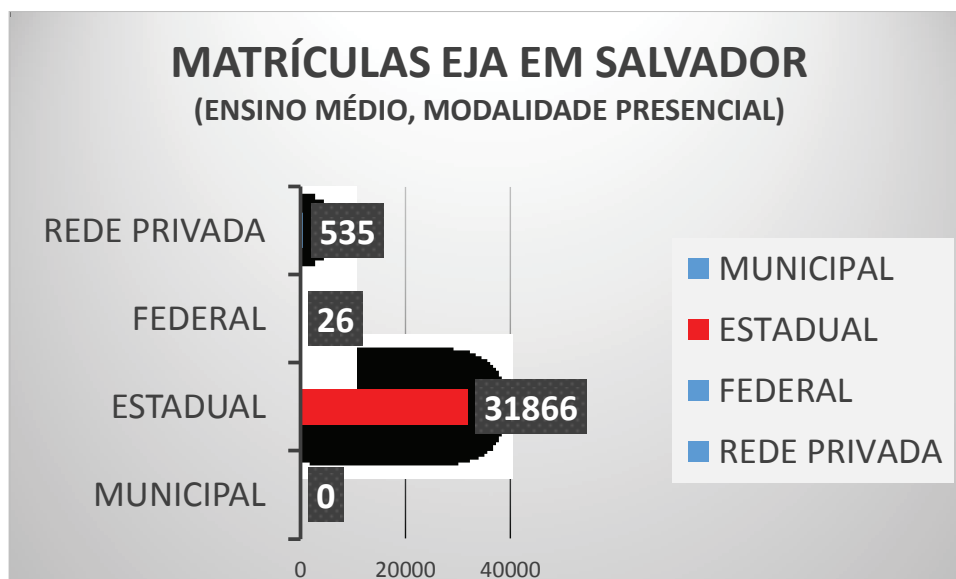
<sup>4</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. (Gráfico elaborado pela autora).

(Ensino Fundamental, Modalidade Presencial)<sup>5</sup>



Já na modalidade EJA presencial, no ensino médio, foram 31.866 alunos matriculados na rede estadual, 26 discentes matriculados na rede federal, nenhum aluno matriculado na rede municipal e 535 alunos matriculados na rede privada, totalizando 32.427 discentes. O gráfico, a seguir, apresenta dados das matrículas EJA em Salvador Bahia no Ensino Médio – Modalidade presencial:

**Gráfico 6: Censo escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador**  
(Ensino Médio, Modalidade Presencial)<sup>6</sup>



Nesta perspectiva modalidade EJA, semi-presencial no mesmo ano, no ensino

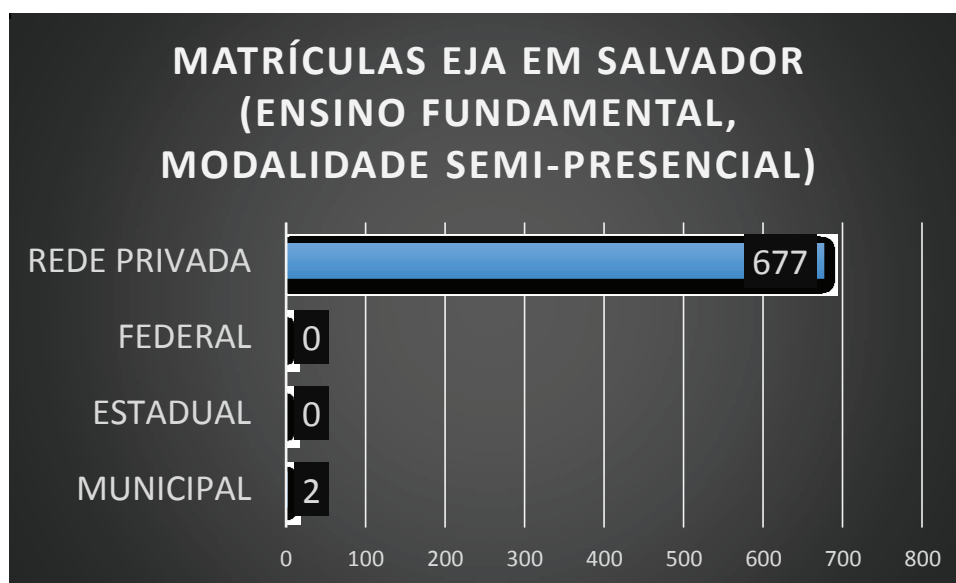
<sup>5</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-legislacao>. (Gráfico elaborado pela autora)

<sup>6</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-legislacao>. (Gráfico elaborado pelo autor)



fundamental não houve matrículas para as redes estadual e federal. Houveram duas matrículas para a rede municipal e 677 matrículas na rede privada, totalizando 679 matrículas para esta categoria, conforme aponta o Gráfico a seguir:

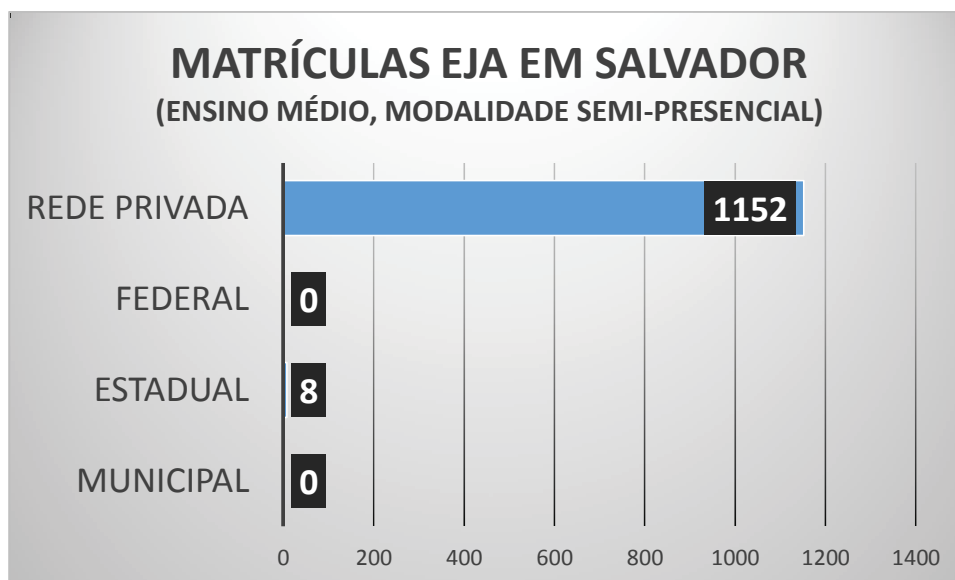
**Gráfico 7 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador  
(Ensino Fundamental, Modalidade Semi- Presencial)<sup>7</sup>**



Diante disso, a modalidade EJA Semi-Presencial no Ensino Médio foram constatadas (oito) 8 matrículas na rede estadual, não houveram matrículas na rede federal e municipal e foram averiguadas (mil cento e cinquenta e duas) 1152 matrículas na rede privada, totalizando 1160 matrículas para esta modalidade. O Gráfico, a seguir, apresenta estes dados:

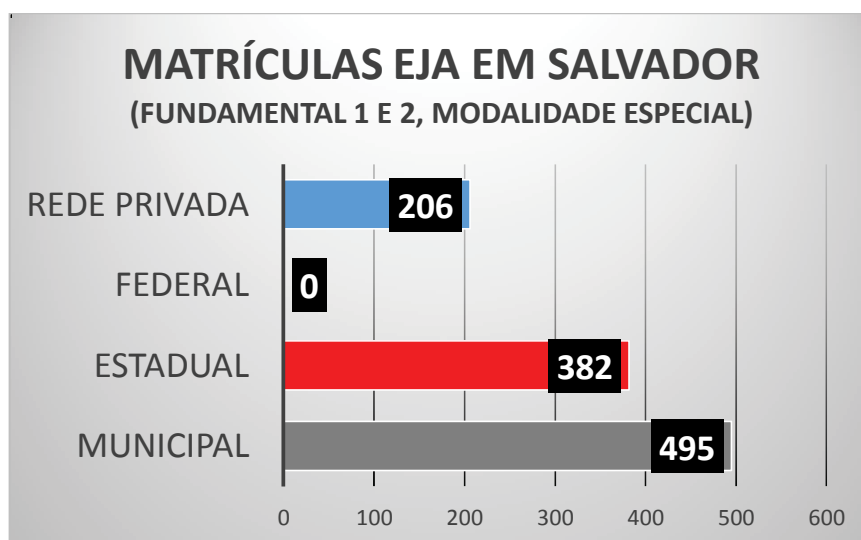
**Gráfico 8 - Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador Bahia  
(Ensino Médio, Modalidade Semi- Presencial)<sup>8</sup>**

<sup>7</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Gráfico elaborado pela autora).



Já a EJA Fundamental 1 e 2, modalidade Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos), foi diagnosticado 382 alunos matriculados na rede estadual, nenhum educando na rede federal, 495 na rede municipal e 206 matriculados na rede privada, totalizando 1.083 alunos. O Gráfico abaixo ilustra essa questão:

**Gráfico 9 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador (Fundamental 1 e 2, Modalidade Especial)<sup>9</sup>**



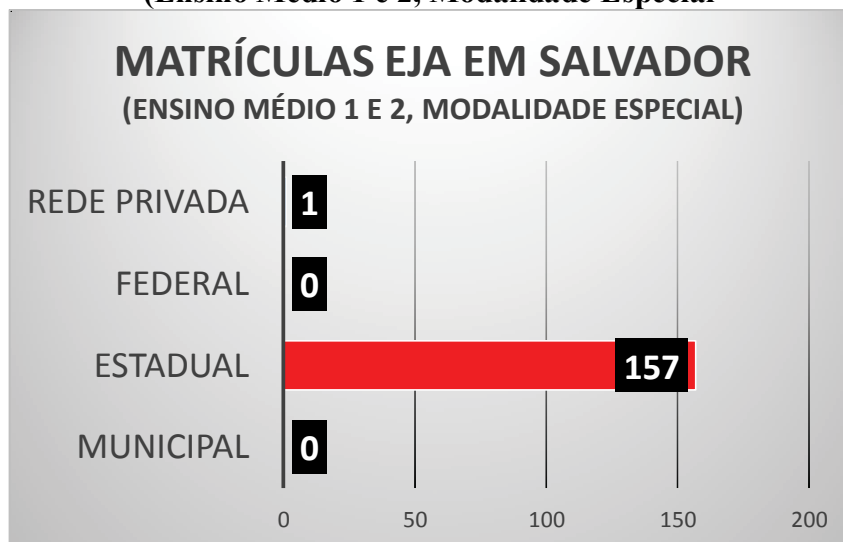
Nessa mesma categoria de Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos), nas classes de EJA do Ensino Médio 1 e 2, constatou-se 157

<sup>8</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. (Gráfico elaborado pela autora).

<sup>9</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. (Gráfico elaborado pela autora).

matriculados na rede estadual. O Gráfico, a seguir, explicita a quantidade de matriculados na rede estadual de ensino:

**Gráfico 10 – Censo Escolar 2014: Matrículas EJA em Salvador  
(Ensino Médio 1 e 2, Modalidade Especial)<sup>10</sup>**



Não houve matrículas nas redes federal e municipal; houve uma matrícula na dependência privada, tendo o total de 158 alunos.

Neste sentido, entre 2012 e 2013, 1,6 milhões de crianças e adolescentes abandonaram a escola. Nas instituições públicas de ensino médio, 10,4% dos discentes matriculados no início do ano de 2012 desistiram antes do fim do ano. Cerca de 1,5 milhões de jovens entre 15 e 17 anos, que seria de suprema importância estarem na escola no ensino médio, estão fora da instituição.

No que tange à questão da idade quanto ao ingresso na modalidade EJA, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, de 1996, assegurou no artigo 38 que a idade mínima para realizar exames supletivos é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio.

Diante dessa deliberação, entendia-se que o discente poderia frequentar também a modalidade EJA. Diante disso, o Conselho Nacional de Educação – CNE perseverou com a deliberação da LDB, defendendo que a oferta da EJA deve ser variada, com o objetivo de atender jovens com mais de 15 anos. Houve diversos debates em torno da Resolução nº 03 na tentativa de reduzir a idade mínima. Um dos pontos debatidos era que a Resolução definisse dezoito anos (18) como idade mínima para ingresso na EJA. No entanto, os resultados da discussão apontaram que a idade seria conservada, ou seja, quinze (15) anos.

A grande preocupação da elevação da idade mínima da EJA para 18 anos seria a

<sup>10</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Gráfico elaborado pela autora).

expulsão de muitos jovens com idades inferiores que estavam matriculados na EJA, os quais, em sua grande maioria, não iriam reingressar na escola no ensino regular.

A Secretaria Estadual de Educação permite a matrícula de jovens com menos de dezoito anos no EJA, apenas em casos de exceções: os que trabalham durante o dia, por exemplo, e, mesmo assim, com uma autorização que legitime o jovem que está nesta condição.

### **1.3 FENÔMENO DE JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Conforme a literatura nos indica, o fenômeno da juvenilização é recente. Segundo pesquisas, essa temática começou a ser discutida em 1990. Para compreendermos a juvenilização, é necessário que entendamos primeiramente o conceito de juventude, e sobre este aspecto, Charlot (2006) salienta:

O termo juventude refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante a qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero (CHARLOT, 2006, p.13).

Desse modo, conforme a literatura nos indica, o fenômeno de Juvenilização é recente e decorre das transformações culturais com relação às temporalidades humanas na sociedade contemporânea.

Neste sentido, a juventude é uma fase da vida caracterizada por diversas singularidades, diferentes grupos, gêneros que compreende condições perspectivas e fatores sociais distintos, tendo em vista a diversidade, considerando a faixa etária. E esta se transforma mediante o tempo.

Nesta perspectiva, houve uma mudança no perfil da Educação de Jovens e Adultos no que se refere à escolarização, pois esta juventude foi inserida precocemente nesta mesma modalidade, tornando-se, hoje, em muitas escolas, maioria entre a totalidade de alunos, e, diante dos conflitos que essa diversidade instiga, fica evidente a complexidade do fenômeno juvenilização na educação de jovens e adultos, uma vez que a escola como um espaço de conflitos, abrangendo um público mais maduro juntamente com um público jovem, acarreta uma maior complexidade na forma de ensino.

Singer (2005, p. 37) salienta que “Compõem a juventude pessoas que estão na mesma faixa etária, digamos dos 16 aos 24 anos”. Ou seja, este período é a fase considerada de transição para a adultização. Já Abramo (2005) ressalta que:

Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano. No entanto, quando se busca precisar um pouco mais o próprio termo, as dificuldades aparecem, e todo o seu aspecto impreciso e escorregadio toma relevo. Muito do que se escreve na academia sobre juventude é para alertar os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra (ABRAMO, 2005, p. 37).

Neste contexto, percebe-se a amplitude do conceito juventude, pois a definição vai além das nuances relacionadas à idade. Este tema tem sido alvo de discussões em trabalhos acadêmicos, principalmente por conta das singularidades existentes entre os jovens, suas angústias, pensamentos e inquietudes. De acordo com Margulis (1996):

La juventud se erige en vanguardia portadora de transformaciones, notórias o imperceptibles, en los códigos de la cultura, e incorpora con naturalidade los cambios en los costumbres y en las significaciones que fueran objeto de luchas en la generación anterior; su sensibilidad, sistema perceptivo, visión de las cosas, actitud hacia el mundo, sentido estético, concepción del tiempo, valores, velocidades y ritmos nos indican que está habitando con comodidad un mundo que nos va dejando atrás (MARGUILIS, 1996, p. 9).

Percebe-se que a juventude é uma estação da vida que possibilita ao jovem a função de protagonista social, com a possibilidade de ser precursor de transformações sociais. Desse modo, Sposito (1996 apud Galland e Singly 2000, p. 89) salienta: “[...] a juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação”.

Neste sentido, a juventude é uma fase da vida em que há a procura incessante pela autonomia, a partir das relações de experiências e singularidades, buscando a formação da identidade. Sposito (2005) ressalta a crise das instituições tradicionais (família e escola) diante do fato de garantir a transição do jovem para a vida adulta. A família e a escola são componentes necessários para a formação da juventude. A escola é um elemento imprescindível para garantir que diversos grupos e classes reproduzam-se culturalmente.

Desse modo, as representações dominantes do tripé representado pela infância, adolescência e juventude constituem a escola. A autora discute a descronologização dos ciclos de vida, a desregulação das etapas e a desinstitucionalização da condição juvenil, que possibilita vivenciar as etapas da juventude de forma díspares, comparando-se ao que foi vivenciado pelas gerações de outrora. Fanfani (2000, apud Sposito, 2005) argumenta que: “a

expansão da escolaridade e a progressiva retirada da criança e do jovem do mundo do trabalho criaram a imagem moderna da juventude, de tal forma, que afirmam alguns autores”, “escolarização faz juventude”.

Partindo do pressuposto do conceito de juventude, os jovens que estão no sistema de ensino, vivenciam experiências que possibilitam uma autonomia de escolha. E diante do conceito de Juventude, percebe-se que este vai além da cronologia da vida, pois engloba questões culturais e sociais diversas.

Nesta perspectiva, em outrora, o ensino da EJA era conhecido como educação de adultos. Diante do processo histórico, percebeu-se algumas mudanças no perfil de alunos correspondentes à modalidade de EJA, tendo em vista que antes esta modalidade era destinada apenas para o público mais maduro. Hoje, em virtude de algumas vicissitudes ou situações pessoais relacionadas aos jovens, as quais, de certa forma, interferiam em seus estudos, como a desistência do ensino regular, falta de interesse pelos estudos, interrupção por conta de atividades trabalhistas ou situações de gravidez precoce, o ingresso no mundo da ilegalidade através da criminalidade, violência e drogas, a precariedade de condições socioeconômicas, ausência de vagas no ensino regular, mudança de cidade, irregularidades do sistema educacional, entre outras tristes realidades, houve a inserção do público mais jovem no ensino noturno.

O ensino da EJA atende a um público diversificado, com diversos grupos sociais e faixas etárias distintas. Por isso, diante dessas nuances, é interessante que a escola estabeleça relações com o aluno de forma geral, promovendo debates, diálogos, trocas de saberes e práticas inovadoras que contemplem as realidades múltiplas dos educandos, correspondendo, sobretudo, as suas expectativas.

Sabe-se que historicamente os jovens e adultos, que por algum motivo, tiveram o processo educacional interrompido, ou inacessível, tiveram, por sua vez, o direito à educação negado. Isso porque o Estado não investiu numa educação que contemplasse a realidade dessas pessoas. E este, por sua vez, tenta desresponsabilizar-se das suas obrigações com a educação que evidencia constantemente situações lamentáveis.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a educação de jovens e adultos, ao invés de ter o âmbito da humanização, submete-se às políticas públicas exigidas no mercado, tornando o indivíduo heterônomo. É nítido que a práxis da EJA carece de reformulação, pois esta, na maioria das vezes, não estimula o desenvolvimento da criticidade do indivíduo para que o mesmo consiga de forma independente, desenvolver e aprender e exercer sua autonomia.

Neste sentido, o ensino da EJA, em que outrora era direcionado apenas para um

público adulto, tem a necessidade de ser ressignificado para que haja eficácia para os dois públicos, tanto o mais jovem, quanto o mais maduro, e para que a educação contemple a realidade de todos de forma satisfatória.

O tempo apresentou influência marcante no comportamento dos jovens, que saíam de seus lares para as experiências externas, nas relações com grupos variados, em períodos transcorridos nos mais diversos séculos, que marcaram diferenciados ideais, hábitos, gostos e culturas.

Diante disso, a primeira base de formação dos jovens é a família, o lar, de onde estes constroem os primeiros valores diante de suas respectivas condutas. Apesar do grande contraste de ideais com o meio social, as famílias acabam se adaptando conforme as forçadas mudanças de comportamento dos jovens. Assim, a era dos movimentos hippies, da jovem guarda, dos skinhead, tiveram e tem influência, até hoje, nas ações e gerações contemporâneas.

Ultimamente, fica nítido que essa juventude, além de viver a “adultização”, assumindo responsabilidades diversas precocemente, muitas vezes desiste até mesmo do ensino regular por vários motivos, sendo que um deles é a questão do trabalho.

Por outro lado, observa-se o surgimento de uma nova geração: a geração “nem nem”, que representa jovens com a faixa etária entre 18 e 25 anos que nem trabalham e nem estudam. Alguns jovens e adultos que fazem parte desta geração já concluíram a escolaridade obrigatória, no entanto, diante das taxas de desemprego serem elevadíssimas, estes não conseguem ter o êxito do alcance de emprego. O termo faz parte de uma tradução livre do espanhol, pois na Espanha é intitulada como a geração “Ni-Ni”, “ni estudian ni trabajan”; na Itália é conhecida de “mammone” porque não larga da saia da mama, e no Reino Unido é chamada de “Kidult”. Este fenômeno é visto também em outros países como na Argélia que possui um grande número de jovens caracterizados por esta geração.

Outra geração que contempla um grande número de jovens na atualidade, principalmente nas classes menos favorecidas e que é conhecida por sua característica de comodidade, é a “Geração Canguru”. Diversos jovens com o intuito de não saírem da zona de conforto, poupando-se também de despesas, permanecem nas casas de seus pais sem seguir o rumo de deixar suas casas. Carrano (2002) intitulou como Geração Canguru uma grande parte de jovens que não conseguem (ou não querem) deixar a casa e a vida, na qual se estabeleceu como filhos.

No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2010, cerca de 19,5% dos jovens, ou seja, mais de cinco milhões de pessoas, nem estudavam e

nem trabalhavam. Cerca de 70% desses jovens que são considerados “nem nem” são mulheres. Um dos motivos pelo qual as mulheres evadem da escola é a gravidez não planejada.

Na década de 1960, com o processo de envelhecimento nas regiões mais desenvolvidas do país, nota-se que houve uma queda no índice de fecundidade caindo o número de mulheres brasileiras com mais de 15 anos e que tem pelo menos um filho, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílios (PNAD). O fenômeno ampliou-se para as demais regiões brasileiras, tanto urbanas, quanto rurais. A percentagem que era de 5,8 passou para 2,7 filhos por mulher, entre 1970 e 1991 (IBGE, 1996).

De acordo com o Censo Demográfico (IBGE 2010), 80% das mulheres consideradas “nem nem” tinham filhos, sendo que grande parte delas costumam casar-se, ou até mesmo unir-se de forma estável sem o compromisso do matrimônio muito precocemente. Essa concentração de mulheres reflete-se mais em famílias de baixa renda, com baixas perspectivas sociais em relação à escolaridade e ao mercado de trabalho e, em sua maioria, negras. A fecundidade era maior entre as mulheres jovens negras entre 15 e 19 anos, com até 34 anos.

Essa questão racial também reflete na questão de outros problemas sofridos: o preconceito e a discriminação.

A Pesquisa “Estatísticas de Gênero” mostrou que a percentagem de mulheres jovens entre 15 e 19 anos com pelo menos um filho reduziu três pontos nos períodos de 2000 e 2010, a partir da análise dos resultados do Censo demográfico de 2010. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aponta que 14,8% das jovens dentro dessa faixa etária tinha filho em 2000, e essa taxa reduziu-se para 11,8%, em 2010.

As mulheres que apresentaram uma incidência maior de filhos na faixa etária de 15 e 19 anos foram as mulheres negras, com a taxa de 14,1%. Já as mulheres brancas, a percentagem foi de 8,8%. O IBGE também apresentou as distinções de percentuais entre as jovens que vivem nas áreas urbanas e rurais. Nas áreas urbanas 11,1% tinham ao menos um filho nascido vivo em 2010 e, no mesmo ano, nas áreas rurais, entre as jovens, a incidência é maior, subindo para 15,5%. As maiores incidências de gravidez entre jovens neste período foram nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e Sul.

Desse modo, diante desses fatores que, de forma direta ou indiretamente, influenciam na desistência do jovem do ensino regular, existe uma alternativa de solução para estes problemas, que é a de incentivar os jovens a permanecerem na escola, garantindo uma escola de qualidade. O abandono da escola pelo jovem pode estar atrelado à ausência de perspectiva futura. Por isso, quando há o incentivo por parte do professor e da família, fazendo com que o



jovem crie estímulos, além da atribuição para este de um ensino fundamental e médio qualificado, cria-se, conseqüentemente, no jovem uma perspectiva real para o ingresso à universidade, dentre outros projetos de vida, ou seja, um estímulo a permanecer na escola.

No Brasil, é muito comum os jovens deixarem o ensino médio objetivando um trabalho para a sobrevivência ou sustento da família. E posteriormente, retornam normalmente com um trabalho fixo para ingressarem numa Universidade geralmente privada. Ou seja, existe um ciclo predominante: o jovem muitas vezes abandona a escola para o trabalho, posteriormente, abandona o trabalho pela escola, ou volta a estudar conciliando os dois, no intuito de assegurar sua mobilidade social. Estudiosos como Pais (2005) que pesquisa sobre juventude chama esse fenômeno de “ioiô”. Pais (2005) salienta:

[...] Nas “voltas que a vida dá” é curioso constatar que o movimento (iô) de socialização de pais para filhos dá uma volta de retorno (ioiô) que assegura que também os pais sejam socializados pelos filhos, aculturizados por uma cultura juvenil, cada vez mais referencial, nomeadamente no domínio da moda e da valorização do corpo (PAIS, 2005, p. 59, grifos do autor).

Nesta perspectiva, os jovens da geração ioiô são considerados como modelos culturais, sobretudo, despertam certas preocupações por conta do fato de se verem constrangidos a retornar à casa de suas famílias, pelo fato de não terem conseguido adquirir autonomia, além do desafio desta mesma geração para construir estratégias para lidar com as suas perspectivas futuras.

Nadir Zago (2000) também estuda esse fenômeno em sua obra “Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares”. Segundo a autora, isso ocorre muito com jovens das camadas populares, ou seja, o processo de entrada e saída da escola seja por trabalho, seja outra motivação como cuidar de alguém da família. Essa incidência não é algo comum nas classes médias, diferentemente das populares.

O ideal seria os jovens priorizarem os estudos para posteriormente ingressar no mercado de trabalho, sobretudo, o que ocorreu historicamente no Brasil foi o inverso. O índice de jovens que passa do ensino médio para o superior avançou, no entanto, ainda é muito baixo. Tendo em vista que nos anos 1990 houve a universalização do ensino fundamental, conseqüentemente houve um desenvolvimento do ensino médio e superior, onde houve um aumento significativo no número de matrículas. No entanto, os dados da PNAD (2009) revelam que mesmo diante do crescimento educacional, o percentual de jovens matriculados na EJA contempla 19% na faixa etária entre 18 e 24 anos.

Diversos fatores políticos, sociais e estruturais levam os jovens a procurarem a EJA

cada vez mais cedo. Além de questões socioeconômicas, casamento e filhos, muitos outros fatores influenciam o ingresso dos jovens na EJA, tal com o a redução da idade mínima para o ingresso das séries iniciais da EJA. O parecer CNE/CEB nº 23/208 ressaltava que a redução da idade dos jovens impulsionou muitos jovens a saírem do ensino regular e adentrarem na EJA.

Neste sentido, Charlot (2000) traz a discussão sobre o fracasso escolar, que segundo ele o fracasso escolar de fato não existe, o que existe são alunos fracassados com trajetórias difíceis. Assim, é fundamental que as trajetórias dos alunos sejam consideradas e analisadas, para que a imagem negativa estereotipada através de rótulos negativos venha ser desmistificada. A leitura negativa do aluno e a ausência de incentivo faz com que o mesmo sinta-se inapto e incompetente, fortalecendo os empecilhos para o sucesso escolar.

É imprescindível valorizar as capacidades dos jovens para que os mesmos sintam-se integrados à escola. A desmotivação apresentada no semblante por parte de alguns jovens e o desencantamento da escola regular, por parte de alguns, são notórios. Neste sentido, é preciso conhecer o perfil dos jovens da educação de jovens e adultos, seus modos de vida para que isso se reflita em sala de aula. A práxis carece de ressignificação, haja vista atrair os jovens de forma significativa.

É fundamental que o currículo escolar esteja de acordo com a realidade da escola, rico em atividades criativas que envolvam não apenas a ludicidade, todavia, um conjunto de ações educativas que possibilitem a transformação social através da emancipação do educando.

O problema da evasão nem sempre está atrelado à preguiça ou à ausência de interesse do jovem e do adulto. Este problema muitas vezes é ignorado pelos agentes educacionais que, na maioria das vezes, pouco se inquietam com a situação, vendo-a como algo relativamente normal. Isso certamente contribui para o fortalecimento da evasão.

Essa falta de motivação dos professores e demais agentes educacionais, inclusive dos pais, culmina além do desinteresse pela aprendizagem por parte do aluno, no desencadeamento de um possível mau comportamento.

Outra vicissitude que se reflete nas turmas de EJA são os conflitos entre as diferentes faixas etárias. Os adultos se queixam da falta de compromisso dos jovens refletida em comportamentos inadequados durante a aula, tais como: conversas, brincadeiras, risadas constantes, etc. Os jovens, por sua vez, em sua grande maioria, não se sentem incomodados com a presença dos adultos.

## **1.4 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS**

É fundamental que os jovens e adultos obtenham a escolarização, para que haja através da educação, a construção da criticidade e autonomia.

Diversos países europeus e africanos, como por exemplo, a África do Sul, a Albânia e outros são caracterizados pela pobreza e com o perfil subdesenvolvido sofrem diversos problemas sociais, um deles é a baixa escolaridade.

Muitos destes países sofrem com o infortúnio de índices de crianças que se encontram em idade escolar e muitas destas são obrigadas a trabalhar com o âmbito de contribuir com a renda familiar. Isso traz, consequentemente, uma má qualificação que terá necessidade futuramente diante das exigências empregatícias.

Por isso, é importante que estes e outros países revejam estes problemas relacionados ao contexto educacional para que haja eficácia no que tange às boas formações e aprendizagens significativas.

No que se refere à relevância da escolarização para jovens e adultos, principalmente aqueles provenientes das periferias, esta é fundamental para o crescimento pessoal e intelectual, além da emancipação.

## CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a análise de dados. Este capítulo está estruturado de acordo com a ordem dos instrumentos utilizados na investigação. E para a organização dos dados, investiguei qual o perfil dos jovens que desistem do ensino regular e ingressam na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada vez mais cedo. E para sua interpretação, os dados foram agrupados em itens e subitens nomeados pelos objetivos específicos, cujas informações foram retiradas das fichas de protocolo e dos dados obtidos durante os questionários e entrevistas.

Esse processo de organização, contou com a construção de categorias de análise a partir da codificação dos dados obtidos. Posteriormente, houve a categorização e a tabulação.

Como indicado anteriormente, os sujeitos centrais da pesquisa foram jovens, entre 18 e 24 anos, integrantes da modalidade educativa EJA do ensino médio, correspondente aos dois últimos eixos da EJA.

Respeitando as determinações éticas da pesquisa com seres humanos, a identidade desses alunos foi mantida em sigilo. Estes sujeitos foram convidados a participarem do estudo voluntariamente e os esclarecimentos sobre a investigação foram feitos através do termo de consentimento (em anexo), no qual constam as motivações da investigação. Nesse documento, o sujeito autoriza o uso das informações produzidas.

Assim, foram aplicados, junto aos alunos, 125 questionários, alunos matriculados em turmas de EJA correspondentes ao Tempo Formativo III que equivale a oito Turmas, sendo Eixo VI (Turmas A, B e C) e Eixo VII (Turmas A, B, C, D e E), que correspondem aos dois últimos anos do Ensino Médio.

No que se refere às entrevistas semiestruturadas, realizei entrevista com oito discentes da EJA, sendo três pertencentes ao Eixo VI (Turma A, Turma B e Turma C) e cinco pertencentes ao Eixo VII (Turma A, Turma B, Turma C, Turma D e Turma E) de modo a registrarmos as falas de pelo menos um aluno de cada uma das turmas e eixos<sup>11</sup>.

Partindo deste pressuposto, os estudantes foram inqueridos acerca da definição dos seus sexos.

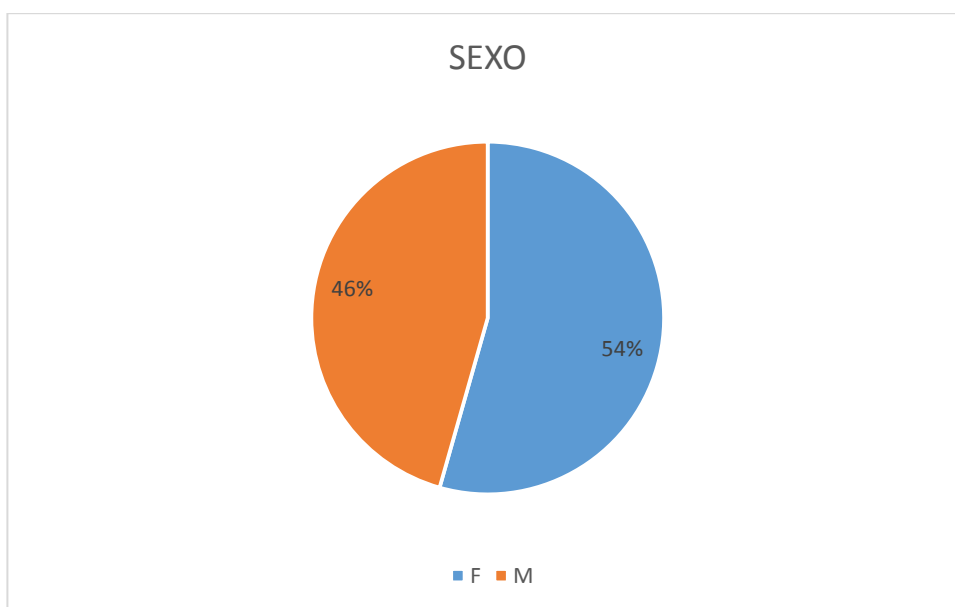
---

<sup>11</sup> Os participantes foram identificados no texto de acordo com siglas correspondente ao seu Eixo.

## 2.1 Sexo dos sujeitos da pesquisa

Os dados revelaram que a maioria dos participantes eram do sexo feminino, já que 54% dos estudantes são mulheres. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, divulgada pelo IBGE, em 2013, “viviam, no Brasil, 103,5 milhões de mulheres, o equivalente a 51,4% da população”. Como fica evidente, as mulheres são maioria da população, devido a isso ocupam mais vagas na EJA, pois muitas deixaram o ensino regular para assumirem a função de mães, donas de casa ou ocupar algum cargo no mercado de trabalho formal ou informal, fato que impossibilitou a muitas prosseguir seus estudos de maneira regular.

**Gráfico 11- Sexo dos Sujeitos Investigados**



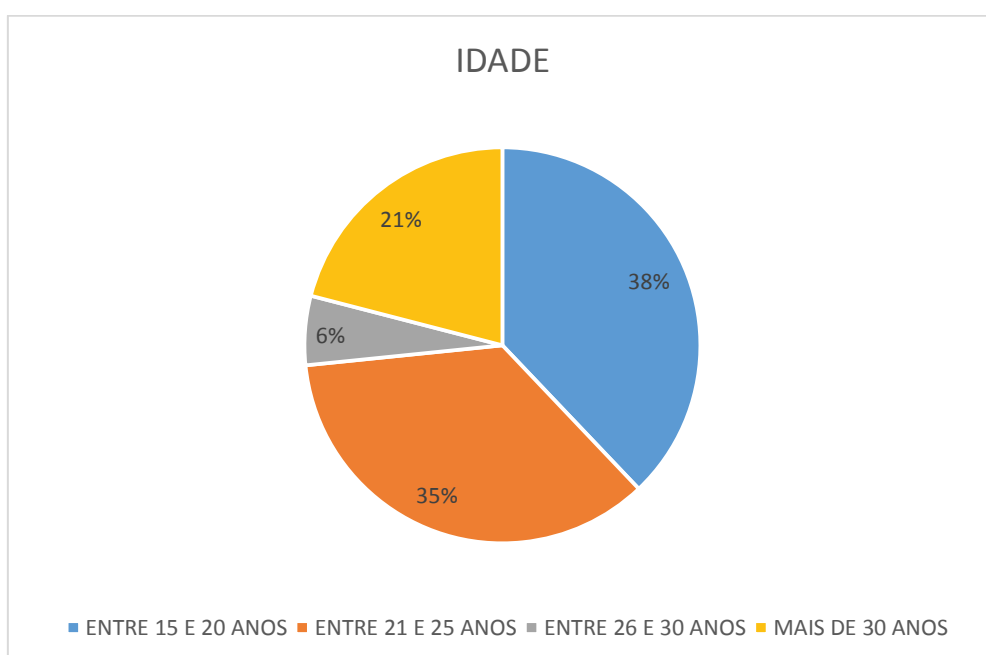
## 2.2 Faixa etária dos jovens pesquisados

No que diz respeito à idade dos sujeitos da investigação, ficou demonstrado que 38% tem entre 15 e 20 anos e que 35% dos pesquisados está na faixa etária dos 21 a 25 anos, são, portanto, muito jovens. Por meio desses dados, comprovamos estar ocorrendo o fenômeno da juvenilização na EJA. Esse fator é reforçado por Brunel (2014. p. 86) quando menciona: “A mudança mais evidente é constatada na faixa etária dos alunos. Eles optam pela EJA cada vez mais cedo, pois o objetivo maior é avançar rapidamente no processo escolar.” De acordo com a mesma autora, forma-se um novo perfil de estudantes, qual seja aqueles que, em sua

maioria, são ainda dependentes dos pais e que deixaram o ensino regular por não aceitarem ser reprovados e, devido a isso, optam pela EJA, por acreditarem que nesta modalidade de ensino haja mais permissividade e encontre colegas que estejam também em sua faixa etária.

Outra motivação para os jovens deixarem o ensino regular é, indubitavelmente, a possibilidade de conclusão mais rápida dos estudos, pois a maioria dos estudantes deixou a escola por um período de no mínimo dois anos ou mesmo sofreu reprovação. Esse fato incentiva os jovens a quererem recuperar o tempo perdido e concluir rapidamente os estudos para adentrar na universidade e assim, conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

**Gráfico 12- Idade dos Sujeitos da Pesquisa**



### 2.3 Inserção no mercado de trabalho

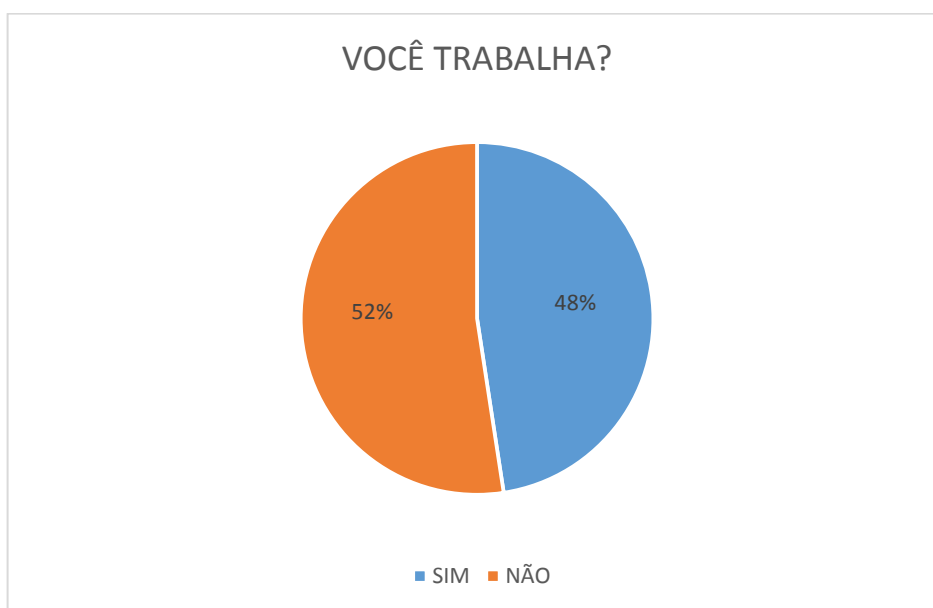
Com vistas a traçar um perfil desses jovens que frequentam a EJA, perguntamos se eles trabalhavam, e obtivemos o seguinte resultado: 52% dos sujeitos investigados trabalham. Esse dado contraria a afirmação de Brunel (2014, p. 127) quando menciona: “O desemprego e empregos temporários e precários são constantes na vida dos jovens”. Pois devido à falta de experiência ficam geralmente sem encontrar colocação no mercado de trabalho que é muitas vezes seletivo e excludente com esses jovens que não possuem qualificação profissional.

Devido essa dificuldade, a juventude volta à escola com o intuito de, segundo Brunel (2014, p.57), “[...] buscar o seu espaço na sociedade, e o trabalho é parte deste processo. Contudo, ela sabe que precisa se inserir no mercado de trabalho e que esse mercado se apresenta cada dia mais difícil gerando uma crise também na juventude”.

É relevante mencionar que os jovens estão conscientes da necessidade de se inserirem no mercado de trabalho, tendo em vista que ao ganharem seu próprio dinheiro, teriam certa “liberdade” que antes não tinham, pois conseguiriam se manter e não mais dependeriam do apoio financeiro dos pais. Além disso, a independência financeira permite obter bens, como roupas, eletrônicos, etc. Neste sentido, afirma Brunel (2014, p. 127-128): “O trabalho para os jovens não significa apenas garantir um espaço econômico na sociedade, mas também adquirir bens de consumo que os identifiquem como jovens e uma certa sensação de liberdade”.

Diante do exposto, fica constatado que os jovens dão grande relevância ao trabalho e começam de certo modo a dá valor a escola, pois reconhecem que o nível de escolarização é imprescindível para uma inserção no mercado de trabalho que lhes garanta alguma estabilidade.

**Gráfico 13- Inserção no mercado de Trabalho**



## 2.4 Função ocupada no mercado de trabalho

Os estudantes foram questionados acerca das suas funções no mercado de trabalho, e, diante dos seus depoimentos, foi constatado que sessenta e cinco discentes trabalham, os sessenta restantes apenas estudam. A maior parte das funções estava relacionada ao trabalho de vendedor. Em seguida, a função que teve grande quantidade de discentes ocupando foi a de trabalho autônomo. Outras funções mencionadas em que os discentes trabalham são as de: Recepcionista, *Call Center*, Frentista, Balconista, Servente, Auxiliar de Estufagem, Auxiliar

de Operações, Colaboradora do Lar, Auxiliar de Produção, Zelador, Baiana de Acarajé, Barbeiro, Diarista, Gerente Administrativo, Doméstica, Babá, Segurança, Auxiliar de Depósito, Corretora, Estoquista, Cuidador de idosos, Operador de Máquina, Radiologia, Auxiliar de Enfermagem, Montador, Massoterapeuta, Secretária, Auxiliar administrativo, Almoxarifado, Promotora, Mensageiro e Auxiliar de Vidraceiro.

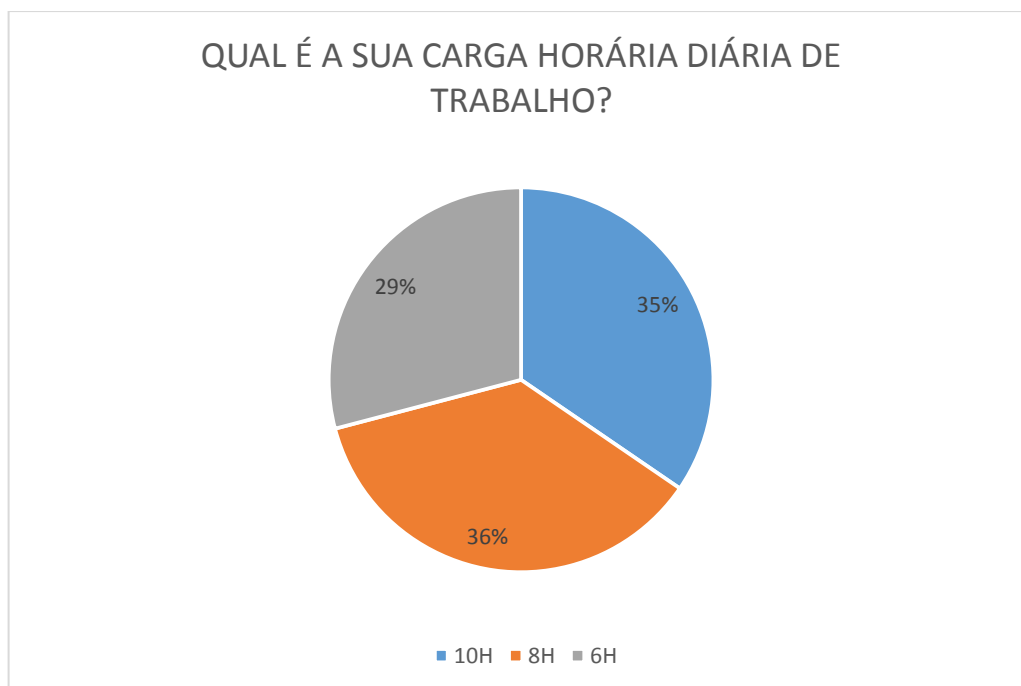
## **2.5 Jornada de trabalho**

Outro questionamento feito aos jovens participantes dessa pesquisa foi acerca de sua carga horária de trabalho. Os dados revelaram que 36% dos investigados desempenham suas atividades laborais no período de oito horas e 35% tem jornada de trabalho de 10 horas diárias.

Considerando que a maioria dos investigados trabalha durante o dia, isso explicaria porque optaram por estudar à noite e na EJA. Isso pode indicar que muitos desses jovens deixaram de estudar porque necessitavam trabalhar. Essa é uma realidade da grande maioria da população jovem brasileira que precisa trabalhar para complementar a renda familiar. Nesta lógica, Brunel (2014, p.75) menciona: “na EJA encontramos alunos que pararam de estudar por dificuldades financeiras; alguns porque foram reprovados mais de uma vez, outros porque na adolescência desistiram dos estudos”. Como fica evidenciado nas palavras da autora, as motivações que levam a juventude à EJA são diversas, ligadas a fatores socioeconômicos, e, dentre eles, está a necessidade de ajudar financeiramente seus pais e a família, de maneira geral. Para esses jovens, a EJA não é uma escolha é a única chance que tem para prosseguirem seus estudos, ratificando isso Brunel (2014, p.75) afirma: “hoje a EJA apresenta-se como a alternativa mais rápida para a retomada da sua caminhada escolar”.

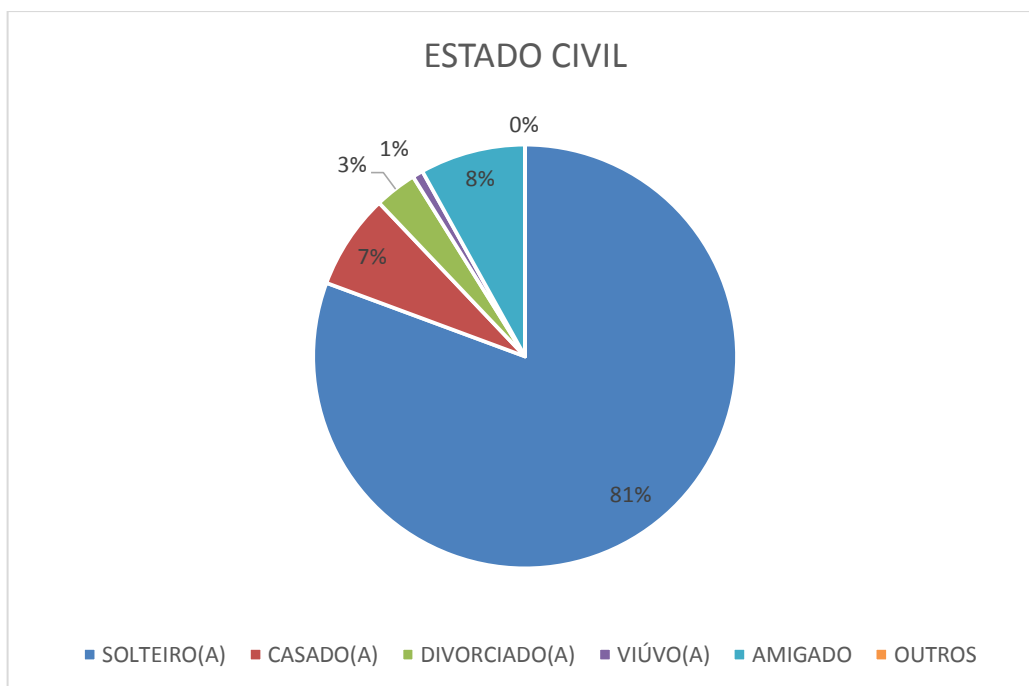
Diante do exposto, é preciso considerar a trajetória de vida dos jovens e seu contexto a fim de inseri-los na EJA e levar esses sujeitos a descobrirem o prazer de estudar. De acordo com Freire (1997 apud Brunel, 2014.p. 18), “Aprender é gostoso, mas exige esforço”. Seria necessário estimular essa juventude a reconhecer a educação como algo imprescindível para o seu crescimento como ser humano e não meramente como uma obrigação, um fardo, necessário somente para lhes assegurar uma certificação capaz de favorecer o seu ingresso no mercado de trabalho, mas uma relação com a educação, como um caminho que conduz ao saber e a formação integral do sujeito e não somente como um espaço de qualificação para a formação de mão de obra.



**Gráfico 14- Carga-Horária de Trabalho dos Sujeitos da Pesquisa**

## 2.6 Estado civil dos jovens pesquisados

Quanto ao estado civil dos jovens pesquisados, os dados apontaram que 81% deles são solteiros, uma explicação para isto está relacionada à faixa etária dos participantes da pesquisa, eles são realmente jovens, para terem relacionamentos amorosos estáveis. Por isso, a maior parte mora “com os avós, com tios, padrinhos, ou somente com o pai ou com a mãe. Há casos de adolescentes que moram sozinhos em decorrência da separação dos pais” (BRUNEL, 2014, p. 81). Ainda tratando disto, é preciso expor que existem jovens que moram sozinhos, devido ao divórcio dos genitores e os pais não sabem como orientar esses adolescentes a continuarem estudando. De acordo com Brunel (2014, p. 81), “os pais mesmo dizem, “não posso mais com a vida deste menino/ menina”, e assim eles assumem uma maturidade que evidentemente não possuem o que se reflete, na maioria das vezes, de forma negativa na escola”. Neste sentido, constatamos o quanto os fatores familiares podem afetar a vida escolar dos jovens e principalmente dos adolescentes que sem vem sem direcionamento e relegam a escola a segundo plano, deixando-se distrair, muitas vezes, por festas, amizades e paixões.

**Gráfico 15 – Estado Civil dos Sujeitos da Pesquisa**

## 2.7 Existência de filhos dos jovens pesquisados

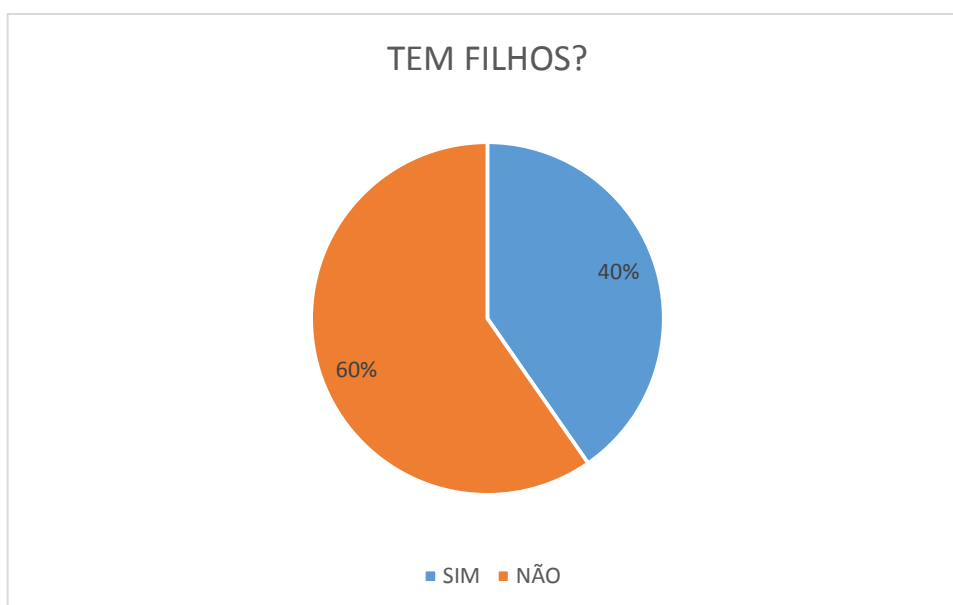
Perguntamos aos jovens se eles tinham filhos e um total de 60% dos entrevistados afirmou não possuir descendentes, uma explicação para isso pode está associada à idade predominante do grupo. Por outro lado, 40% mencionou que tem filhos.

Vale lembrar que a gravidez precoce e não planejada é um dos motivos que leva os jovens e adolescentes a deixarem a escola regular. Nesta perspectiva, é frequente muitas “jovens meninas” serem discriminadas no ambiente escolar, e, por vergonha, evadem da escola. Além de serem excluídas e julgadas pelos colegas, essas adolescentes são também rotuladas pela mídia como um “problema”, como menciona Brunel (2014, p. 126): “Observamos, através da mídia, e em vários debates sobre a juventude, uma ênfase demasiada aos fatores negativos. A droga, a prostituição, a delinquência, a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis e a violência, geralmente, são os temas mais desenvolvidos”.

Considerando o exposto, percebemos que a mídia infelizmente só enfatiza os aspectos negativos da juventude, não considera os pontos positivos desses jovens, seus sonhos, seus desejos, sua coragem, sua personalidade. É importante criar espaços onde os jovens possam falar de si, espaços para que eles possam assumir o protagonismo e mostrar tudo o que são capazes de fazer de bom para melhoria da sociedade na qual estão inseridos.

Ainda no que se refere aos jovens pais e mães, é relevante mencionar que eles estão dando o primeiro passo para conseguirem seu espaço dentro da sociedade ao voltarem para a escola, pois, entendem que sem estudo suas chances de sucesso diminuem ou se perdem totalmente, corroborando com isso Gadotti (2014, p. 15) expõe: “[...] Sem acesso à cultura letrada, um indivíduo terá muito mais dificuldades hoje para exercer seus direitos de cidadania”. Devido a isso, é importante garantir o acesso desses jovens a uma EJA de qualidade. Um processo educativo que compreenda suas trajetórias de vida e que tenha sentido e significado para os sujeitos. Desse modo, é possível pensar uma formação integral, indo além da formação de mão de obra para o mercado de trabalho.

**Gráfico 16- Investigação sobre questão relacionada a Filhos**



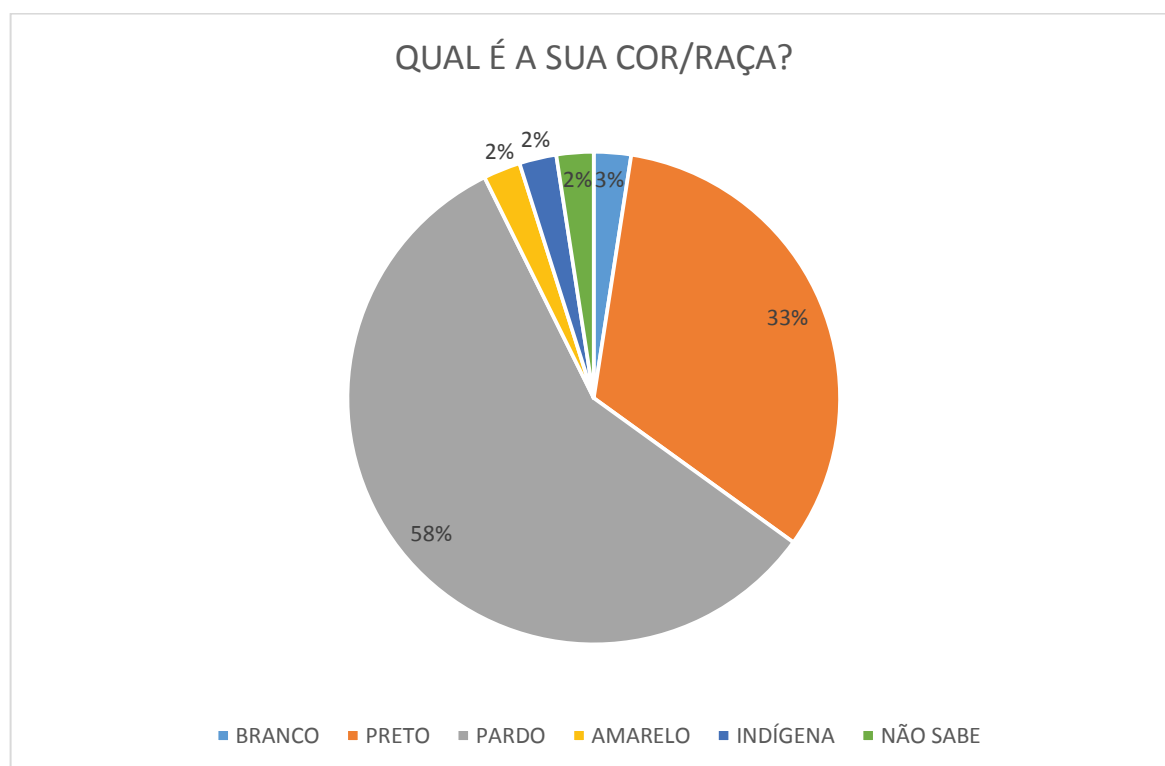
## 2.8 Cor/ raça dos jovens pesquisados

Ao serem inqueridos acerca de sua cor/raça, cerca de 58% dos jovens se auto declararam pardos, 33% afirmaram ser pretos, as outras opções branco, amarelo e indígena tiveram o mesmo percentual entre 2% e 3%. Os dados revelam que há ainda certo receio ou desconhecimento por parte dos sujeitos em declararem sua cor/raça. Essa é uma categoria muito contraditória, pois para a maioria das pessoas é mais fácil e cômodo se intitular pardo e não preto, como os dados apontam. De acordo com Fanon (2008), “a minha pele é negra, mas utilizava máscaras brancas”. Loureiro (2004), por sua vez, afirma: “Na ideologia que rege o sistema interétnico brasileiro, uma mensagem é enviada para as pessoas negras: de que elas precisam negar sua etnia, assemelhando-se ao modelo do grupo dominante – o modelo

branco”.

Ainda tratando desse tema, ganha relevo as palavras de Queiroz (2004): “O espaço escolar também institui um discurso e uma prática racista. O racismo presente no cotidiano escolar se manifesta não apenas naquilo que diz, mas, sobretudo, naquilo que se cala”. Isso foi se constituindo a partir da ideologia europeia, reforçada pela história trazida nos livros didáticos, que romantiza o branco como ser inteligente, culto, herói e descobridor, e os negros como povos aculturados, inferiores, e a África apenas como um continente de miséria.

**Gráfico 17- Cor/Raça dos Sujeitos Investigados**



## 2.9 Nível de escolaridade dos pais

Para conhecer um pouco a respeito do processo de escolarização dos pais dos jovens pesquisados, perguntamos qual o nível de escolarização de seus genitores e obtivemos os seguintes dados: 29% dos educandos da EJA não sabem a escolaridade dos pais. Esse dado demonstra uma ausência sobre o conhecimento das trajetórias escolares de seus familiares e certa desvalorização deste aspecto. Contudo, o histórico familiar de escolaridade influencia muito na vida dos jovens, seja positiva ou negativamente.

Ainda tratando da escolarização dos pais, os dados apontaram que 33% possuem o ensino médio completo. Outra constatação é que na família dos jovens pesquisados há poucos

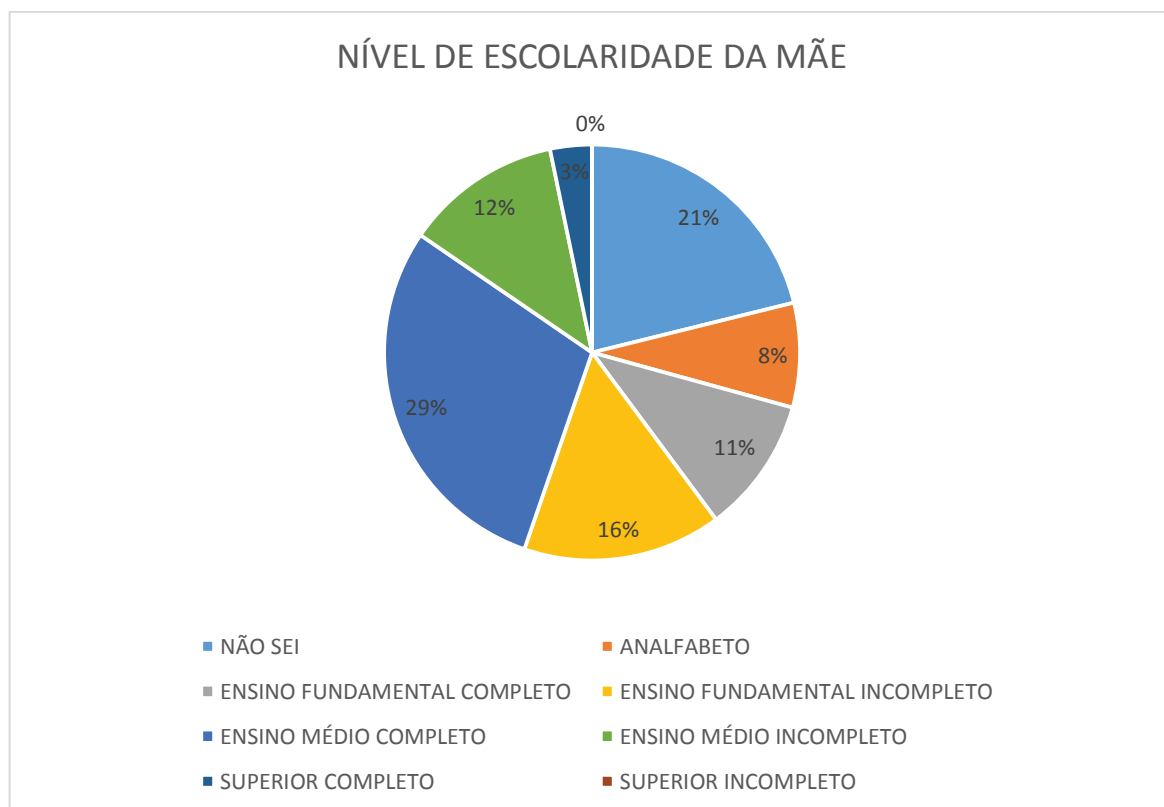
casos de analfabetismo, representam 6% dos pais. Neste sentido, Gadotti (2014, p. 8) afirma: “[...] Eliminar o analfabetismo é uma questão de honra para um País que se apresenta como uma das maiores economias do mundo, mas que em termos de Educação e, sobretudo, de alfabetização, ano após anos ocupa os derradeiros lugares”.

De acordo com o exposto, o Brasil tem um grande desafio: superar o analfabetismo. Para resolver essa problemática, segundo Gadotti (2014, p.14): “Precisamos, sim, de Educação de Jovens e Adultos de qualidade. Por isso, precisamos urgentemente de uma política nacional de Educação de Jovens e Adultos (EJA); uma política de Estado”, tendo em vista que planos e programas transitórios não se mostram eficientes. É necessário construir uma política estrutural, dito de outro modo que mecha nas bases e extermine o analfabetismo do nosso país.

Ainda sobre a escolaridade dos pais dos jovens pesquisados, identificou-se que 4% tem nível superior completo e 2% superior incompleto. Isso representa um avanço, visto que os familiares desses jovens de camadas populares da sociedade conseguiram entrar na universidade. O ingresso no ensino superior foi um sonho distante e por muitas pessoas em tempos atrás. Mas, recentemente, foram criados programas que possibilitaram uma democratização do acesso ao diploma universitário, a exemplo podemos citar a política de cotas raciais, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), Sistema de Seleção Unificada (SISU) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Tais programas, de algum modo, têm democratizado o acesso ao ensino superior.

#### **Gráfico 18- Nível de Escolaridade do Pai**





## 2.11 Reprovação na escola

Com o intuito de conhecer melhor a trajetória escolar dos jovens pesquisados, perguntamos se já haviam sido reprovados em algum ano/série. Os dados apontaram que um total de 85% dos estudantes pesquisados passou por alguma reprovação durante sua vida escolar. Esse percentual é realmente alarmante e nos leva a pensar como a escola tem sido excludente, reprovando os estudantes que ela julga serem inaptos. De acordo com Arroyo (2004, p. 84), “A escola seriada é uma das instituições mais seletivas e excludentes da sociedade brasileira. Ou nós acabamos com essa concepção seletiva e peneiradora, ou não constituiremos uma escola de direitos”.

Como menciona o teórico, a organização da escola em séries é muito rígida e antiga, defende um padrão de homogeneização dos estudantes, quando na realidade tem dentro de uma mesma sala de aula educandos em níveis diferenciados, com ritmos e tempos próprios de aprendizagem e desenvolvimento. O mesmo autor afirma que o “Brasil é um dos últimos países a manter essa escola rígida de séries anuais, de bimestres”. Esse tipo de organização escolar pode contribuir para a reprovação dos estudantes, e, conseqüentemente, para o afastamento desses jovens em relação à escola.

Nesta lógica, afirma Brunel (2014, p. 12): “A repetência, em alguns casos, faz com

que o aluno perca o desejo de continuar na escola. Repetir a série, no mínimo dois anos, faz com que ele “destoe” um pouco dos outros colegas”. Em outras palavras, a reprovação gera no aluno um sentimento de frustração de não ter conseguido progredir de ano e acompanhar seus colegas de turma. Quando estes estudantes são reprovados mais de uma vez, eles vão internalizando uma sensação de incapacidade, como se não fossem realmente capazes de aprender o que a escola ensina.

Além disso, ao repetir o ano, de acordo com Brunel, ocorre (2014, p. 86): “o distanciamento dos colegas de muito tempo, estacionar no processo e, principalmente, na repetição de conhecimentos já trabalhados”. Esses educandos vão se tornando, muitas vezes, o mais alto e com mais idade da sala, esta situação é constrangedora para ele, tendo em vista que pode sofrer “*bullying*”, por parte de alguns professores e dos próprios colegas. Por serem “repetentes”, essa palavra e rótulo leva uma carga negativa que pode interferir significativamente na vida escolar dos jovens. A reprovação leva o aluno a rever os conteúdos estudados. Isso se torna desinteressante para eles, por isso acabam optando pela EJA, uma forma mais rápida de concluir os estudos.

Ademais, a repetência gera, segundo Brunel (2014, p. 29), um “sentimento de inferioridade advindo de diversas repetências, de histórico de violência, de exclusão da escola regular, do envolvimento com drogas, do abandono da família, entre outros fatores”. É relevante mencionar que a reprovação é proveniente de múltiplos fatores socioeconômicos, cognitivos, ausência de interesse, problemas familiares, entre outros.

Neste sentido Brunel (2014, p. 109), afirma que: “É mais fácil dizer que o problema é dos jovens ou das famílias. Na realidade, os professores, a escola, a família e os alunos sofrem as deficiências de um sistema escolar carente e excludente”. Como menciona a teórica, a escola pública brasileira padece pela falta de estrutura física, de um currículo mais vivo que considere as transformações advindas com a modernidade, de professores com bons salários, que realmente sinta prazer em lecionar e ajude a construir uma escola de qualidade.

#### **Gráfico 20 – Reprovação na Escola**





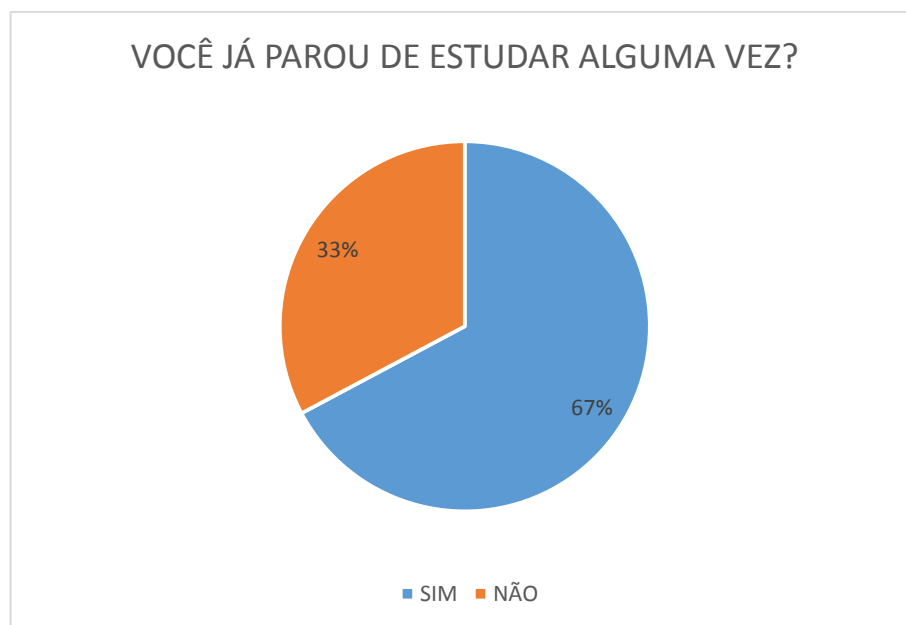
## 2.12 Interrupção dos estudos

Questionamos os jovens pesquisados se eles já haviam interrompido os estudos em alguma fase da sua vida, 67% dos alunos afirmaram ter parado sua trajetória escolar, e 33% mencionou que não houve pausa no seu processo de escolarização.

Analisando os dados, constatamos ser alto o percentual de jovens que interromperam seus estudos. Segundo Brunel (2014, p. 38) as motivações podem ser: “situações extremas vividas por esses jovens de forma trágica e que, em geral, os retira da rota escolar por problemas pessoais graves ou grandes traumas que a escola tenha deixado neles”. Mas é claro que existem casos de alunos que deixam a escola, pois na fase da adolescência, julgavam que outras distrações como festas, namoros ou outras atividades são mais interessantes que o ambiente escolar.

Assim, esses jovens que deixaram a escola optam pela EJA para recuperarem esse tempo perdido. Ratificando isso, Brunel (2014, p.77) expõe: “Os jovens, apesar da pouca idade, também sentem necessidade de recuperar o tempo perdido, mesmo que esse tempo seja de apenas dois ou três anos, pois eles precisam e desejam o quanto antes concluir os seus estudos”. A conclusão do ensino médio possibilita a eles frequentarem cursos profissionalizantes ou realizarem vestibulares e entrarem direto em universidades.

**Gráfico 21- Interrupção nos Estudos**

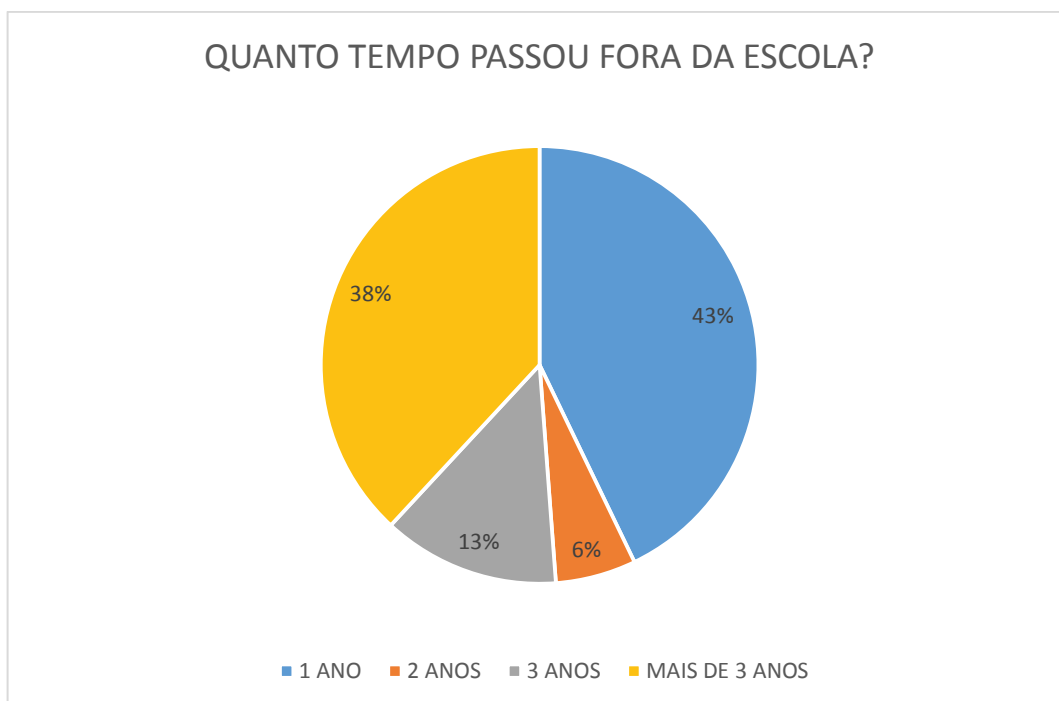


### 2.13 Tempo fora da escola

Ainda tratando da interrupção na trajetória escolar, os dados revelaram que 43% dos jovens ficaram durante um ano fora da escola, 38% ficou 2 anos afastados e somente 6% ficou por um período de mais de 3 anos longe do ambiente educativo. Nesta perspectiva, menciona Brunel (2014, p. 12): “Percebe-se que os alunos são mais jovens, muitos pararam há pouco tempo de estudar são recém-egressos do ensino regular, e muitos deles possuem um histórico de várias repetências”. Como exposto pela autora, as motivações para a “pausa” nos estudos é geralmente por um curto espaço de tempo. Logo essa juventude retorna ao ambiente educativo, pois sabem da importância da escolarização. Essa interrupção nos estudos tem sido um dos motivos que tem levado a juvenilização na EJA.

Nesta lógica, Brunel (2014, p. 38) afirma: “O jovem do EJA, em geral, acha que já perdeu muito tempo e não quer perder mais”. Ou seja, querem superar o período que ficaram fora da escola e concluir logo sua trajetória escolar.

**Gráfico 22- Tempo Fora da Escola**



#### **2.14. Fatores que impulsionaram a retomada dos estudos**

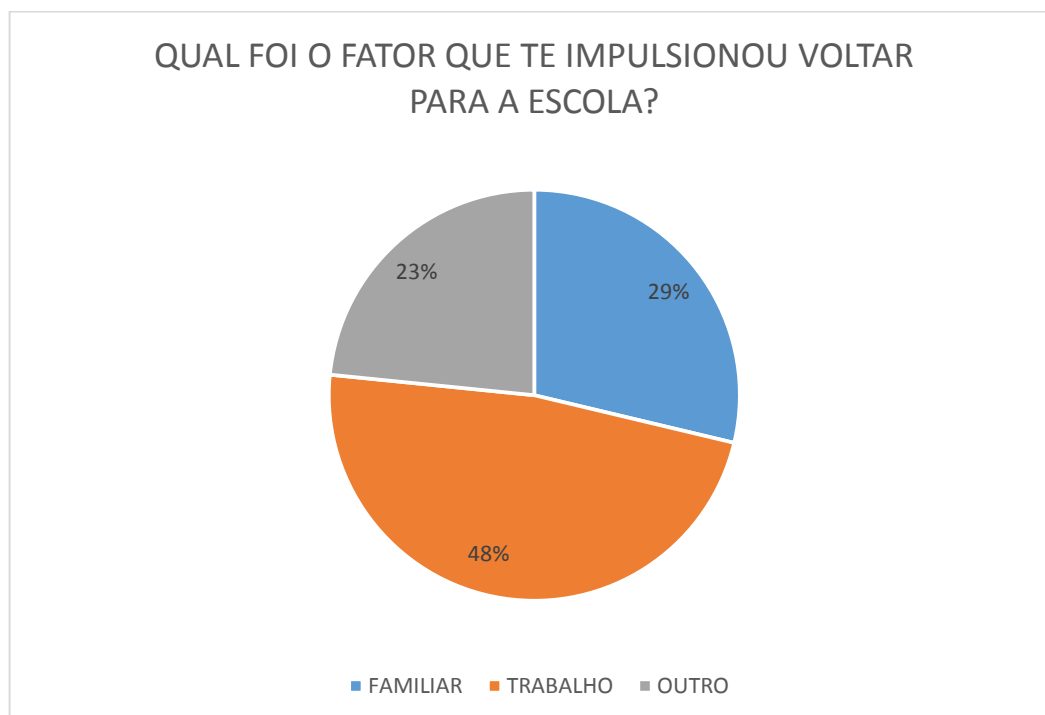
A fim de conhecer os motivos que levaram os jovens a voltarem pra escola, levantamos esse questionamento e obtivemos as seguintes respostas: 48% deles foram influenciados pelo fator trabalho, 29% a família, e 23% outros motivos fizeram com que eles resolvessem retomar seus estudos. Fica demonstrado como os jovens sentem a necessidade de retomar os estudos para conseguirem, por exemplo, uma colocação no mercado de trabalho para o que o nível de escolaridade é uma exigência de muitos empregadores.

Como em geral esses jovens estão afastados da escola e não possuem nem estudo, nem qualificação profissional, buscam retornar ao ambiente educativo e concluir seus estudos, para frequentarem cursos profissionalizantes ou universidades, que os permitam conquistar inserção profissional.

Neste sentido, Brunel (2014, p. 56) menciona: “A escolarização é vista pelos trabalhadores como necessidade para sua organização e inserção no mundo do trabalho”. Dito de outro modo, a juventude já percebeu como é difícil conseguir uma ocupação, e essa dificuldade para o jovem é ainda maior, primeiro porque a maioria não possui ainda experiência profissional, e sem estudo, suas chances se tornam praticamente nulas. A escolarização é um meio, talvez, o único meio de asserção social pra os indivíduos das classes populares. Isso leva os jovens a retomarem os estudos e se maticularem na EJA, pois esta permite a eles concluírem a trajetória escolar mais rápido e, conseqüentemente, adentrar no

mercado de trabalho mais cedo.

**Gráfico 23- Fatores que Impulsionaram o Reingresso à Escola**



### 2.15 Importância da escola para os jovens pesquisados

Para conhecer mais acerca das coisas que são relevantes na vida dos jovens, perguntamos a eles porque a escola é importante e obtivemos as seguintes respostas: 61% para obter um bom emprego, 21% para ter certificado de conclusão dos estudos e 18% outros motivos que não foram elencados pelos estudantes. Os dados revelam que a maioria dos sujeitos julga a escola relevante somente pela certificação de escolaridade, parecem desconhecer que a escola tem outras atribuições como determina e expõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96): “o papel da escola é contribuir para o pleno desenvolvimento da pessoa, prepará-la para a vida e qualificá-la para o trabalho”.

Se a escola tem sido um espaço onde se consegue somente um certificado que encaminha esses jovens ao mercado de trabalho, fica evidenciado que precisamos nos preocupar, pois as outras funções da escola têm sido deixadas de lado, e o ensino lá ministrado não tem desenvolvido o ser humano integralmente, possibilitando a essa juventude ter acesso ao saber sistematizado, mas de forma crítica, construindo também história, ou seja, sendo produto e produtor de cultura. Outra atribuição escolar é preparar os educandos para a

vida em sociedade, para que este seja um cidadão autônomo e participativo. No entanto, constatamos com apreensão que esta formação humana tem sido relegada ao esquecimento e que a escola, tem, muitas vezes, transmitido conhecimento sem fomentar nos jovens uma reflexão acerca da história, da cultura e da estrutura social em que os seres humanos estão inseridos.

Diante do exposto, fica demonstrado que a escola na visão da juventude investigada é importante somente para obtenção de certificado de conclusão dos estudos, que os possibilita conseguir um trabalho. Neste sentido, Brunel (2014, p. 45) afirma: “A criança fora da escola é discriminada, o jovem ou o adulto sem estudo não consegue colocação satisfatória no mercado de trabalho. A escola ainda se apresenta como possibilidade de promoção social e possui um lugar de destaque na sociedade”. Como expõe a autora, a escolarização é algo imprescindível para a obtenção de oportunidades trabalhistas e status social, pois o indivíduo que possui estudo é visto, na maioria das vezes, de maneira positiva pela sociedade.

Ainda tratando da relevância dada à escola pelos jovens pesquisados, fica evidenciado a necessidade de mudança da estrutura escolar vigente. Nesta lógica, Brunel (2013, apud Brunel 2014, p. 31) defende que: “[...] a escola atual precisa rever conceitos e posicionamentos, pois nos parece que ela não está satisfazendo mais as expectativas de muitos dos nossos jovens. Tendo em vista que para eles os conhecimentos e experiências vivenciados na escola têm servido somente para atestar que concluíram os estudos e assim conseguirem uma colocação no mercado de trabalho. Reforçando uma mudança na organização escolar, Brunel (2014, p. 31) enfatiza: “Precisamos repensar o espaço escolar e dessa maneira agirmos para mudar aquilo que não serve mais, que não acrescenta muito e trabalharmos na construção de novas relações entre os sujeitos que ocupam este espaço”.

Esse repensar da escola carece de ser realizado. Para tal, é preciso ouvir os discentes e docentes, mexer no currículo escolar, melhorar as condições físicas e pedagógicas da escola, oferecer salários mais dignos aos professores para que estes têm prazer em ensinar e se sintam valorizados pelo governo e sociedade civil como um todo. Considerando o exposto, é necessário que a escola passe a cumprir suas outras funções e formar o ser humano, somente dessa maneira os jovens darão o sentido e valor real, ao ambiente educativo e a todo o conhecimentos e saberes aprendidos e compartilhados neste local.

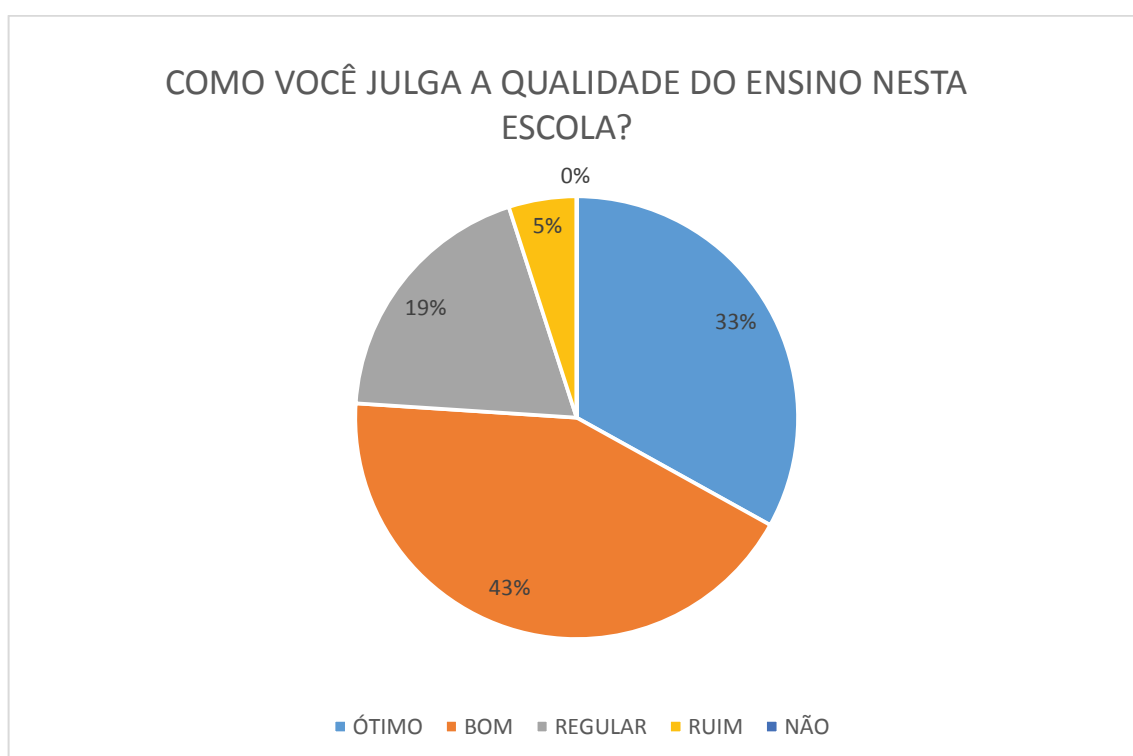


## 2.16 Qualidade do ensino nesta escola

Para saber se os alunos estavam satisfeitos com o ensino da escola, perguntamos se eles julgavam que estava sendo de qualidade, e obtivemos os seguintes percentuais: 33% afirmaram ser ótimo, para 43% é bom, 19% acham que é regular e somente 5% julga ruim a qualidade do ensino da instituição em que estudam. Pelos dados, constatamos que quase a metade dos alunos está satisfeita com o ensino ministrado na escola. Dito de outro modo, pensam que os conhecimentos aprendidos têm sido suficientes em seu processo de escolarização. Como a maioria desses alunos são egressos do ensino regular, isso demonstra que o ensino da EJA, na opinião dos sujeitos, não tem deixado lacunas na educação dos jovens, contrariando a visão negativa exposta por Brunel (2014, p.92):” [...] pelo fato de frequentar uma escola de educação de jovens e adultos, é taxada de aluna inferior, e seus professores, frequentemente, são também assim classificados”. É imprescindível que este rótulo seja rompido e a sociedade precisa se conscientizar que a qualidade da escola e do ensino e de seus educandos e docentes, é algo que independe da modalidade de ensino e de ser uma instituição pública ou privada, depende da vontade dos sujeitos que ali estão em busca do saber, e, sobretudo, das condições estruturais e pedagógicas.

Nesta lógica, Brunel (2014, p. 92) afirma: “é preciso construir um novo olhar sobre essa realidade, pois a escola pode ser boa e competente quando os alunos e professores estão ali para troca de saberes, de conhecimentos e quando essa relação tem um sentido para ambos”. Nesta perspectiva, constatamos que a EJA tem sim um ensino de qualidade na visão de maior parte dos jovens pesquisados. Isso é extremamente positivo, haja vista que eles conseguiram concluir seus estudos e podem, por meio dos conhecimentos adquiridos, pleitearem a entrada na universidade, conforme desejo expresso pela juventude neste trabalho.

**Gráfico 25- Julgamento da Qualidade do Ensino na Escola**



### 2.17 Avaliação da relação professor X aluno

Perguntamos aos discentes como avaliam seu relacionamento com os docentes, e obtivemos as seguintes respostas: na opinião de 58% é ótima, 36% a relação é boa, 6% é regular. Nenhum aluno avaliou como ruim, isso é algo extremamente positivo, demonstra que existe um respeito e confiança entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. É necessário, segundo Brunel (2014, p. 29): “Reconhecer que esses jovens possuem capacidades individuais e criativas faz com que eles adquiram novamente um sentimento de pertença ao espaço escolar, perdido na maioria das vezes ao ingresso na EJA”. Demonstrar confiança e entusiasmar o aluno é um grande passo para envolver este na busca do conhecimento, isso

favorece o relacionamento com este ator. Ademais, é preciso, de acordo com Brunel (2014, p. 32), “refletir sobre como nossas aulas são orientadas e dirigidas, ouvir nossos alunos, dar-lhes voz, incentivar e propiciar que participem do processo pedagógico”. Ratificando isso, afirma, Becker (2010, p. 59): “[...] o professor precisa ser um pesquisador do pensamento do seu aluno.”

Ademais, é importante que os docentes saibam quais os conteúdos tem sentido e significado para o aluno, e, assim, juntos busquem aprender cada dia mais, refazendo suas rotas, criando novas metodologias de adquirir saberes. Neste sentido, menciona Freire (1996, p.97): “(...) o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”.

Para fazer essa leitura e releitura, é preciso que haja confiança e diálogo entre professores e alunos. Para Brunel (2014, p. 32), “É importante que na sala de aula saibamos escutar, que, juntos, tenhamos nossa fala respeitada, que a opinião nossa e do outro sejam consideradas; que o ambiente escolar nos ensine a viver com o outro, respeitando-o e sendo respeitado”. Com base no exposto, constatamos como é importante ouvir e acolher o outro. O ambiente educativo precisa ser um espaço inclusivo, onde os “preconceitos” sejam problematizados.

Na relação professor-aluno, é elucidativo o posicionamento de Brunel (2014, p. 34) ao afirmar que: “[...] tão importante quanto à competência do professor ao transmitir o conteúdo em sala de aula, é a sua postura afetiva e de respeito, pois só assim o ambiente escolar será um lugar de um aprendizado prazeroso e que tenha algum sentido em suas vidas”. Como fica evidenciado, a boa relação entre docentes e discentes influencia e muito na construção do conhecimento por parte do aluno, que se sente desafiado e estimulado a buscar aprender cada dia mais.

É importante salientar que os jovens que vão pra EJA precisam de novos olhares por parte de seus professores, Brunel (2014, p.47) esclarece: “[...] esses alunos procuram um professor mais acessível ao diálogo e atento às suas dificuldades ou “incapacidades” na aprendizagem, que a escola formal muitas vezes classifica como biológicas, naturais, individuais”. E coloca a responsabilidade somente no educando, encobrindo a precariedade da educação pública no Brasil, principalmente no que concerne à elaboração de uma política pública e nacional para a EJA, como é defendida por Gadotti.

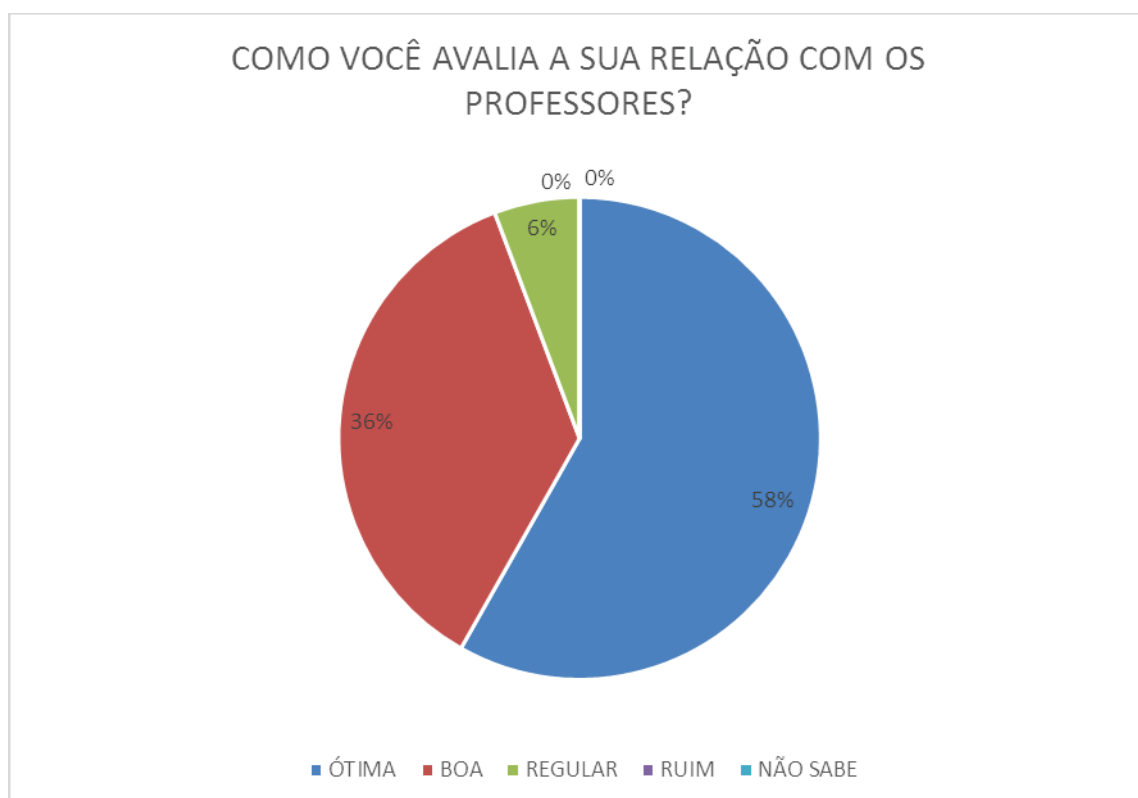
Ainda tratando da relação professor aluno Brunel (2014, p.119) afirma: “[...] o importante é fazer com que os alunos, dentro da sala de aula, encontrem sentido e prazer de estar e permanecer ali”. E cabe à escola, por meio de suas práticas educativas, entusiasmar



seus estudantes a se lançarem na aventura do conhecimento. Nesta lógica, Brunel (2014, p.121) expõe: “A postura do professor, em sala de aula poder ser fundamental na trajetória escolar do aluno e na possibilidade de um possível sucesso escolar”. Diante do exposto, fica demonstrado que um professor com uma postura mais flexível e aberto ao diálogo pode influenciar positivamente a juventude a se empenhar nos estudos e concluir a educação básica e avançar em busca da universidade. Já os docentes, com postura autoritária e sem compromisso com sua profissão e com a aprendizagem de seus discentes, influenciam negativamente, promovendo, muitas vezes, a evasão dos estudantes do ambiente educativo.

Assim, fica evidenciado a necessidade de existir relações saudáveis entre docentes e discentes, independente da modalidade de ensino. Isso é um fator primordial para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

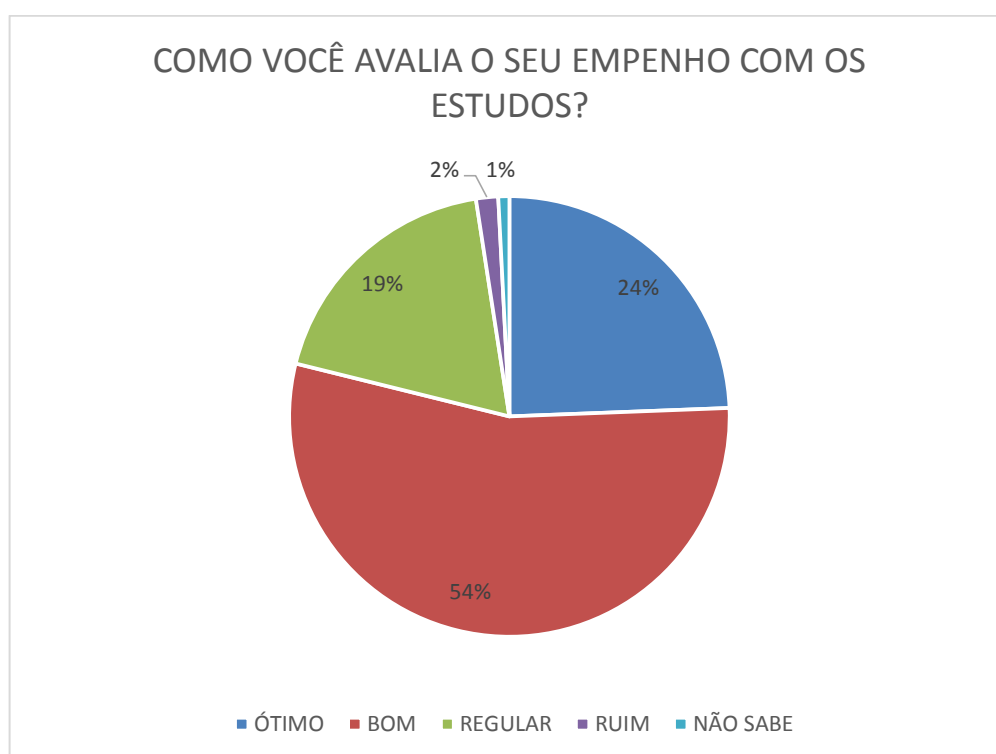
**Gráfico 26- Avaliação da Relação Professor/Aluno**



## 2.18 Avaliação de empenho nos estudos por parte dos jovens pesquisados

A fim de saber como está o envolvimento dos jovens com a escola, solicitamos aos estudantes que se auto avaliassem acerca de seu empenho quanto aos estudos. Os dados revelaram que: para 24% dos alunos da EJA o empenho está ótimo, 54% afirma que seu empenho é bom, 19% julgam ser regular, 2% avaliam negativamente seu envolvimento no processo de escolarização e 1% não soube opinar. Com base nos dados, pouco mais da metade dos sujeitos pesquisados avalia positivamente seu empenho nos estudos.

**Gráfico 27- Auto-Avaliação dos Jovens sobre o seu empenho nos Estudos**



### 2.19 Bairro onde reside

No que tange ao questionamento sobre o bairro referente à moradia dos discentes, ficou evidente que a maioria dos discentes é residente dos seguintes bairros: Massaranduba, seguido do bairro Uruguai que também contempla uma grande contingência de alunos e o bairro Caminho de Areia. Os demais alunos moram nos bairros que localizam-se nos entornos da escola. São bairros como: Bonfim, Ribeira, Monte Serrat, Machado, Jardim Cruzeiro, Leblon, Mangueira I, Roma, Graciliano Freitas, Vila Rui Barbosa, Alto do Cabrito, Pedra Furada, Boa Viagem e Calçada.

## **2.20 Escola onde estudou antes de ingressar na EJA**

Os educandos foram inqueridos, no questionário, se a escola na qual eles estudaram antes de inserir-se na EJA era pública ou privada. Diante dos 125 participantes, cento e vinte e dois discentes vieram oriundos de outras escolas públicas. Somente três discentes saíram da rede privada e ingressaram na EJA.

Tendo em vista os dados expostos, percebe-se a importância que necessita ser atribuída aos jovens da EJA, pois ficou evidente que diante dos perfis descritos, que a EJA pode ser um espaço de transformação da realidade de sujeitos com contextos social e economicamente desfavorecidos.

A partir destes contextos escolares, percebe-se o desafio enfrentado pelos educadores. Sobre os educadores, Freire afirma: "(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Desse modo, é interessante que o docente da EJA aproveite os saberes de mundo dos seus discentes, acolhendo-os e possibilitando-lhes a construção de seus saberes. Sobre o acesso dos Jovens à Escolarização Brunel (2014, p.v56) afirma: "Os alunos veem na escola a possibilidade de um futuro melhor". Isso influencia positivamente no comprometimento deles com a escolarização, pois estão conscientes de que o estudo pode ser uma forma de ascender socialmente.

## **2.21 Dados Resultantes das Entrevistas dos Alunos**

Diante dos dados acima expostos, iremos a partir de agora tratar dos dados resultantes das entrevistas semi-estruturadas realizadas com os alunos da EJA. Dentre os cento e vinte e cinco alunos interrogados sobre o desejo de participar da entrevista, apenas trinta e sete pessoas aceitaram participar da entrevista.

## **2.22. Trajetórias de Vida**

A partir de Entrevista Semiestruturada, buscamos conhecer as trajetórias pessoais dos estudantes da EJA, pedimos para que estes falassem um pouco sobre suas histórias de vida, infância, família e primeiras experiências com a escola. O resultado deste levantamento está explicitado no quadro 2 a seguir:

### **Quadro 2 – Trajetórias Pessoais dos Discentes**

Aluno/Eixo/Turma	Trajetórias Pessoais
Eixo VI A	Tudo começou quando eu nasci entendeu? Nasci com uma deficiência, deficiente físico. Na rua tinha um bocado de preconceito, tinha gente me alugava de “capenga, curupira”, entendeu? Isso não me fazia bem. Entendeu? Quando eu tinha sete anos, não andava direito [...] Ai eu tenho um irmão que é usuário de drogas entendeu? Ele pegou já me deu uma arma já pra mim pra eu atirar em alguém, pra atirar num parceiro mesmo [...] Mas nunca usei drogas, nunca roubei, nunca matei. Ai, voltei a estudar. Ai eu aceitei a Jesus, ai minha vida começou a melhorar, entendeu?
Eixo VI B	Minha experiência de vida foi um pouco né... difícil, porque meu pai se separou de minha mãe, eu tinha onze anos de idade. E tipo... eu sofri muito, na escola eu sempre gostei de estudar. A minha mãe nunca teve reclamação minha, nada disso, foi sempre normal pra mim. Mas a passar de um tempo, eu fui crescendo, tive que me dar com isso, meu pai com outra mulher, minha mãe com outro homem, graças a Deus são todos dois muito bem, entendeu? Maravilhosos. E aí... eu com quinze anos, eu engravidei, tenho uma filha hoje né, de três anos e é isso... minha vida foi isso aí (risos). Não tive muita infância, juventude porque engravidei cedo. E tô aqui hoje, casada, com filho, morando junto, e aí, a vida, né? Eu estudei em colégios diferente, aqui na cidade baixa mesmo e eu não tive muita dificuldade e estudo não. Só abandonei um ano, porque eu estava grávida e não conseguia ir pra escola, sentia muito sono. Perdi um ano, no primeiro ano e aí decidi fazer o EJA e aí pronto. Me formei esse ano e as experiências não foi muito ruim não, mas... mais ou menos.
Eixo VI C	[...] Eu não tenho nem o que falar da minha infância. Eu não tenho o que falar da minha infância. Minha infância foi maravilhosa. Brinquei muito, tive que brincar, curtir, só fui mãe cedo. Mas, minha infância foi tranquila. A minha família é tranquila, os meus pais são separados, mas minha convivência com eles foi maravilhosa. Não tive nenhum problema criança, nem na juventude. E... minhas primeiras experiências foi de ser mãe. Fui mãe com dezoito anos e na escola comecei cedo desde pequena.
Eixo VII A	[...] Meu nome é Gisele Reis da Cruz. Tenho 19 anos de idade. Falar um pouco sobre a minha história de vida... Tenho 19 ano. Moro com meus pais... é... não trabalho ainda... (risos). Moro com meus pais. É minha infância foi ótima, graças a Deus, mas só que no início meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos de idade, aí comecei morar com meu padrasto com meus cinco anos de idade. Ai é... No começo assim passamos uma dificuldade no início, mas depois a gente passou pela dificuldade e estamos aí. E... sobre a escola, perdi uns dois anos, mas... graças a Deus recuperei... já é meu último ano. Falta mais um ano pra completar meus estudos e... vamos lá né.... que a gente estamos aí pro que vier. É... eu lembro assim quando eu era pequena não gostava muito de ler... não gostava, sendo sincera, não gostava muito de ler, num era esforçada, me marca bastante, porque agora que eu tô vendo que a situação agora pra mim apertou realmente porque quando eu olho pra trás: “Meu Deus por que eu larguei meu estudo?” porque eu também fiquei um ano sem estudar. Por que eu larguei meu estudo? Hoje mesmo, hoje em dia eu já poderia tá o quê, formada, trabalhando, aí... de um tempo pra cá eu comecei a me interessar mais ainda e gostando dos estudo. [...]
Eixo VII B	Bem... minha infância foi po meio ruim. Vivia assim na casa de um e outro, com minha mãe, meus irmão, meu irmão de menor e... foi um pouco sofrida, porque muita humilhação de várias pessoas, de parentes meu mesmo, e... minha relação com a escola foi desde pequena, minha mãe sempre me botou ne escola. Eu estudava. Não lembro muito também não da minha infância, mas, eu sei que eu sofri bastante por... por tá passando aquilo com minha mãe. Por minha mãe tá sofrendo, por eu estar sofrendo, por humilhações de parentes meu, então isso... me deixou muito pra baixo mermo quando eu era pequena. Humilhações causadas por parentes, por irmã por parte de pai, que eu morava na casa de minha avó. Minha avó ficou na cama muito tempo, que ela quebrou a bacia, e, meu avô não tinha as duas pernas. Então a gente ficou lá [...] Eu sofri muita

	humilhação até com meu pai mesmo e meu avô que ele não gostava, não sei né? não gostava de mim. Demonstrava que não gostava. [...] Já colocou a gente pra fora, e aí a gente foi morar com minha irmã de parte de mãe. A gente foi morar com ela muito tempo. Tive boas experiência com a escola. Fiz minha formatura quando era menor, quando eu fechei a... a terceira série eu acho na escola de Nilda, da minha professora, eu gosto muito dela e... foi muito boa. Foi bastante bom. [...] Aprendi muitas coisas que eu não sabia. Não era muito fã, muito boa em matemática, e com isso foi desenvolvendo mais eu na matemática, e eu gostei. Foi bom
Eixo VII C	Minha história de vida é que... eu comecei a estudar desde a primeira série, mas só que eu fui concruindo, concruindo, concruindo, quando chegava na quinta e sexta, sétima e oitava série, eu parava de ir pra escola, entendeu? Que as amizade de hoje, não é a de antigamente, infrui muito a gente jovem, amizade que a gente pensa que é amizade, mas na verdade num é. Apesar de amizade que procura ajudar, não atrapalhar. Aí eu já larguei várias vezes os meus estudo... também uma vez ou outra. Tive uma depressão, minha mãe se separou de meu pai e, eu era muito apegada ao meu pai, e.. aquela coisa... aí agora mesmo, eu vim cair na real que a vida não é do jeito que a gente pensa, aí eu tô... graças a Deus concluí meus estudo, me formei esse ano, graças a Deus. Agora eu quero fazer uma faculdade, quero fazer um curso da experiência que eu gosto, manicure, cabeleleira, que eu sei fazer e me profissionalizar no mercado de trabalho.
Eixo VII D	Eu estou né uma família humilde, moro aqui na, no Bonfim desde criança e minha experiência na escola foi na creche, desde então eu comecei na escola e não parei mais. Na escola eu sempre fui normal graças a Deus, sempre fiz muitas amizades na escola. Na escola nunca tive problemas, sempre fui bem graças a Deus. Sempre fui bem na escola. Nunca tive nada de errado, alguma coisa que marcasse assim não. Sempre fui bem na escola. Minha família é bem unida, sempre estive do meu lado na escola e em qualquer aspecto, graças a Deus somos bem... um ajudando o outro. Às vezes meu pai tem problema com bebida, os problemas são esses que ele tem problema com bebida... só, mas graças a Deus a gente supera. O bom é a união da nossa família, graças a Deus.
Eixo VII E	Assim, é... eu comecei a estudar com dez anos. Já entrei na alfabetização porque eu sou órfã, não conheci nem meu pai, nem minha mãe e, minha avó, mais meu avô eles não queriam que eu estudasse. Aí assim... é porque é uma história muito longa, vou resumir. Aí... Aí assim, um dia minha avó, ela precisou de se internar, aí... só ficou eu e meu avô em casa, minha tia. E assim... minha avó mesmo, ela denunciou né, meu avô por algumas coisas que ela tava acontecendo na casa. Casa muito antiga, uma casa precária e... não tinha condições de uma pessoa doente morar na casa. Aí ela denunciou meu avô porque ela queria que reformasse a casa. Aí foi uma moça lá da empresa, da Petrobrás, uma assistente social, uma doutora pra curativos. Aí essa mulher, ela olhou a casa toda, ela olhou tudo e ela... assim deu conselho ao meu avô que ele reformasse a casa. Aí pronto. Meu avô ele deu um jeito na casa direitinho, mas ela também chegou pro meu avô e perguntou se tinha como: “Essa menina, ela estuda?”, e ele falou que não. E eu já tinha dez anos. Aí ele falou que não me colocou porque minha avó não queria, minha avó assim... ela ficava com medo que eu fosse estudar, devido à violência que tem hoje em dia. Ela ficava achando que se eu fosse estudar, que alguém ia fazer algum mal. Aí... ele foi e me matriculou, né, um colégio próximo de casa, é... sonho de criança, aí matriculou.[...] Não tinha mais vontade pra ir estudar e também tempo também eu não tinha mais. Meu avô ele sempre se internando, a minha avó também, eu tinha que dormir com ele lá, aí... por isso que eu fiquei doente e questão familiar que eu me afastei dos meus estudos. Mas agora eu tô... graças a Deus já concluí já.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante dos contextos dos entrevistados, fica evidente que estes discentes apresentam histórias de vida com trajetórias sofridas e percursos acadêmicos íngremes. Desse modo, o fracasso é correlacionado à vontade pessoal dos alunos, pois passa a ser atribuído à indisciplina e falta de interesse, enraizados desde a infância pelo não incentivo por parte da família e diante das condições sociais de vida.

Neste sentido, ao mencionar sua história de vida, o participante do Eixo VI A relatou que diante do fato de ter nascido com uma Necessidade Educacional Específica, o mesmo enfrentou situações difíceis como a questão do preconceito atrelado ao *bullying* nos locais onde o mesmo convivia. Fato este que está registrado em seu depoimento. De acordo com Fante (2005, p. 29):

O *bullying* pode ser responsável por vários resultados negativos no processo de aprendizagem e no relacionamento interpessoal entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas características, dentre elas: maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação da criança em relação à vida escolar.

Partindo deste pressuposto, é possível perceber que o *bullying* prejudica a vida social e a aquisição de conhecimentos, e isso é visível neste discente que passou por diversos preconceitos, sofreu um desânimo quanto aos estudos, pois é nítido que o mesmo não se sentia acolhido pelos colegas. Isso trouxe um sentimento de inferioridade e tristeza, acumulando, conseqüentemente, problemas como a desmotivação e dificuldades de aprendizagem.

Nesta perspectiva, percebeu-se, no mesmo quadro, diversas conseqüências afetivas provenientes do divórcio dos responsáveis/pais destes discentes que os afetaram desde a fase pueril, influenciando na aprendizagem. No argumento do participante Eixo VI B quando argumenta: *“Minha experiência de vida foi um pouco né... difícil, porque meu pai se separou de minha mãe, eu tinha onze anos de idade. E tipo... eu sofri muito[...]”*. Percebe-se a importância da família no que tange à formação intelectual. Diante disso, é nítido que a separação causa danos afetivos, trazendo conseqüências graves no âmbito cognitivo. Essa dificuldade cognitiva retratada na perda de anos letivos na escola também é visível na fala do participante do Eixo VII A, quando traz com destaque a questão da separação dos seus pais em evidência: *“Moro com meus pais. É minha infância foi ótima, graças a Deus, mas só que no início meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos de idade, aí comecei morar com meu padrasto com meus cinco anos de idade. Aí é... No começo assim passamos uma dificuldade no início, mas depois a gente passou pela dificuldade e estamos aí. E... sobre a escola, perdi uns dois anos”*. A questão do divórcio dos pais também atingiu o emocional da

discente representada pelo Eixo VII C, quando a mesma argumentou: *“Aí eu já larguei várias vezes os meus estudo... também uma vez ou outra. Tive uma depressão, minha mãe se separou de meu pai e, eu era muito apegada ao meu pai, e.. aquela coisa... aí agora mesmo, eu vim cair na real que a vida não é do jeito que a gente pensa[...]”*. No entanto, em contradição com os demais citados acima, a aluna representada pelo Eixo VI C não considerou a questão do divórcio dos seus pais como uma vicissitude que a prejudicou no contexto afetivo e cognitivo: *“A minha família é tranquila, os meus pais são separados, mas minha convivência com eles foi maravilhosa. Não tive nenhum problema criança, nem na juventude”*. De acordo com Wallerstein, Kelly (1998, p.)

[...] estudos revisados têm concluído que as crianças mais jovens podem ser as mais afetadas pelo divórcio parental, porque são menos capazes de compreender os eventos familiares, mais propensas a se culpar e a se sentir abandonadas e têm menos acesso a possíveis apoios por meio de relacionamentos fora da família.

Desse modo, a separação dos pais pode causar efeitos gravíssimos que precisam ser analisados, principalmente pelo fato de atingir o aspecto emotivo. Este problema gera possibilidades de influência no aspecto cognitivo intelectual.

Neste sentido, outra problemática também é visível na história da aluna do Eixo VII E, que argumenta não ter conhecido seus pais, e foi criada pelos seus avós, que estavam doentes. E diante da “ignorância” dos avós, necessitou a interferência de uma assistente social e outros profissionais para que a mesma tivesse acesso à escola: *“Essa menina, ela estuda?”*, e, ele falou que não. E eu já tinha dez anos. Aí ele falou que não me colocou porque minha avó não queria, minha avó assim... ela ficava com medo que eu fosse estudar, devido a violência que tem hoje em dia. [...]. A avó da discente representada pelo Eixo VII E, viu a mesma no aspecto da fragilidade, pelo fato desta ser mulher, morar em um bairro periférico, e diante dos índices crescentes de violência, esta se expõe diariamente em estado de vulnerabilidade diante não apenas do percurso da escola até a sua casa, sobretudo, o próprio contato com as pessoas de má índole.

A partir da necessidade dos Jovens entrevistados, considerando as suas condições sociais de vida precárias e diante do âmbito para a conquista de um trabalho, foi pedido para que estes discorressem sobre os seus trabalhos. Tais depoimentos estão relatados no quadro 3 abaixo:

### **Quadro 3 – Trajetórias Laborais dos Discentes**

Aluno/Eixo/Turma	Trajetórias Trabalhistas
Eixo VI A	Trabalho de ajudante de pedreiro, faço massa, de vez em quando cavo buraco, entendeu? Ajudo. Isso que eu faço. Trabalho ruim como a (merda). Chego quebrado em casa, não tenho tempo pra estudar direito.
Eixo VI B	Meu trabalho? Eu no momento não estou trabalhando. Entendeu? Estou desempregada. Já tive já vários empregos de... não de carteira assinada, mas sim de estágio. Trabalhei como vendedora na baixa dos sapateiro. Eu acho que pra mim foi o melhor. É... experiência, <i>telemarketing</i> , mas no momento eu não estou trabalhando. No momento eu estou desempregada, e estou agora né, como eu me formei, terminei meu terceiro ano, no caso agora eu vou começar, né? Botar meus currículo, minhas coisas pra poder trabalhar de carteira assinada porque eu preciso.
Eixo VI C	Não trabalho. Só em casa cuidando dos filhos. Meu único trabalho.
Eixo VII A	Não trabalho. Faço bico. Trabalho com minha mãe fazendo cabelo. Sou cabeleleira. Faço unha, manicure. Trabalho num bar, num restaurante. Faço bico assim... mas trabalhar ainda não.
Eixo VII B	Eu não trabalho ainda não, porque eu tava estudando, né? Aí eu falei com minha mãe lá em casa que eu só ia começar a trabalhar quando acabasse de estudar, porque aí eu poderia trabalhar e fazer o curso, porque eu quero minha profissão e nessa profissão tem vários cursos pra eu fazer, aí eu quero fazer curso e trabalhar. Por isso que eu optei pra não trabalhar por estudar de noite também se eu trabalhasse de manhã ia ficar um pouco ruim pra mim, de tarde também pra eu vim pra escola eu ia ficar cansada e não trabalhar, mas esse ano eu vou trabalhar.
Eixo VII C	Eu não trabalho... só que....faço minhas correria, sei fazer unha, boto cabelo, se aparecer uma faxina pra fazer eu faço. Eu olho menino, o que aparece eu faço, porque minha mãe é desempregada, vive de faxina. Ela é diarista. Então eu tenho que precurar ajudar minha mãe. Porque a gente também passa dificuldades dentro de casa que eu tenho uma irmã, minha irmã só quer saber de fazer filho, entendeu? E, sempre né uma casa tem que ter um filho pra ajudar as suas mães, né? Então eu... o quanto eu puder ajudar a minha mãe, em vida, eu tô aqui pra ajudar.
Eixo VII D	Meu trabalho se deu aí com uma experiência, mas não deu certo como vendedora, mas não cheguei a “afetivar” não. Foi isso que eu tava em uma experiência, mas não cheguei a “afetivar” não. Por causa da crise e tudo, aí não teve como afetivar novos trabalhadores.
Eixo VII E	Não. Sou autônoma. No momento eu tô procurando emprego. Assim, de vez em quando aparece diária em lanchonete, em restaurante, alguma coisa assim, aí eu vou e faço.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

A partir dos relatos, percebe-se que grandes partes dos jovens querem se formar de brevemente em virtude do ingresso no mercado de trabalho. No entanto, o atrelamento do trabalho com a questão estudantil, faz com que o educando perca o foco nos estudos. Diante do cansaço rotineiro das tarefas laborais, conforme afirma o estudante do Eixo VI: “*Chego quebrado em casa, não tenho tempo pra estudar direito*”. Vale ressaltar até mesmo as escolas desprezam a formação para a cidadania e pregam um ensino voltado para o mercado de trabalho. Desse modo, assim como estes jovens entrevistados, milhares de jovens têm pressa em formar-se visando à empregabilidade. Sobre isso, Faria; et al (2008, p. 5) salientam:



Como a educação das categorias populares, inversamente, tem sido vinculada ao fator emprego, a formação dessa classe recebe uma ideológica influência das relações oriundas do trabalho. Essa influência, devido à necessidade de o indivíduo se manter empregado, fez o local de trabalho durante muito tempo, atuar como instância educativa, interferindo na condição de liberdade e criatividade do trabalhador. Daí a contradição entre “preparação para o trabalho” e “exercício consciente da cidadania”, exortada constantemente na elaboração de leis que buscam equalizar trabalho e educação.

A partir da afirmativa do autor, percebe-se que há um elevado índice de pessoas de baixo poder aquisitivo que tentam conciliar a educação ao trabalho. No entanto, a sobrecarga de trabalho elimina o tempo para o ócio, ou seja, para o conhecimento. Diante disso muitos indivíduos vivem alienados, passivos e dependentes. A escola como centro de desenvolvimento e troca de saberes ao invés de estimular o exercício consciente da cidadania, muitas vezes segue a lógica capitalista da educação voltada para o trabalho. De acordo com Souza e Alberto (2008):

No caso dos trabalhadores precoces, a rotina de trabalho, que lhes causa cansaço físico (dores no corpo, na cabeça), sobrecarga de responsabilidades e desânimo, priva-os da brincadeira, e não raro, de estudar, passando a se tornar a referência primeira em termos de conhecimentos, ao invés das vivências escolares. Enquanto alunos, eles se atêm prevalentemente ao conhecimento do senso comum e das experiências cotidianas, o que contribui para que se tornem leigos no domínio dos conhecimentos científicos e no capital cultural requerido nas sociedades escolarizadas. Assim, tendem a fracassar na escola, pois nesta são exigidas habilidades pautadas em parâmetros que somente a educação formal poderá oferecer, entre as quais: raciocínio lógico, pensamento abstrato, linguagem conceitual, conceitos aritméticos e algébricos, entre outros (SOUZA e ALBERTO, 2008, p. 716).

É válido ressaltar que o trabalho influencia na desistência do discente do ensino, pois o sobrecarrega não apenas fisicamente, como também mentalmente. Por isso, é necessário pôr um freio neste caminho de adultização no que tange à sobrecarga de responsabilidades para que não prejudique a sua trajetória escolar, pois é necessário que o discente viva intensamente suas fases, de modo que nada atrapalhe os seus estudos.

## **2.23 Sobre A EJA e Sobre o Ensino Regular**

O sistema capitalista excludente contribuiu para as evasões e desistências na escola regular. Os motivos que levaram a desistência são múltiplos. Alguns em virtude do trabalho visando sua sobrevivência, outros pela própria ausência de consciência da importância da escola como instrumento de transformação social e ainda circunstâncias adversas. O quadro 4,

a seguir, retrata as respostas dadas pelos respondentes quanto aos fatores que os levaram à desistência do ensino regular.

**Quadro 4 - Fatores que Impulsionaram à Desistência do Ensino Regular**

Aluno/Eixo/Turma	Fatores que Impulsionaram à Desistência do Ensino Regular
Eixo VI A	Bagunça! Indo pra brigar, pra ficar... na rua.. entendeu? Essas coisa assim. Curtindo a praia, curtidão, cachaça. Aí quando eu voltei a estudar, eu tinha uns dezesseis anos.
Eixo VI B	Assim... eu estudava durante o dia né, e aí, como um ano eu tive que abandonar, o outro ano eu perdi de ano e aí eu achava que eu já tava chegando já na idade e, tipo num... eu com filho. Eu teno que... eu teno que... fazer as coisas dentro de casa... tenho que arranjar emprego também, que trabalhar, essas coisas, aí decidi que eu queria estudar de noite. Tentar né... pra ver. E aí foi isso. Foi muito por... foi por nada não.
Eixo VI C	Porque eu engravidei. Aí eu tive que parar mesmo. Não tive aí outra chance. Vai ter que parar de estudar.
Eixo VII A	É porque eu estudava de manhã, pela manhã. Aí... eu passei pela noite porque as amizade como diz o ditado: “ quem se mistura com porcos falero come”, aí eu saí de tarde, porque eu não tava conseguindo estudar por causa das amizade, aí eu peguei e saí e passei pra de noite também por causa do namorado pra também ajudar ele tombém, aí foi isso. Por isso que eu passei pra de noite, mas é meu primeiro ano à noite.
Eixo VII B	Pow foi porque eu queria... eu queria algo logo que me adiantasse. E... eu sempre ouvia também as pessoas falarem que é bom estudar de noite, entendeu? É bom estudar. Fazer primeiro e segundo, terceiro assim, e, eu sempre gostei, nunca fui assim... Nunca fui coisa assim não. Eu gostei, gostei bastante. Foi bom a experiência de estudar primeiro e segundo e depois agora concluir o terceiro ano. A questão foi de querer logo concluir, de querer logo parar de estudar pra poder trabalhar, pra poder...ajudar minha mãe, aí eu já fui logo pra de noite pra fazer.
Eixo VII C	Porque durante o dia, a juventude de hoje tá, no é... quer dizer, a juventude não é mais a mesma de antigamente. Que eu ia pra escola pra estudar, sempre tinha um na sala de aula, um amigo, que não deixava eu estudar. Eu ia também pra ficar lá. Eu ia pra escola pra estudar, pra ser alguém na vida, amanhã, depois. As meninas ficava me chamando pra sair, pra ir namorar, ficava procurando briga, confusão, aí eu desistia. E também porque eu concruí a sétima e oitava, e, minha idade também não tava mais permitindo eu ficar durante o dia. Aí eles me botaram pra eu fazer sétima e oitava à noite. Aí eu fiz, gostei, aí eu fui, fui no primeiro por causa da minha idade que também não permitia ficar durante o dia fazendo sétima e oitava. Eles lá que me botaram. Aí minha mãe aceitou eu ficar durante à noite. Eu achei até melhor também, porque na minha sala, é só ficava os jovens da minha idade na época. Eu tinha vinte e dois anos. Aí, eu achei até melhor também.
Eixo VII D	Pelo fato da idade, que eu tô atrasada já na série que eu estava e pelo fato de eu também ter que estudar à noite, por causa de um trabalho, curso, por isso.
Eixo VII E	Assim, porque como eu falei, eu cuidava de meu avô e minha avó. Eles já sendo idoso, eles não deixava à noite eu dormir. Né? Meu avô mesmo ele ia assim no meu quarto, ele ia e ficava batendo na porta, à noite toda, ele falava, ele conversava. Ele trocava o dia, é... pela noite. Ele achava que à noite era o dia e o dia era à noite. Aí pronto... não tinha como eu dormir. E eu não dormia direito à noite. Aí pra ir pro colégio, quando eu ia era cansada, né? Às vezes ficava com dor de cabeça, tudo aquilo, aí eu desisti de estudar por causa disso. É porque meu avô ele tinha problema de esquecimento de Mal de Alzheimer. E assim, ele já tinha já se alimentado cedo, tomado café. Já tinha dado

	tudo a ele. Mas ele esquecia. Ele achava que eu deveria tá ali junto com ele. Que ele queria que eu ficasse ali, aí não deixava eu dormir à noite.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Nessa perspectiva, a concepção dos fatores relacionados aos desafios e desinteresses dos Jovens em relação à aprendizagem é nítida na fala da maioria dos entrevistados, e é uma das maiores causas da desistência do ensino regular. Isso está atrelado não apenas aos fatores intraclasses, sobretudo, extraescolares. Muitas vezes a escola não oferece um ensino de base qualificado, criando uma desmotivação nos educandos.

Outro problema recorrente é a falta de uma política pública eficaz voltada para a realidade dos indivíduos, capaz de acolhê-los e efetivar os seus direitos sociais.

O apoio da família no processo educativo que é essencial muitas vezes é negado. As relações entre escola e família são necessárias para o desenvolvimento do indivíduo. A maioria dos pais não tem interesse pela educação. E os filhos acabam tomando essa negatividade como um exemplo de vida. A ausência de perspectivas de uma vida digna acaba influenciando de certo modo a negligência de luta pelos direitos sociais. Muitas pessoas não reconhecem a importância do valor da educação. Sobre estes fatores que levam a desistência do ensino regular, os entrevistados afirmaram algumas causas que os levaram a desistir: bagunça, a questão da gravidez, filhos, pressa para galgar um trabalho, amizades, brigas e questões familiares.

Percebeu-se diante dos argumentos dos entrevistados acerca do questionamento dos fatores que ocasionaram a desistência do Ensino Regular, que os discentes do Eixo VI B ao afirmar que: “[...] *Tenho que arranjar emprego também, que trabalhar, essas coisas, aí decidi que eu queria estudar de noite. Tentar né... pra ver. [...]*”, Eixo VII B ao focar que: “[...] *A questão foi de querer logo concluir, de querer logo parar de estudar pra poder trabalhar, pra poder...ajudar minha mãe, aí eu já fui logo pra de noite pra fazer.*”[...] e Eixo VII D ao afirmar: “[...] *Pelo fato da idade, que eu tô atrasada já na série que eu estava e pelo fato de eu também ter que estudar à noite, por causa de um trabalho, curso, por isso.[...]*, que estes apresentaram respostas em comum, pois o principal motivo pelo qual eles desistiram está associado à pressa para o ingresso no mercado de trabalho.

Considerando a influência do trabalho na vida destes três discentes pertencentes ao Eixo VI B, Eixo VII B e Eixo VII D, motivos que os levaram a desistir do ensino regular e ingressar na EJA é que a maioria do público que trabalha e estuda são jovens das camadas populares que nem desfrutam integralmente da adolescência, assumindo responsabilidades dos adultos. Percebe-se, então, a adultização que na juventude da educação de jovens e

adultos. Acerca dessa temática, Faria; et al (2008) argumentam:

[...] Diante dessas conclusões, que inegavelmente são importantes, temos dúvidas se, sob um olhar restrito, não corremos o risco de defender interesses específicos, que reforçam uma nova divisão social, agora na EJA, entre moços que devem chegar resolutamente ao “mundo adulto” e adultos que aceitem, resignadamente, a velhice sem quaisquer perspectivas de conforto e dignidade. Numa espécie de “justificada” juvenilização (FARIA et. al. 2008, p. 6).

Nesse sentido, a grande preocupação é de que diante do constante crescimento de jovens na EJA ocasione um aumento nos índices de evasão no ensino regular por parte destes alunos.

Para sabermos sobre os fatores que levaram os Jovens a ingressarem na EJA, inquerimos os discentes sobre os motivos que os fizeram ingressar na EJA e o resultado ficou explicitado no quadro 5, a seguir:

**Quadro 5 – Fatores que influenciaram o Ingresso na EJA**

Aluno/Eixo/Turma	Fatores que influenciaram o ingresso na EJA
Eixo VI A	Meus pais. Porque falou assim... sem estudo não vai pra lugar nenhum, entendeu? Aí disse que eu tenho que estudar... que não guenta me ver pegando peso, essas coisa assim... que eu não nasci pra isso, que não quer ver eu ir vendendo gás, que não quer ver eu pagando pau.
Eixo VI B	É porque assim... o EJA é um aceleração, né? Pra você poder terminar mais rápido. E no caso eu, com filho, eu não podia, tipo... estudar primeiro, segundo, terceiro... eu tinha que ter alguma coisa pra poder adiantar minha vida, porque eu não podia ficar fazendo uma série, depois outra, depois outra. Aí eu decidi que eu fazendo o EJA, fiz primeiro e segundo no caso, e aí terminei agora o terceiro. Foi isso.
Eixo VI C	Poder me formar mais rápido, né? Porque eu parei de estudar, cabeí me atrasando nos estudos, aí tive que fazer o EJA pra poder terminar, concluir mais rápido.
Eixo VII A	Eu estudei à noite, porque... porque a maioria me falava que era fácil. Mas eu também não tô indo pelo fácil, porque eu me desenvolvi mais, eu aprendi mais, as professoras tinham mais paciência e pela tarde não. E, principalmente na minha turma que era tranquilo, as meninas super legal e aí me joguei pra de noite. Mas só que eu gostei muito do EJA. É um ótimo turno. Eu gostei.
Eixo VII B	Não sei... um fator assim... É isso, como eu te falei. O motivo pelo qual eu optei em fazer isso, foi também pelo motivo mesmo de acabar logo minhas aulas, pra poder ingressar na minha carreira, entendeu? O que eu quero, a nutricionista, quero e confio com fê em Deus que vou ser nutricionista e, foi isso. O modo, foi isso aí que eu escolhi. Eu achei que foi bom, eu achei que foi bom, porque assim que eu vim aqui, já era pa eu... não tá mais estudando. Eu tenho dezenove anos, hoje eu tenho vinte, minto, perdão. Já era pra eu não tá mais estudando, entendeu? Mas só que eu perdi. Aí, pronto. Mas só que eu perdi na quinta série.
Eixo VII C	O motivo, porque... eu acho até o melhor pra mim, porque durante o dia eu não conseguia estudar, entendeu? Por causa das colegas, aí também eu achei até melhor. Graças a Deus eu não desisti, e... me formei, achei até o melhor.
Eixo VII D	Se formar mais rápido. Pra ter a formação mais rápido, só.

Eixo VII E	É porque à noite seria um tempo melhor assim pra mim, né? Um tempo mais, que eu já ia tá mais descansada. Um tempo que eu poderia descansar a mais pela tarde e o colégio à noite e também pra tá acelerando meus estudos também.
------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante dos posicionamentos dos alunos quanto aos motivos que os fizeram ingressar na EJA, percebe-se que o desejo de “formar-se com brevidade” foi o fator que obteve destaque. Isso ficou visível nos discursos dos discentes do Eixo VI B quando salientou: *“É porque assim... o EJA é um aceleração né? Pra você poder terminar mais rápido. E no caso eu, com filho, eu não podia, tipo... estudar primeiro, segundo, terceiro... eu tinha que ter alguma coisa pra poder adiantar minha vida.”*[...], do Eixo VI C ao afirmar: *“Poder me formar mais rápido né? Porque eu parei de estudar, cabei me atrasando nos estudos, aí tive que fazer o EJA pra poder terminar, concluir mais rápido”*. Confrontando com os depoimentos explicitados no depoimento do aluno do Eixo VII B, ele argumenta: *“[...] O motivo pelo qual eu optei em fazer isso, foi também pelo motivo mesmo de acabar logo minhas aulas, pra poder ingressar na minha carreira, entendeu? [...]”*, ou seja, ela ainda pensa em ampliar o processo educativo, visto que ela deseja o ingresso na faculdade, mesmo sabendo das inúmeras dificuldades que poderá enfrentar. Ainda no mesmo quesito, este foi o depoimento do estudante do Eixo VII D quando afirma que: *“Se formar mais rápido. Pra ter a formação mais rápido, só”*. E a discente do Eixo VII E, quando salienta: *“Um tempo que eu poderia descansar a mais pela tarde e o colégio à noite e também pra tá acelerando meus estudos também”*.

Desse modo, a aceleração dos estudos torna-se âmbito da grande maioria dos Jovens que ingressam na EJA. Os alunos da EJA, principalmente os jovens, têm pressa de aprender. Eles chegam à escola com sede de aprender, querendo correr contra o tempo, como se o tempo de ensino escola estivesse em ritmo lento, ou seja, podendo ser rápido para que ele finalize o mais rápido possível para conquistar seus objetivos posteriores.

Diante dos argumentos desses entrevistados, percebe-se que é notória a pressa para alcançar a formação, independentemente de ela ser de maneira reduzida, haja vista que os estudantes da EJA ingressam nessa modalidade principalmente em virtude do atraso escolar. De acordo com o parecer CNE/ CEB 28/2002 e a LDB no seu artigo 24, esta modalidade possibilita o recurso pedagógico da aceleração de estudos. O inciso V na alínea C propõe “possibilidade de aceleração de estudos para alunos com fracasso escolar”.

O fracasso escolar em grande parte é justificado pelas condições sociais injustas dos

educandos. Dessa maneira, percebe-se que a maioria das pessoas que vivenciam uma situação econômica desfavorável não percebe a educação como instrumento de transformação social, pois diante das necessidades de sobrevivência elas têm o trabalho como primordial e a educação como secundária e supérflua. Além do fato das mesmas não acreditarem em sua emancipação por meio da educação, considerando o fato de suas trajetórias sofridas e difíceis devido às condições socioeconômicas.

Neste sentido, considerando a importância da EJA para a ascensão social, desenvolvimento humano e intelectual, foi perguntado aos entrevistados qual a importância da EJA para eles. O resultado desta problematização está explicitado no quadro 6, a seguir:

**Quadro 6 – Importância da Educação de Jovens e adultos**

Aluno/Eixo/Turma	Importância da Educação de Jovens e Adultos
Eixo VI A	Lá é muito bom... eu achei muito bom. As professoras são ótimas pessoas, entendeu? Fiz amizade aqui muito boa. Não tenho o que falar da escola não. O ensino é muito bom mermo.
Eixo VI B	É importante porque... a gente no caso se dá com muitas pessoas de várias idades, né? Não só jovem, como pessoas mermo de idade... que deixaram os estudos pra trás e voltaram a estudar agora. É muita experiência né? Assim... aquela coisa da gente fazer certas matérias e depois a gente no próximo ano fazer o restante. No caso eu... eu gosto, né. Eu gosto do EJA e agora aí terminei.
Eixo VI C	Foi fundamental. Porque a gente, a gente sem estudo não é nada, né? Então tem que ter o estudo. Tem gente que tem estudo, mas já não tá na profissão que quer, imagine sem ele.
Eixo VII A	A importância, é que... fala pra pessoa melhorar de vida...ter alguma coisa na vida... ter um bom aprendizagem., uma boa informação, educação e etc.
Eixo VII B	Pow... é boa. A importância é que... precisamos hoje em dia nesse mundo, todos nós precisamos de ter um aprendizado assim bom, porque esse mundo aí só tá só de matança, então você, você ter assim um contato, vou falar até de contato. Um contato com outras pessoas que te influenciem, que te... que te botem pra cima, que faça... que fale: “Pow, você vai conseguir todos os seus sonhos, os seus objetivo, então.. é bom isso”.
Eixo VII C	A importância é que os jovens hoje em dia não querem nada com a vida. A violência hoje tá demais, que os jovens só querem saber de se prostituir. Os jovens hoje não chegam à idade de minha mãe, de outras mães que quis algo na vida. No tempo delas não tinha nada disso de violência. Aliás, que sempre teve, né? Mas hoje em dia a violência está demais. Os jovens tá entrando nesse mundo de drogas, prostituição, não chega nem aos trinta anos, tão tudo se acabando cedo, e em vez de procurar se apegar a Deus, entendeu? Aí fica fazendo as mães sofrer sem necessidade, porque na verdade, trabalho tá difícil de se achar, mas tem tanta coisa no mundo aí pra a gente fazer, entendeu? É procurar um meio de vida pra ganhar dinheiro, tem lava jato, tem salão, hoje em dia tem o jovem aprendiz aí que bota os jovens no mercado de trabalho, né? Então os jovens hoje não querem nada. Eu acho até melhor ficar com os já antigos.
Eixo VII D	Pra mim é importante, porque várias pessoas não podem ir durante o dia por vários problemas, né, de trabalho, família e tudo e à noite as pessoas e à noite os professores também se interessam bastante pra nos ensinar e nos ajudar. Muito bom.
Eixo VII E	Assim, pra mim é importante porque... para que a gente possa estar ingressando, né,

	um, assim, né, uma faculdade, é... tendo um bom trabalho, um bom emprego né? Acho assim.
--	------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Acerca deste questionamento, os educandos do Eixo VI C, VII A e VII B consideraram que a EJA é importante em virtude da imprescindibilidade da aprendizagem. Tal afirmativa está explicitada em suas respectivas falas. Discente Eixo VI C: *“Foi fundamental. Porque a gente, a gente sem estudo não é nada né? Então tem que ter o estudo.”* A aprendizagem na fala desta discente é representada pela palavra estudo. O aluno do Eixo VII A, salienta: *“A importância, é que... fala pra pessoa melhorar de vida... ter alguma coisa na vida... ter um bom aprendizagem,”* e o educando do Eixo VII B que ressalta: *“Pow... é boa. A importância é que...precisamos hoje em dia nesse mundo, todos nós precisamos de ter um aprendizado assim bom”*. Diante dos argumentos explicitados, sabe-se que a aprendizagem para os discentes da EJA é fundamental, pois esta pode libertá-los da ignorância e levá-los à ascensão social. Neste contexto, Moraes (2002) salienta:

... atender ao aprendiz, ao usuário, ao estudante, [...]. Um ser singular no seu capital genético [...] em sua morfologia, em sua anatomia, em sua fisiologia, em seu temperamento, em seu comportamento e em suas inteligências. [...] Um indivíduo que aprende, representa e utiliza o conhecimento de modo diferente, que conhece o mundo de uma maneira específica, dependendo do contexto e da cultura em que foi gerado. [...] Um sujeito que é histórico e, ao mesmo tempo, sujeito da história, construtor de sua história, [...] que não pode ser compreendido fora de suas relações dialéticas com o mundo. (MORAES, 2002, p.138).

Nesta perspectiva, o estudante da EJA quando se dispõe a aprender, este conhece o mundo de forma crítica e autônoma, utilizando o seu conhecimento para ressignificar sua história. Os argumentos dos discentes pertencentes ao Eixo VII A, e Eixo VII E, coincidem pelo fato de que ambas retratam o âmbito de melhoria de vida através da educação, somando-se a perspectivas para além da escola, como está nítido no depoimento da discente do Eixo VII, diante da necessidade de ingresso na faculdade e de arrumar um emprego digno: *“para mim é importante porque... para que a gente possa estar ingressando ne um, assim, ne uma faculdade, é... tendo um bom trabalho, um bom emprego né?”*

Neste sentido, os discentes foram inqueridos sobre as mudanças ocorridas em suas vidas após o ingresso na EJA e o significado da experiência deles nesta modalidade. O resultado deste questionamento está apresentado no quadro 07, a seguir:



**Quadro 07 – Mudanças de Vida após o Ingresso na EJA e o Significado da Experiência de Estudo nesta Modalidade**

Aluno/Eixo/Turma	Mudanças após o Ingresso na EJA e o Significado da Experiência de Estudo nesta Modalidade
Eixo VI A	A experiência como um bem. Não tô mais como antes, não tô fazendo mais coisa errada, entendeu? Tô respeitando meu pai, tô respeitando minha mãe, coisa que eu não fazia antes. Aí, as pessoa que tá aqui me aconselhava, que isso não é certo, essas coisa assim.
Eixo VI B	Rapaz... mudar, mudar...mudou, porque eu, no caso, eu nunca num fui de ser ruim, né, escola não. Mas no caso, eu sempre ficava de recuperação, essas coisas, mas nunca fui de ser ruim, né, escola não. Mas aí eu fiz o EJA pra poder adiantar. É no caso, você se dá com pessoas mais velhas. Entendeu? Pessoas de mais mentalidade. Tipo, de dia você estuda, é aquele barulho, aquele negócio todo... aquela agonia, né? E de noite é mais tranquilo. Eu acho que a gente consegue aprender mais, estudando de noite, porque eu acho que a gente presta mais atenção, a gente para pra ouvir mais, quando a gente tá ruim em alguma matéria, os professores chamam pra poder conversar, não é aquele negócio de: “Ah! Se você aprender eu vou ganhar, se você não aprender eu vou ganhar do mesmo jeito”. Não é aquilo, entendeu? Então, mudou muita coisa na minha vida, porque eu consegui até aprender mais estudando esses três anos de noite, eu consegui aprender mais. [...]
Eixo VI C	Não mudou nada, mas significou muita coisa. Porque conheci pessoas nova, foi outro turno pra estudar, de noite, né? Que só pode estudar de noite. Mas, só isso mesmo.
Eixo VII A	Ah... foi uma experiência ótima pra mim lidar com jovens mais velhos do que eu, foi uma experiência boa e eu gostei. Gostei. Mudou muita coisa. É... Evoluí mais pro que eu era antes. Foi muito legal, muito bom. Gostei muito.
Eixo VII B	Mudou assim... Mudou que eu tinha mais tempo, de manhã, à tarde. De manhã até à tarde de ajudar minha mãe a fazer os negócios que ela faz pra vender e de noite vim pra escola, me ajudou nisso. É uma experiência boa [...].
Eixo VII C	[...] Eu senti muitas coisas boas, porque a pessoa hoje em dia não vive só de brincadeira, de namoro, dessa vida aí de prostituição, de droga, de sair, fazer farra, bebida. A gente tem que procurar ser alguém na vida, porque a gente já é alguém na vida, já tá difícil arrumar um emprego, piorou a gente sem nada. Então, mudou muita coisa em minha vida. Eu também não sou mais criança, já vou fazer vinte e quatro anos amanhã, acordei pra vida, porque a vida não é da maneira como a gente pensa, então, eu dô graças a Deus. A experiência significou muitas coisas boa na minha vida, porque se eu... hoje em dia não fosse a pessoa que... eu fosse a pessoa que eu era antigamente, não tinha cabeça, pensava só em farra, em fazer, em acontecer, hoje em dia eu não tava formada, como hoje em dia eu já estou e eu dô graças a Deus que eu encarei ao meus estudos.
Eixo VII D	Pra mim foi bom. Os professores também nos... Como é o nome? nos contam as histórias de vida deles, pra a gente nunca parar de estudar pra gente ter uma vaga no mercado de trabalho, boa. Foi muito gratificante. Boa, ótima experiência. Mudou o meu modo de pensar. Que a gente nunca tem que parar de estudar e sempre procurar nossa melhora.
Eixo VII E	Assim... o que mudou foi que eu tive mais tempo pra estudar à noite e... foi uma experiência boa pra mim. Eu achei melhor tá estudando à noite do que pelo dia, de manhã, que eu tive a oportunidade também de fazer uma aceleração e... foi assim. E o que significa assim...que... o que significa assim que é um ensino bom, gostei, né? Dos professores que eu tive também, né? Das pessoas do colégio, né?

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada



Diante dos relatos descritos desses jovens e adultos, percebe-se que as mudanças que ocorreram em suas vidas e interesses de cada um são distintos e nota-se que a EJA tornou-se como um fator positivo para a vida deles, principalmente pela possibilidade de se constituir uma alternativa de emancipação. Freire (2002) argumenta que é na essência das contradições vividas na categoria das pessoas excluídas socialmente que jovens e adultos das camadas populares criam estratégias de emancipação de todo um percurso histórico que luta para trazer continuidade sua presença em prejuízo da mudança.

Nesse sentido, é importante que a educação de jovens e adultos trabalhe em favor das transformações dos indivíduos e é fundamental que o professor se reconheça como mediador, para que venha haver a construção do conhecimento por meio do diálogo. Isso porque através dessa perspectiva dialógica a educação pode se tornar um instrumento de humanização do homem, capaz de politizá-lo e torná-lo um ser crítico.

Essa mudança relacionada à transformação social do indivíduo não atinge a todos, pois para que ela venha de fato ser presente na vida dos discentes, é necessário que a escola seja acolhedora, trabalhando de forma contextualizada, considerando a realidade do indivíduo. O primeiro passo é reconhecer a educação como instrumento preponderante de transformação. Além disso, o sujeito necessita se envolver integralmente no processo educativo. Mediante as respostas de uma das entrevistadas, esta afirma que não houve mudança nenhuma referente à sua vida após o ingresso na EJA: *“Não mudou nada, mas significou muita coisa. Porque conheci pessoas nova [...]”*.

Diante deste argumento, percebe-se que para ocorrer mudanças é preciso o educando se permitir, é preciso que seu desejo esteja voltado para a aprendizagem, tendo em vista uma transformação.

Diante do questionamento acerca do que significou a escola de ensino regular, notou-se que a grande maioria dos entrevistados considera o ensino regular significativo para as suas vidas, conforme está descrito no quadro 08, a seguir:

**Quadro 08 – Significado do Ensino Regular**

Aluno/Eixo/Turma	Significado do Ensino Regular
Eixo VI A	Nada, porque a escola não prestava. Os alunos bagunçava, fazia o que querem, rumava a bomba, essas coisas assim. O ensino era ruim. Aí esperei os cara chegar... bagunçava, jogava as coisa pa cima... Os professor não fazia nada. Era ruim e o diretor ficava boiando. Era muito ruim mesmo. Chegava e botava aluno pra se lenhar, um dia. Aí eu peguei, fui escarrado de lá.
Eixo VI B	Significou muita coisa pra mim, né? Porque eu tinha que estudar, quer dizer, todo mundo tem que estudar, né? Mas assim... Eu preferi no caso... como eu tive a

	experiência agora de estudar de noite, fazer o EJA, eu gostei mais do EJA. Eu preferi mais o EJA do que o ensino de dia, né?
Eixo VI C	Ah... muita coisa, porque eu aprendi muito mais, né? Que quando a gente estuda na escola numa série normal sem fazer várias séries e com poucas matérias a gente aprende muito mais. Porque também eu sempre estudei em escola particular, saí da escola particular na quinta série, mas porque engravidei, perdi ano, é isso. Mas, é isso.
Eixo VII A	Pela manhã eu estudava... não significou nada pra mim porque eu não tinha um bom aprendizado, não me dediquei muito aos estudo, é os professores mermo num era aqueles professores que ensinam mermo, dá atenção aos alunos, por isso mesmo, são muitas matérias pela manhã e pelo EJA, pelo EJA as matérias era bem menas, menos e foi ótimo. Se eu bem soubesse que no EJA era assim à noite eu já tinha me jogado há muito tempo e acho que eu já tava formada.
Eixo VII B	Foi bem, também. Eu sempre tive uma meta na minha vida que é crescer. Nunca diminuir, nunca ir pra baixo. Então, pra mim, minha mãe sempre falava: “Estudar! Estudar! Porque estudar vai te dar um futuro melhor, pra eu ter uma boa educação, vai te dar um futuro”, então... eu vindo pra estudar no ensino regular foi bom.
Eixo VII C	Significou que... é... como eu tô falando, eu não aprendi nada, entendeu? Eu ia pra escola, chegava e nem assistia todas as aulas, chegava em casa e dizia à minha mãe que nem teve aula, porque, as amizade não deixava eu encarar os meus estudos, então pera noite, significou muitas boas, porque os professores bom, os professores tudo bom, ensina bem.
Eixo VII D	Foi bom também. Não tenho o que falar. Também foi muito boa. Eu mudei por... pelo fato de arranjar um trabalho mesmo, não pela educação ruim que eles também, foi muito boa a experiência.
Eixo VII E	Foi também assim um dos estudo bom, porque foi dali que eu conheci o que era o colégio, quando eu entrei no colégio. Aí vim conhecer os professores, ver o que era o estudo, tudo direitinho, né? Só isso.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Dessa maneira, compreende-se que a maioria dos discentes reconhece a importância do ensino regular. No entanto, dois entrevistados afirmaram que o ensino regular não teve nenhuma significância para as suas vidas. Isso é visível no argumento do discente do Eixo VI A quando menciona: *“Nada, porque a escola não prestava. Os alunos bagunçava, fazia o que querem, rumava a bomba, essas coisas assim [...]”*. Na visão do discente do Eixo VII A, é nítido o desinteresse pelos estudos quando afirma: *“Pela manhã eu estudava... não significou nada pra mim porque eu não tinha um bom aprendizado, não me dediquei muito aos estudo, é os professores mermo num era aqueles professores que ensinam mermo[...]”*

Nesta perspectiva, a discente representada pelo Eixo VI B enfatizou a importância do Ensino Regular na sua vida, deixando um enfoque para a importância do estudo ao afirmar: *“Significou muita coisa pra mim né? Porque eu tinha que estudar, quer dizer, todo mundo tem que estudar né?”*. Da mesma forma que o discente do Eixo VII D trouxe os estudos como destaque ao salientar: *“[...] minha mãe sempre falava: “Estudar! Estudar! Porque estudar vai te dar um futuro melhor, pra eu ter uma boa educação, vai te dar um futuro”, então... eu*

*vindo pra estudar no ensino regular foi bom*”. Na visão da discente do Eixo VI C, ela afirma ter aprendido muito mais no ensino regular em detrimento da EJA ao afirmar: *“Ah... muita coisa, porque eu aprendi muito mais né? Que quando a gente estuda na escola numa série normal sem fazer várias séries e com poucas matérias a gente aprende muito mais [...]”*.

Existem diversos problemas que impediram que o ensino regular fluísse na vida dos discentes do Eixo VI A, Eixo VII A e Eixo VII C. Eles apenas passaram por ele, sobretudo não conseguiram se integralizarem no processo educativo. De acordo com Fernandes (2004): “[...] Os educandos que não conseguem alcançar sucesso na sua escolarização deixam de ser tidos como responsáveis pelo fracasso escolar e passam a caracterizar-se como vítima de um sistema seletivo e excludente” (FERNANDES, 2004, p. 47). Não se pode atribuir a culpabilidade ao aluno pelo insucesso escolar, pois este é vítima de uma série de fatores que contribuem para o seu declínio escolar, como as condições socioeconômicas desfavoráveis, ausência de apoio familiar, ausência de afetividade no próprio meio escolar, entre outros. Diante de uma sociedade moderna e preconceituosa que exige um sujeito crítico, o indivíduo que por algum motivo não obteve êxito na escolarização, infelizmente sofre a consequência da exclusão não apenas do mercado de trabalho, sobretudo, em todo o meio social.

Diante do questionamento aos entrevistados acerca das diferenças principais da escola regular para a EJA, o quadro 09, a seguir, descreve os argumentos dos entrevistados sobre estas respectivas disparidades:

**Quadro 09 – Diferenças Principais entre a Escola de Ensino Regular e a EJA**

Aluno/Eixo/Turma	Diferenças Principais entre a Escola de Ensino Regular e a EJA
Eixo VI A	A diferença é que o ensino à noite, não é desfazendo do ensino da tarde e do ensino do dia. O ensino da noite é muito melhor que o ensino do dia, porque à noite você tem uma maturidade, você tem mais calma pra estudar, e no dia dá mais bagunceiro, essas coisas assim.
Eixo VI B	Assim... no ensino... é porque no caso assim, os professores eles de dia, eles, eu noto que eles são muito impacientes, de casos de agonia, aquele negócio todo... aquelas... aqueles jovens gritando, aquela coisa toda, eu acho que eles ficam muito impaciente. E no caso de noite como é tudo mais calmo, mais lento e... entendeu? Eu acho que eles conseguem ensinar mais. Porque tem mais pessoas prestando a atenção. E de dia não tem isso.
Eixo VI C	É muita, porque são poucas matérias, são poucos assuntos que dá. Não é como na escola regular.
Eixo VII A	É porque pela manhã o ensino não era bom, nem pela manhã e nem era pela tarde, e pela noite que eu vi mesmo que era ótimo, que eu me adaptei bastante e não era muito puxado pela noite e foi isso. E pela manhã não era muito bom não, assim pra mim assim não. Era muito puxado pela manhã. Era aquele negócio todo, tinha que tá estudando bastante [...]
Eixo VII B	As diferença é muito grande. A diferença é que... pela manhã no ensino regular tem

	muitas matérias, muitas matérias e eu vou te confessar que às vezes era chato. Às vezes era bom. Muitas matérias e de noite é mais tranquilo. De noite já é mais calmo, e também ensina melhor, ensina melhor de noite, na minha opinião. Ensina muito melhor de noite do que de dia. Na minha... no meu ver. Eu gostei muito, não é falando que eu não gostei de trabalhar de manhã, mas pra mim os que mais ensinou, os professores melhores são de noite.
Eixo VII C	A diferença que... o ensino regular num, hoje em dia num tá ensinando mais como ensinava antes, né? E o do EJA, hoje em dia tá, os alunos que não procura se apegar aos estudos, mas os professores ensina bem, pega ali no pé da gente, o quanto eles puder fazer, eles faz, dá ponto, faz trabalho pa gente ser alguém na vida. Mas a gente que não procura o nosso caminho, o meio de sobreviver.
Eixo VII D	[...] que não é igual e os professores também que se interessam muito mais em ensinar e nos dar uma expectativa de vida melhor. Não é que sejam melhores, mas se doam mais. Se dedicam mais. Já os professores durante o dia, eles se dedicam, fazem o trabalho deles, devido a ter os alunos que são mais novos, não se capacitam tanto. Os professores da noite se doam mais.
Eixo VII E	Que... no ensino regular, acho que são mais aulas, são mais tempo de estudo, né ? Os ensinos são melhores também. Mas também o EJA também é um ensino bom também. Não tenho nada assim pra falar contra também, porque foi no EJA que eu me formei né? Que eu concluí o ensino médio.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Quando os discentes foram questionados acerca das diferenças entre a escola de ensino regular e o ensino da EJA, viu-se que grande parte dos interrogados atribuiu essas discrepâncias à questão relacionada ao fato de que na EJA se estuda em menos tempo e os assuntos são reduzidos. Estes apontaram vários depoimentos relacionados às distinções do ensino regular, entre estes, o fato de à noite ser mais tranquilo, não ter muita indisciplina, como afirma o discente do Eixo VI A ao verbalizar que: “[...] *O ensino da noite é muito melhor que o ensino do dia, porque à noite você tem uma maturicidade, você tem mais calma pra estudar, e no dia dá mais bagunceiro, essas coisas assim*”. E o discente do Eixo VI B que argumenta: “*Assim... no ensino... é porque no caso assim, os professores eles de dia, eles, eu noto que eles são muito impacientes, de casos de agonia, aquele negócio todo... aquelas... aqueles jovens gritando, aquela coisa toda, eu acho que eles ficam muito impaciente. E no caso de noite como é tudo mais calmo, mais lento e... entendeu?*”, Eles comparam a questão do ensino, sendo que a maioria afirma que o ensino da EJA é melhor do que o Ensino Regular, outra diferença apontada é o fato de professores mais dispostos e pacientes em ensinar, poucas disciplinas e conteúdos, diferentemente do ensino diurno que, segundo eles, o ensino é mais rigoroso, com muito mais matérias e aulas conforme aponta os discentes do Eixo VI C: “*É muita, porque são poucas matérias, são poucos assuntos que dá. Não é como na escola regular*” e educando do Eixo VII B ao apontar que: “*As diferença é muito grande. A diferença é que... A pela manhã no ensino regular tem muitas matérias, muitas matérias e eu*

*vou te confessar que às vezes era chato. Às vezes era bom. Muitas matérias e de noite é mais tranquilo”.*

Diante do questionamento sobre como os discentes avaliam os conhecimentos ministrados na EJA, percebeu-se que todos os entrevistados avaliaram os conteúdos de forma satisfatória, conforme podemos observar no quadro, a seguir:

**Quadro 10 – Avaliação dos Conteúdos Ministrados na EJA**

Aluno/Eixo/Turma	Avaliação dos Conteúdos Ministrados na EJA
Eixo VI A	Ah... é muito bom mesmo. O professor ensina, ensina pa quem quer aprender realmente. Porque tem muitos que não quer aprender, que só vem bagunçar. Entendeu? Porque quer ficar apagando luz, ficar desligando computador, essas coisas assim. Não tenho o que reclamar não. Excelente os professor.
Eixo VI B	[...] Eu acho que no EJA eles facilitam um pouco. Porque tem pessoas que trabalham de noite, tem pessoas que tem filho, tem pessoas que tem casa, então eu acho que eles maneram muito no ensino à noite, entendeu? Não é um caso de: “Ah! Eu vou lhe passar porque você tem filho, porque você tem marido” não. Eu acho que eles ajudam um pouco no ensino da EJA, no ensino à noite. Eu acho mais fácil. Eu acho os assuntos bons, fáceis, né? Assim... fácil de você aprender. É... eu acho bom.
Eixo VI C	Poxa... ah é um ensino bom, mas eu não tenho com que... Eu sei que alguma coisa deu pra aprender, né? fazendo EJA, alguma coisa consegui aprender tanto é que agora vai ser meu último ano.
Eixo VII A	Nos assuntos mermo de química, eu mermo falei: “Poxa... deve ser difícil!”, mas nem foi, eu consegui me sair legal nas prova, passei, né, todas, não perdi, né, nenhuma graças a Deus e eu pensava que era difícil, “ não, deve ser difícil”, química, física, mas foi ótimo, elas ensinaram bem, e a pessoa, veio a aprender, né? Porque tem professores que ensinam, ensinam, ensinam ali, mas o aluno não aprende nada, e ela sabia explicar, ela explicava, reexplicava e a gente aprendeu e graças a Deus, né, que Deus deu forças a elas, pra ensinar a gente.
Eixo VII B	Eu acho bom. Como eu te falei do negócio de matemática, que eu também não era muito boa, e de noite eu fui aprendendo mais, porque até a professora vinha e me ensinava mais, então é assim, desse jeito que te falei. É bom... os conhecimento eu gostei, entendeu? Tem coisas que é como você estudou na quinta, sexta, sétima série, oitava, mas você aprende mais, mais além, o que eles não passaram nessas séries, eles passam nessas daqui de noite, então é super bom.
Eixo VII C	Os assunto pra mim foi tudo bom. Porque eu acho que aprendi coisas que na quinta, na sexta, sétima, oitava, eles num deram, entendeu? Aí hoje em dia eu aprendi muitas coisas boas, o ensino é muito, muito bom mesmo, não tenho o que falar.
Eixo VII D	Acho bom, apesar de ser... muito... é... como é que se diz.... muito.... abreviado, eles se esforçam bastante pra nos dar o ensino melhor.
Eixo VII E	Eu acho bom. Eles ensinam bem os assuntos. Os assuntos são bons. Tem difícil. Tem mais ou menos, mas são ensinados bons.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante da avaliação dos conteúdos ministrados na EJA, embora os entrevistados

tenham avaliado de forma positiva, entre os depoimentos, dois discentes do Eixo VI B e do Eixo VII D manifestaram sua criticidade ao argumentar que o ensino era bom, no entanto, a facilidade dos assuntos e a síntese dos conteúdos predominavam, conforme a visão do discente do Eixo VI B: “[...] *Eu acho que no EJA eles facilitam um pouco. Porque tem pessoas que trabalham de noite, tem pessoas que tem filho, tem pessoas que tem casa, então eu acho que eles maneram muito no ensino à noite, entendeu?* Outra visão que merece destaque é a do educando do Eixo VII D, que apontou o ensino da EJA como abreviado: “Acho bom, apesar de ser... muito... é... como é que se diz.... muito.... abreviado, eles se esforçam bastante pra nos dar o ensino melhor”.

Partindo deste pressuposto, os discentes foram inqueridos acerca do que poderia ser feito para melhorar a qualidade da educação da EJA, e estes registraram seus discursos conforme aparece no quadro 11, a seguir:

**Quadro 11 – Sugestões de Melhorias quanto à Qualidade da Educação na EJA**

Aluno/Eixo/Turma	Sugestões de Melhorias quanto à Qualidade da Educação na EJA
Eixo VI A	Rapaz... Primeiramente reformar o colégio aqui que tá precisando, que tá tomando choque, tá moiando aqui, botar cadeira nova que tá precisando, botar quadro novo, entendeu? Professores também que tem professores que não vem. Isso que tá precisano.
Eixo VI B	[...] No ensino... eu acho que não tem nada pra melhorar não viu. Que eu acho que se melhorar demais, estraga. É... tá ótima. Eu não tenho o que reclamar não. Até porque a escola que eu estudei, eu não tenho o que reclamar [...]
Eixo VI C	Poxa... Eu não tenho nem o que falar da EJA, porque pra mim, é... como é que se fala, eu esqueci até a palavra, eu pra mim não tenho nem o que mudar, porque pra mim o ensino, tá entendendo? Foi... foi bom. O ensino foi bom. Pra mim não precisa mudar nada. Não sei se pra outras pessoas. Os professores que tinham que se qualificar mais pra poder ensinar mais, mas ensinar os assuntos tudo, tem tudo a ver.
Eixo VII A	É... poderia mudar muita coisa né, tipo... a escola mermo que mudou de lá por falta de água essas coisas... aí já mudou de lá pro Paulo Américo...Aí tava precisando de muitas coisas... falta de merenda, dessas coisas... Água que não tinha, quando dava chuva, essas coisas, alagava a escola, mas... graças a Deus vai dar tudo certo, já deu tudo certo.
Eixo VII B	[...] Tem que melhorar é... a maioria das coisas é os alunos. Porque tem muitos alunos que gritam com os professores. Lá na sala mesmo eu via isso muito. Respondendo aos professores, entendeu? Muitos alunos que ficavam no fundo, não queria nada, mesmo assim passaram, mas não queriam nada. Vinham pra escola quando quisessem, e... iam pra cima dos professores, entendeu? Sendo que os professores não tinha culpa que eles mesmo não fizeram. Então, isso tem que melhorar muito. Em relação aos professores que eu estudei esse ano, não precisa melhorar em nada, porque eles são muito bons, eles ensinam bem, entendeu? Se você trata eles bem, eles vão te tratar bem, óbvio. Entendeu? E não precisa melhorar nada neles. Nas tia também daqui, não precisa melhorar, porque elas são super gente boa, de nada assim, só mesmo em relação a esses alunos, vamos dizer assim, perturbados.

Eixo VII C	O governo melhorar mais, melhorar mais assim, pessoas que querem estudar, não acham estudo e também não quer estudar. Vai pra escola usar, tumar o lugar de outras pessoas que querem, entendeu? O governo deveria. É igual essas mães que recebe bolsa família, num leva nem os filhos pra escola, fica aí na rua, os filhos vai pra escola, tumar o lugar de outras pessoa que querem trabalhar. Mas por caso da bolsa família, né? Hoje, depois desse negócio de bolsa família, as criança e o jovem, tá tudo, né? A migué. Vai pra escola, os professor dá aula, fica na sala abusano, só vai mermo por causo disso, por causo do bolsa família, só vai pra escola.
Eixo VII D	Poderia ser mais organizado. A falta de organização de algumas salas acho que prejudica bastante. Pelo fato de ser EJA, ter várias... várias disciplinas misturadas, a falta de organização atrapalha.
Eixo VII E	Eu acho assim que... a escola deveria melhorar mais assim né? É... como dizer assim, nos estudos. Tem dia mesmo que falta aula, quando os alunos vêm pro colégio. Aí... tem professor que falta, né? E... outra coisa assim, acho que deveria melhorar também algumas salas, né? Melhorar, melhorar também nos ensino, né? Nos ensinamento e... Os colega também, que tem muito assim colega nesse ano mesmo, na escola teve muito menino abusado que chegava na sala e ficava apagando a luz, né? Ficava fazendo bagunça, jogando bomba no colégio. Acho que deveria melhorar mais nesse... nesse caso aí assim, melhorar mais.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante das sugestões de melhorias, constatou-se que grande parte das sugestões teve relações com a questão física da escola e recursos pedagógicos, diante das necessidades de melhorias. Na concepção do discente do Eixo VI C a questão da necessidade dos recursos é visível: *“Rapaz... Primeiramente reformar o colégio aqui que tá precisando, que tá tomando choque, tá moiando aqui, botar cadeira nova que tá precisando, botar quadro novo, entendeu?”*.

Outro discente que identificou necessidades de melhorias quanto ao espaço físico foi a discente do Eixo VII A quando argumenta: *“Aí tava precisando de muitas coisas... falta de merenda, dessas coisas... Água que não tinha, quando dava chuva, essas coisas, alagava a escola”*.

A questão do espaço físico e dos recursos é muito importante para o desenvolvimento do interesse dos discentes, que além de sentirem-se valorizados, também sentem a sensação de pertencimento ao ambiente. No entanto, mediante a ausência de alguns recursos, que embora sejam elementos fundamentais para a construção, é necessário que a escola crie estratégias de superação, que se mobilize mesmo diante da indisponibilidade de demasiados recursos, conforme parte da letra da canção de Geraldo Vandré que diz: *“Vem, vamos embora, que esperar não é saber, Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*. Por isso, é necessário que haja a construção de conhecimentos diante das alternativas de desenvolvimento. Sobre a questão dos recursos, Oliveira (2002) salienta:



[...] há um quadro negro, professores, carteiras, e as pessoas trabalham com cadernos, lápis e borrachas. [...] entretanto, dominar a mecânica da escola e manipular sua linguagem são capacidades aprendidas no interior da escola [...] são cruciais para o desempenho do indivíduo nas várias tarefas escolares (OLIVEIRA, 2002, p. 21).

Diante da concepção trazida por Oliveira (2002), nota-se que os recursos pedagógicos são imprescindíveis para a aprendizagem. No entanto, independente dos recursos, o esforço para o domínio da práxis pedagógica, principalmente para lidar com a modalidade EJA com capacidades e competências específicas para este público também é essencial.

Observa-se que há uma semelhança entre as sugestões, visto que houve respostas em comum no que se refere ao fato de considerarem o ensino da EJA como um ensino bom. Destaca-se a fala da discente representada pelo Eixo VI C, quando a mesma argumenta que: *“Os professores que tinham que se qualificar mais pra poder ensinar mais, mas ensinar os assuntos tudo, tem tudo a ver”*.

Diante do argumento apresentado pelo discente do Eixo VI C, um dos males responsáveis pela desqualificação do ensino da EJA é a ausência do aprimoramento profissional, além das outras inúmeras falhas do sistema de ensino. De acordo com Arroyo (2005, p. 33):

É a persistente realidade brutal a que continuam submetidos esses coletivos que torna persistentes as características tidas como negativas na EJA: indefinição, descompromisso público, improvisação. Um olhar mais atento às continuidades e constâncias dos jovens e adultos poderá redefinir a visão apressada e perspectiva com que se narra a história de sua educação.

O olhar crítico desses alunos mostrou a realidade da EJA no contexto da metodologia. Desse modo, é preciso que a docência se constitua com mais compromisso e dedicação na tarefa do educar, de acordo com as necessidades e realidades do educando. Além disso, é preciso que as práticas educativas vão além das disciplinas, contemplando o sujeito em sua integralidade, tecendo o diálogo e estimulando as interações.

Outro argumento que também foi ressaltado foi em relação à falta excessiva de professores e também fazendo menção à melhoria do espaço físico, mencionada nos argumentos da discente do Eixo VII E: *“Eu acho assim que... a escola deveria melhorar mais assim, né? É... como dizer assim, nos estudos. Tem dia mesmo que falta aula, quando os alunos vêm pro colégio. Ai... tem professor que falta né? E... outra coisa assim, acho que deveria melhorar também algumas salas, né? Melhorar, melhorar também nos ensino né?”*.

Outra sugestão apontada por parte dos discentes refere-se ao fato de que para haver melhorias, é preciso que haja o compromisso por parte dos discentes e o respeito no que tange



à disciplina para que, conseqüentemente a aprendizagem flua com excelência.

## 2.24 – Questões Sobre Juventude

No que tange à juventude para além do contexto cronológico, os discentes foram indagados sobre o conceito do que é ser jovem, e estes atribuíram seus posicionamentos conforme está prescrito no quadro 12, a seguir:

**Quadro 12 - Conceito de Ser Jovem para os Discentes**

Aluno/Eixo/Turma	Ser Jovem é....
Eixo VI A	[...] Jovem pra mim tem que ser tipo... Tem que rolar pai e mãe em primeiro lugar, entendeu? Tem que estudar pa no futuro ser alguém, ser alguém bom, alguém professor, advogado, essas coisa assim. Que tem muitos jovens que fica no meio das drogas, quer robar, quer matar e só vê isso hoje em dia [...] Os jovens de hoje em dia não quer nada, não quer nada, não quer estudar, não quer trabalhar, entendeu? Só quer saber de robar, traficar, essas coisa, assim.
Eixo VI B	Rapaz... ser jovem... é você curtir a vida. Estudar primeiramente, né? Curtir a vida. Uma coisa que eu não fui muito tempo. Fui, mas fui pouco. É isso, curtir a vida, ser feliz. Não que eu não seja... (risos), mas... eu poderia ser mais. Então eu tive uma coisa que... tipo deu um freio, sabe? Na minha juventude, então, é isso.
Eixo VI C	Ser jovem é poder aproveitar tudo o que né na adolescência, na juventude.
Eixo VII A	Ah... ser jovem é tudo, né? Ter uma boa educação, ter experiência, porque pra ser jovem hoje em dia, a maioria dos jovens tão o quê... partindo tudo, e né é... morrendo, se perdendo nas drogas porque não quer um estudo, não querem saber mais de estudo hoje em dia e graças a Deus que, pra ser jovem pra mim tem que ser, tem que estudar, que pra ser alguém na vida tem que estudar, trabalhar, ter seu emprego, fazer sua faculdade. Eu penso assim. Mas nem todos os jovens pensam assim, né? Os jovens já quer ir pra vida fácil, como muitos tão morrendo aí, né? É difícil você ver um coroa, uma senhora de idade morreno assim, porquê? Porque tão se prevenindo mais, num tão coisando, num tão se misturano muito. E os jovens não, os jovens tão mermo, se jogando mermo, num tá nem querendo saber mermo, se jogando e tá acontecendo aí.
Eixo VII B	É assim, jovem é ter sua escolha, entendeu? Eu sei que várias pessoas têm sua escolha. Um jovem ele tem sua escolhas, ele tem o poder de querer crescer ou de querer ficar pra baixo, como assim nas drogas, ele tem o direito de permanecer fora ou de entrar. Ele que vai escolher. Jovem pra mim é uma pessoa também que sabe escolher, sabe escolher bem, porque tem muitos jovens hoje em dia que já tão com o futuro na frente, que tão aí com um futuro, que tão aí com o futuro garantido, que estão correndo atrás, e tem outros jovens que estão nas drogas, que não querem nada com a vida, entendeu? Então... jovem pra mim é ter escolhas. É ter escolha. Sei que muita gente tem escolha, mas jovem, hoje em dia, jovem, pra mim é ele ter escolha. Escolher o que quer ser e o que não quer ser.
Eixo VII C	Jovem é uma coisa boa. Jovem, eu já fui jovem, num vai voltar mais, né? É uma coisa boa ser jovem. Ai se eu pudesse! Eu seria jovem, mas... eu me considero ser uma pessoa jovem ainda, porque nada mudou na minha vida.

Eixo VII D	É bom... realmente estar aprendendo a vida como ela é. É um período bom da vida. É um período bom. É um aprendizado, porque quando você é jovem, você aprende muita coisa. É um aprendizado você conhecer realmente o que é bom e o que é ruim, você ter que levar pra vida... Você ter que deixar pra trás.
Eixo VII E	Acho assim que ser jovem não é só... quando a gente tem quinze, dezesseis anos, né? É... assim... Pra mim eu acho que, até enquanto a gente tiver vivo, a gente tá sendo jovem. A gente tiver a capacidade assim de fazer as coisas.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante das definições de ser Jovem atribuídas pelos entrevistados, percebeu-se que dentro destes conceitos, houve muitas relações com ter perspectivas de vida, possibilidades de escolhas, sonhos e esperanças de futuro, vontades de vencer, gerar frutos a partir do trabalho e do estudo, aprendizagem por meio das experiências vividas, formação humana e cultural, realização de desejos provenientes de curiosidades, diversões e aproveitamento de oportunidades.

Ainda levando em consideração o questionamento acerca do conceito de ser Jovem, Bordieu (2003, p.153) salienta: “A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação” (BORDIEU, 2003, p. 153).

Diante disso, ser jovem é um conceito socialmente construído, e sua definição não abrange a questão cronológica em si, pois fazer atribuição entre os valores de juventude de forma apenas cronológica é uma manipulação, pois a idade é apenas um artifício temporal criado pelo homem. Isso é retratado em exemplos de jovens que assumem responsabilidades de adultos, como também em pessoas consideradas idosas/adultas e que vivem, pensam e tem o espírito jovem.

Partindo do pressuposto do conceito de ser jovem, os entrevistados foram questionados sobre as piores coisas de ser jovem e estes expuseram seus argumentos conforme está prescrito no quadro 13, a seguir:

**Quadro 13 - O que há de Negativo em Ser Jovem**

Aluno/Eixo/Turma	O que há de Negativo em Ser Jovem
Eixo VI A	Os jovens não querem nada mesmo, cê vê que a maioria dos jovens é tudo preso véi. Com dezesseis ano, quinze, quatorze, se botar lá em “bocão” cê vai ver, entendeu? Os caras de quatorze anos, matando, roubando. É isso que tá acontecendo aí.
Eixo VI B	Rapaz... ser jovem não tem pior coisa não... só os jovens hoje em dia querem saber só de roubar, matar, de usar droga, essas coisas. Eu acho que se a gente, nós conseguirmos

	acabar com isso, né? Seria melhor a juventude hoje em dia. Que você para, o ladrão rouba você, num é um velho e também num é uma criança. É um jovem. Sempre, sempre é um jovem. Então... eles deveriam melhorar, né? Pensar melhor e ver que a vida não é isso.
Eixo VI C	Pra mim nem tem viu as piores coisas de ser jovem, porque assim, jovem tem muita oportunidade. Alguns sabem abraçar as oportunidades, outros não. Porque jovem pra mim não tem a piores coisas. Eu gostei muito da minha juventude. Tô gostando na verdade. Pra mim tá sendo bom.
Eixo VII A	Rapaz... Era pa mim as piores coisas, é... o que tá aí... essa lei aí, essa droga aí que tá aí, que tá acabando com os jovens, que tão acabando com os jovens. Só isso. A criminalidade que tá demais. Parece que mata um. Parece que tá um ninho aqui, aqui é um ninho, porque mata um, parece que aparece mil. Deus me livre guarde, eu já tenho medo de sair na rua. A pior coisa do jovem é isso. Porque o jovem não vem entender, não quer ouvir pai e mãe. Não quer... é... tão se misturano, num quer e por isso que acontece as coisas.
Eixo VII B	[...] Tem muitas pessoas aí, muitos jovens que são muitos ruins, muito ruins mesmo. A mim eu não tenho o que dizer, mas, assim, em geral são, são muitos ruins porque muitos jovens aí que são ruins. Porque teve na televisão várias coisas de jovens que é ruim, que matam pessoas que é inocente, que matam pai de família, entendeu? Então, pra mim é isso. Ter a mente fraca, um exemplo, a pessoa fala assim: “ Umbó ali... Que não sei o quê...aí cai na...” influencia. E quando você conhece uma pessoa e influi ela a ser má, ela vai ser má. Entendeu? [...]
Eixo VII C	Eu não tenho o que falar. Eu preferia ser jovem do que ser adulto, entendeu? Porque na minha juventude eu fiz muitas coisas boas, saía com minha mãe, meu pai. É, minha mãe ainda convivia com meu pai. Hoje em dia, não convive mais. Sinto muita falta dos dois. Que a pior coisa do mundo é uma separação. Eu só sinto só falta dos dois, de minha mãe e de meu pai só, mas o resto eu não tenho o que falar. Hoje em dia, o jovem, eu não tenho o que falar, mas hoje em dia, o jovem tá enfrentando muitas coisas aí, nas suas vidas, coisas ruim porque querem.
Eixo VII D	A imaturidade. É a imaturidade. A única coisa de ser ruim é que você acha que pode tudo, você dizer que tá certo. É a imaturidades. O que o jovem tem de ruim é isso.
Eixo VII E	[...] . Assim... acho que... tem jovens aí que é... fica se envolvendo com assalto, com droga né? Eles vêm a ser bandido cedo, se envolvendo com essa coisas erradas assim.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Entre os resultados, obteve-se uma visão geral sobre o que os estudantes pensam em relação aos aspectos negativos do ser jovem. Nesse sentido, destacaram-se as drogas, o matar, o roubar, a criminalidade, as influências de más amizades e a imaturidade.

No que se refere às drogas, em várias pesquisas, quando os jovens são questionados, este é apontado como um dos maiores problemas do Brasil. Em nossa investigação, o problema das drogas e da criminalidade foram dois problemas mais citados. Por isso, faz-se necessário a implementação de políticas públicas de conscientização que instiguem a prevenção e o combate ao uso.

Desse modo, Singer (2005) ressalta que a violência e a segurança são as vicissitudes mais apontadas em termos de preocupação por parte de 55% dos jovens quando questionados,

e estes são dados generalizados.

Neste contexto, houve o questionamento aos discentes sobre as melhores coisas de ser jovem e estes apontaram suas concepções, conforme o quadro 14, a seguir:

**Quadro 14 – O que há de Positivo em Ser Jovem**

Aluno/Eixo/Turma	O que há de Positivo em Ser Jovem
Eixo VI A	As coisas boas é que a gente se diverte, namora muito. Sai muito, vai pra praia, pro cinema, essas coisa assim, coisa boa.
Eixo VI B	Rapaz... os benefícios... é que você arranja trabalho bom, você arranja pessoas pra poder te ajudar. Tem vários benefícios na vida de ser jovem que você... misericórdia, você é livre! Você pode fazer várias coisas que muitas pessoas com idade não pode, né? Estudo mesmo...É tão fácil pra jovens hoje, faculdade, essas coisas, cursos. É tão fácil pra um jovem entrar, né, num curso, fazer um curso no SENAI de graça. Tem vários benefícios.
Eixo VI C	Que eu aprendi muita coisa na minha juventude, né? Querendo ou não a gente aprende, né? Que tem várias oportunidades de emprego, né? Pra nós que somos jovens agora, cursos, né? Que antigamente não tinha. Eu aprendi muita coisa.
Eixo VII A	Brincar mermo, brincar... se divertir tombém, porque a gente tombém somos jovens, né? Somos jovens. A gente tombém somos crianças. A gente tombém temos nossos momentos de criança. E... se divertir, tá com suas família, cada vez mais, ouvir seus pais, saber tudo certinho, aí dá tudo certo na vida.
Eixo VII B	Os benefícios é bom porque na nossa fase assim de jovem, eu sei que hoje em dia tá difícil assim de encontrar emprego, mas... se a gente correr atrás a gente consegue. E tem muitos... hoje em dia, pra você ver, tem muitos idosos querendo trabalhar, do que jovens querendo trabalhar. Então... é... pra mim também é isso, entendeu? Porque tem mais oportunidade do que uma pessoa mais velha. Então pra mim é isso.
Eixo VII C	Estudar é... ajudar a sua mãe e seu pai, porque nossa mãe e nosso pai já foi jovem na vida. A gente procura um meio de ajudar, trabalhar. Trabalhar não, estudar. Procurar ajudar nossas mães dentro de casa, ser um bom filho, entendeu? Mas não tenho o que falar.
Eixo VII D	A liberdade né. É a liberdade que a gente sempre... é a liberdade que acha que a gente pode fazer tudo. Que a gente é dono do mundo. É a liberdade.
Eixo VII E	Os benefício assim... é... os benefício é estudar. Né? Porcurar ser alguém melhor na vida, né? E... estudar, é... se esforçar pra ser uma boa pessoa futuramente. Estudar pra poder ser alguém na vida. Correr atrás dos seus estudos, né? Ser um bom aluno, um bom filho, uma boa pessoa assim.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante dos argumentos expostos no quadro acima, os relatos que marcam os benefícios de ser jovem resultam em: oportunidades de empregabilidade, disposição, aprendizagem, liberdade, ludicidade, aproveitar momentos, lazer, deleitar-se, entre outras concepções.

Nesta perspectiva, a Juventude possibilita uma disposição que permite que o ser humano desfrute de seus deleites de forma livre e autônoma. De acordo com Daryell (2003):

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (DARYELL, 2003, p. 42).

Neste sentido, a Juventude vai além das questões temporais cronológicas, ela é todo o processo de construção, de vivências, experiências sociais e culturais que permite o desenvolvimento do ser, de forma que o mesmo manifeste e assuma seu eu, interagindo no meio social.

Os discentes foram questionados sobre os problemas que mais os preocupavam atualmente, considerando suas vidas pessoais, conforme quadro a seguir:

**Quadro 15 – As Preocupações Atuais dos Jovens Pesquisados**

Aluno/Eixo/Turma	Problemas que trazem mais Preocupação, considerando a Vida Pessoal
Eixo VI A	Da minha vida é que apareceu uma fulana aí, dizendo aí que o filho é meu, e é isso que tá me preocupano. Aí tem que marcar o exame de DNA, que eu tô pagando pai sem ser meu. A gente teve alguma coisa no passado.
Eixo VI B	Um emprego, né? Que eu tô precisano porque eu tenho uma filha de três anos. Eu moro com meu esposo, moro de aluguel e no momento estou precisano. Estou achando o momento difícil, entendeu? Porque quem me ajuda é o meu sogro e o meu padrasto que é quem me dá, quem faz toda... quando eu tenho que vender alguma coisa assim... é... calcinha, baby-doll, qualquer coisa assim eu vendo, entendeu? Pra poder tirar esse dinheiro, mas o que mais me preocupa é isso. É eu acordar de manhã e ver que tipo... eu não tô trabalhando, eu não vou ter aquele dinheiro aquele mês, aquela coisa sabe... É de enlouquecer.
Eixo VI C	Ah... O que mais me preocupa é a educação dos meus filhos, né? É com a educação deles, né? Que eles venha crescer. E quero dar o melhor pra eles, né? E como as coisas do jeito que tá indo, mas fora isso, só isso mesmo.
Eixo VII A	O que me deixa mais preocupada é... que até hoje me deixa assim é que... eu deixei meus estudo mermo assim... logo no início que eu parei, fiquei um ano sem estudar, que me preocupou bastante, que hoje em dia eu paro assim, porque procurei vários empregos pra trabalhar... aí “ só pode trabalhar com segundo grau completo, que já é formada, tal...”. Isso que me preocupa mais, porque eu larguei meus estudos, foi uma falha minha e muito grande, que jamais eu quero fazer isso novamente. Fiquei um ano sem estudar, fora os dois anos que eu tinha perdido e um ano que eu fiquei sem estudar, um ano não! No meado do ano eu sair da escola, me arrependi, chorei porque eu fiz isso, nunca tinha feito isso na minha vida, me arrependi bastante. Foi falta de desinteresse mesmo, aí não tava a fim mais de ir pra escola, aí sabe como é, né? Aí graças a Deus, Deus tá me dado forças e vou conseguir em nome de Jesus. Já consegui uma etapa, falta mais uma.
Eixo VII B	Dentro da minha família é meu irmão. É meu irmão que... ele usa droga, entendeu? Usa droga, bebe. E isso me deixa angustiada, porque minha mãe toda a noite se ele vai assim pra beber ou pra usar alguma droga, minha mãe chorando, eu ver aquilo dói.

	Você vê sua mãe chorando e ele já é muito mais velho. Ele tem trinta e cinco anos. Então, ele tinha que se tocar, entendeu? Então, ele não fez isso, e... essa é minha preocupação em relação a isso, a minha vida pessoal, é isso. De meu irmão, entendeu? Ele usa essas coisas, ele bebe, então isso me deixa muito... me deixa muito pra baixo por ver minha mãe sofrendo... por ver minha mãe sofrendo. Por ver minha mãe chorando, isso dói [...]. Porque eu quero trabalhar, porque eu quero ajudar a minha mãe, porque também ela não tem mais condição, ela já me ajudou tanto, ela me criou só, não tive nada de meu pai, meu pai não me deu nada, entendeu? Então, só é só, eu, minha mãe e meus irmãos. Minha irmã ajuda, minhas irmã ajuda meus irmão ajuda no que pode. Entendeu? Então, eu também tenho que fazer minha parte. Entendeu? Eu quero... eu sou uma filha boa, mas eu quero ser mais ainda. Entendeu? Eu quero... Eu vou sair da casa dela sim, mas eu quero sair da casa dela, mas eu quero ajudar ela, entendeu? Continuar ajudando, porque ela me ajudou tanto, “se eu tô usando isso, se eu tô usando isso...” foi com o dinheiro dela também, que eu nunca trabalhei. Fazia um biquinho assim... varria assim... fazia assim, ganhava um dinheirinho, dava a ela. Entendeu? É isso. E o que mais me preocupa na minha família é isso.
Eixo VII C	Minha vida, graças a Deus eu não tenho problema nenhum, tive um aí, mas, graças a Deus já tô libertada, que eu tive um namorado, que eu não quis mais ele, que tava aí perturbando, perturbando a minha vida, eu cheguei até o tempo de ir dar queixa dele. Ele já me bateu. Já fez, já aconteceu comigo. Minha mãe já bateu nele, entendeu? Minha mãe tava sofrendo muito, que ele, mas ele tava ameaçando eu e minha família, mas graças a Deus eu me libertei dele. O único problema foi ele, mas graças a Deus, já tá resolvido. Ele estuda até na escola, na minha sala. Ele é o líder da minha sala. Ele estuda só por causa de mim, pra ficar [...].
Eixo VII D	A falta de trabalho. É a falta de trabalho... só.
Eixo VII E	Os problemas que mais me preocupam assim... é... que eu tô querendo entrar na minha faculdade, né? Eu tô procurando um trabalho. Eu botei vários currículos e não consegui. E assim quero muito fazer minha faculdade, quero ter minha profissão que eu sonho em ter. Aí eu tô muito preocupada em relação a isso, por esses tempos em relação a isso aí.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

A partir do levantamento realizado por meio dos dados da entrevista sobre a preocupação atual de cada um deles, foi constatado que o fator emprego foi um dos mais citados, no entanto, houve também situações de drogas na família e educação dos filhos.

Sabe-se que a estimativa é grande de jovens da EJA que tem pressa de formar-se para inserir-se no mercado de trabalho e isso é visível também nos relatos dos discentes do quadro acima. De acordo com Vogel e Mello (1991) Apud Souza e Alberto (2008, p. 714):

Para a criança e o adolescente das classes populares, determinados privilégios desfrutados no seio familiar são perdidos à medida que esses sujeitos crescem e passam a ter condições de fazer certas tarefas. Esse fato vem ratificar a cultura do trabalhador, segundo a qual, para os filhos das classes populares, trabalhar, mesmo em idade precoce, é uma forma de ocupar o tempo e aprender um ofício. Nesse sentido, o trabalho é entendido não só como uma necessidade, mas também como uma virtude.

No entanto, o trabalho é um dos fatores que impulsionam uma série de desistências do ensino regular, pois além de ele apresentar-se como uma necessidade diante das condições socioeconômicas dos indivíduos, este atrai os discentes de tal modo que muitas vezes torna-se prioridade diante contexto escolar.

No que se refere ao questionamento feito acerca dos problemas em geral que os jovens enfrentam na atualidade, os entrevistados ressaltaram suas concepções no quadro 16, a seguir:

**Quadro 16 – Problemas que os Jovens em Geral Enfrentam na Atualidade**

Aluno/Eixo/Turma	Problemas que os Jovens em geral enfrentam na atualidade
Eixo VI A	[...] Várias coisas ruim porque os jovens hoje em dia não quer saber de nada, não quer saber de nada, só quer aprontar, não quer obedecer pai, não quer obedecer mãe. Uns fica traficando, uns fica robando, outros é preso, entendeu? Outros vende droga, morre ali. Se você bota no jornal você só vai ver isso. Só jovem aprontando. Hoje em dia você não vê idoso morrendo assim, você vê mais jovem né isso? Que o que tá acontecendo é isso aí.
Eixo VI B	É... a descriminalização, né? Muitos, por serem negros, eles... somos julgados por pessoas brancas, entendeu? Somos julgados de várias formas e polícias pensam que porque um negro, do cabelo duro, tá passano, é ladrão. Mas no caso, quem tá robano é o branco do olho azul. E eles não, vão em cima do negro, porque parece ladrão. Acho que num é bem assim.
Eixo VI C	Drogas. É muitos jovens se envolvendo com drogas. Na bandidagem. Com roubos. Então acho que esse é o grande problema.
Eixo VII A	Rapaz... a dificuldade é... não estar ali presentes nas aula, como muitos nas escola anda faltano, não quer se dedicar aos estudo... por isso que quando chega né um... né uma entrevista de emprego, não tão conseguindo se desempenhar, não tão conseguindo se... saber nada, ler nem aprender, porque os alunos não tão interessado, os jovens não tão interessado em hoje em dia, por isso.
Eixo VII B	Tem muitos, né? Um dos principais é as drogas. Que hoje em dia eles não querem saber. Eles tão matano, tão roubano, tão traficando, e tem muitos jovens nisso. Passa, né, na televisão, muitos jovens, dezessete, dezesseis anos [...] Eles tão sendo influenciados sim por muitas drogas. Gente! Isso tá acabando com o mundo, isso tá acabando com os jovens. Tá acabando mesmo, porque criança, criança com a mente de dez, doze, treze anos são crianças ainda. São Crianças. Usando drogas, traficando, matando, matando, isso dá uma tristeza também.
Eixo VII C	O único problema que o jovem, hoje em dia, tá enfrentano na juventude, é essas coisas de se envolvendo, né, onde não deve, em drogas, prostituição, e etc.
Eixo VII D	Desemprego, a falta de educação... é isso. E violência também muito. A falta de oportunidade por ser humilde. É isso os grandes problemas que a gente enfrenta, mas a gente consegue com força e dedicação.
Eixo VII E	Assim... Tem vários problemas, tem os estudo. Tem muitos que estão procurando trabalho, mas também não tão conseguindo, né? Tem muitas pessoas que... assim mesmo quer estudar, mas às vezes não encontra mais vaga. Né? Em relação assim... acho que só trabalho mesmo.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada



Considerando os demasiados problemas que os jovens enfrentam na atualidade, as vicissitudes mais citadas foram: drogas, discriminação, dificuldade e desinteresse nos estudos, desemprego, falta de educação e violência. No que se refere ao vício das drogas que tem atingido milhares de jovens brasileiros, Andrade (2001) afirma: “podemos observar que as drogas, de um modo geral, podem aumentar ou diminuir a atividade mental e produzir distorções na percepção” (ANDRADE 2001, p.76). Deste modo, as drogas não apenas atingem o sistema cognitivo, sobretudo, causam mudanças de comportamento.

Os educandos foram ainda questionados acerca do interesse da escola na resolução dos problemas dos jovens e estes explicitaram suas opiniões que estão registradas no quadro 17, a seguir:

**Quadro 17 – Interesse da Escola na Resolução dos Problemas dos Jovens**

Aluno/Eixo/Turma	Sobre o Fato do Interesse da Escola na Resolução dos Problemas dos Jovens
Eixo VI A	Rapaz... em minha opinião não viu. Que a escola não quer saber de nada, a escola só quer saber de todo mês na conta. Se é os professor, bota uma atividade aí, “se aprendeu, aprendeu, se não aprendeu que fique burro”, entendeu? Que o professor bota, só quer saber de todo mês lá.
Eixo VI B	Preocupa sim. Preocupa. Tanto que... agora mesmo no terceiro ano eu fiz um trabalho sobre <i>bullying</i> , um trabalho sobre <i>bullying</i> . E esse trabalho foi muito discutido em sala de aula entendeu? Por conta de alunos que...” porque usa óculos, aquela coisa, porque um é mais gordinho, e aí tem aquela coisa. E isso foi discutido na sala de aula e muito bem discutido.
Eixo VI C	Não. Muito raro ver uma escola querendo solucionar.
Eixo VII A	Sim... os professores, é... não são nossos pais, mas muitos fala: “não, tem que estudar! Tem que ser alguém na vida! Porque tem os estudo, os professores chamam, o diretor também conversa com a gente, vice-diretor, e, ajuda bastante a gente, né? Porque muitos alunos não ouve os pais dentro de casa, mas quando chega na rua um fala: “rapaz você tem que fazer alguma coisa na sua vida, tem que estudar!”. Aí pega e ouve e os professores são bastantes interessados e eles são muito ótimos pra poder explicar assim... dar uma educação assim... é legal como eles falam.
Eixo VII B	Nessa escola aqui sim, porque os professores eles falam sempre à gente que o futuro é a gente que escolhe. Como eu te falei, que muitos lá da minha sala eram perturbados e os professores sempre... mais a professora de matemática que sempre tocou nisso: “O futuro é vocês que escolhe”. Entendeu? Ela tá ali pra ensinar. Ela já tá formada, ela já ganha o dinheiro dela, ela já é uma profissional. Então, ela quer a mesma coisa pra gente. Entendeu? Ela quer que a gente cresça. E é isso que ela falava sempre à gente na sala de aula. Como... quando eu estudava de manhã também sempre me falaram isso, sempre as professoras e até palestra também nisso na escola que eu estudava de manhã, até palestra nisso, até palestra tinha falando sobre essas coisas. É teatro... sobre drogas, sobre essas coisas falando sobre os jovens hoje em dia. Então, essa escola ela tem na minha sala, eu não sei nas outras salas, mas na minha sala, a professora deixa bem claro isso, que o futuro é você que escolhe, entendeu?
Eixo VII C	Não. Porque a escola ensina, faz o melhor pro jovem, mas o jovem não quer aprender.



Eixo VII D	Ao meu ponto de vista interessa, agora alguns alunos que se acomodam, às vezes com os problemas do dia a dia da vida e vão pro meio errado e se acomodam com a falta de emprego, estas coisas, mas pra mim a escola se interessa bastante dando cursos, sempre nas salas dando informes de cursos, sites de emprego. A escola se interessa, cabe aos alunos também se interessar mais. Os professores orientam bastante. Esse ano que eu estudei eles sempre davam sites pra se inscrever, né, cursos profissionalizantes de trabalho, de primeiro emprego, sempre nos ajudaram. Sempre, todos os professores davam conselhos pra a gente não parar de estudar e tudo mais.
Eixo VII E	Depende. Tem assim... depende do professor, né? Tem professor aí que são bons. Que eles... que eles querem realmente ajudar. Né? Querem botar o aluno pra ser alguém, pra ser alguém na vida, pra mais pra frente ter uma profissão boa. Mas têm outros que não se interessam.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Nesta perspectiva, percebeu-se que os discentes manifestaram suas opiniões de forma que alguns tiveram posicionamentos em comum, acerca da escola, no sentido do interesse em solucionar problemas. Neste sentido, Arroyo (2005, p. 23) argumenta que:

A EJA continua sendo vista como uma política de continuidade na escolarização. Nessa Perspectiva, os jovens e adultos continuam vistos nas óticas das carências escolares: não tiveram acesso na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo, propiciemos uma segunda oportunidade.

As situações difíceis justificadas pelo sistema econômico enfrentadas por esses jovens e adultos é um dos motivos das desistências do ensino regular, sobretudo estes, de alguma maneira, têm o interesse em aprender e veem a EJA como uma oportunidade para o crescimento e emancipação.

Partindo deste pressuposto, os discentes foram inqueridos acerca do que eles pensam sobre a saída dos jovens do Ensino Regular e Ingresso na EJA e estes emitiram seus discursos, de acordo com o quadro 18, a seguir:

**Quadro 18- O que os Jovens Pensam sobre Juvenilização**

Aluno/Eixo/Turma	O que se pensa sobre a Juvenilização da EJA
Eixo VI A	Eu acho que... o povo botou pa de noite porque trabalha muito, não trabaia, não faz curso, não faz faculdade, essas coisa assim. Então é por isso. Eu concordo porque têm muitos que trabaiam durante o dia e precisam.
Eixo VI B	Eu acho bom, concordo sim, porque... como eu disse, o ensino é um pouco melhor, né? E aquela coisa de você aprender. Porque o negócio hoje não é você passar de ano. É você aprender alguma coisa. Que passar de ano, o conselho passa. Mas será se você aprendeu alguma coisa durante o ano? Será se você fizer uma prova, você consegue passar naquela prova? É isso. Eu concordo.

Eixo VI C	Não acho legal. Porque eu acho que... o EJA é bom, mas a gente tem que estudar, né? Ter o nosso ensino regular, né? Aprender tudo o que a gente tem que aprender. Porque querendo ou não o EJA corta muita coisa. A gente não aprende tudo que a gente aprende no ensino regular.
Eixo VII A	Ah eu acho legal né... porque a maioria que são de menor, a maioria estuda à noite. Assim... os diretor de lá explicaram, mas pa quem tem assim uma menoridade, poderia sim ficar pela manhã e pela tarde, mas pa quem tem já mais dificuldade, poderá se jogar à noite, porque é ótimo também, tipo senhores mesmo da minha sala, que eu nunca estudei com pessoas com mais idade do que eu, se desempenhando bastante e era muito bom, viu, era muito bom. Pra quem não tem muita dificuldade, pode ficar pela manhã e pela tarde. Mas quem tem dificuldade assim... poderia ficar pela noite. Pra quem também tá trabalhando, cursando qualquer coisa, aí também é bom pela noite.
Eixo VII B	Pow... eu acho bom porque adianta. Pra alguns, porque tem alunos que vêm pra escola pra abusar mesmo, pra perturbar. Entendeu? Querem só perturbar, perturbar, mas têm outros que como eu assim... Como eu que preferi fazer isso pra que eu passasse logo de ano e começasse a trabalhar. Entendeu? Porque eu também já tenho vinte anos, então já tá na hora de eu trabalhar. Entendeu? Então essa foi sempre... Eu sempre botei isso na cabeça. Eu vou estudar de noite: Vou! Eu vou fazer os eixos: Vou! Pra poder quando eu passar de ano não ter mais que ir pra escola e... e focar no meu trabalho. E focar no meu trabalho, nos meus cursos, é isso que eu quero.
Eixo VII C	Não... eu acho que por causa dos estudos, né? Que você estuda. Aí vem passando um certo tempo, você tem que estudar à noite pra fazer: primeiro, segundo e terceiro ano pa si, si... si... si formar. Eu concordo sim, porque durante o dia não tem sétima e oitava durante a noite tem, tem alguns colégio que tem. Eu concordo.
Eixo VII D	Acho bom se... realmente eles querem alguma coisa, se for o modo de... se eles querem realmente alguma coisa, se for a... como eu posso dizer... uma maneira pra eles procurar uma vida melhor eu acho bom, agora não pros que eu via muito os que vão estudar à noite pra nada e ficam o dia todo em casa sem fazer nada, vai estudar à noite e não se qualifica em nada. Se for pra um... pra mudar de vida pra uma coisa boa acho muito gratificante.
Eixo VII E	É... não sei assim dizer em relação ao colégio público, durante o ensino regular. Mas assim, na experiência minha, eu achei melhor ir pro EJA, né? Para o estudo à noite. Acho mais tranquilo, achei os professores assim melhores pra ensinar, em relação aos colega também. São pessoas mais maduras. Né? Não tenho assim o que dizer. Gostei. Eu concordo sim.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante dos argumentos expostos, fica evidente os jovens concordam com a migração do Ensino Regular para ingressar na EJA. Esse processo de Juvenilização está evidenciado também na discussão de Carrano (2007), em que afirma que para ter o âmbito quanto ao desafio da juvenilização, é necessário buscar estratégias para a produção de espaços culturais para o atendimento desta diversidade de educandos.

Diante do questionamento feito aos discentes, quanto às suas perspectivas, estes explicitaram, conforme está registrado no quadro 19, a seguir:

**Quadro 19 – Perspectivas Futuras dos Jovens**

Aluno/Eixo/Turma	Perspectivas Futuras
Eixo VI A	Desejo de fazer uma faculdade de engenharia, no caso, engenheiro. Engenharia civil. Porque aqui também tem muitos rapaz que tem muitos sonhos também. Conversa comigo, dá conselho, né? Eu fiz muita amizade boa, coisa que eu não fiz antes. Eu gostaria de fazer engenharia civil.
Eixo VI B	É... em uma faculdade, né? Fazer uma faculdade. Primeiramente fazer um cursinho preparatório pra eu fazer uma faculdade. Ainda não sei de quê. Eu ainda não... sabe... não botei um ponto no que eu quero. Mas... eu quero fazer uma faculdade. Com certeza.
Eixo VI C	De... querer estudar mais e poder sei lá... um dia, me formar, né? Eu vejo os professores, os trabalhos que eles têm, né? Com os alunos, mas... é só isso aí mesmo. Penso em fazer uma faculdade, vou começar esse ano, de advocacia. E eu desejo que os jovens saibam aproveitar essa oportunidade que o governo querendo ou não deu de ter o EJA, porque nunca é tarde pra a gente aprender mais, nem pra estudar.
Eixo VII A	Eu consegui muita coisa, né. Eu sonho ser uma pessoa de bem na vida, ser uma pessoa que seja educada chega em qualquer lugar, que todo mundo goste de você, e.... deixe eu ver meu Deus! Meu desejo é trabalhar, fazer meu curso, cursar minha faculdade, quando terminar os estudo, que me ajudou bastante. Eu quero cursar direitos. Ou delegada ou juíza, mas se caso eu não cursar ou advogada ou juíza eu queria fazer grastonomia. Eu queria ser grastômica. Aí ou um ou outro. Os meus desejos desses, os meus sonhos é esses dois. Ou um ou outro. Ou grastonomia ou direitos.
Eixo VII B	É isso, como eu te falei. Eu fiz até uma prova aqui e eu até passei na prova, Faculdade Nasau pra nutrição, mas só que ela no momento não falou a gente que a taxa era setecentos e pouco, entendeu? Então, eu não tô trabalhano, entendeu? Eu não tô trabalhano. E a minha mãe não trabalha, entendeu? Então, eu não tive como, entendeu? Participar. Ói... eu agradei tanto a Deus que eu passei. Passei! Passei! Então... eu fico assim... Mas só que eu ou não pude, entendeu? Por isso. Porque se eu tivesse trabalhano eu ia. Óbvio que é uma oportunidade dessa que eu passei. Eu fiquei louca quando a menina me ligou me falando que eu passei. Eu nem esperava isso. Mas eu passei, então eu só não fui por causa disso. Porque se eu tivesse trabalhano eu ia. Meu sonho é crescer na vida, é fazer minha faculdade.
Eixo VII C	Eu... sonhos bom, porque eu pretendo fazer uma faculdade, me formar no mercado de trabalho, ser alguém na vida, pra ajudar minha mãe, minha família e o quanto eu puder fazer pa ajudar meus colega também, se precisar, eu tô aqui pra ajudar.
Eixo VII D	Em melhorar de vida, nunca parar de estudar, em arrumar uma profissão digna, melhor pra mim e pra toda a minha família. Nunca parar de estudar, sempre procurar uma coisa melhor, apesar de ter vindo do EJA que é muito discriminado, mas...procurar uma coisa melhor, uma profissiliazação melhor, fazer uma faculdade que um dia a minha história pode ser muito melhor, apesar de ter vindo do EJA.
Eixo VII E	Quando o eixo tava no colégio que eu estudava no regular, eu não lembro, eu não tinha definido o que é que eu ia ser futuramente na profissão minha. Mas eu depois que eu ingressei à noite, pra estudar à noite no noturno, eu... aí que surgiu o desejo de eu ter essa profissão minha, de... futuramente ser um educador físico. Faculdade, ter meu trabalho, ou até mesmo um curso técnico. Né? O que eu conseguir fazer logo, eu vou tá fazendo.

**Fonte:** Entrevista Semi-Estruturada

Diante da entrevista dos alunos, interroguei-os sobre os planos para o futuro, identificamos que há um choque entre as suas respostas, alguns alimentam, inclusive, o sonho de ingresso na faculdade, outros põem o trabalho como prioridade após a conclusão da formação inicial e outros ainda pensam em ingressar na Universidade, pois veem na EJA uma esperança no que se refere à melhoria. Nota-se que há uma semelhança entre a resposta dos discentes no que tange a fazer uma faculdade. Embora enfatizem as dificuldades financeiras no decorrer da entrevistas, estes não se privam de sonhar e ter esperanças de que suas vidas um dia mudará. Outra perspectiva colocada pelos jovens é a busca de oportunidades e capacitação. Para Camargo e Martinelli (2006 p. 199), “O significado de ser alfabetizado está vinculado à questão da ascensão social, mas principalmente com a autoestima”. No entanto, a emancipação faz parte de todo um processo que se inicia na escolarização a partir da alfabetização e desenvolve-se ao longo da vida.

## **2.25 Questões atribuídas aos Docentes**

Na sequência da interlocução com os sujeitos da pesquisa, foi realizado, primeiramente, um questionário com dois professores da modalidade EJA - Tempo Formativo III de duas turmas: Eixo VI e Eixo VII, para identificar o perfil de caracterização destes.

No que se refere à questão de gênero, foi um professor do sexo masculino, vinculado ao Eixo VI e uma professora do sexo feminino vinculada ao Eixo VII.

Em relação à faixa etária, constatou-se que os dois docentes possuem mais de trinta anos de idade.

Quanto à formação, o professor do Eixo VI é formado na área de Filosofia. Já a professora do Eixo VII é formada a área de matemática.

Com relação ao tempo de atuação no magistério, constatou-se que ambos os docentes têm mais de doze anos de atuação no magistério.

Já em relação ao tempo de atuação na EJA, o professor do Eixo VI argumentou que tem três anos de experiência. Sobretudo, a professora do Eixo VII apontou que possui dez anos de experiência com a modalidade EJA.

Em seguida, foram realizadas entrevistas com os mesmos professores da modalidade EJA que realizaram o questionário da identificação do perfil. Estes docentes pertenciam ao Tempo Formativo III de duas turmas: Eixo VI e Eixo VII. No decorrer da entrevista, eles foram questionados acerca dos fatores que influenciam a desistência do aluno Jovem do Ensino Regular, ocasionando o seu ingresso na EJA e diante de suas respectivas respostas,

percebeu-se que houve uma semelhança nas respostas de ambos. O professor do Eixo VI apontou como causa, a necessidade de ingresso no mercado de trabalho, principalmente por parte dos jovens que adquirem responsabilidades mais cedo e como trabalham durante do dia, à noite é o único tempo que lhes resta para estudar. Outro fator apontado pelo professor do Eixo VI que também coincidiu com um fator apontado pelo professor do Eixo VII foi a necessidade de ajudar a família.

**Quadro 20 – Fatores que Impulsionaram a Desistência do Aluno Jovem do Ensino Regular e Ingresso na EJA na Visão dos Professores**

Professor/Eixo/Turma	Fatores que Impulsionam a Desistência do Aluno Jovem do Ensino Regular e Ingresso na EJA
Professor Eixo VI	Entre eles o principal é a questão socioeconômica, a questão do emprego, ajudar as famílias, então é a questão socioeconômica para que o aluno consiga a sobrevivência, né, em primeiro lugar. Por outro lado, pode ser uma distância com os saberes das ciências. Muitas vezes entediante, a formar os conteúdos, a ciência não é fácil de ser passada, ela não é comum. Então você tem que violar o indivíduo às vezes pra impor um conteúdo científico, ele não quer aprender, mas tem que passar por isso. Então tem muito jovem quer não quer passar pela escola. Mas já é necessidade. Então eles procuram o EJA pra tentar recuperar o tempo perdido, buscar uma reinserção no mercado de trabalho e uma ascensão social também. Então eles esperam melhorar sua condição econômica e também de conhecimento.
Professor Eixo VII	Pelo que nós observamos, a necessidade de conhecer coisas novas e ingressar no mercado de trabalho é que impulsiona esses alunos a não continuar no ensino regular no turno vespertino ou matutino. Então eles dizem da necessidade de ajudar a família, quando na verdade isso não ocorre porque de fato o que acontece é que eles ingressam no mercado de trabalho, ficam sem tempo, vem estudar no EJA, mas não acompanha um desenvolvimento de uma carreira no curso regular. Então quando o governo permite que um aluno que tenha uma idade inferior a dezoito anos faça parte juntos como o EJA, automaticamente ele priva aquele aluno de ter um sonho a nível de universidade, não que seja impossível, mas automaticamente as possibilidades deles se reduzem muito grandemente, fica mais difícil pra aquele aluno avançar. E se tratando de professor de matemática, eu fico triste porque a área das exatas é a área que menos agrega alunos na universidade e a gente gostaria muito que tivéssemos mais professores, mais engenheiros, mais cientistas, a gente não tem, e a gente fica, de certa forma, tendo que buscar essa mão de obra em outros países, porque é uma área considerada difícil. No EJA a gente não pode desenvolver o curso da área de exatas, não há tempo hábil pra isso e eles só veem a disciplina de exatas em um momento da vida deles, praticamente.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Tendo em vista os argumentos expostos pelos professores, os seus posicionamentos mostram as dificuldades dos jovens e adultos em suas trajetórias escolares, muitos utilizam a EJA como um subsídio para concluir os estudos com mais rapidez em virtude da necessidade do auxílio no sustento das famílias. Segundo Arroyo (citado por Soares; et al 2007, p. 24):

[...] Superar a dificuldade de reconhecer que além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social; vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência.

Nessa perspectiva, é provável que talvez a educação de jovens e adultos possa ser a única possibilidade de escolarização, superação e inclusão na sociedade em que vivem, visto que as maiorias desses jovens e adultos precisam trabalhar visando à sobrevivência.

Partindo desse pressuposto, os docentes foram interrogados acerca das maiores dificuldades enfrentadas enquanto professores da EJA, considerando essas disparidades entre alunos jovens e adultos. Diante dos resultados, suas respostas foram distintas, o que culminou para o enriquecimento do debate, principalmente quando o professor do Eixo VI enfatizou que uma de suas maiores dificuldades estava relacionada às discrepâncias de idade, indisciplina e o preconceito da idade. Já o professor do Eixo VII afirmou que uma das maiores dificuldades estava atribuída ao currículo, considerando o desafio de contemplar a diversidade da modalidade EJA, tendo em vista os objetivos múltiplos e distintos. Estes depoimentos estão apresentados no quadro 21, a seguir:

**Quadro 21 - Maiores Dificuldades Enfrentadas pelos Professores na EJA**

Professor/Eixo/Turma	Maiores Dificuldades Enfrentadas no EJA
Professor Eixo VI	As diferenças da faixa etária. Se tem o problema de que o mais idosos, assim, às vezes, as pessoas de mais idade tem um comportamento mais maduro, e que conseguem um controle, um pouco o controle da sala, até. E a indisciplina. A questão da indisciplina principalmente. Então os mais jovens são mais indisciplinados, são imaturos. E aí começa o choque também de idade, né? Aquele choque de até da discriminação por idade, né? Preconceito, discriminação. Então ele vem carregado do que tem na sociedade de preconceito, discriminação. Às vezes temos conflitos, mas não chega a ser preocupante, é uma coisa que pode sanar e a gente tem que trabalhar, né? Tanto que no final a gente consegue fazer um trabalho relativamente bom. Não ótimo porque esses alunos têm muitas lacunas do conhecimento. E aí pra superar essas lacunas não é o EJA que vai superar. Ele pode depois complementar em algum lugar, mas já é uma forma de retomar o estudo, né?
Professor Eixo VII	Atualmente a disparidade já não é tão grande como dez anos atrás quando eu comecei a trabalhar com o EJA. Eu sempre trabalhei com formação geral na universidade, a gente não aprende a trabalhar com o EJA, então quando eu concluí minha formação não existia essa palavra EJA, existia supletivo, existia outras denominações. Não existia essa palavra e aí eu recebi um curso, uma formação, um treinamento que dizia pra gente que o EJA era pra conclusão dos cursos de pessoas que já estavam trabalhando e que precisava de um certificado do ensino fundamental e médio para progredir em suas funções já no mercado de trabalho. Hoje a gente recebe os alunos jovens com essas outras pessoas e o que acontece é que são interesses distintos. O jovem ele quer ainda o lúdico, conhecer coisas novas, e o mais velho ele não está com paciência para ludicidade, ele só quer

	mesmo aprender, concluir pra galgar aquela meta inicial do EJA que era o treinamento e qualificação dos profissionais que já estavam trabalhando. Então a maior dificuldade pra mim, no momento é preparar pra um currículo que abranja pra interesses distintos.
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada

Desse modo, no que se refere ao assunto currículo trazido pela professora do Eixo VII, o currículo não é um campo educacional isolado, autônomo. Em vez disso, ele é parte de nossa sociedade mais ampla e obedece aos mesmos ritmos que moldam nossa política, música, negócios, tecnologia (CHERRYHOLMES, 1993, p. 164).

Neste sentido, o currículo requer sua autonomia, em detrimento de uma manipulação. É essencial que este seja flexível diante da diversidade do público da EJA, de forma a contemplar a realidade dos discentes e suas especificidades diante de suas realidades. Além disso, é necessário que o currículo da EJA siga uma lógica transdisciplinar, contemplando o indivíduo em suas múltiplas dimensões. Desse modo, é necessário adaptar o currículo aos interesses dos jovens e adultos, de forma que a práxis pedagógica do professor venha tornar-se satisfatória e significativa.

Acerca do questionamento referente à organização da prática pedagógica na educação de jovens e adultos, considerando o perfil juvenilizado e diante desta questão, o professor do Eixo VI afirmou que a sua prática está fundada na contextualização com vida prática, levando em consideração a limitação dos discentes no que tange à compreensão de algumas teorias do âmbito sociológico. Já a professora do Eixo VII considerou a sua prática pedagógica apoiada na valorização dos saberes de mundo por meio da troca de experiências entre discentes mais jovens e discentes mais velhos. As concepções dos professores acerca de suas práticas estão representadas no quadro 22, a seguir:

**Quadro 22 – Organização da Prática Pedagógica**

Professor/Eixo/Turma	Organização da Prática Pedagógica
Professor Eixo VI	Procuro como é apenas em um ano cê tem que passar todo o conteúdo, por exemplo, sociologia que é a minha disciplina, eu busco dar conceitos básicos e ir contextualizando com a vida prática, né? Que a sociologia é a pura relação social, contato social, então eles conseguem assimilar mais facilmente que até outras disciplinas porque eles se saem bem, mas existe aquelas histórias dos preconceitos, então você tem conflitos. Mas eles conseguem entender, só que muito limitado, quando agente quer partir pra uma questão mais complexa, digo não consegue num debate sobre teoria, eles não conseguem assimilar teorias sociológicas, a gente consegue no máximo observar a prática social da sociologia, né?

Professor Eixo VII	Eu aprendi empiricamente uma das formas mais interessantes é que a turma mesclada em que o estudante que já é profissional ele vai passar a experiência dele pra esses jovens e eles dão depoimento inclusive em sala do que eles deixaram de fazer e porque eles estavam terminando o curso naquele instante. Muitas das vezes porque engravidaram, tiveram de constituir família, tinham família, tinham problemas sérios, vieram do interior e aí aquele jovem que tem uma vida relativamente mais confortável, ele iria entender o que acontece com quem não estuda. Então a gente vai trocando essas experiências e aí o aluno mais jovem, a gente pede pra que treine, seja uma espécie de monitor daquele mais velho, e aí é uma parceria, uma amizade que se forma. Então esse, por exemplo, o eixo sete turma A, especificamente, a agente conseguiu uma parceria de aluno de 60 a 18 anos, vai ter a formatura deles, e é muito bom o relacionamento entre eles dessa maneira, os mais jovens que tinham habilidades eram monitores dos mais velhos que não tinham determinadas habilidades e vice e versa, eles trocavam experiências, foi muito legal pra mim.
--------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

É interessante que a prática pedagógica da EJA seja uma prática diferenciada que leve em consideração os saberes de mundo do indivíduo, suas experiências de vida, sua historicidade, permitindo-lhe aproveitar os seus saberes, para que através do diálogo e das interações com o meio possa construir novos conhecimentos. De acordo com Arroyo (apud Soares 2007):

[...] Reconheciam que estes carregam para a relação pedagógica saberes, conhecimentos, escolhas, experiências de opressão e de libertação. Carregam questões diferentes daquelas que a escola maneja. Essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo é possível. Quando só os mestres têm o que falar, não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam as condições de pensar sua educação como um diálogo (ARROYO apud SOARES et. al., 2007, p. 35).

Essa diversidade de saberes e experiências tornam as aulas ricas, estimulando as interações sociais e a aprendizagem por meio da troca de conhecimentos. Além disso, diante das experiências sofridas destes alunos e o empenho em aprender, torna-se exemplo para os outros que querem emancipar-se.

Na sequência, os professores foram interrogados acerca do que procuram valorizar no desenvolvimento dos conteúdos e de que maneira escolhem as metodologias e recursos, conforme está no quadro 23, a seguir:

### **Quadro 23 - Desenvolvimento dos Conteúdos e Escolha das Metodologias e Recursos para a EJA**

Professor/Eixo/Turma	Desenvolvimento dos Conteúdos e Escolha das Metodologias e Recursos para a EJA
----------------------	--------------------------------------------------------------------------------



Professor Eixo VI	Primeiro na minha disciplina sociologia eu busco basicamente a cidadania, direitos humanos, uma consciência crítica e um pouco de conhecimento teórico, né? Então os conteúdos são reduzidos, por exemplo, ele vai sair daqui com o segundo grau completo, com um ano só de sociologia, ele não conseguiu ver outras, é... Outros assuntos referentes ao terceiro geralmente tá mais próximo do primeiro ano de sociologia. Então, a gente busca simplificar ao máximo pra ter um melhor resultado. Fazer aquela ponte entre a ciência e o conhecimento do aluno.
Professor Eixo VII	Os nossos recursos pra o EJA são os mínimos possíveis, atualmente nós não dispomos de livros pra os alunos, a gente queria apostilas, a gente desenvolve algumas aulas práticas em sala, em matemática, por exemplo, eu faço construção de gráficos, trabalho de cálculos de hora extra, eles trabalham rotinas administrativas de recisão de trabalho, calculamos porcentagem com base no compra e venda, a gente faz diversos exercícios práticos pra que eles entendam o porquê, matemática sempre pergunta: por quê? E a gente tá sempre tentando dizer o porquê. Porque se você não sabe o valor de uma mercadoria, você vai pagar um valor exorbitante de juros, se você tomar empréstimo consignado você vai ter uma perda infinita em seu orçamento, então a gente trabalha com base nas coisas do dia a dia, aí aproveitamos pra mostrar a parte do conteúdo, a parte da teoria e desenvolvemos com a gente desenvolve pra qualquer aluno do curso regular. A gente não subestima a capacidade de entendimento deles, a gente só mostra pra ele o porquê ele tem que aprender aquilo e aí ele abraça. Quando a gente percebe que não é interessante pra eles aquele tema, a gente tenta avançar um pouco no conteúdo. Na verdade, a gente faz tudo em função deles, é eles quem vão dizer mais ou menos se devemos avançar se devemos continuar, enfim.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Diante do que foi explicitado pelos professores, percebeu-se que o professor do Eixo VI procura sintetizar os conteúdos, trazendo o que há de mais importante de acordo com a realidade de seus discentes. Já a professora do Eixo VII desenvolve aulas práticas utilizando materiais concretos para a melhor compreensão dos educandos, e, além disso, ela procura enfatizar a necessidade de aprendizagem dos conteúdos no qual ela explana, de forma a fazer com que os seus educandos reconheçam a importância da utilização destes conteúdos em suas vidas práticas. Procura estratégias que possibilitem chamar a atenção dos educandos para a aprendizagem independente da disposição de recursos como apostila, entre outros. Ela possibilita o desenvolvimento da capacidade do discente aprender a disciplina da qual leciona, através da construção deste, usando elementos lúdicos, concretos que consolidem sua aprendizagem. Além disso, a docente que representa o Eixo VII, permite que os discentes de forma autônoma escolham o seguimento do conteúdo mediante suas necessidades. De acordo com Arroyo (2005, p. 121), “Reeducar o olhar docente para ver os educandos e as educandas em suas trajetórias não apenas escolares, mas também de vida, sua condição de sujeitos sociais e culturais, de direitos totais” (ARROYO, 2005, p. 121). Esse tipo de estratégia metodológica valoriza os indivíduos, incentivando-os a superar as marcas de exclusão.

Significa considerar os jovens e adultos em sua totalidade; sua historicidade e sua existência enquanto sujeito que faz parte da sociedade.

Na continuidade, solicitei aos professores que caracterizassem os alunos Jovens da modalidade EJA e percebeu-se uma sintonia entre as respostas diante das concepções registradas pelos discentes no quadro 24, a seguir:

**Quadro 24 - Caracterização do Aluno Jovem da EJA na Visão dos Professores**

Professor/Eixo/Turma	O aluno Jovem da EJA é Caracterizado como...
Professor Eixo VI	Acho que na verdade eu considero que todos são como se fossem heróis, retomar todo o tempo perdido, buscar forças pra continuar na escola, uma forma ou de outra, mas com dificuldades porque trabalham, muitos trabalham e aí levar as duas coisas, trabalho e escola, como é noturno, geralmente eles trabalham. Muitos em condições precárias de trabalho. E aí eles conseguem até debater também teorias sociológicas e trabalhistas. Por exemplo, surgem problemas de relação de trabalho. Problemas de relações de grupo social, familiar, problemas do grupo “relação” na escola e nos grupos sociais que ele trabalha e a gente consegue melhorar essa relação. Então a sociologia também está na escola para melhorar a relação social. Ela é até um pouco diferente de outras disciplinas porque ela não se preocupa só com o conteúdo. Como aqui é um contato social a sociologia vai se preocupar com essa relação social, essa melhoria da relação social e aí eles conseguem assimilar essas perspectivas, e a gente acaba interferindo na vida deles. Então, no geral, pessoas que têm mais vontade de aprender de que formação geral, do que o ensino médio normal. Porque eles são aquele negócio do querer, do querer mais. Eles estão sedentos de conhecimento, buscando recuperar o tempo perdido, mas se projetando para uma melhoria social.
Professor Eixo VII	O aluno jovem da Educação Jovens e Adulto é o aluno ansioso, é o aluno apressado, e eu digo pra eles todos os dias isso: porque fazer em dois anos, o que poderia ser feito em três de forma mais lenta, menos rápida, porém mais proveitosa, porque você veria todas as disciplinas durante três anos ao invés de um leque de disciplinas em um ano e outro leque de disciplinas no ano seguinte? Então, no ensino médio, a possibilidade deles são apenas dois anos, então porque não mais um ano se ele é jovem e tem toda a vida pela frente? Com a nova legislação da aposentadoria, da previdência social, só se aposenta quando se conclui mais de 60 anos pra mulher e 65 anos para homem, então porque tanta pressa? Eu brinco o tempo inteiro com eles, falo pra eles isso e calculo pra eles: vocês vão viver muito, a tecnologia e os remédios dizem que vocês vão viver muito, então porque essa pressa toda agora? Mas eles dizem: não, nós temos pressa.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Nos depoimentos dos professores, é visível que as descrições dos perfis dos estudantes se complementam. A visão do docente do Eixo VI emite o estudante jovem como um herói por ele aproveitar a nova oportunidade de recuperar o tempo perdido, abdicando de um descanso ou de outros prazeres, em busca da melhoria social. Já na visão do docente do Eixo VII, a professora enfatiza a pressa do discente em formar-se, tanto que a mesma intitula-os

como apressados diante do âmbito de buscas de melhorias para as suas vidas. De acordo com Arroyo (apud por Soares; et. al. 2007):

Desde que a EJA é EJA esses jovens e adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. São jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos, culturais. O nome genérico: educação de jovens e adultos oculta essas identidades coletivas. Tentar reconfigurar a EJA implica assumir essas identidades coletivas. Trata-se de trajetórias coletivas de negação de direitos, de exclusão e marginalização; consequentemente a EJA tem de se caracterizar como uma política afirmativa de direitos coletivos sociais, historicamente negados. (ARROYO apud SOARES et. al. 2007, p. 29).

Nessa perspectiva, esses jovens e adultos carregam histórias de lutas, os seus direitos foram negados e isso é na maioria das vezes um processo hereditário, pois os pais desses indivíduos, os avós, os bisavós também sofreram essas constantes. Por isso, é preciso que lutem por uma educação que garanta a possibilidade de melhoria, libertação da ignorância e emancipação. Foi pedido aos professores que exemplificassem uma atividade ou um projeto que desenvolveram com a turma de EJA e que acham interessante. Para essa solicitação, a respostas foram emitidas conforme o quadro 25, a seguir:

#### **Quadro 25- Atividades e Projetos Desenvolvidos pelos Docentes com a Turma de EJA**

Professor/Eixo/Turma	Atividades e Projetos Desenvolvidos com os Discentes da EJA
Professor Eixo VI	São seminários e debates que a gente desenvolve sobre como eu disse a prática social, por exemplo, seminário de direitos sociais, direitos humanos, onde cada grupo debate com tema: direito dos idosos, direito da criança e adolescente, direito trabalhista, vários códigos do consumidor, ai cê tem código de trânsito, ai cê vai atualizando inclusive e a gente acaba fazendo um trabalho razoavelmente bem. Eles tem um problema de apresentação, na hora de apresentação dos seminários, mas muitos conseguem dar a resposta suficiente pra um bom debate. No final combina com o debate colocando posições, observando as divergências.
Professor Eixo VII	Nós desenvolvemos varias atividades, como já exemplifiquei, a prática de compra e venda, a criação e preenchimento de planilhas, que muitos deles não tinham noção de como funcionava isso, uso dos instrumentos de artes como a régua, eles não sabiam, não tinham conhecimento de como usar um instrumento como a régua, o esquadro, transferidor, compasso, e ficam maravilhados de descobrir que é possível fazer qualquer desenho sabendo utilizar as possibilidades geométricas aliado a matemática. Então eu consigo trabalhar com ele trigonometria, relações métricas no triangulo retângulo de uma forma simples do que eu faço no ensino regular. Mas eles veem todo o conteúdo, eu não os privo de nenhum conteúdo, apesar de ser tudo em apenas um ano.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Torna-se eficaz que a prática docente da educação de jovens e adultos seja contextualizada, de acordo com a realidade de cada sujeito, sem desprezar sua cultura, seus saberes e suas diferenças. Segundo Freire (1970):

Não há diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que não aceitando a dicotomia mundo/ sujeito, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. É um pensar que percebe a realidade como um processo que se capta em constante movimento e não como algo estático (FREIRE, 1970, p. 48).

Desse modo, seria reconhecer o indivíduo, suas necessidades, para se trabalhar com o diálogo a partir das realidades. Seria reconhecer o sujeito em suas trajetórias humanas para, posteriormente, partir daquela realidade para a construção de conhecimentos.

Acerca do questionamento se a escola está preparada para desenvolver a educação de jovens e adultos e se faz parte do PPP da escola, tendo em vista os conflitos referentes às distintas idades e o contexto da juvenilização, os docentes responderam e, pelos seus posicionamentos, percebe-se que ainda existem muitos problemas que impedem que essa proposta seja cumprida na prática. Vejamos os depoimentos no quadro 26, a seguir:

**Quadro 26 - Preparação da Escola quanto ao Desenvolvimento da EJA e PPP**

Professor/Eixo/Turma	Sobre a Preparação da Escola para Desenvolver a EJA Diante da Juvenilização
Professor Eixo VI	Pelo tempo que tem, já está num projeto pedagógico da escola, inclusive como a escola o CENEB é um novo projeto, eles estão até formando o Alípio Franca, né? Lembro que saiu do Alípio Franca, então já tem no projeto só que existe muitas dificuldades do ponto de vista da hora da avaliação pedagógica. Muitos querem aproximar o aluno EJA com os alunos regulares, achando que são mesmo nível e, às vezes, cobra mais e sobrecarrega aquele aluno. Ele não está acostumado aos conteúdos da formação geral mais, ele já rompeu aquele ciclo lá. Eles estão em um novo ciclo ele quer o resumo daquilo ali, então a síntese básica das disciplinas. Então tem que observar o nível do aluno, não adianta você acha conflitos do pedagógico você quer aplicar um simulado de cinquenta questões pra aluno EJA que de formação geral. Você aplica de quarenta a cinquenta, eles não dão conta do recado porque não estão acostumados. Preparar para o ENEM, tem que ir um pouco devagar! Ir crescendo assim até chegar esse objetivo, porque muitos chegam no final do ano pior que o aluno da formação geral, do ensino médio, digo assim ponto de vista de assimilar conteúdos da terceira e quarta unidade. Eles já sentem que é muita coisa, é muita coisa. Então eles reclamam muito dos conteúdos aplicados. Como é você que sai de uma liturgia, né? Não tava estudando e passa a estudar, até você acostumar a se enquadrar de novo no sistema da escola demanda um tempo. Não é a mesma coisa, você vai fazer uma apresentação no ensino médio não igual a apresentação do EJA. Você tem que dar um desconto, não pode fazer a mesma exigência, você não pode fazer a mesma exigência se não você vai ter um rendimento baixo. Se você exigir muito você vai dar zero na metade da turma ou mais. Ai você tem que passar a aliviar um pouco, ver que está tensionando demais, distensionar um pouco pra conseguir o objetivo desejado.

Professor Eixo VII	O CENEB ainda é uma escola nova, a gente ainda não construiu o nosso projeto político pedagógico. Mas, pelo que eu tenho visto a dificuldade maior não é a questão da faixa etária, a dificuldade maior é que nós professores não estamos sendo capacitados na atualidade pra aplicar esses conhecimentos. Porque as coisas estão mudando, estão evoluindo e nós estamos utilizando nossos conhecimentos e forma empírica, então, a gente nem tem como avaliar se está funcionando a gente mesmo que se auto avalia, a gente mesmo que diz se está funcionando pra gente ou não com base em quantitativos que são chamados conceitos, que ainda assim com a existência desses conceitos é complicado pra mensurar um cérebro humano em conceito eu não sei fazer isso, eu faço isso, mas, eu estou sendo muito sincera, teria que haver alguém além da área pedagógica e das licenciaturas, tem que ter mais um outro profissional pra trabalhar isso com a gente. Como eu posso escrever que aquela pessoa está apta, dentro da minha disciplina, pra avançar somente com base no que eu vi daquela pessoa durante oito meses. Então na minha concepção não é questão da escola estar preparada, ou professor estar preparado ou aluno estar preparado, é preciso investir mais em capacitação, em planejamento estratégico pra que se tenha um resultado efetivo desse EJA. Porque é muito fácil avançar, Educação Jovens e Adultos, diz assim: Todos alunos na escola, todos os alunos com certificado, mas isso não significa dizer que todos os alunos estão de fato preparados pra o que seja: o comércio, a indústria, é complicado a gente determinar isso em um ano.
--------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Tendo em vista os argumentos mencionados, destacamos o posicionamento do professor do Eixo VI que salienta as inquietudes dos discentes quanto às dificuldades diante do acúmulo de conteúdos que os deixam sobrecarregados. Já a professora do Eixo VII argumenta o fato de que o Projeto Político Pedagógico – PPP da Escola ainda não ter sido construído. Enfatiza a vicissitude da desqualificação dos docentes em aplicar os conhecimentos na modalidade EJA. Embora o PPP esteja em construção, a escola segue uma proposta elaborada pelo governo estadual para a educação de jovens e adultos, que é a proposta do CENEB.

Essas reflexões nos leva a pensar que os inúmeros problemas que afetam o processo de ensino da EJA contribuem para que ela, na maioria das vezes, seja efetivada de forma desqualificada. É nítida a ausência de investimento pelos órgãos públicos, além da falta de um preparo dos professores, os quais, muitas vezes, lançam um olhar sobre a EJA como uma modalidade comum, na perspectiva do ensino regular. Por isso, é necessário que haja uma formação continuada voltada para a EJA numa perspectiva transdisciplinar. Acerca da formação dos professores da EJA, Soares et. al. (2007) salienta: “É necessário, portanto, estender a formação do educador de jovens e adultos para além do curso de pedagogia [...]” (p.287). Percebe-se que a maioria dos professores da EJA não tem nem o curso de pedagogia que é de extrema importância.

Sobre as lacunas relacionadas à falta de investimento na formação dos educadores da EJA decorrentes do descaso do Estado, Gadotti (1994, p. 34) ressalta:

O princípio de que a educação é dever do Estado não implica no imobilismo da população e de cada indivíduo: a educação é também dever de todos, pais, alunos, comunidade. Com essa mobilização da população, em defesa do ensino público, é possível pressionar ainda mais o Estado para que cumpra o seu dever de garantir a educação pública, gratuita e de bom nível para toda a população [...]

Desse modo, a escola atrelada à família ganha forças para a luta por seus direitos de reivindicar do Estado às melhorias acerca da educação.

Nesta perspectiva, os professores foram inquiridos acerca de como avaliam o ensino da EJA na atualidade e questionados acerca da flexibilidade deste, de forma a contemplar a realidade dos jovens. Assim, demarcaram seus posicionamentos, conforme quadro 27, a seguir:

**Quadro 27 - Avaliação do Ensino Atual e do Currículo da EJA**

Professor/Eixo/Turma	Avaliação do Ensino e do Currículo da Educação de Jovens e Adultos
Professor Eixo VI	A experiência nessa escola do Alípio Franca e CENEB são diferentes, porque ela quer dizer, foi um projeto que poucos tinham assimilado o que era realmente o projeto. Uma pessoa ia lá, ia pro seminário na Secretaria de Educação, e depois passava pra gente aqui. Só que fica um pouco distorcido não é o projeto original ainda, eu acredito, passa por muitos problemas, por exemplo, deveria ser um estudo dirigido com um livro especial, não pode ser um livro de formação geral, porque a avaliação tem que ser processual, que tem conceito, você não tem nota. Então como é que você vai dar um conceito pra esse aluno, ele a construir, em construção e ser construído, o aluno já estaria construído já na etapa acima de sete. Sete pra cima ele já está construído. Então quando ele tira nota baixa de zero a 3,9 ele é a construir. Se ele tira uma nota de 4 a 6,9 ele é em construção. E se ele tira 7 a 10 ele está construído. Então é um processo tem que ser um, a avaliação é um processo alvo e com tipo um módulo, né? Os módulos especiais mesmo. E eu não vi, ainda está muito deficiente aqui na escola, alguns tiveram outros não, então eu estou ainda deficitário o ensino do EJA, nesse sentido que eu acho que pode ser um estudo dirigido, porque são alunos especiais. Você vai ter dificuldade muito grande de um tipo de aluno, do jovem que é rebelde, que às vezes não gosta da escola, tá ali só porque pressão social, né? E tem o mais maduro, o idoso tá bem, né. Que ele está por prazer, quer voltar a estudar e sente até prazer em ensinar os mais idosos, porque não querem ficar em casa naquele conflito social, pra mim eu tomo conta da casa o dia inteiro, eu queria tá na escola, conhecendo outras pessoas, tendo contato social, então ele se sente bem aqui na escola, os mais idosos com relação muito mais amistosa também.
Professor Eixo VII	Na verdade a gente tenta trabalhar um currículo dentro do básico, estou sendo repetitiva em dizer que é impossível trabalhar currículo num curso de curta duração. Pra os jovens é uma decepção muito grande, pois eles queriam ver um pouco de química, muito mais de matemática, muito mais de todas as disciplinas, história, por exemplo, não sei como os professores conseguem desenvolver todas as

	etapas da história em tão pouco tempo. A química e a biologia são ramos enormes e não vejo como fazer, então pra os jovens é uma frustração. Mas como eles têm a necessidade da ansiedade de concluir logo o curso deles, é melhor, eu repito que façam o curso deles do EJA do que, que ele fique sem concluir o ensino médio. Eu acho que a vantagem do EJA é essa, que ele pelo menos tenha essa oportunidade de ver um pouco.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada

Tendo em vista as respostas atribuídas pelos discentes, é visto que esses problemas relacionados à EJA são fatores decisivos para a qualidade educativa nessa modalidade. O professor do Eixo VI faz um paralelo entre os dois tipos de educando que frequenta a EJA, um demonstrando total interesse na aprendizagem e o outro desestimulado e sem interesse, onde frequenta a EJA por conta de pressão social e não por aptidão pessoal. A professora do Eixo VII relata a sua indignação quanto ao tempo comprimido para trabalhar os conteúdos diante da extensão da disciplina que ela leciona e as demais.

Desse modo, o olhar dos professores torna os discentes da EJA como sujeitos especiais no sentido de que é imprescindível ter um olhar diferenciado sobre eles. Um olhar que compreenda suas necessidades e as realidades de vida, de modo que incentive os sujeitos a prosseguirem. Por isso, “Os jovens-adultos que carregam para a escola trajetórias tão interrogantes dos valores e dos conhecimentos estabelecidos merecem um olhar amável e reconhecido das interrogações que a vida lhes coloca” (ARROYO citado por Soares; et al, p.39). Por isso, é fundamental que os docentes desta modalidade estejam preparados não apenas para este novo olhar, sobretudo, é importante que tenham uma formação específica que contemple esta modalidade e suas múltiplas dimensões.

Na sequência, os professores foram mais uma vez indagados sobre os problemas enfrentados pelos jovens que frequentam a EJA e, diante deste questionamento, foram questionados sobre o interesse da escola na resolução destes problema. Os posicionamentos estão evidenciados no quadro 28, a seguir:

**Quadro 28 – Problemas Enfrentados pelos Jovens e Adultos e Interesse da Escola na Resolução destes Problemas**

Professor/Eixo/Turma	Problemas enfrentados pelos Jovens e Adultos e Interesse da Escola na Resolução destes Problemas
Professor Eixo VI	O problema principal é como todo ensino noturno é que eles chegam cansados do trabalho, do transporte que atrasa, então a primeira aula começa na segunda, e última aula em função da violência social, o último horário inclusive acaba mais cedo que formação geral. Eles têm quatro aulas no turno da noite, então começa sete, né? Seis... Dez para as sete. Quando chega nove e meia que eles saem, eles não conseguem, deu nove horas já quer ir embora porque tem violência, então esse problema a escola não consegue resolver é um problema externo. Tem influenciado



	bastante. É como se você tivesse, aliás, todo aluno noturno tem passado por isso hoje, a violência tá impedindo do aluno ficar até mais tarde ou chegar mais cedo. A questão da mobilidade, a mobilidade urbana interfere diretamente na primeira aula e na ultima aula o problema da violência, você tem dois problemas, aí que se o Estado não resolver vai cada vez mais complicado a qualidade da educação noturna. Principalmente, os grandes centros nas metrópoles, você tem salvador, você trabalha em Itapuã, e estuda aqui, tem gente que trabalha, mora em Itapuã e estuda aqui porque trabalha ali, mas tem que voltar pra casa em Itapuã. Então, disso a gente vê o pessoal reclamando demais sobre essa questão. Quando a gente quer não fica mais um pouquinho não, mas o transporte aí tal, tem problema de violência, toque de recolher, aquele negócio todo que a gente conhece. Então, isso interfere diretamente. O problema não pode ser resolvido de contextualização das disciplinas na vida social deles não. Até distância da matemática com a realidade deles, da física da química tem que buscar do contexto social pra eles não ficarem decorando nada. Tem que assimilar, aprender o assunto, né?
Professor Eixo VII	Eu acredito que a escola se interesse em solucionar esses problemas, mas esses problemas são extra muros, é a família desajustada, é o governo e as condições que oferecem pra ele que são mínimas, são problemas de drogas que todo mundo sabe que existem, mas ninguém quer se envolver porque sabe que é muito difícil, e a gente também não está preparado pra isso, a gente não recebe treinamento de como lidar com isso. Nós professores ainda somos muito românticos com relação a tudo isso, a gente chama o nosso aluno de menino desde que ele tenha dezoito, vinte, cinquenta anos, ele é o nosso aluno, ele é o nosso protegido, mas ele é um cidadão com ideias, com vontades, com desejos, com revoltas e nós não fomos treinados pra trabalhar isso. Então essa é a dificuldade.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Diante das concepções dos professores, nota-se que dois problemas decorrentes trazidos por eles em suas discussões: o primeiro diz respeito à questão da dificuldade de mobilidade urbana trazido pelo professor do Eixo VI, tendo em vista a dificuldade de transporte para deslocamento trabalho/escola, culminando no problema de atraso das aulas, gerando uma perda de conteúdos e, conseqüentemente, dificuldades na aprendizagem. De acordo com Di Pierro (2010, p. 35):

[...] os jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade não acorrem com maior freqüência às escolas públicas porque a busca cotidiana dos meios de subsistência absorve todo seu tempo e energia; seus arranjos de vida são de tal forma precários e instáveis que não se coadunam com a freqüência contínua e metódica à escola; a organização da educação escolar é demasiadamente rígida para ser compatibilizada com os modos de vida dos jovens e adultos das camadas populares; os conteúdos veiculados são pouco relevantes e significativos para tornar a freqüência escolar atrativa e motivadora para pessoas cuja vida cotidiana já está preenchida por compromissos imperiosos e múltiplas exigências sociais.

Os jovens da EJA com condições precárias de vida, por buscarem seus meios de subsistência através do trabalho, muitas vezes, têm dificuldade na continuidade dos estudos,



sendo que ficam “entre a cruz e a espada”, onde ora largam o trabalho e passam necessidades para dedicarem-se exclusivamente aos estudos, ora permanecem no trabalho e evadem da EJA, abdicando da formação escolar e da aprendizagem. Outro infortúnio já discutido que também tem muita influência na vida dos jovens da EJA é a violência, as drogas, e a ausência de qualificação para lidar com essas situações, como enfatiza a professora do Eixo VII. “A droga prolifera hoje, de um modo geral, em todas as camadas sociais, mas aparece, principalmente, nos estudantes de escolas e universidades e no meio de trabalhadores desempregados” (FERNANDES, 1990, p. 252).

Desse modo, os docentes foram interrogados acerca das suas percepções diante da juvenilização no Ensino Médio da EJA e seus argumentos estão descritos no quadro 29 abaixo:

**Quadro 29 - Visão acerca da Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos**

Professor/Eixo/Turma	Visão acerca da Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos
Professor Eixo VI	Eu acho interessante porque é uma inclusão social em primeiro lugar, isso toca diretamente na sociologia, né, inclusão social... porque quando você busca incluir em todos outros cursos você está esquecendo essa parte na sociedade, que é até um incentivo você acaba incentivando os outros, ele vai conseguir os objetivos deles não completamente como deveria, mas vai conseguir talvez melhoria na inserção social, então eu acho interessante esse projeto, porque ele vai buscar uma fatia da sociedade que estava completamente isolada, então como é um processo de inserção social é muito interessante, só que você tem que incluir e tornar a escola mais acessível possível ... Por que ele fugiu? Ele fugiu por quê? Ele saiu antes por quê? Os fatores são vários, mas na média a gente sabe que é a questão do trabalho ... mas não só isso. O jovem, principalmente, que muitas vezes não tá nem trabalhando, ele saiu por outras questões, às vezes conflito familiar, o pai separou, a mãe separou, ele para de estudar, ele para a vida dele... às vezes a violência ....violência então mudou de bairro, né?, de residência, vários fatores que levam eles pararem de estudar... ou então não gostava, tomou muita nota baixa também, muita repetência, repetiu primeiro e não conseguiu ...saiu da escola excludente na escola excludente...e agora a escola a gente tá vivendo um período histórico da sociedade de educação, o que a gente tinha de gente fora da escola a um tempo atrás, hoje temos vagas nas escolas... a gente nunca ouviu falar que temos um milhão de vagas na escolas...e cada vez mais a sociedade está entrando num eixo aí de menos jovens, vai ter mais idosos né...daqui pra frente...talvez um equilíbrio, mas esse equilíbrio é preocupante que depois falta até mão de obra... Então, é interessante esse EJA pra a inclusão social... que é um fator muito importante, acho que é o primordial deles ...você tirou do esquecimento uma parcela da sociedade que hoje tão satisfeitos... em terminar [...]
Professor Eixo VII	[...] Era necessário a intervenção por parte a família e da sociedade como um todo, pra que oportunizassem a esses alunos ficassem mais tempo na formação geral, ficassem mais tempo no ensino regular. Eu acho que é muito cômodo pra todos nós que esses alunos saiam logo da escola, que esses alunos concluam logo o ensino médio. É cômodo pra todos, é cômodo pro governo econômico, o governo paga muito pouco por um projeto que seria muito mais caro em três anos com treze disciplinas multiplicado por treze professores em cada disciplina que daria quarenta e nove

	<p>professores, ele ai fazer isso com dez professores em dois anos. Gente, é uma economia muito grande, é economia e energia elétrica, de funcionários, de apoio de alimento, de material escolar, livros e cadernos que não tem. [...] Faço questão de dizer pra eles, eles me perguntam: professora, eu tenho condições de passar no ENEM? Eu digo: condição como ser humano sim, se você for autodidata, mas infelizmente eu dou pra vocês aqui, é só um terço do que eu dou pros meus alunos do ensino regular e ainda não saem preparados. Eu sou muito sincera, alguns ficam até triste, mas eu sou sincera eu não sei mentir, e eu digo: tem internet hoje, tem a tecnologia, vão atrás, vocês conseguem, não é difícil, não é impossível. Mas é a garra, se vocês querem apressar o processo de vocês corram atrás, vocês podem atingir. Nessas condições eu acho que o governo, na verdade, o governo só faz o que a sociedade civil quer, a sociedade acha cômodo que filho de pobre de rede pública fique em concursos exíguos mesmo que não façam competição, mesmo porque as vagas nos melhores cursos, dos melhores postos do mercado são dos filhos da elite, isso sempre existiu [...] Eu falei: Não eu quero ser professora, pois eu quero passar essa mensagem para as pessoas que é possível sim, e eu fico frustrada quando tenho que pegar uma carreira interrompida, um possível cientista interrompido, porque meu aluno não vai poder ver tudo, porque o curso de Educação de Jovens e Adultos tem uma carga horária reduzida. Então é muito triste pra mim, eu gostaria imensamente que nós sociedade, todos nós como professores, as universidades, a academia lutasse por isso.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Neste sentido, o professor do Eixo VI considera a Juvenilização como um fenômeno que oportuniza os jovens das camadas populares a inserir-se no contexto educativo. Embora ainda haja a necessidade de melhorias na EJA, o professor considera o processo de juvenilização como uma inclusão social. Já a professora do Eixo VII faz uma crítica diante desse fenômeno. Enfatiza a falta de investimento na modalidade EJA e a comodidade do governo diante dos gastos comparados ao Ensino Regular. Além disso, a professora refuta a questão do despreparo dos discentes para ir além da formação da EJA. A professora menciona sua sinceridade diante da realidade dos processos seletivos que infelizmente exclui as camadas populares, em virtude da insuficiência de conhecimentos que são necessários para atingir as metas para o alcance de aprovações em vestibulares, concursos, entre outros. Segundo Carrano (2007, p. 65):

A escola espera alunos e o que chega são sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de vivência do mundo. São jovens que, em sua maioria, estão aprisionados no espaço e no tempo – presos em seus bairros e incapacitados para produzirem projetos de futuro. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca experiência de circulação pela cidade e se beneficiam pouco ou quase nada das poucas atividades e redes culturais públicas ofertadas em espaços centrais e mercantilizados das cidades. Jovens que vivem em bairros violentados, onde a violência é a chave organizadora da experiência pública e da resolução de conflitos.

Nesta perspectiva, é importante que os docentes tenham um olhar sensível diante das

dificuldades dos jovens da EJA e, além disso, estimulá-los para que estes se sintam acolhidos e renovem o desejo de crescimento pessoal e intelectual.

Desse modo, os docentes foram questionados acerca da definição de ser Jovem e estes, por sua vez definiram conforme está apontado no quadro 30, a seguir:

**Quadro 30 – Concepções dos Professores acerca do Conceito de ser Jovem**

Professor/Eixo/Turma	Ser Jovem é...
Professor Eixo VI	Jovem hoje é considerado até os trinta anos ou trinta e cinco anos... Jovem né... parece que teve uma esticada nessa faixa aí. A ONU parece que considera. Então, são ideias inovadoras, se a pessoa acho que menos conservadora... Quanto menos conservadora ela tem ideias jovens... então, ela não parou no tempo. Então, essa oportunidade de hoje é isso... Ser jovem é você renovar sempre seus conhecimentos. A sociedade nossa é muito conservadora... A gente se apega em muitos dogmas que hoje você quer avançar e não consegue. Olha, os preconceitos que tem na sociedade cada vez criando mais conflito mais violência, mais preconceitos... O jovem de hoje é muito menos preconceituoso do que muito tempo atrás. É tanto que hoje a gente vê mais liberdade de vários grupos sociais de minorias, né? As minorias estão mais participantes. As minorias eram excluídas. O jovem hoje ele consegue enxergar o direito da mulher, o direito do idoso, o direito da criança [...] Agora a resistência é muito grande quando você vai defender uma minoria. Olha o preconceito que tem na televisão, né? A moça que vai apresentar o telejornal porque ela é negra recebe um monte de e-mail discriminando. Então são pessoas ainda conservadoras, né? Sem o aumento jovial, né? Ser jovem é abraçar o conhecimento que muda constantemente numa forma dialética.
Professor Eixo VII	Bom, ser jovem no momento hoje, tá sendo muito difícil pra apresentar uma definição um conceito a gente não tem. Porque ser jovem antes era ser feliz, era não ter compromisso, era poder chegar em casa e ter um prato de comida, uma cama quente pra dormir e uma festinha no final de semana e os presentes do natal pra abrir, o aniversário a avó, tudo de bom, roupa e só precisava estudar. Hoje ser jovem é enfrentar a violência, é enfrentar os <i>bullyings</i> , os amigos que te criticam se você não quer fazer o que eles querem, curtir a onda deles. Entrar nas <i>vibes</i> , não usar as substâncias dessas vibes e a pessoa tem direito de dizer: não quero! A pessoa também tem o direito de dizer: quero! É uma única forma que o jovem tem de escolher a bifurcação da encruzilhada, a encruzilhada tem duas perninhas, e aí onde estamos nós, adultos? Porque na minha cabeça eu ainda continuo hoje, já tenho vinte e cinco anos de magistério, eu ainda continuo esperando por mim nessa bifurcação que eu escolhi, eu escolhi um dos caminhos, não fiz o outro caminho, não tive tempo pra fazer outro caminho, sei de ouvir dizer que é muito interessante o outro caminho, mas não deu tempo, então se você não quer o aluno, jovem escolha o caminho errado, oportunize o caminho certo porque ele não vai ter tempo, ele não vai ter interesse de ver outra coisa porque o de cá é muito melhor [...].

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Partindo do pressuposto dos conceitos atribuídos ao ser jovem, percebe-se que o professor do Eixo VI inicialmente caracteriza o jovem no contexto cronológico, apoiado nas

considerações da Organização das Nações Unidas - ONU. No entanto, este define paradoxalmente ao conceito anterior que ser jovem são ideias inovadoras, são pessoas que buscam renovar-se em conhecimentos.

Já a professora do Eixo VII considera jovem como momentos da vida que englobam diversão, atitudes de coragem e ousadia, autonomia para escolhas, prazeres pessoais, ser feliz, não ter responsabilidades e usufruir o que há de melhor no contexto social.

## 2.26 Questões realizadas ao Vice-Diretor

Na pesquisa feita, além dos discentes e docentes, o Vice-Diretor também participou do questionário para identificação do seu perfil. Diagnosticou-se a partir deste instrumento que a faixa etária de idade deste gestor está acima de trinta anos. No que se refere à sua formação acadêmica, este apresenta três formações na área de humanas, sendo estas: Letras, Filosofia e Direito. Em relação ao seu tempo de atuação na gestão da escola, o mesmo possui o período entre quatro a sete anos. Referente ao seu tempo de experiência na EJA constatou-se o período de quatro anos.

O Vice-Diretor Pedagógico foi entrevistado acerca dos fatores que impulsionam a desistência do aluno jovem do ensino regular, acarretando o seu ingresso na EJA e mais uma vez ficou evidenciado que a principal motivação é a ilusão por parte dos jovens de acharem que o ensino da EJA é mais fácil, além da necessidade do ingresso no mercado de trabalho, tendo em vista o fato de se preocuparem mais em querer ter seus bens pessoais, através do trabalho do que apreenderem-se da escolarização, com o âmbito do aparato intelectual e a ascensão social, conforme apresenta a fala do Vice Diretor no quadro 31, a seguir:

**Quadro 31 - Fatores que Impulsionam a Desistência do Jovem do Ensino Regular e Ingresso na EJA na Visão do Vice- Diretor**

Vice-Diretor Pedagógico	Fatores que Impulsionam a Desistência do Jovem do Ensino Regular e Ingresso na EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	[...] A evasão escolar hoje é uma realidade na escola pública, sobretudo na Bahia, primeiro os jovens não veem na educação atualmente uma resposta imediata para a sua praticidade de vida, ou seja, para o mercado de trabalho, para o ser que o jovem vê muito o ser do que do ter, do ter desculpe, do ter do que o ser então ele prefere ter as coisas a ser alguém, por exemplo. Hoje o ensino médio, as escolas públicas tem muito trabalho pra administrar a evasão do ensino médio, por conta disso porque os alunos não veem uma resposta o ensino médio não tem um arcabouço material pra eles, tanto que hoje a escola pública, sobretudo, do estado da Bahia, está colocando cursos profissionalizantes para que esses jovens percebam que eles podem sair daquele curso,

	com um curso técnico, seja na área de hotelaria, seja na área de informática, seja na área de saúde que é o maior número que tem e o cenário agora das tecnologias. Esses alunos que evadem do ensino médio regular eles fogem, digo a palavra foge, para a EJA por entender que a EJA é mais fácil, que a EJA passa, que a EJA não tem tanta cobrança, lei do engano, visto que a EJA o aluno ele tem que participar efetivamente para ter o sucesso no seu caminhar, na sua construção educacional. [...]
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

É visto que diante da fala do gestor o que predominou, foi justamente a questão da falsa ilusão dos jovens quanto ao fato de considerar como fácil o ensino da EJA, da necessidade de trabalho que de certa forma deixa de ser educativo, haja vista que na maioria das vezes é sem escolha, objetivando a sobrevivência. E em virtude dos avanços tecnológicos, o mercado de trabalho tem exigido um sujeito letrado que atenda aos seus interesses. É nítida a ausência de uma preparação por parte dos jovens da EJA no que se refere a esse contexto. Diante dessa problemática, percebe-se a necessidade de um ensino integrado, que seja capaz de qualificar o discente Jovem da EJA para o trabalho de forma que este possa adquirir o emprego desejado. Sobre o embate entre a educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho, Arroyo (apud Soares 2007) afirma:

Na história da EJA, encontraremos uma constante: partir dessas formas de existência populares, dos limites de opressão e exclusão em que são forçados a ter de fazer suas escolhas entre estudar ou sobreviver, articular o tempo rígido de escola com o tempo imprevisível da sobrevivência (ARROYO apud SOARES, 2007, p. 49).

Por isso, é fundamental que o ensino da EJA seja diferenciado de forma que venha fomentar a motivação nos jovens e adultos, pois já carregam em si uma trajetória sofrida. É importante que o professor incentive estes para que se utilizem da educação para se libertarem da alienação e promoverem uma nova história.

Quando a gestor foi indagado a respeito das maiores dificuldades que ele enfrenta enquanto Vice-Diretor Pedagógico da escola, diante da modalidade EJA, considerando o perfil juvenilizado, sua resposta foi a seguinte:

### **Quadro 32 - Dificuldades Enfrentadas enquanto Gestor da EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Dificuldades Enfrentadas enquanto Gestor da EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Primeiro nós temos dificuldade com o próprio professor, que o professor ele quer fazer uma transformação desculpe o termo, mambembe, da EJA para o regular, ou seja, ele quer tratar a EJA como se fosse o regular. Então ele quer colocar na EJA notas, ele quer colocar na EJA os assuntos como se fosse um programa de ensino médio regular, tem isso. Para os alunos, para os alunos hoje no estado da Bahia, não temos alunos tão jovens na EJA, porque tem uma regra, uma lei, uma portaria do secretário, que hoje só

	<p>pode acessar a EJA, os alunos maiores de dezoito anos. Antes dessa portaria nós tínhamos alunos na EJA com quatorze, quinze anos, agora não, só acessa a EJA alunos com o dezoito anos, mas nós temos ainda alunos que estão com problemas de defasagem série idade que são do juvenil que esses sim que tem quatorze, quinze que estão no ensino da EJA, mas, que é um caso diferenciado. Agora esses alunos, sobretudo do tempo juvenil, eles não sabem ainda o que estão fazendo na escola, esses alunos realmente é um problema que nós estamos ainda juntos com eles e com a comunidade tentando resolver. O tempo juvenil que são esses alunos de quatorze, quinze, dezesseis, dezessete anos que não tem mais como voltar, quer dizer, não tem, não, que ele por ter tido repetência em dez anos na mesma série, nós temos caso de alunos que tem dez anos na quinta série, e agora ele está no tempo juvenil que é a etapa três, que é quinta e sexta série juntos, para ver se esse aluno consegue acessar o mundo do trabalho, para ver se ele consegue acessar a educação, porque se não ele vai ficar fechando uma vaga no regular, e se ele tem dez anos que foi reprovado, as escolas não querem nem mais aceitar, como legalmente as escolas tem que aceitar, a escola não pode dizer: não vou aceitar você, então criou-se uma escola para o tempo juvenil, é uma EJA para esses meninos especificamente à noite porque são alunos que trabalham, são jovens que ajudam no prover a casa, são jovens que as mães estão doentes e eles trabalham para fazer os mantimentos da casa, então esses alunos estão lá e eles são realmente um problema porque não sabem o que estão fazendo na escola, e nós a escola ainda não temos uma fórmula para dizer a ele: vocês são alunos, vocês devem voltar, mesmo porque muito nem sabem escrever direito, estão lá na escola no tempo juvenil e não sabem escrever porque eles ficaram dez anos repetentes lá na quinta série, que é sexto ano agora, não aprenderam a escrever lá, estão agora no tempo juvenil e não sabem escrever. Então é um problema sério que lá esse ano no nosso CENEB Maria Quitéria, nós vamos criar uma equipe de professores especificamente para essa turma do tempo juvenil.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Conforme já foi dito, uma das maiores características que integram a evasão escolar é o despreparo dos docentes e a ausência de sensibilidade por parte de alguns professores e a defasagem idade/série. O Gestor ainda argumenta sobre a estratégia de se criar uma equipe de professores específicas para o tempo juvenil na EJA. De acordo com Soares (2007):

Os educadores e educadoras de pessoas jovens e adultas, assim como os seus educandos(as), são sujeitos sociais que se encontram no cerne de um processo muito mais complexo do que somente uma “modalidade de ensino”. Estão imersos em uma dinâmica social e cultural ampla que se desenvolve em meio a lutas, tensões, organizações práticas e movimentos sociais desencadeados pela ação dos sujeitos sociais ao longo da nossa história (SOARES, 2007, p.7).

Os professores sentem a necessidade de busca de estratégias no interior da sala de aula, com o âmbito promover a inclusão social desse jovem e adulto através do conhecimento de forma contextualizada, dispondo para estes todo o aparato necessário para a sua formação.

Acerca da caracterização do aluno da EJA, o perfil descrito pelo gestor evidenciou algumas particularidades comuns conforme está apontado no quadro 33, a seguir:

**Quadro 33 – Caracterização do Aluno Jovem da EJA na Visão do Vice-Diretor Pedagógico:**

Vice-Diretor Pedagógico	Caracterização do Aluno Jovem da EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Olhe, aí nós temos dois tipos de alunos. Temos esses que eu acabei de falar que são os alunos do tempo juvenil de quatorze, quinze, dezesseis, dezessete anos como falei, e temos o jovem adulto realmente que são alunos de dezoito até vinte e nove anos que é com a idade de jovem, de adulto até trinta e cinco anos, vamos dizer assim, mas esses mais velhos são mais interessados, esses que entram na EJA com idade de vinte e cinco a trinta e cinco, quarenta, cinquenta anos, como tem um lá na escola uma jovem que terminou a EJA agora do eixo sete que ela tinha sessenta e seis anos, esses são mais interessados, esses sabem o tempo que eles perderam na sua vida, sabem o quanto a educação é importante para que a pessoa consiga acessar o mercado de trabalho, até pra dialogar, eles sabem disso. Agora o jovem mesmo de dezoito, dezenove, vinte esses são mais problemáticos. Problemáticos no sentido por eles pensarem que a EJA é simplesmente uma educação cartorial, ou seja, só pra ter o papel, a nota, e vai embora. Eles não querem frequentar as salas, eles não querem participar das aulas, só que para a EJA se o aluno não tiver um acompanhamento, se o aluno não tiver uma participação efetiva ele não consegue completar o percurso.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

O Vice- Diretor aponta a ausência de interesse por parte de alguns Jovens que não valorizam a EJA e que não compreenderam o verdadeiro sentido dessa modalidade.

Alguns destes consideram a EJA como uma educação cartorial em suas práticas, por não a verem como responsabilidades integrantes de suas vidas. Infelizmente essa triste realidade é verídica, pois são alunos que vieram de um histórico de reprovações constantes, sendo que uma grande parte ingressa na EJA com muitas dificuldades, considerando que esse público não tem nem ao menos um suporte referente a materiais de estudos. Arroyo (apud Soares 2007) argumenta que:

Esses jovens – adultos protagonizam trajetórias de humanização. Consequentemente, devemos vê-los não apenas pelas carências de um percurso escolar bem-sucedido. Uma característica do olhar da historiografia e da sociologia é mostrar-nos como os jovens e adultos se revelam protagonistas nas sociedades modernas, nos movimentos sociais do campo ou das cidades. Se revelam protagonistas pela sua presença positiva em áreas como a cultura, pela pressão por outra sociedade e outro projeto de campo, pelas lutas por seus direitos (ARROYO apud SOARES, 2007, p. 25).

É importante que o docente pense no estudante da educação de jovens e adultos e acredite nele como sujeito atuante, capaz de revolucionar, exercer a criticidade e a autonomia.

As histórias de vida desses estudantes carecem de valorização e torna-se fundamental



que estas sejam utilizadas para a reconstrução de novas histórias.

Quando foi pedido que o gestor exemplificasse uma atividade ou um projeto que desenvolveu com a turma de EJA, especificamente com os Jovens e que ele achou interessante, este respondeu conforme o quadro 34, a seguir:

**Quadro 34 - Atividade ou Projeto que a Escola Desenvolveu na EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Atividade ou Projeto que a Escola Desenvolveu na EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Olhe, a nossa escola como uma escola diferenciada nós temos articulação de arte e cultura, articulação de ciência e tecnologias, articulação de mundo do trabalho e articulação pedagógica, nós desenvolvemos muitas atividades, sobretudo, na área artística que nós percebemos que através da arte o aluno pode realmente acessar a educação e podem acessar vários outros instrumentos do mundo moderno e do mundo. Então nós fizemos muitas atividades na área artística como por exemplo: nós levamos alunos para assistir peças teatrais, nós fizemos oficinas na escola, nós fizemos trabalho com eles produzindo jornal dentro da escola e eles gostaram. Nós fizemos o São João temático que aí nós podemos ver como eles realmente têm um potencial. Porque muitas das vezes a escola faz o regramento dela e o aluno que não se adéqua aquele regramento, nós achamos que o aluno não tem potencial, mas quando a gente deixa que o aluno mesmo faça, só a gente norteando, observando, verificando a gente percebe que esse aluno da EJA, esse jovem ele tem potencial, basta dar a ele a liberdade e basta que dê a ele os instrumentos, e nós fizemos o São João que foi um sucesso. Nós fizemos essa peça teatral que nós levamos vários alunos para assistir a peça teatral Ó pai ó, e teve discussões depois, tivemos mesa redonda que eles participaram. Fizemos um trabalho no jornal e eles participaram, inclusive esses alunos em tempo juvenil não assistiam as aulas, mas quando chegaram a esses eventos sobretudo da arte, eles estavam lá presentes e participando. Tanto que esse ano vamos fazer uma reformulação que aí nesse quesito a Secretaria da Educação dar liberdade para que a escola faça isso, nesse quesito nós vamos fazer um trabalho diferenciado.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

O vice-diretor destacou em seu posicionamento o potencial que o jovem tem. Desse modo, os jovens da EJA carecem apenas de um incentivo para que possam de forma autônoma usufruir de suas capacidades e competências para construírem processos educativos.

A escola precisa desenvolver projetos e atividades que incentivem a participação ativa dos alunos, além da aproximação e interação dos discentes de forma que possibilite a diminuição da evasão escolar não somente na EJA, como também no ensino regular. A intervenção da educação na vida dos alunos é capaz de gerar mudanças significativas. De acordo com Marx (1991, p. 27): “A educação é o único caminho capaz para a transformação humana social dos indivíduos, conduzindo-os para uma visão crítica, conscientizando e



preparando-os para viverem em sociedade e assumindo a sua cidadania”.

Portanto, a educação é a única possibilidade desses jovens e adultos reescreverem suas histórias de vida com perspectivas de melhorias, ela permite que exerçam a sua autonomia, lutando pelos seus direitos.

Quando o gestor foi questionado se a escola estava preparada para desenvolver o ensino da EJA, tendo em vista os conflitos referentes às distintas idades, e se fazia parte do seu PPP o contexto da juvenilização, este argumentou sobre a necessidade de preparo dentro da instituição e citou a questão dos conflitos das distinções de faixa etária. No entanto, deixou em evidência a estratégia de mediação com relação aos dois públicos diferenciados e o conhecimento de forma a contemplar a realidade de todos com empatia.

**Quadro 35 – O PPP e o Preparo da Escola para o Desenvolvimento da EJA diante da Juvenilização.**

Vice-Diretor Pedagógico	Sobre o PPP e o Preparo da Escola para Desenvolver a EJA diante da Juvenilização.
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	[...] A Secretaria da Educação, a EJA ela tem um regramento geral a rede estadual de educação e a municipal, mas falando o que da estadual tem um regramento geral, mas dar liberdade para que a escolas façam seus PPPs e dentro do nosso PPP claro não fugindo do regramento geral temos essa liberdade para trabalhar esses alunos e essa juvenilização. Nós sabemos que há conflitos, mas esses conflitos de idade desses alunos que tem sessenta anos, trinta e cinco anos, esses com dezoito desses que tem quatorze anos, cabe a escola fazer um papel de mediador, e é isso que a escola tem que fazer para que esses alunos se sintam dentro do ambiente pertencente, onde ele pertença, onde ele pode fazer acontecer e a EJA funciona, e nós podemos hoje como nós tivemos agora esse ano lá de casos de turmas com alunos de sessenta anos setenta anos e alunos de dezoito que se relacionavam muito bem. Então eu acho que o conflito existe, o conflito de geração acontece em tese, normal, social, mas que nós podemos desenvolver bem, cada escola pode fazer seu desenvolvimento. Porque é muito fácil dizer assim: Educação não presta. EJA não presta. Pode ser que essas pessoas pensem assim, eu penso diferenciado, eu penso que nós quanto gestores é que temos esse papel de mostrar aos alunos o que é realmente a EJA e mostrar aos professores o que é realmente a EJA e de nortear e de ser um elemento mediador para que as coisas aconteçam colocando norte. Então no nosso PPP inclusive nós estamos discutindo agora que o PPP é uma discussão coletiva, estamos discutindo, e lá está bem colocado o papel da EJA, está bem colocado esse aluno jovem, esse aluno trabalhador e o que nós e o que nós queremos com esse aluno que ele mesmo faça acontecer.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada

Pelo posicionamento do gestor, percebe-se em seu discurso, uma similaridade com a fala do professor do Eixo VI, pois estes argumentam como principais problemas os conflitos gerados a partir das distorções de idade/série. Muitos professores, por exemplo, desconhecem a proposta da EJA e a do CENEB e assumem um ensino semelhante ao ensino regular e

distante da realidade dos jovens e adultos.

Perguntado sobre como avalia a prática pedagógica da EJA atualmente e se o currículo é flexível de forma a contemplar a realidade dos jovens, o gestor apontou o seguinte argumento prescrito no quadro 36, a seguir:

**Quadro 36 – Avaliação do Currículo e da Prática Pedagógica da EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Avaliação do Currículo e da Prática Pedagógica da EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	O currículo é flexível, o currículo acontece da forma que ele deve acontecer, nós temos problemas aí eu digo como professor com nossos colegas professores, porque os professores eles se protegem eles procuram se proteger. Nós temos no máximo trinta e cinco alunos vamos dizer aqui em Salvador na Bahia são trinta e cinco alunos por turma, nós temos trinta e cinco alunos na turma no eixo VI, só que desses trinta e cinco alunos nós temos dez que tem cinco anos fora da sala de aula, temos cinco que saíram do ano sequencial, temos quinze que tem mais de quinze anos fora da sala de aula. Então para o professor pegar esses alunos que existe uma distância no conhecer no aprender, eles tem as habilidades deles as competências deles naturais que nós temos que reconhecer, mas para o professor trabalhar isso para colocar no mesmo nível o que é que ele faz? Ele coloca um padrão e esquece que aquele aluno que tem quinze anos não vai acompanhar o que ele fez padrão, então o currículo da EJA tem que ser flexível por conta disso, tanto que este ano, estou dizendo essas coisas porque a gente vai percebendo, este ano vamos tentar fazer com que esses alunos com perfil de muito tempo fora da sala de aula pra colocar todos eles nas turmas juntos. [...] É porque a matrícula é online, os alunos podem fazer a matrícula em qualquer lugar da Bahia e quando chega já estão matriculados, e aí o sistema matricula o aluno naquela turma. Então é difícil nessa parte, na parte operacional, mas nada impossível para que a escola faça essa pontuação, tanto que esse ano na jornada pedagógica nós não vamos fazer jornada, não estamos preparando conteúdo programático de nada, vamos fazer a jornada pedagógica só pra conhecer quem são nossos alunos a partir das matrículas, e as três semanas iniciais os professores vão fazer um memorial com esses alunos, pra a gente conhecer quem é quem, pra a gente tentar fazer essa adequação para ter uma escola mais aprazível para que as pessoas se sintam pertencentes da escola.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Diante do posicionamento do Vice – Diretor, fica evidente a flexibilidade do currículo e o cuidado em adequar cada discente em sua realidade, de forma a possibilitar que este educando sinta-se mais acolhido e pertencente à escola. Por isso, é interessante que o docente tenha uma cautela nas suas práticas pedagógicas para que todo o processo, desde o currículo, conteúdo, metodologia e avaliação possam abranger as necessidades dos educandos da EJA. Sobre o educador de jovens e adultos, Arbache (2001) salienta:

A educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no

que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente. (ABRACHE, 2001, p. 19).

Nesse sentido, é interessante que o educador da EJA trabalhe de forma multicultural, compreendendo o sujeito em sua pluralidade, respeitando suas singularidades, mediando e trabalhando conteúdos que se relacionem com o cotidiano dos educandos com a participação e o diálogo. A respeito do questionamento sobre quem pode cursar a educação de jovens e adultos e há quanto tempo essa modalidade existe na escola, o gestor argumentou acerca das exigências para esse ensino conforme está no quadro 36, a seguir:

**Quadro 37 - Sujeitos que podem cursar a EJA e tempo do CENEB Maria Quitéria**

Vice-Diretor Pedagógico	Sujeitos que podem cursar a EJA e tempo do CENEB Maria Quitéria
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	[...] O CENEB é uma escola nova, é uma escola que só tem um ano de idade e uma escola pueril, criança, já entrou com a EJA, o CENEB ela é uma escola que ela tem a EJA, tem o ensino regular, tem o técnico profissionalizante e agora vamos ter o PRONATEC e vamos ter ainda o PRONATEC EJA, porque a escola é diferenciada. A EJA acontece no Brasil, foi uma forma que o Ministério da Educação e a Secretaria da Educação entenderam para incluir esses alunos que estão fora da escola e teria que voltar só que quando eles voltavam tinham uma barreira, qual era a barreira? O ensino médio regular com o seu currículo quadradinho organizadinho ali com os seus conteúdos programados, com tudo fechadinho, que o aluno não acompanhava, então esse aluno entrava e ele criava o que? Uma evasão, uma repetência muito grande com isso, como nós temos que lutar pela acessibilidade, a EJA é uma educação de acessibilidade então foi criado a EJA onde esse aluno entra com esse currículo diferenciado sem perder de vista a qualidade, é bom dizer isso porque a EJA não é uma educação cartorial por isso que muitas pessoas pensam e a EJA é só para compensar, dar o papel, a EJA não é educação cartorial. EJA não é educação cartorial, a EJA é educação de inclusão, a EJA é a educação daquele jovem, aquele adulto que não teve tempo por conta do trabalho ou não teve tempo por conta de adversidades normal e se ele volta pro normal ele vai ser um aluno evadido por isso que tem uma evasão muito grande no ensino médio, e vai ser um aluno de repetência. Então para evitar isso ele vai para a EJA para que ele possa se encontrar, para que ele possa a partir dali ele fazer um doutorado, tem professores aí que são mestres, doutores que viram da EJA, então a EJA não tem nada a ver, a EJA é uma educação boa, agora precisa saber trabalhar, precisa trabalhar para com os professores, é por isso que eu digo: não adianta colocar regras, normas, portarias, decretos, se nós que estamos na ponta, nós professores não entendermos bem e não quisermos abraçar a ideia no papel. Na teoria a EJA é ótima, na prática nós achamos muita dificuldade por que muitos pensam assim: vá pra EJA que você vai lograr êxito e não é isso, mas quem pode cursar a EJA é qualquer pessoa, qualquer adulto que esteja fora da escola muito tempo, que tenha seu trabalho, sua vida e que quer voltar para o mundo da educação que é dele, e que sabe e que pode cursar.

Diante dos argumentos do gestor, é válido salientar que o Centro Noturno Maria Quitéria que funciona na Escola Estadual Alípio Franca tem apenas um ano de funcionamento. Diante disso, percebe-se que grande parte dos jovens que desistiram do Ensino Regular e migraram para o ensino da EJA, fizeram em virtude do currículo deste não contemplar as necessidades destes jovens marginalizados. Por isso, a educação de jovens e adultos é hoje uma turma mista com pessoas de idades distintas. É perceptível também como já há via dito um rejuvenescimento da EJA, que inclusive foi percebido nas turmas que a maioria era jovem.

Quando inquirido se a escola recebe recursos especiais para a EJA, o posicionamento do Vice-Diretor foi evidenciado no quadro 37 abaixo:

**Quadro 38 - Recursos Especiais que a escola recebe para a EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Recursos Especiais que a escola recebe para a EJA
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Recebe, a escola tanto recebe recurso para a Educação de Jovens e Adultos que, sobretudo, a nossa escola, aos alunos da EJA nós temos que dar jantar a eles, não merendam com biscoito e suco não, eles tanto tem que jantam, porque eles são alunos de inclusão, eles trabalham o dia todo eles veem pra escola então não pode pegar um suquinho e um biscoitinho, só a prova pra você notar temos que dar a eles o jantar. Na nossa escola todos os dias os alunos jantam, repetem inclusive, então isso é uma forma de incluir porque muitos saem do trabalho, muitos são vendedores, muitos vendem em mercados, muitos trabalham em mercados, muitos trabalham em camelô, então eles vão pra escola e a merenda o jantar já é um atrativo pra eles, então nós temos o nosso jantar que eles adoram. Todo mundo gosta, inclusive, pedem pra repetir: Professor posso repetir? Se tiver repete, repetem quando podem. Nós fazemos o jantar com base na agricultura familiar, porque o recurso é repassado e vincula que nós temos que comprar da agricultura familiar para ajudar também a agricultura familiar. Então a escola recebe, e a Secretaria da Educação do Estado da Bahia. [...] A educação depende da escola na ponta, recurso tem, boa vontade da secretaria tem, agora se a escola não quiser fazer na ponta, não tem ninguém, não é governador que vai fazer, não é secretário que vai fazer, quem vai fazer a escola acontecer somos nós professores, somos nós gestores. Porque recurso tem e eu digo que na nossa tem, a secretaria disponibiliza as coisas.

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Neste sentido, o gestor enfatiza que o estado tem investido no CENEB no que tange aos recursos específicos, principalmente os destinados para a alimentação, como requisito de atratividade para os jovens que chegam cansados de suas atividades laborais e, muitas vezes, não tem ao menos alimentação em casa, por conta de dificuldades relacionadas às situações de pobreza e descaso. Acerca do sistema de ensino da EJA, Arroyo (Apud Soares 2007, p. 47)

aponta: “Nosso sistema de ensino tem de se tornar um campo de direitos e de responsabilidade pública. Os milhões de jovens - adultos defasados são a prova de que esse sistema de ensino está distante de ser público”.

O investimento do estado é fundamental, pois possibilita para a EJA políticas integradas e assistência em todos os sentidos de forma que haja a promoção e emancipação do jovem e do adulto.

Quando interrogado sobre a importância da EJA para o CENEB Maria Quitéria, a resposta proferida foi:

### Quadro 39 – Importância da EJA para o CENEB Maria Quitéria

Vice-Diretor Pedagógico	Importância da EJA para a Escola
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Olhe, o CENEB Maria Quitéria nós temos oitocentos e cinquenta alunos dos quais temos seiscentos e vinte são da EJA, então se não fosse a EJA a escola nem iria existir, então além da importância quantitativa calculamos que nós temos 66% dos alunos é da EJA, então a demanda maior da nossa escola é da EJA, a importância é que nós podemos fazer esse trabalho de inclusão com relação com a escola, fica com um foco diferenciado e quando o CENEB foi criado a parte de criação do CENEB é bem clara que a EJA é o carro chefe do CENEB que tem que ser uma escola inclusiva e para isso, observe como essa escola tem que ser diferenciada que ela tem no seu corpo gestor dois vice diretores, um vice pedagógico e um vice administrativo, eu como vice pedagógico eu tenho para me auxiliar: uma articuladora de arte e cultura, uma articuladora de ciências e tecnologias, uma articuladora do mundo do trabalho e uma coordenadora pedagógica, então essa escola tem que dar certo, essa escola não pode dizer: fracassei, porque não sou eu que vou fazer as coisas eu vou mediar.[...]

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Nessa perspectiva, a Educação de Jovens e Adultos é uma oportunidade de crescimento intelectual que possibilita a inclusão social do educando, onde ele percebe a sociedade em que está inserido de forma crítica, exercendo sua cidadania de forma plena e consciente. Por isso, é importante que o docente seja progressista de maneira que lute por uma transformação contínua na vida do discente. Para Haddad (2007):

A EJA é uma conquista da sociedade brasileira. O seu reconhecimento como um direito humano veio acontecendo de maneira gradativa ao longo dos séculos passados, atingindo sua plenitude na constituição de 1988, quando o poder público reconhece a demanda da sociedade brasileira em dar aos jovens e adultos que não realizaram sua escolaridade o mesmo direito que os alunos dos cursos regulares que frequentam a escola em idades próprias ou levemente defasadas. (HADDAD, 2007, p. 8).

Nesse sentido, a EJA é muito importante na vida dessas pessoas consideradas oprimidas e que tiveram o seu direito de educação negado em virtude de trabalho ou qualquer outro aspecto que influenciou negativamente nas suas vidas. Ela é a porta para a transformação social. Desse modo, o gestor foi questionado acerca da sua visão sobre a evasão escolar na EJA, e este argumentou da seguinte forma, conforme aponta o quadro 39, a seguir:

**Quadro 40 - Visão do Gestor sobre a Evasão Escolar na EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Sobre a Evasão Escolar...
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	<p>A evasão escolar pra mim é uma tristeza, enquanto professor eu fico triste quando eu vejo uma turma de trinta e cinco alunos e ao final cinco, só cinco vão até o final e aí a gente fica ali com os cinco. Nós tivemos esse ano no tempo juvenil e no eixo... é tão ruim a evasão que a gente grava logo a turma, eu tenho dezenove turmas de aula e gravo, nós tivemos no eixo seis A que tinha trinta e seis alunos e ao final terminou com quatro alunos, e muita coisa nós fizemos, eu liguei para os alunos, pegava a ficha deles para o pegar o telefone e mandava mensagens, está faltando alguma coisa que nós vamos aprender a fazer, mas a evasão escolar é uma tristeza para nós que somos professores eu acho. Mas ela acontece por muitas coisas, por exemplo eu tive alunos que agora no final do ano me procurou: Ô professor eu abandonei porque eu tinha que trabalhar, “Mas você não tinha que abandonar, você tinha que procurar a gente”. Porque quando um aluno da EJA procura a gente e diz que trabalha de domestica lá em Estela Mares e a escola é na Ribeira, eu sei que Stella Maris com o engarrafamento que tem nunca vai chegar na escola sete horas, mas se o aluno chega e diz: - professor trabalho em Stella Maris e sei lá o que, o que é que a gente vai fazer? Ela vai ir pra escola, ela vai chegar oito e meia, mas, aquela aula que ela perdeu inicial os professores passam atividades para que ela se sinta incluída. E aí ela vai fazer o que? Ela vai falar com o chefe dela futuramente ou até nós que se for possível a gente ligar pra o chefe pra liberar o aluno mais cedo, como teve uma menina que ficou grávida, teve uma gravidez de risco e sumiu. Quando eu liguei para a casa dela: Porque sumiu? Não professor é porque eu tive uma gravidez de risco e ela informou e nós mandamos a atividade pra casa dela pra que ela fizesse tudo direitinho e agora perto final do ano ela apareceu, aí criou um clima porque o pessoal falou assim: Professor, essa aluna nunca apareceu. Eu falei: gente estou com o relatório dela aqui e ela estava com uma gravidez de risco, vocês fizeram atividade, mas nós temos que ponderar, e ponderamos que botamos ela na EJA em construção, não botamos construído porque realmente ela não construiu porque a é importante mas ela ficou em construção, quer dizer, ela não perdeu nada, ela já teve a filhinha dela e sabe que esse ano ela vai cursar normalmente porque ela está em construção. Até isso é bom pra EJA, o aluno que aparece ele não interrompe o percurso, ele está em construção. Então eu acho que a evasão é uma coisa ruim e que nós temos que ter um mecanismo para evitar a evasão. O mecanismo nós tentamos fazer que é ligar para os alunos, tentar atrativos, fazer como eu fiz com essa menina da gravidez, essa outra que trabalha longe e tentou falar com a chefe dela pra sair mais cedo, nós tentamos fazer mais pra isso o aluno tem que falar, tem que saber o que é a EJA que as vezes os alunos não sabem.</p>

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Considerando o que o gestor argumentou sobre a evasão, percebeu-se a tentativa de

conciliação entre trabalho e estudo, além da sobrecarga desses educandos que já chegam com as mentes cansadas sem ânimo para os estudos. Além disso, foi lembrado o problema da mobilidade urbana que também fora apontado pelo professor representante do Eixo VI, além disso, diversos outros infortúnios, como a questão da gravidez não planejada, por exemplo, e outros fatores apontados. Por isso, os estudantes da EJA assim como todo o corpo escolar precisam lutar por uma escola autônoma e integrada. Sobre a relação trabalho e estudos, Hara (1992) argumenta:

Por ser a sociedade brasileira excludente e marginalizadora, esta impede que uma grande parcela dos indivíduos das camadas populares tenha acesso à escola ou, quando consegue não pode nela permanecer devido a todo tipo de adversidade que enfrenta em seu dia-a-dia, tais como: ocupação em postos de trabalho que exigem um enorme desgaste físico; péssimas condições de saúde e de moradia; distância entre moradia e local de trabalho, agravada pela precariedade do sistema de transportes. Desse modo, o tempo que lhe sobra é muito pouco e, quando tenta usá-lo é vencido pelo cansaço, que se apresenta como um limitante significativo (HARA, 1992, p. 8-9).

Assim, evidencia-se que a fala do gestor coincide com o que Hara afirma, pois, diante de um sistema econômico capitalista excludente uns são privilegiados em ter que estudar para posteriormente trabalhar, outros o inverso, e tem ainda outros que não obtiveram nem ao menos oportunidade para escolarizar-se.

Nesta perspectiva, o diretor ainda foi inquerido sobre a sua visão acerca da juvenilização nas classes de EJA do Ensino Médio e este apontou o seu argumento conforme explicita o quadro 40, a seguir:

**Quadro 41 – Visão do Gestor acerca da Juvenilização nas Classes de EJA**

Vice-Diretor Pedagógico	Visão do Gestor acerca da Juvenilização nas Classes de EJA...
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Como eu já falei anteriormente hoje na Bahia não tem mais alunos de dezesseis anos, dezessete anos no ensino médio na EJA. Na EJA nós só temos esses alunos do tempo juvenil que são os alunos que tem uma regra especial para eles, porque se não ele ficaria fora de tudo, porque se ele passa dez anos na quinta série e não passar tem que ter uma forma que incluir esses meninos, então esses estão à noite, as mães autorizam que eles venham à noite, a gente chama as mães para participarem da escola também, muitas não vão porque trabalham também e aquela confusão toda mas hoje nós não temos esses alunos no ensino médio tão jovens na EJA, na nossa EJA hoje nós temos mais alunos de vinte e cinco anos em diante. Por que? Porque a própria secretaria da educação ela faz com que o aluno que tem condição de ir para o ensino médio, continue no ensino médio, por isso que nós temos, vamos botar setenta por cento, da escola de EJA e tinta por cento do ensino médio regular, para ofertar a esse aluno que está dentro da faixa etária série idade, então ele vai fazer o ensino médio regular e deixa a EJA para esses outros que estão fora. [...] Então isso pra a gente é importante, hoje não temos na Bahia alunos tão jovens na EJA. Na EJA hoje a gente abraça eles alunos trabalhadores que vieram de fora,



	porque os novos a portaria não aceita então eu não posso ter aluno de dezoito anos na EJA de noite, não pode, com a portaria do secretario não posso, ele vai fazer o ensino médio dele regular.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

O Vice-Diretor faz um argumento crítico diante do contexto da Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos. Este afirma que hoje não há mais incidências de demasiadas quantidades de discentes jovens na EJA, exceto no Tempo Juvenil. Sobre o contexto da idade dos jovens na EJA, o Parecer CNE/CEB nº 23/2008, enfatiza:

Pesa a favor da alteração da idade para cima, não só uma maior compatibilização da LDB com o ECA, como também o fato de esse aumento da idade significar o que vem sendo chamado de juvenilização ou mesmo um adolecer da EJA. Tal situação é fruto de uma espécie de migração perversa de jovens entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos que não encontram o devido acolhimento junto aos estabelecimentos do ensino seqüencial regular da idade própria. Não é incomum se perceber que a população escolarizável de jovens com mais de 15 (quinze) anos seja vista como “invasora” da modalidade regular da idade própria. E assim, são induzidos a buscar a EJA, não como uma modalidade que tem sua identidade, mas como uma espécie de “lavagem das mãos” sem que outras oportunidades lhes sejam propiciadas. Tal indução reflete uma visada do tipo: a EJA é uma espécie de “tapa-buraco”. Afinal, o art. 24 da LDB abre uma série de possibilidades para os estudantes que apresentem dificuldades de aprendizagem entre as quais a obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar (...). A alteração para cima das idades dos cursos e dos exames poria um freio, pela via legal, a essa migração perversa. (PARECER CNE/CEB nº 23/2008, p. 9).

Diante disso, percebe-se que embora ainda exista uma parcela de estudantes jovens na EJA, com a nova portaria, este número reduziu-se. Estes estudantes jovens que migram para a Educação de Jovens e Adultos fazem parte de um grupo específico caracterizado por situações difíceis atreladas às condições socioeconômicas, problemas familiares e outras vicissitudes. Estes jovens veem a EJA como uma alternativa de inclusão.

Partindo deste pressuposto, foi pedido para que o vice-diretor pedagógico definisse o que era “ser jovem”, e este expôs sua proposição, conforme está no quadro 41, a seguir:

**Quadro 42 – Conceito de Jovem na visão do Gestor**

Vice-Diretor Pedagógico	Ser Jovem é...
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	Jovem é uma coisa muito subjetiva, por exemplo, eu tenho cinquenta e cinco anos e me acho jovem, então o jovem depende se é o jovem cronologicamente falando ou jovem na cabeça no pensamento, a ideia, essas coisas. Cronologicamente falando o jovem adulto é até vinte e nove, trinta anos, mas eu conheço várias pessoas novas aí de quinze anos que são velhas no pensar e conheço várias pessoas como eu no caso que são jovens demais



	até, então eu acho que jovem é uma coisa muito subjetiva, depende do ponto de vista. Para a escola, o jovem para a EJA é o aluno a partir de dezenove anos que não cursou escola nenhuma ou que está fora, até cem anos, para a escola e para a portaria da secretaria é isso. Agora para a vida normal jovem é você uma pessoa jovem na idade e jovem no pensamento, eu sou na idade cronologicamente já estou mais pra lá do que pra cá, mas sou jovem no pensamento, então jovem é subjetivo.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

Dessa forma, o gestor faz uma análise do conceito de ser jovem não apenas do ponto de vista cronológico, sobretudo, no contexto crítico social. Ele enfatiza a subjetividade do conceito, afirmando que o pensamento do ser humano determina a configuração da característica de ser jovem ou não. De acordo com Sousa (2006),

O jovem se dimensiona individualmente e sob a influência de aspectos psicossociais, num percurso de (in)definições: busca identitária, tendência de estar em grupo, deslocamento constante de situações e vínculos, atitude de contestação e insatisfações sociais, intelectualização dos fatos, mudanças de humor, separação do universo familiar, questionamento dos valores sociais, fatores que se desenvolvem em pleno vigor na adolescência (SOUSA, 2006, p. 73).

Diante do argumento exposto, nota-se que o conceito de ser jovem vai além das condições e características temporais. Engloba pensamento, atitudes, momentos, valores, entre outros aspectos. Por fim, o gestor foi questionado se a escola se preocupa em resolver os problemas dos jovens que nela estudam e este posicionou-se diante do que está exposto no quadro 43, a seguir:

#### **Quadro 43- Preocupação da Escola em Resolver os Problemas dos Alunos da EJA na Visão do Gestor**

Vice-Diretor Pedagógico	Sobre a Preocupação da Escola em resolver os Problemas dos alunos da EJA...
Vice-Diretor Pedagógico do CENEB M.Q.	A escola se preocupa muito inclusive com os jovens que estudam, quando falo jovem falo mesmo desses adolescentes. Se preocupa muito, pois, nós observamos o aluno como um todo, então quando ele tem um problema que se diz respeito a ele jovem [...] a gente não tem muito conflito, mas a gente sente conflito dos professores com esses alunos, com a forma de pensar deles, por exemplo: Como é que eu vou hoje proibir um aluno de acessar o WhatsApp na sala de aula? Porque ele é jovem, mas, eu que sou antigo, o WhatsApp na sala pra mim é uma falta de respeito com o professor. Se eu estou na sala de aula com os alunos todo mundo usando o WhatsApp eu tenho que ver um mecanismo para que o WhatsApp seja usado na sala de aula porque senão eu vou ficar fora do contexto, eu que vou ficar fora porque se eu tenho trinta e cinco contra um, então nesse olhar eu tenho que ver uma forma de fazer com eles uma mediação, de fazer com eles uma forma para que o WhatsApp seja usado mas para o proveito acadêmico, entendeu? Então nossos conflitos com nossos jovens graças a Deus nós vivemos numa boa. E outra coisa que eu vou dizer a você, a nossa escola ela está localizada em um bairro na cidade baixa de Salvador. Nossa comunidade é uma comunidade carente, de bolsões de favelas e todos se juntam ali, mas graças a Deus e pela forma de pensar nós não tivemos nesse ano passado nenhum

	<p>problema de conflito físico, nenhum problema que precisasse envolver outro órgão estar na escola. Todos os problemas que nós tivemos foram problemas normais da área administrativas, nós não tivemos violência nós não tivemos xingamentos, nós não tivemos discriminação, nós tivemos alunos homossexuais, nós temos alunas homo afetivas que andam lá de braços dados, abraçadas e inclusive pediram: Professor dá pra a gente ficar na mesma turma? Vai botando na mesma turma, temos alunos homossexuais que ainda não existe nenhum assim que a gente acha que são desrespeitosos, eles se respeitam. Não tivemos nenhum caso de drogas na escola apesar da gente saber que tem alguns, que aí é até um preconceito, não sei, pelo estereotipo o pessoal fala assim: Parece que aquele ali usa droga. Mas na escola nunca tivemos problemas de drogas nenhum, se ele usa ou não na escola nunca tivemos. Por que? Porque nós tentamos falar com esses demais jovens a linguagem deles, a linguagem jovem deles, então eles sentem na gente um respeito, porque a gente dá o respeito a eles, então, eles sentem o respeito. Então, não temos esses conflitos porque nós sabemos o seguinte: uma coisa que é proibida as pessoas querem fazer o que? Afrontar. Mas, se você proíbe de uma forma que mostre porque é proibido, as pessoas não vão afrontar, ele não afronta. Então não temos nenhum aluno afrontando a nossa gestão, não temos conflito nenhum, inclusive teve uma reunião que eu fiquei até chateado, do AC, que os professores pediram até assim: Professor o senhor vai chamar a ronda escolar pra ficar fazendo ronda aqui na escola? Eu disse: porque eu vou chamar a ronda escolar? - Não. Porque nossos alunos são da facção A, facção B, facção c. Eu não estou vendo ninguém fazendo isso aqui, eu estou vendo alunos. - Ah! porque nossa escola tem alunos da Baixa do petróleo, alunos da Mangueira, que são lugares que parece que tem conflitos. Acho assim, se não tivemos nada até hoje porque vamos chamar a PM? Se eu chamar a PM a gente vai acender a chama. Se eles estão aqui, são da baixa do petróleo, são do bairro não sei das quantas são de não sei de onde e não tiver problema nenhum, se eu chamar a PM porque eu identifiquei que eles são de lá eu estou ascendendo a chama. E observe, não chamamos a PM ainda pra lá, pra fazer ronda nenhuma lá e nunca teve problemas e depois ficamos sabendo mesmo que eles são de bairros que não passam pela rua do outro e na escola eles conviveram. Quer dizer, o aluno que não é da Mangueira não passa pela Baixa do Petróleo, mas na escola eles conviveram juntamente, nós ficamos claro, de olho, mas se nós chamamos a PM como eles queriam, pra fazer a ronda escolar? E outra coisa a ronda escolar é um equivoco também que as escolas fazem, que a ronda escolar na sua essência pela secretaria da educação e pela própria polícia militar é para o entorno da escola, não é para dentro da escola muitas escolas colocam dentro e aí acendem a violência, porque se eu boto a polícia na escola eu estou dizendo pro aluno que ele é marginal, se eu boto a policia na escola o que é que o marginal vai fazer? Se revoltar.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Entrevista Semi- Estruturada.

No que se refere à preocupação da escola quanto aos problemas dos discentes, o vice-diretor enfatiza que o CENEB atribui uma atenção especial aos discentes, observando estes como um todo, ponderando seus conflitos pessoais internos e externos, suas condutas, seus anseios, entre outros de forma a fazer com que estes convivam harmoniosamente, em uma relação de empatia. Sobre os conflitos relacionados à violência, Colombier (1989) salienta:

O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, uso de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada a inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo.

Carências afetivas e causas sócio-econômicas ou culturais certamente aí se misturam, para desembocar nestas atitudes (COLOMBIER, 1989, p. 35).

Colombier traduz o retrato da violência condicionada a fatores familiares externos a partir de déficits no que se refere à afetividade. Em relação ao argumento discorrido pelo Vice-diretor acerca das disparidades dos discentes, no que tange aos atritos diante da rivalidade entre os bairros periféricos, atraindo a violência no âmbito escolar, este revela a sua postura mediadora diante dos conflitos, resolvendo-os internamente, dialogando e evitando medidas maiores, que exijam a presença policial.

## CONSIDERAÇÕES FINAS

O presente estudo possibilitou uma reflexão acerca da proposta do CENEB que ainda está sendo efetivada vagarosamente, embora o desejo de muitos educadores da escola seja de uma educação qualificada para os estudantes pertencentes à modalidade EJA. Percebeu-se, através da análise, que ainda existe uma multiplicidade de problemas que precisam ser solucionados na Educação de Jovens e Adultos.

Apesar de eu não ter tido acesso ao Projeto Político Pedagógico da instituição, que segundo a gestão está em construção, pude perceber por meio dos relatos do gestor que a escola segue a proposta do CENEB elaborada pelo governo estadual. Através da análise documental, pude ver projetos construídos pela escola voltados para a escola em geral. Existe a necessidade de um projeto voltado apenas para a EJA, especificamente para os jovens, pois seu público exige uma prática e um olhar diferenciado, não que eles sejam melhores ou inferiores às outras modalidades educativas, sobretudo pelo fato da grande maioria ter o contexto caracterizado por trajetórias singulares e desafiadoras, e diante do contexto da Juvenilização na EJA, os jovens desta categoria requerem uma metodologia flexível e um olhar com sensibilidade.

Através da análise documental, também pude ver o elevado índice de evasão na EJA, principalmente da parte dos Jovens. Isso se deve a diversos fatores como a ausência de investimento do governo para incentivar os jovens e adultos, além do desinteresse dos próprios educandos pela necessidade de ingresso no mercado de trabalho. Não posso atribuir a culpabilidade da evasão aos docentes, às suas práticas, nem tampouco à escola, pois, uma das causas da evasão escolar tanto da EJA quanto no ensino regular é fruto de um processo histórico de lutas e exclusão que predomina até hoje. E as pessoas que não desfrutam de um elevado poder aquisitivo são as que sofrem. Arroyo (citado por Soares 2007) afirma:

A radicalidade política da EJA vem de dentro, carregada pelos próprios jovens e adultos populares. Não são trajetórias lineares, fáceis, de superfície, sem significados políticos. Ao contrário, são trajetórias que, desde crianças, os interrogam e interrogam a educação sobre os significados políticos de miséria, da fome, da dor, da morte, da luta pela terra, pela identidade e pela sua cultura, pela vida e dignidade. Trajetórias de idas e voltas, de caídas e recaídas. De escolhas sem horizontes e luminosidades para escolher (ARROYO, apud SOARES, 2007, p. 41).

O problema do fracasso escolar tem relações com as condições sociais injustas da população, que muitas vezes não tem escolhas e precisa evadir da escola em busca do trabalho para a sobrevivência. Outras causas que pude perceber diante do relato dos jovens foi o

desinteresse pelos estudos e problemas diversos como gravidez não planejada, problemas na família, questões trabalhistas, entre outros fatores que corroboram para esta desistência.

Nas entrevistas e nos questionários, pude perceber o entusiasmo por parte de alguns alunos e o desânimo por parte de outros. Creio que esse desânimo seja por conta do contexto de conciliação de escola x trabalho, onde os alunos chegam cansados e desanimados para os estudos. Foi possível perceber diante da fala de dois professores da EJA, acerca de suas práticas pedagógicas, que houve troca de saberes por meio do diálogo em suas metodologias. Os docentes relataram que trazem situações do contexto do dia a dia para as suas didáticas. E estes aproveitavam as experiências dos discentes que contribuem para enriquecer os debates em sala de aula. Desse modo, percebe-se que eles conseguem fazer relações entre os conteúdos estudados e o contexto exterior ao ambiente escolar.

Por meio da entrevista aos alunos, pude perceber as necessidades e dificuldades de cada educando, além de ter a oportunidade de interagir e conhecer um pouco da realidade de cada um deles, suas trajetórias de vida e escolares. Nesse sentido, a entrevista semiestruturada possibilitou liberdade aos educandos de se expressarem num momento de reflexão sobre suas vivências na EJA.

Por intermédio deste estudo, pude conhecer os fatores que impulsionam a desistência do aluno jovem do ensino regular, além de identificar o sentido que eles atribuem ao ensino regular. Além disso, pude perceber por meio dos relatos, a importância da EJA para os alunos e para professores entrevistados.

Ao mesmo tempo, observou-se a necessidade de capacitação dos docentes como ferramenta de redução da evasão inclusive diante do fenômeno da juvenilização, dessa modalidade de ensino e uma simultânea diversidade geracional nas salas de aula.

Outro aspecto relevante é que a escola trabalhe numa perspectiva transdisciplinar, aceitando o desafio de ser transgressora, resgatando o indivíduo em suas múltiplas dimensões e reconhecendo a integralidade dos sujeitos. De acordo com Gadotti (1994, p.48): “pensar numa escola autônoma e lutar por ela é dar um sentido novo à função social da escola e do educador que não se considera um mero cão de guarda de um sistema iníquo e imutável, mas se sente responsável também por um futuro possível com equidade”.

É oportuno salientar que seria interessante que houvesse em todas as escolas estaduais que contemplam um ensino integrado, a implantação de um centro noturno, de maneira que o aluno venha estudar e aprender uma determinada profissão, podendo conciliar trabalho e estudo. Além disso, o investimento do governo torna-se importantíssimo, principalmente no que tange às políticas públicas capazes de possibilitar ao indivíduo aprender, além de

desenvolver sua autonomia, libertando-se da sua condição de oprimido e de uma consciência ingênua, passando a assumir uma consciência crítica. Arroyo (citado por Soares 2007, p. 40) ressalta: “Vê-los como oprimidos será um olhar mais politizado do que vê-los como pobres, preguiçosos ou violentos, ou como reprovados e defasados”.

Assim, o trabalho de pesquisa realizado buscou contribuir para a compreensão do processo de juvenilização da EJA, como eixo a ser considerado na reflexão em torno da oferta dessa modalidade de ensino, no que tange ao perfil dos jovens que migram do ensino regular para essa modalidade, a percepção que estabelecem em relação à escola e às relações estabelecidas entre escolarização e projetos de futuro.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo (Orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.37-72.

AJALA, Michelle Cristina. ALUNO EJA: Motivos de Abandono e Retorno Escolar na Modalidade EJA e Expectativas Pós EJA em Santa Helena-PR. **Monografia** apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Especialista Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Medianeira. 2011.

ALMEIDA, Maria Josefa de Menezes. **Letramento e Educação de Jovens e Adultos – Formação Docente e Projeto Curricular para a EJA em Sergipe**: Reflexões Epistemológicas. Sergipe, outubro de 2012. Disponível em: <http://seppeja.blogspot.com.br/2012/10/curriculo-de-eja-em-sergipe.html#uds-search-results>.

AMARAL, Suely & FERRARI, Shirley Costa. **O aluno de EJA**: jovem ou adolescente? (2005)Disponível em [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_ShirleyCostaFerra.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf)

ANDRADE, Tiago Pereira. Representações Midiáticas e Idealizações Sobre Juventude e Consumo: Os Sentidos Do Discurso na Revista Veja'. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior De Propaganda E Marketing. 2011 232 f.

ANGELO, Borges Cristiane. (et. al.) Entre O Oficial E O Real: Conhecendo Os Estudantes Do Proeja. **Monografia** apresentada à Coordenação do Curso de Pós-graduação lato sensu em Educação Profissional Técnica de Nível médio Integrada ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte

ANJOS, Rosalina Vieira dos. Um estudo de caso sobre uma possibilidade para o ensino de Matemática na EJA juvenilizada. 2014. 157f. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – Mestrado Profissional. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ARAUJO, Mirian Carvalho de (et. al.). Os jovens do ensino médio regular e da educação de jovens e adultos: suas vozes e experiências em meio ao ensino noturno em análise. **Revista Teias** v. 12 • n. 26 • 83-114 • set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativa

ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo**. Mônica Castagna Molina, (organizadores).- Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARRETO, Carla Alessandra. **A Política Nacional De Juventude**: Assistencialismo Ou Inovação '. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da

Universidade Estadual Paulista – Unesp. 2012 148 F.

BARRETO, Mirian Carvalho de Araujo (et. al.) Vantagens e desvantagens do/no Ensino Médio Noturno sob o Olhar do Jovem do Regular e da EJA. Disponível em: [http://primeiro.seeja.com.br/Trabalhos/17%20Pol%C3%ADticas%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o/Miriam%20C%20Barreto%20e%20Silvia%20Martinez\\_VantagenseDesvantagensdoEnsinoMediosoboOlhardoJovemETC.pdf](http://primeiro.seeja.com.br/Trabalhos/17%20Pol%C3%ADticas%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o/Miriam%20C%20Barreto%20e%20Silvia%20Martinez_VantagenseDesvantagensdoEnsinoMediosoboOlhardoJovemETC.pdf)

BECKER, Fernando e MARQUES, Tania B. I (organizadores). **Ser Professor é Ser Pesquisador**. Editora: Mediação, 2 ° ed. Porto Alegre, 2010.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: IFAN/CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/ EDUSF, 1999. 205. p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

BRASIL, **Diretriz curricular nacional para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília. 2000.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB 11/2000– Homologado

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 12/06/2014.

BRASIL. Portal Brasil. **Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 07/02/2016.

BONTEMPI Junior, Bruno. **História da Educação Brasileira**: o terreno do consenso. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado).

BREGONCI, Aline de Menezes. **As Marcas Sócio-Culturais e Suas Inúmeras Identidades: O Perfil dos Alunos do Proeja**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/posters/0010.pdf>

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Ed. Fim de Século – Edições, sociedade Unipessoal, Ltda. Lisboa, 2003.

BRUNEL, Carmem. **Jovens Cada Vez mais Jovens na Educação de Jovens e Adultos**. 3. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. 144p.

CAMARGO, P. da S. A S., MARTINELLIS. de C., Educação de adultos: percepções sobre o processo ensino-aprendizagem. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**.v 10, n 2, Jul/Dez, 2006, p 197-209



CANEZIN GUIMARÃES, M.T. DUARTE, A. J. **Jovens da educação de jovens e adultos (EJA): escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro.** In: Reunião anual da ANPED, 31. Constituição brasileira, direitos humanos e educação. 2008. Caxambu- MG (mimeografado)

CANEZIN GUIMARÃES, M. T. **O conceito de habitus na teoria da prática** de Bourdieu com o pensamento sociológico durkheimiano. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia, v.10. n. 2. p. 425-441, mar./abr. 2000.

\_\_\_\_\_, M. T. et al. **Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação.** Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação da UFG. Goiânia, v. 27, p. 1-30, jan./jun. 2002

CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude:** o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da —segunda chance. In: REVEJ@-Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, ago. 2007, p. 55-67

CARVALHO, Ana Jovina Oliveira de. Estágio Supervisionado e narrativas (Auto) biográficas: experiências de formação docente. 2008 228 p. **Dissertação (Mestrado em educação).** Departamento de Educação – DEDC/Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Bahia.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica:** higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Roseli. **A juventude na educação de jovens e adultos:** uma categoria provisória ou permanente? In: IX Congresso Nacional de Educação– EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, outubro/2009.

CHARLOT, Bernard. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. In: GARRIDO, Selma Pimenta; GHEDIN, Evandro (Orgs.) Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 89-107.

CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe:** como são eles, como vivem, o que pensam. Aracaju:Unesco, 2006.

CHERRYHOLMES, Cleo H. **Um projeto social para o currículo:** perspectivas pós-estruturais. In: SILVA, Tomaz T. (Org). Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola.** São Paulo, Ed.Summus,1989.

CORDEIRO, V. **Os bastidores da leitura:** práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: SOUZA, E. (org.). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: PUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 301-318.

COSTA, Adriana Almeida Rezende. **Os Gêneros Textuais Na Educação De Jovens E Adultos Do Ensino Médio:** Um Estudo De Caso No Centro De Referência De EJA Professor Severino Uchôa Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós - graduação em

Letras da Universidade Federal de Sergipe. 2011. 138f

COSTA, Euclides Ferreira Da. **Por Trás dos Muros: Educação, Juvenilização e Racialização nas Prisões de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pernambuco. 2011 110 f.

COSTA; Mariane Brito da. **Revista Teias** v. 15 • n. 35 • 149-162 • (2014): Educação continuada, currículo e práticas culturais.

COSTA, Mariane Brito da. **Começar De Novo: Um Estudo Sobre Percursos Biográficos De Jovens Na EJA**. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

CUNHA; Nathan da Silva; SOUZA; Kezia Costa de. **Perfil dos Alunos de Educação de Jovens e Adultos de Teresina**. Disponível em: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.19/GT\\_19\\_03\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.19/GT_19_03_2010.pdf)

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito Social**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003

DELORY, Christine Momberger. **Biografia e educação: figuras do indivíduo – projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo; Paulus, 2008.

DIREITO TRABALHISTA, **Jornada de trabalho**. Disponível em: <http://direito-trabalhista.info/direitos-do-trabalhador/jornada-de-trabalho.html>. Acesso em 06 /02/2016. DI ROCCO, Gaetana Maria Jovino. **Educação de adultos: Uma contribuição para o seu estudo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979.

DUARTE, Aldimar Jacinto & GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin . **Jovens da Educação de Jovens e Adultos (EJA): Escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro**. (2008)

FALCÃO; Nádia Maciel. **Possibilidades de Compreensão da Transição para a Vida Adulta na Atualidade**. UFAM - 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador. EDUFBA. 2008.

FERRARO. Alceu Ramalho. **A História Inacabada do Analfabetismo no Brasil**. Ed. Cortez, 2009.

FERNANDES, Andrea da Paixão. **Por entre trilhas... Lembranças de jovens e adultos e os Sentidos atribuídos à escola**. UERJ/SME-RJ .36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios**. Porto Alegre: Mediação, 2002. 110p.

FERNANDES, Evaristo. **Psicologia da Adolescência e da Relação Educativa**; Edições

ASA, Porto, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 8. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GHEDINI, Frederico Barbosa. Os Jornalistas E O Sindicato No Estado De São Paulo: Entre O Distanciamento E O Desejo De Mudança. **Tese de Doutorado** apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Da Comunicação da Universidade De São Paulo. 2012 463 F.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

HADDAD, Sérgio. Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA. São Paulo: Global, 2007.

HADDAD; & DI PIERRO, Maria Clara. **Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil**: Contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos. São Paulo: Ação Educativa, 1999 (Paper).

HADDAD, Sérgio. (Coord.) **O estado da arte das pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo: Ação educativa, 2000. Disponível em <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2428/1/ejaea.pdf> Acesso em 30 mai. de 2014.

HADDAD, S.; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 14, p. 108-130, maio/jun./jul./ago. 2000.

HARA, R. **Alfabetização de adultos**: ainda um desafio. 3º ed. São Paulo: CEDI, 1992.

HELLER, Agnes. **Teoria de la Historia**. 5 ed. Trad. Javier Honorato. México: Fontamara, 1997, p. 177.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico. Rio de Janeiro, 1991/2000

\_\_\_\_\_. **PNAD**, Rio de Janeiro, 1999.

**IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2007) conforme dados disponíveis em <http://www.ibge.com.br>. Acesso em: 30 Jul. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicíliar PNAD**, 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=40](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40) Acesso em 10 Jun. de 2014.

INEP. **Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar - 1997/2013**. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2013. Disponível em <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/> Acesso em 15 Ago. 2014.

INEP. **Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar - 1997/2013**. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2013. Disponível em <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/> Acesso em 15 Ago. 2014.

JUNIOR, Adenilson Souza Cunha. Saberes Construídos Pelos Professores Nas Práticas Docentes Da Educação De Jovens E Adultos. **Dissertação de** mestrado apresentada ao programa de pós - graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. 2012 114 f.

LIDUENHA, Taisa Grasiela Gomes. **Escolarização De Alunos Com Deficiência Na Educação De Jovens E Adultos: Uma Análise Dos Indicadores Educacionais Brasileiros '**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual De Londrina. 2012 72 F.

LOUREIRO, Stefânie, Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção. A resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte. Lutador. 2004.

MARGULIS, Mario. **Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

MOBRAL. **Subsídios para avaliação do programa de alfabetização funcional**. MEC, maio de 1976, p. 46.

MONTEIRO, Renata Alves De Paula. A Transição Para A Vida Adulta No Contemporâneo: Um Estudo Com Jovens Cariocas E Quebequenses. **'Tese de Doutorado** apresentada ao programa de pós-graduação Em Psicologia da Universidade Federal Do Rio De Janeiro. 2011 211 F.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 8. ed. Campinas, Papirus, 2002.

MOURA, Graziela Goncalves. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos: Uma Reflexão Sobre o Curso PROEJA de Desenho de Construção Civil do Instituto Federal De Sergipe**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós - graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. 2012 198 F.

NAKAYAMA, Luiza (et. al.). **A EJA Frente ao Enigma Das Idades: Decifrá-Lo Ou Ser**

**Por Ele Devorado?** 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Duas Cartas de Luís Antônio Verney: O Verdadeiro Método de Estudar e a reforma pombalina** In: OLIVEIRA, Luiz Eduardo (org.). A Legislação Pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827). Maceió/AL: EDUFAL, 2010.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Portugal: Educa, 2002.

OLIVEIRA, Luiz E.; SANTANA, Marcle V. M.; PEREIRA, Dyego A. S.; PIXÃO, Fábio W. S. **A legislação pombalina e a história do ensino das línguas no Brasil**. In: OLIVEIRA, Luiz Eduardo (org.). A Legislação Pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827). Maceió/AL: EDUFAL, 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (Coleção Leituras no Brasil), p. 15-43

PAIS, 2005; CHARLOT, 2007 apud MENEZES. Isabela Gonçalves. Jovens Rurais no Sertão Sergipano: Escolarização e Identidades Culturais. **Dissertação de mestrado** apresentada ao programa de pós - graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. 2012. 138f

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Ambar, 2005.

PAIVA, Vanilda P. **Mobral: A falácia dos números ( Um desacerto autoritário II): O programa de alfabetização funcional**. Ver "Síntese", nº 23, Set-Dez., 1981,83-114

PASSEGI, Maria da Conceição. **Formação e Pesquisa Autobiografia**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **O Negro, seu acesso ao ensino superior e as ações afirmativas no Brasil. Levando a raça a sério : ação afirmativa e universidade / Joaze Bernardino (orgs.) – Rio de Janeiro : DP&A, 2004. Coleção Políticas da Cor.**

RACHELE, Rone Maria. **Adolescentização da EJA: reflexões educacionais em torno da**

presença de novos sujeitos. 2009. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Trabalho de conclusão (Especialização),

REZENDE, Viviane Almeida. A Dimensão Ambiental nas Concepções dos Professores do Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Prof. Severino Uchôa. **Dissertação de mestrado** apresentada ao programa de pós - graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. 2011. 174 f.

RIBEIRO, Eliane Andrade. A educação de jovens e adultos e os jovens do "último turno": produzindo outsiders. Faculdade de Educação da UFF/Eliane Ribeiro Andrade. –Niterói, 2004. **Tese de doutorado**.

ROCHA, W. M. Educação de jovens e adultos e a evasão escolar: o caso do Instituto Federal do Ceará - campus de Fortaleza. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará,

ROMANELLI, Geraldo. **Questões teóricas e m** Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, **etodológicas nas pesquisas sobre família e escola**. In. ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia (orgs.) Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.245-264

ROMANIO, Marcel Bittencourt. A Implementação Da Política De Educação De Jovens E Adultos (EJA) Em Uma Escola Municipal De Vitória/Es:Apostas E Tensionamentos '. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal Do Espírito Santo. 2011 72 F.

RUMERT, Sônia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. **Sisifo/revista de ciências da educação** • n. 02-jan/abr 2007

SANTOS, Edinéia Natalino da Silva. O Fenômeno Do “Rejuvenescimento” Dos Sujeitos Da Educação De Jovens E Adultos E Os Desafios Para A Organização Do Trabalho Pedagógico. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso. 2013

SANTOS, Vilson Pereira Dos. **Educação de Jovens e Adultos: Um Estudo Sobre Trajetórias Escolares Interrompidas**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SCHUTZ, Rejane Sittoni. Identidades Juvenis E Práticas Culturais Em Uma Escola De Educação De Jovens E Adultos '. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade Luterana Do Brasil. 2012 150 f.

SCOPEL, Edna Graça. ( et. al.) **Os Sujeitos da Eja No Ifes Campus Vitória: Uma Escuta Sensível de Suas Experiências De Formação**. Disponível em: [http://www.anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT3/GT3\\_Coimunicacao/EdnaGracaScopel\\_GT3\\_integral.pdf](http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT3/GT3_Coimunicacao/EdnaGracaScopel_GT3_integral.pdf)

SERGIPE. **Portaria nº 8.082 de 10 de setembro de 2013.** Disponível em: [http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Portaria\\_N8082\\_2013.pdf](http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Portaria_N8082_2013.pdf). Acesso em: 30/04/2014

SILVA; Fernanda Lanhi. Juvenilização da Cultura e Escola: Um estudo sobre os alunos da quarta série. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da UFRGS. 2010

SILVA, Natalino Neves Da. Juventude, EJA e Relações Raciais: Um Estudo Sobre os Significados e Sentidos Atribuídos pelos Jovens Negros aos Processos de Escolarização da EJA. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009. 127 F.

SILVA, Nubia Michella Clementino Da. Sobre Gatas Velhas E Santas: Vínculos Afetivos E Dupla Proteção Entre Mulheres Jovens De Uma Comunidade Da Periferia Do Recife '. **Dissertação de Mestrado** Acadêmico apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal De Pernambuco. 2011 220 F.

SILVA, Rosemeire Reis da. **Juventudes E Pessoas Adultas no Ensino Médio Noturno em Maceió:** Desvelando Expectativas e Desilusões. Trabalhos GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT18%20Trabalhos/GT18-2366\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT18%20Trabalhos/GT18-2366_int.pdf)

SOARES, Alix Vanessa Mascarenhas Lima. “A Relação Juventude e Educação em Diferentes Gerações: A Perspectiva de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos de Uma Escola Municipal de Feira de Santana – Ba”. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. 2013.

SOARES, Leônicio. [et.al]. **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Leônicio José Gomes. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil:** articular, socializar e intervir. In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Histórias de vida e formação de professores.** SEED-MEC, Boletim 01, março, 2007

SOUZA, Elizeu Clementino de. **História de vida e prática docente:** desenvolvimento pessoal e profissional na formação do professor. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade. Salvador, n. 16, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOARES. Liane Figueiredo. **Histórias de vida e abordagem (Auto) Biográfica: Pesquisa, Ensino e Formação.** In: MEKSENAS, Paulo; BIANCHETTI, Lúcido. A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas: SP. Papyrus, 2008. Cap.10, p. 191-203.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOARES, Liane Figueiredo. Histórias de vida e abordagem (Auto) Biográfica: Pesquisa, Ensino e Formação. In: MEKSENAS, Paulo; BIANCHETTI, Lúcido. **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas: SP. Papirus, 2008. Cap.10, p. 191-203

SOUZA, J. **Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações**. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5, n. 8, 2006

SOUZA, O. M. C. G. de, ALBERTO, M. de F. P. **Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes**. Psicologia em estudo. Maringá, v. 13, n. 4, p. 713-722, out-dez, 2008.

SPOSITO, M. P. **Algumas reflexões e indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-128.

SPOSITO, Marília Pontes. “**Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**”. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro e ZAGO, Nadir (org.). Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TAVELLA, Tania Maria. As Identidades Juvenis Presente na EJA: como as Tecnologias Digitais Podem Trabalhar as Dificuldades de Aprendizagem. **Monografia** apresentada para obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, Pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. – CINTED/UFRGS.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado, História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. R.J.: Vozes, 2002

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Fernando de Azevedo e a cultura brasileira: ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. (**Dissertação-Mestrado em Educação**) São Paulo, PUC, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALE, Zoé Margarida Chaves. Encontros e desencontros entre os jovens e a escola: Sentidos da experiência escolar na educação de jovens e adultos – EJA. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2007

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente do Instituto de Educação do Distrito Federal**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. 343 p.



WALLERSTEIN, J. & Kelly, J. B. (1998). **Sobrevivendo à separação:** como pais e filhos lidam com o divórcio. Porto Alegre: Artmed.

ZAGO, Nadir; ANJOS, Leticia Merentina dos; ANDRADE, Joelma Marçal de. **Seletividade e acesso ao ensino superior público.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 4., 2002, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANPEd, 2002. 1 CD-ROM.

## APÊNDICE A

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

#### TÍTULO DA PESQUISA: JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SALVADOR BAHIA

**PESQUISADORA: Luana Leão Afro**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### PARA TODOS OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio em Salvador Bahia, realizada por Luana Leão Afro, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Freitas Teixeira, da mesma instituição, tem por objetivo de Analisar o processo de Juvenilização no Ensino Médio nas classes de Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede pública estadual do município de Salvador Bahia, buscando investigar o perfil dos jovens que desistiram do ensino regular e ingressaram na Educação de Pessoas Jovens e Adultas-EPJA cada dia mais cedo.

Para a coleta de dados serão utilizadas análise documental, observação *in loco*, questionários e entrevistas Semi-Estruturadas que poderão ser gravadas, se houver consentimento dos participantes e da instituição. É garantido aos participantes total sigilo quanto ao seu nome e eventuais informações confidenciais. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio de relatórios e de trabalhos e artigos científicos.

Diante disso, eu, \_\_\_\_\_,  
C.I. \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio em Salvador Bahia”.

A minha aceitação é totalmente livre de qualquer tipo de constrangimento e se dá nas seguintes condições:

1. Pelo presente termo me disponho a participar da entrevista narrativa aplicada pela pesquisadora com vistas a subsidiar o trabalho por ela realizado;
2. Autorizo o uso desses dados para análise e elaboração do estudo de mestrado da pesquisadora;
3. Autorizo a divulgação dessa análise, em periódicos especializados, livros e em congressos científicos, desde que seja mantido o meu anonimato;
4. Possuo, a qualquer tempo, o direito ao acesso de informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários;
5. Possuo o direito de retirar-me da pesquisa no momento em que desejar;
6. Possuo a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados informados;
7. Declaro haver lido o presente termo e entendido as informações fornecidas pela pesquisadora e sinto-me esclarecido para participar da pesquisa;
8. Tenho conhecimento de que em caso de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa poderei entrar em contato pessoal com a pesquisadora ou, ainda, utilizar o seu email: Luandot@hotmail.com;
9. Declaro, outrossim, que tenho conhecimento de que, no caso de surgirem problemas, em qualquer época, eu poderei contatar o COEP -Comitê de Ética em Pesquisa, localizado à .....

Por ser verdade, firmo o presente.

Salvador, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015

Nome legível do entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

*\*Este documento possui duas vias, de igual conteúdo e validade, sendo que uma delas é destinada ao sujeito participante da pesquisa, sendo a outra arquivada pela pesquisadora.*

**APÊNDICE – B****UFS- Universidade Federal de Sergipe****Campi – São Cristovão - SE****QUESTIONÁRIO****GERAL****SEXO:**

- ☐ F  
☐ M

**IDADE:**

- ☐ ENTRE 15 E 20 ANOS  
☐ ENTRE 21 E 25 ANOS  
☐ ENTRE 26 E 30 ANOS  
☐ MAIS DE 30 ANOS

**VOCÊ TRABALHA?**

- ☐ SIM ☐ NÃO

**QUAL A SUA FUNÇÃO NO TRABALHO?** \_\_\_\_\_**QUAL É A SUA CARGA HORÁRIA DIÁRIA DE TRABALHO?**  
\_\_\_\_\_.**ESTADO CIVIL:**

- ☐ SOLTEIRO(A)  
☐ CASADO(A)  
☐ DIVORCIADO(A)  
☐ VIÚVO(A)  
☐ AMIGADO  
☐ OUTROS

**TEM FILHOS?**

- ☐ SIM  
☐ NÃO  
QUANTOS? \_\_\_\_\_

**QUAL É A SUA COR/RAÇA?**

☐ BRANCO ☐ PRETO ☐ PARDO ☐ AMARELO ☐ INDÍGENA ☐ NÃO SABE

**NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS:****A) DO SEU PAI:**

- ☐ NÃO SEI.  
☐ ANALFABETO  
☐ ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO (1ª A 8ª SÉRIE)  
☐ ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO. EM QUE SÉRIE ELE PAROU DE ESTUDAR? \_\_\_\_\_.  
☐ ENSINO MÉDIO COMPLETO  
☐ ENSINO MÉDIO INCOMPLETO  
☐ SUPERIOR COMPLETO. QUAL O CURSO? \_\_\_\_\_.  
☐ SUPERIOR INCOMPLETO. QUAL O CURSO? \_\_\_\_\_.

**B) DA SUA MÃE:**

- ☐ NÃO SEI.  
☐ ANALFABETA  
☐ ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO (1ª A 8ª SÉRIE)  
☐ ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO. EM QUE SÉRIE ELA PAROU DE ESTUDAR? \_\_\_\_\_.  
☐ ENSINO MÉDIO COMPLETO  
☐ ENSINO MÉDIO INCOMPLETO  
☐ SUPERIOR COMPLETO. QUAL O CURSO? \_\_\_\_\_.  
☐ SUPERIOR INCOMPLETO. QUAL O CURSO? \_\_\_\_\_.

**VOCÊ JÁ FOI REPROVADO NA ESCOLA?**

☐ SIM. QUANTAS VEZES? \_\_\_\_ ☐ NÃO

**VOCÊ JÁ PAROU DE ESTUDAR ALGUMA VEZ? ☐ SIM. POR QUÊ?**

\_\_\_\_\_  
☐ NÃO ☐ NÃO SABE

**NA SUA OPINIÃO POR QUE A ESCOLA É IMPORTANTE?**

- ☐ PARA OBTER UM BOM EMPREGO  
☐ PARA OBTER O CERTIFICADO DE CONCLUSÃO  
☐ NÃO VEJO IMPORTÂNCIA NA ESCOLA  
☐ PARA FAZER AMIZADES  
☐ OUTRA RESPOSTA. QUAL? \_\_\_\_\_.

**COMO VOCÊ JULGA A QUALIDADE DO ENSINO NESTA ESCOLA?**

( ) ÓTIMO ( ) BOM ( ) REGULAR ( ) RUIM ( ) NÃO

**COMO VOCÊ AVALIA A SUA RELAÇÃO COM OS PROFESSORES?**

( ) ÓTIMA ( ) BOA ( ) REGULAR ( ) RUIM ( ) NÃO SABE

**COMO VOCÊ AVALIA O SEU EMPENHO COM OS SEUS ESTUDOS?**

( ) ÓTIMO ( ) BOM ( ) REGULAR ( ) RUIM ( ) NÃO SABE

**EM QUAL BAIRRO VOCÊ MORA? \_\_\_\_\_.**

**A SEGUNDA ETAPA DESSA PESQUISA SERÁ A REALIZAÇÃO DE UMA ENTREVISTA COM ALGUNS JOVENS. VOCÊ GOSTARIA DE PARTICIPAR?**

( ) SIM. ( ) NÃO.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015.

ASSINATURA: \_\_\_\_\_ (OBS: Não é obrigatória)

## **APÊNDICE – C**

### **ENTREVISTA:**

#### **I- QUESTÕES SOBRE O PERFIL DOS ALUNOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA**

1- Fale sobre a sua história de vida, sua infância, família, as primeiras experiências com a escola:

2- Fale um pouco sobre o seu trabalho:

#### **II- QUESTÕES SOBRE A EJA E SOBRE O ENSINO REGULAR**

3- Quais os fatores que impulsionaram a sua desistência do ensino regular?

4- Que fator te influenciou a ingressar na EJA?

5- Qual a importância da Educação de Jovens e Adultos para você?

6- O que mudou na sua vida após o ingresso na EJA e o que significa essa experiência para você?

7- O que significou a escola de ensino regular na sua vida?

8- Quais as diferenças principais que você nota da escola regular para a EJA?

9- Como você avalia os conhecimentos ministrados na EJA?

10- O que poderia ser feito para melhorar a qualidade da educação da EJA?

#### **III- QUESTÕES SOBRE JUVENTUDE**

11- Para você o que é ser Jovem?

12 – Quais as piores coisas de ser jovem?

13- Na sua opinião, quais os benefícios da fase da juventude?

14 – Quais os problemas que mais te preocupam atualmente, considerando sua vida pessoal ?

15- Na sua opinião que tipos de problemas os jovens enfrentam na atualidade ?

16- A escola se interessa em solucionar estes problemas?

17- O que você acha dessa saída dos jovens do ensino regular para a EJA, no caso a juvenilização?

18- A experiência na EJA produziu que tipos de perspectivas futuras na sua vida?

**APÊNDICE – D****QUESTIONÁRIO  
(PROFESSORES):****SEXO**

- ☐ F  
☐ M

**IDADE**

- ☐ ENTRE 15 E 20 ANOS  
☐ ENTRE 21 E 25 ANOS  
☐ ENTRE 26 E 30 ANOS  
☐ MAIS DE 30 ANOS

**FORMAÇÃO**

- ☐ PEDAGOGIA  
☐ OUTRA ÁREA \_\_\_\_\_

**TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO**

- ☐ ENTRE 1 E 3 ANOS  
☐ ENTRE 4 E 7 ANOS  
☐ ENTRE 8 E 11 ANOS  
☐ MAIS DE 12 ANOS

**TEMPO DE ATUAÇÃO NA EJA** \_\_\_\_\_



## **APÊNDICE E**

**UFS- Universidade Federal de Sergipe**

**Campi- São Cristovão - SE**

### **ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES**

- 1- Em sua opinião, quais os fatores que impulsionam a desistência do aluno jovem do ensino regular, ocasionando o seu ingresso na EJA?
- 2- Quais as maiores dificuldades que você enfrenta enquanto professor da EJA considerando essas disparidades entre alunos jovens e adultos?
- 3- Como você organiza a sua prática pedagógica na EJA considerando o perfil juvenilizado?
- 4- O que você procura valorizar no desenvolvimento dos conteúdos e de que forma escolhe as metodologias e recursos?
- 5- Como você caracteriza o aluno jovem da EJA?
- 6- Exemplifique uma atividade ou projeto que você desenvolveu com os alunos jovens da EJA e que você achou interessante:
- 7- Você acha que a escola está preparada para desenvolver a EJA, tendo em vista os conflitos referentes às distintas idades? Faz parte do PPP da escola o contexto da juvenilização?
- 8- Como você avalia o ensino da EJA hoje? O currículo é flexível de forma a contemplar a realidade dos jovens?
- 9- Quais os problemas enfrentados pelos jovens que frequentam a EJA? A escola se interessa em solucionar estes problemas?
- 10- Qual a sua visão acerca da juvenilização no Ensino Médio da EJA?
- 11- Para você o que é ser Jovem?

**APÊNDICE – F****UFS- Universidade Federal de Sergipe****Campi- São Cristovão – SE****CARACTERIZAÇÃO DO (A) GESTOR (A)****SEXO**☐ F☐ M**IDADE**☐ ENTRE 15 E 20 ANOS☐ ENTRE 21 E 25 ANOS☐ ENTRE 26 E 30 ANOS☐ MAIS DE 30 ANOS**FORMAÇÃO**☐ PEDAGOGIA☐ OUTRA ÁREA \_\_\_\_\_**TEMPO DE ATUAÇÃO NA GESTÃO DA ESCOLA:**☐ ENTRE 1 E 3 ANOS☐ ENTRE 4 E 7 ANOS☐ ENTRE 8 E 11 ANOS☐ MAIS DE 12 ANOS**TEMPO DE ATUAÇÃO NA EJA** \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE - G**

**UFS- Universidade Federal de Sergipe**

**Campi- São Cristovão - SE**

### **ENTREVISTA COM O (A) GESTOR (A)**

- 1- Em sua opinião, quais os fatores que impulsionam a desistência do aluno jovem do ensino regular, acarretando o seu ingresso na EJA?
- 2- Quais as maiores dificuldades que você enfrenta enquanto gestora da escola diante da modalidade EJA, considerando o perfil juvenilizado?
- 3- Como você caracteriza o aluno jovem da EJA?
- 4- Exemplifique uma atividade ou projeto que você desenvolveu com a modalidade EJA , especificamente com os jovens e que você achou interessante:
- 5- Você acha que a escola está preparada para desenvolver a EJA, tendo em vista os conflitos referentes às distintas idades? Faz parte do PPP da escola o contexto da juvenilização?
- 6- Como você avalia a prática pedagógica da EJA hoje? O currículo é flexível de forma a contemplar a realidade dos jovens?
- 7- Quem pode cursar o EJA? E há quanto tempo ele existe na escola?
- 8- A escola recebe recursos especiais para a EJA?
- 9- Qual a importância da educação de jovens e adultos para a escola?
- 10- Qual a sua visão acerca da evasão escolar?
- 11- Qual a sua visão acerca da juvenilização nas classes de EJA do Ensino Médio?
- 12- Para você o que é ser jovem?
- 13 – A escola se preocupa em resolver os problemas dos jovens que nela estudam?